

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília
Programa de Pós-Graduação em Educação

Mariana Montanhini da Silva

**QUANDO OS SABERES SÃO VIAJANTES: a circulação do conhecimento
para a formação docente no Brasil e em Angola**

Marília – SP
Abril de 2025

Mariana Montanhini da Silva

**QUANDO OS SABERES SÃO VIAJANTES: a circulação do conhecimento
para a formação docente no Brasil e em Angola**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Unesp – campus de Marília, como requisito
para a obtenção do título de Doutora em Educação.
Linha: Teorias e Práticas Pedagógicas

Orientadora: Prof.^a Dra. Raquel Lazzari Leite Barbosa

Marília – SP
Abril de 2025

S586q Silva, Mariana Montanhini da
Quando os saberes são viajantes : a circulação do
conhecimento para a formação docente no Brasil e em Angola /
Mariana Montanhini da Silva. -- Marília, 2025
226 p. : tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Raquel Lazzari Leite Barbosa

1. Circulação de saberes. 2. Formação de professores. 3.
Educação Comparada. 4. Brasil e Angola. I. Título.

MARIANA MONTANHINI DA SILVA

**QUANDO OS SABERES SÃO VIAJANTES:
a circulação do conhecimento brasileiro para a formação docente em Angola**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp – campus de Marília, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha: Teorias e Práticas Pedagógicas

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof.^a Dra. Raquel Lazzari Leite Barbosa
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp
Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC, Campus de Marília

Prof.^a Dra. Karin Adriane Henschel Pobbe Ramos
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp
Faculdade de Ciências e Letras – FCL, Campus de Assis

Prof.^a Dra. Katiene Nogueira da Silva
Universidade de São Paulo – USP
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP

Prof.^a Dra. Patrícia Aparecida do Amparo
Universidade de São Paulo – USP
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP

Prof.^a Dra. Rozana Aparecida Lopes Messias
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp
Faculdade de Ciências e Letras – FCL, Campus de Assis

Marília, 29 de abril de 2025.

Onde estará o meu amor?

Maria Bethânia

Para meu bebê.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha querida Professora Raquel, por me acompanhar ao longo dessa minha trajetória formativa atravessada por dificuldades inimaginadas, segurando minhas mãos e não me deixando desistir.

Agradeço às Professoras dessa banca, provando o porquê de Educação ser uma palavra feminina, por disponibilizar seus mais diversos tempos e espaços, independente do fuso horário, do trânsito caótico ou dos compromissos, para contribuir com minha trajetória formativa.

Agradeço a todas as Professoras e Professores que encontrei nas minhas mais diversas temporalidades formativas e que ainda se encontram presentes simbolicamente nesse meu processo de formação contínuo.

Agradeço aos colegas do Grupo de Estudo e Pesquisas sobre Linguagem, Ensino e Narrativa de Professores (GEPLENP), por apresentarem-me saberes antes desconhecidos.

Agradeço à minha Mãe, ao meu Pai, ao meu Irmão, por nossas histórias de família que me estruturam por todo o sempre.

Agradeço à família de meu marido, que também é minha família.

Agradeço ao Paulo, simplesmente por tudo.

A todos vocês, *aquele abraço!*

*Um índio descerá de uma estrela colorida e brilhante
De uma estrela que virá numa velocidade estonteante
E pousará no coração do **hemisfério sul** [...]*

*Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
Do objeto, sim, resplandecente descerá o índio
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará, não sei dizer
Assim, de um modo explícito*

*E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos, não por ser exótico
Mas pelo fato de poder, ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio*

Índio, Doces Bárbaros

RESUMO

O presente trabalho apresentou como objetivo principal a compreensão do processo de apropriação e de circulação de saberes transnacionais nas especificidades e espacialidades de cursos de formação e profissionalização de educadores no Brasil e em Angola. Para tanto, esse estudo buscou verificar de que forma os saberes docentes apropriados nas espacialidades do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, campus de Marília, poderiam ser percebidos no Plano Curricular da Licenciatura em Língua Portuguesa da Escola Superior Pedagógica (ESPE) do Bié, na cidade de Cuito, Angola. Esse estudo foi possível porque o Programa de Pós-graduação da Unesp, por meio do convênio entre o Ministério da Educação Brasileiro e o Ministério de Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação de Angola, associado ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE) do país africano, foi responsável por formar professores angolanos em nível de Mestrado e de Doutorado que atualmente lecionam na Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié. Por apresentar-se como um estudo da Educação Comparada, essa investigação esteve ancorada em Nóvoa (2010; 2017), em Catani (2000), em Ferreira (2008; 2014) e em Silva (2018), que compreendem os estudos dessa área como sócio-históricos e culturais, sob a perspectiva da importância do outro para a investigação, inseridos nos contextos das mais diversas espacialidades e temporalidades. Essa investigação foi desenvolvida mediante a pesquisa documental (Godoy, 1995; Guba e Lincoln, 1981; Lüdke, 1986), que compreende os documentos como materiais escritos de natureza diversa, que ainda não receberam tratamento analítico. Assim, a coleta de dados foi realizada a partir das referências bibliográficas encontradas nos Planos de Ensino das disciplinas estruturantes do Plano Curricular da Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié e das referências encontradas nos Planos de Ensino das disciplinas do PPGE da Unesp de Marília. As análises dos dados coletados buscaram compreender a circulação dos saberes transnacionais por meio do conceito de apropriação (Chartier, 1990; 2002), definido como *outra produção* dos usos e das interpretações relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem. Dessa forma, foi possível compreender que os saberes docentes encontrados no PPGE brasileiro circulam nas espacialidades da Instituição de Educação Superior angolana, no entanto, esses saberes foram reinterpretados, reutilizados e readaptados para a espacialidade da ESPE do Bié e para a temporalidade da formação inicial de professores da Licenciatura.

PALAVRAS-CHAVE: Circulação de Saberes; Formação Docente; Educação Comparada; Brasil e Angola

ABSTRACT

This study presented as main objective the understand the process of appropriation and circulation of transnational knowledge within the specificities and spatialities of teacher training and professionalization programs in Brazil and Angola. To this end, the research aimed to examine how the teaching knowledge appropriated within the spatial context of the Graduate Program in Education (PPGE) at the Faculty of Philosophy and Sciences of Unesp, Marília campus, could be identified in the Curriculum Plan of the Undergraduate Program in Portuguese Language at the Pedagogical Higher School (ESPE) of Bié, located in the city of Cuito, Angola. This investigation was made possible through a partnership between the Brazilian Ministry of Education and the Ministry of Higher Education, Science, Technology and Innovation of Angola, along with the National Institute for Scholarship Management (INAGBE) of the African country. This agreement enabled Unesp's Graduate Program to train Angolan teachers at the Master's and Doctoral levels, who now teach in the Portuguese Language Degree Program at ESPE Bié. As a study within the field of Comparative Education, this research was grounded in the works of Nóvoa (2010; 2017), Catani (2000), Ferreira (2008; 2014), and Silva (2018), who understand this area of study as socio-historical and cultural, highlighting the importance of the "other" in educational research across diverse spatial and temporal contexts. The investigation was developed through document analysis (Godoy, 1995; Guba e Lincoln, 1981; Lüdke, 1986), which considers documents as written materials of various types that have not yet undergone analytical treatment. Data collection was carried out through the bibliographic references found in the syllabi of core subjects from the Curriculum Plan of the Portuguese Language Degree Program at ESPE Bié, as well as those from the syllabi of the PPGE at Unesp Marília. The analysis of the collected data sought to understand the circulation of transnational knowledge through the concept of appropriation (Chartier, 1990; 2002), defined as a different production of uses and interpretations related to their fundamental determinations and embedded in the specific practices that produce them. Thus, it was possible to understand that the teaching knowledge found in the Brazilian PPGE circulates within the spatial context of the Angolan Higher Education Institution. However, this knowledge has been reinterpreted, reused, and readapted to the spatiality of ESPE Bié and to the temporality of initial teacher education in the undergraduate program.

KEYWORDS: Circulation of Knowledge; Teacher Training; Comparative Education; Brazil and Angola

RESUMEN

El presente trabajo presentó como objetivo principal la comprensión del proceso de apropiación y circulación de saberes transnacionales en las especificidades y espacialidades de cursos de formación y profesionalización de educadores en Brasil y en Angola. Para ello, este estudio se propuso analizar de qué manera los saberes docentes apropiados en las espacialidades del Programa de Posgrado en Educación (PPGE) de la Facultad de Filosofía y Ciencias de la Unesp, campus de Marília, pueden ser identificados en el Plan de Estudios de la Licenciatura en Lengua Portuguesa de la Escuela Superior Pedagógica (ESPE) de Bié, en la ciudad de Cuito, Angola. Este estudio fue posible gracias al convenio entre el Ministerio de Educación de Brasil y el Ministerio de Enseñanza Superior, Ciencia, Tecnología e Innovación de Angola, junto al Instituto Nacional de Gestión de Becas de Estudio (INAGBE) del país africano, que permitió al PPGE de la Unesp formar docentes angoleños en niveles de Maestría y Doctorado. Actualmente, dichos docentes imparten clases en la Licenciatura en Lengua Portuguesa de la ESPE de Bié. Al tratarse de un estudio en el campo de la Educación Comparada, esta investigación se apoyó en los aportes de Nóvoa (2010; 2017), Catani (2000), Ferreira (2008; 2014) y Silva (2018), quienes comprenden esta área como sociohistórica y cultural, bajo la perspectiva de la importancia del otro en la investigación, inserta en contextos diversos tanto en lo espacial como en lo temporal. La investigación se desarrolló mediante análisis documental (Godoy, 1995; Guba e Lincoln, 1981; Lüdke, 1986), considerando los documentos como materiales escritos de distintas naturalezas que aún no han sido objeto de análisis. La recolección de datos se realizó a partir de las referencias bibliográficas encontradas en los programas de asignatura de las disciplinas estructurantes del Plan de Estudios de la Licenciatura en Lengua Portuguesa de la ESPE de Bié, y de las referencias presentes en los programas de las disciplinas del PPGE de la Unesp, campus de Marília. El análisis de los datos recolectados buscó comprender la circulación de saberes transnacionales a partir del concepto de apropiación (Chartier, 1990; 2002), entendido como una nueva producción de usos e interpretaciones en relación con sus determinaciones fundamentales, inscritas en las prácticas específicas que los generan. De este modo, fue posible comprender que los saberes docentes presentes en el PPGE brasileño circulan en las espacialidades de la Institución de Educación Superior angoleña; sin embargo, dichos saberes fueron reinterpretados, reutilizados y readaptados a la espacialidad de la ESPE de Bié y a la temporalidad de la formación inicial de docentes de la Licenciatura.

PALABRAS CLAVE: Circulación de Saberes; Formación de Profesores; Educación Comparada; Brasil y Angola

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa das comunidades discursivas da Educação Comparada	27
Figura 2 – Quadro sobre levantamento bibliográfico	40
Figura 3 – Entrada principal da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília	49
Figura 4 – Vista Área da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília	51
Figura 5 - Mapa da geolocalização da cidade de Marília no estado de São Paulo	52
Figura 6 – Mapa político das 18 províncias da República de Angola, com destaque para a província do Bié	54
Figura 7 – Mapa político de Angola com destaque para as cidades com as primeiras universidades do país no período colonial	56
Figura 8 – Mapa das Regiões Acadêmicas de Angola	59
Figura 9 - Quadro das Instituições de Ensino Superior da República Nacional de Angola em 2009	59-60
Figura 10: Localização da ESPE do Bié em Cuito	62
Figura 11: Localização da Unesp de Marília	63
Figuras 12 e 13: Salas de Aula da ESPE do Bié	64
Figuras 14 e 15: Salas de Aula da Unesp de Marília	65
Figuras 16 e 17: Espaço externo e jardins da ESPE do Bié	66
Figura 18: Espaço externo e jardins da Unesp de Marília	67
Figuras 19, 20 e 21: Pinturas internas nas paredes dos corredores da ESPE do Bié	67
Figura 22: Grafites da Biblioteca da Unesp de Marília	68
Figura 23: Quadro Referências sobre Avaliação da ESPE do Bié	74
Figura 24: Quadro Referências sobre Avaliação da Unesp de Marília	76
Figura 25: :Imagem de divulgação do I Congresso Internacional de Pedagogia da ESPE – Bié.....	114
Figura 26: Página inicial oficial do I Congresso Internacional de Pedagogia da ESPE – Bié...	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COPr	Conselho Universitário Provisório
EC	Educação Comparada
ESPE – Bié	Escola Superior Pedagógica do Bié
FAFI	Faculdade de Filosofia e Ciências
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FFC	Faculdade de Filosofia e Ciências
FCL	Faculdade de Ciências e Letras
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituto de Ensino Superior
IIES	Instituto Isolado de Ensino Superior
INADE	Instituto Nacional de Avaliação e de Desenvolvimento da Educação
INAGBE	Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo
INE	Instituto Nacional de Estatística
LBSE	Lei de Bases do Sistema
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MESCTI	Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação
PCNs	os Parâmetros Curriculares Nacionais
PEC-PG	Programa de Estudantes – Convênio – Pós-Graduação
Posgrad/ Fae	Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação
PC	Plano Curricular
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
PPGE _d	Programa de Pós-Graduação em Educação
UAN	Universidade Agostinho Neto
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
Unesp	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
USP	Universidade de São Paulo

Sumário

INTRODUÇÃO.....	14
1. UMA HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO COMPARADA - <i>Vamos combinar</i>	21
1.1 O Mapa da Educação Comparada – <i>quem vence ou não vence?</i>	26
1.2 <i>Não pra saber quem vence ou não vence</i> - as ilusões e desilusões da EC.....	30
1.3 Novas vizinhanças e suas <i>sutis diferenças</i>	33
1.4 Os saberes viajantes e <i>que luz vai dar?</i>	35
2. <i>Eu oriento o carnaval</i> - OS MÉTODOS E OS MODOS DE FAZER DESSA INVESTIGAÇÃO	39
2.1 As contribuições desse estudo para o <i>corpus</i> científico – a <i>inauguração</i> do movimento do pesquisar.....	39
2.2 <i>Eu organizo o movimento</i> – O percurso metodológico que delimitou essa investigação	42
2.3 Pesquisa Qualitativa – <i>Tudo que nela se planta, tudo cresce e floresce</i>	42
2.4 Documentos – <i>eu oriento o monumento</i>	44
2.8 Algo sobre apropriações - <i>terras férteis e verdejantes</i>	45
3. <i>Tempo e espaço navegando em todos os sentidos</i> – AS TEMPORALIDADES E AS ESPACIALIDADES DO PPGE E DA ESPE	48
3.1 <i>Transcorrendo o tempo</i> : a história do PPGE da Unesp de Marília	49
3.2 <i>Transformando o tempo</i> : a história da ESPE do Bié.....	54
3.3 A ESPE do Bié e Unesp de Marília – <i>transcorrendo o tempo, transformando o espaço</i>	61
4. A CIRCULAÇÃO DOS SABERES DOCENTES - <i>Aprender o que eu sei e o que eu não sei mais</i>	71
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125
ANEXO A – Plano Curricular da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié ...	134
ANEXO B – Quadro sobre Conhecimentos Curriculares da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié.....	136
ANEXO C – Quadro sobre Conhecimentos Curriculares do PPGE da Unesp de Marília	137
ANEXO D – Quadro Conhecimentos Organizacionais e Discursos Político Educacionais da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié	139
ANEXO E - Quadro Conhecimentos Organizacionais e Discursos Político Educacionais do PPGE da Unesp de Marília.....	140
ANEXO F – Quadro Conhecimentos de Didática e Discursos Metodológicos da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié.....	142
ANEXO G - Quadro Conhecimentos de Didática e Discursos Metodológicos do PPGE da Unesp de Marília.....	144
ANEXO H – Quadro Identidade Docente e Formação de Professores da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié.....	146
ANEXO I – Quadro Identidade Docente e Formação de Professores do PPGE da Unesp de Marília	147

ANEXO J – Quadro Autores mais citados da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié.....	148
ANEXO K – Quadro Autores mais citados do PPGE da Unesp de Marília.....	150
ANEXO L – Quadro de Referências Totais da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié.....	155
ANEXO M – Quadro Referências Totais do PPGE da Unesp de Marília.....	174

INTRODUÇÃO

*Velho, recordo o menino
Que resta de mim, sei lá
Cajueiro pequenino
Meu pé de jacarandá*

Ciclo, Professor Nestor de Oliveira e Caetano Veloso

Caetano e Bethânia nunca esconderam sua admiração por seus professores. Em várias entrevistas, os irmãos ressaltam a importância que os educadores tiveram na construção de suas identidades. No lançamento de seu *Caderno de Poesias I*¹, Bethânia destaca a escola pública e os professores que nela atuam, principalmente ao relatar as memórias de seu *Professor Nestor*, que para além de sua *didática*, em suas aulas *aprendia-se a ouvir, ler e dizer poesia*, quem escreveu o poema *Ciclo*, que seria musicado mais tarde por Caetano Veloso e eternizado na voz da cantora em seu primeiro álbum de estúdio, em 1983 (Maria Bethânia, 2015). Os Professores e a escola pública foram capazes de fazer a diferença na vida dos filhos de Dona Canô, da mesma forma que são capazes de promover mudanças nas vidas de tantos outros estudantes atualmente.

Kassar (2004) aponta a responsabilidade da escola em possibilitar à população o acesso aos bens culturais produzidos historicamente. Para a autora (Kassar, 2004, p. 519), “a escola, quando bem organizada, pode propiciar aos alunos a possibilidade de elaboração e coerência dos pensamentos”. Assim, a escola pode ter a potencialidade de transformar as realidades dos sujeitos. No entanto, a escola e sua organização são construídas também pelas pessoas que nela trabalham. Dessa forma, essa potencialidade da escola, transformadora de realidades dos sujeitos, também passa pelas mãos dos educadores. Sendo assim, refletir sobre a formação dos educadores é de certa forma, refletir também sobre as possibilidades de *outros futuros* dos sujeitos que estão na escola.

No entanto, há algumas problemáticas relacionadas à formação de educadores. Em um primeiro momento, Nóvoa (2017a, p. 1111) apresenta a formação de professores como um problema político, e não apenas técnico ou institucional. Dessa forma, a busca pela

¹ Caderno de Poesias (Editora UFMG) é o livro de poemas, canções e textos literários lançados por Maria Bethânia em 2015. A obra vem acompanhada por um DVD gravado em parceria com a gravadora Biscoito Fino, com a apresentação, interpretação e comentários dos textos encontrados na obra pela cantora. A obra é o resultado de um projeto concebido pela artista em parceria com a UFMG e voltado para divulgar poesia, literatura e MPB na escola pública.

compreensão do *como* essa formação profissional acontece deve reconhecer essas relações de poder que estruturam a profissionalização de educadores, que tanto pode contribuir para a construção de uma escola de potencialidades pela responsabilidade de proporcionar mudanças aos sujeitos, como também é capaz de favorecer a manutenção da escola posta, normalizada e controlada pelo Estado.

A profissionalização do professorado acompanha-se de uma política de normalização e de controlo estatal. As escolas normais constituem o lugar certo para disciplinar os professores, transformando-os em agentes do projeto social e político da modernidade: os discursos aqui produzidos e difundidos – bem como as práticas que lhe dão corpo – edificam um novo modelo de professor, no qual as “antigas” referências religiosas se cruzam com o “novo” papel de servidores do Estado e da sua razão. Este processo é parte integrante de um discurso que tende a redefinir a questão do ensino em paralelo com as novas modalidades de intervenção do Estado na vida social. As racionalidades emergentes relocalizam os professores como profissionais – ao mesmo tempo que categorizam crianças como alunos – passando a encará-los como uma população que tem que ser gerida segundo padrões institucionais próprios. A imposição de um raciocínio populacional (tornado possível em grande medida, pela evolução do pensamento e das técnicas estatísticas) é uma das características fundamentais dos estados centrais, que teve consequências maiores na produção da escola de massas. É um processo incorporado nos diversos contextos nacionais a partir de modelos (e dinâmicas) que se difundem a nível mundial. (Nóvoa, 1998, p. 21).

Para Nóvoa (1998), os professores precisam afirmar sua profissionalidade num universo complexo de relações sociais e de poderes, não abdicando do caráter ético da docência e, ao mesmo tempo, percebendo os limites de suas ações docentes. Essa formação de educadores conscientes e reflexivos deveria considerar a profundidade das relações históricas, sociais e culturais nas quais suas práticas estarão ancoradas. Assim, a investigação sobre a formação de educadores tem a responsabilidade de explorar novas perspectivas diante das mesmas situações, fundamentadas em relações de dominação e de poder.

Em um segundo momento, uma problemática relacionada à formação docente refere-se ao processo de apropriação dos saberes. Para Chartier (1990, p. 136), a noção de apropriação “postula a noção criadora no próprio cerne dos processos de recepção”. Dessa forma, o processo de apropriação dos conhecimentos percebe o sujeito como criador de saberes, ao mesmo tempo em que esse sujeito se encontra também como receptor dos conhecimentos. Isto posto, no processo de profissionalização dos educadores, os saberes apropriados tornam-se multiplicados pelos próprios professores em formação, podendo encontrar-se subordinados ou subversivos diante dos conhecimentos postulados no momento da própria profissionalização. Desse modo,

a investigação do processo de formação de professores implica também em investigar a apropriação dos conhecimentos e a circulação desses saberes docentes.

Minha proposta de investigação *Quando os saberes são viajantes: a circulação do conhecimento brasileiro para a formação docente em Angola* procurou, como principal objetivo, compreender justamente esse processo de apropriação e de circulação de saberes nas especificidades e espacialidades de cursos de formação e profissionalização de educadores. Para tanto, esse estudo buscou verificar de que forma os conhecimentos apropriados nas espacialidades do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp campus de Marília poderiam ser percebidos no Plano Curricular da Licenciatura em Língua Portuguesa da Escola Superior Pedagógica (ESPE) do Bié, na cidade de Cuito, Angola.

Brasil e Angola são nações que compartilham um passado em comum, a partir da colonização portuguesa. Essa colonização foi responsável por um dos fatos históricos mais dolorosos que acompanha a constituição identitária tanto de Angola, como do Brasil, que foi a escravização das pessoas pretas. A colonização portuguesa também deixou marcas culturais profundas, dentre elas a construção de uma espacialidade lusófona por meio da imposição de sua língua de colonizador. Assim, embora compreendida como a língua colonial, a língua portuguesa, presente na espacialidade angolana e brasileira foi responsável por uma certa *vizinhança linguística* que, segundo Catani (2000, p. 144) pode ser compreendida a partir de “aproximações supostas pelo uso da mesma língua”. Dessa forma, a comparação como concepção de pesquisa acadêmica foi desenvolvida convenientemente pelo uso da língua portuguesa como idioma oficial de ambos os países, africano e americano.

Por outro lado, as relações entre Brasil e Angola no século XXI concretizam-se também pelo estabelecimento de políticas em comum para o desenvolvimento profissional de estudantes universitários e de pós-graduação, fato também conveniente para esse *avizinhamento* das duas nações. Graças ao Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), estabelecido entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), além do Ministério de Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação de Angola, estudantes de pós-graduação associados ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE) de Angola atravessam o Atlântico todos os anos à procura de profissionalização. Foi justamente por meio desse convênio que estudantes de pós-graduação de Angola frequentaram o Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, no campus de Marília entre 2018 e 2020, mesmo período em que também frequentei o PPGE pela primeira vez.

Desse modo, pude conhecer os estudantes estrangeiros de Mestrado e de Doutorado em Educação em 2018, que se transformariam em futuros colegas de grupo de Pesquisa e mais tarde, tornar-se-iam responsáveis pela criação e pela gestão do curso de Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa da Escola Superior Pedagógica do Bié. Dessa forma, minha proposta de investigar a formação de professores partiu da tentativa de compreender de que forma os saberes *apropriados* pelos colegas angolanos nos programas de Mestrado e de Doutorado em Educação do PPGE da Unesp poderiam compor ou não, o Programa do curso de Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa da ESP-Bié.

Assim, o primeiro passo para a realização desse estudo foi delimitar que tipos de saberes docentes seriam referenciais para essa investigação. Para Tardif (2014), é possível definir o saber docente como um saber plural, formado pela mescla de saberes das mais diversas naturezas, teóricas e empíricas, elaborados a partir de sua formação institucionalizada e de suas práticas cotidianas. Já Pineau (2003) compreende que a formação dos sujeitos é atravessada pelas diversas temporalidades que o constitui, seja o tempo presente formativo institucional ou não, o tempo passado das vivências experimentadas e o tempo futuro dos objetivos e das razões de ser. Dessa forma, os saberes dos educadores encontram-se fundamentados pelas mais diversas temporalidades de sua formação, seja por meio da licenciatura ou de cursos de pós-graduação vinculados às instituições de ensino, seja pela sua prática cotidiana, ou seja, pelas vivências escolares anteriores à sua profissionalização. Diante de tamanha complexidade frente aos saberes docentes, procurei delimitar essa investigação aos conhecimentos teóricos e epistemológicos, sobre *Avaliação das Aprendizagens, Discursos Curriculares, Discursos Políticos Educacionais, Conhecimentos Didáticos e Discursos Metodológicos*, bem como a construção da *Identidade Docente*, encontrados nas instituições de ensino de formação de professores. Assim, busquei, nos referenciais bibliográficos dos Planos de Ensino da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié e nos referenciais bibliográficos dos Planos de Ensino do PPGE da Unesp de Marília, por obras que tratassem desses temas relacionados aos saberes teóricos e epistemológicos dos professores.

Isto posto, essa investigação converteu-se em uma proposta de análise documental por meio do estudo comparado da Educação. Para Nóvoa (2010), os estudos da Educação Comparada precisam compreender as relações entre as posições de dominação dos sujeitos com o espaço e com o tempo, dissolvendo o espaço em *espacialidades* e o tempo em *temporalidades*. Reconhecer as *espacialidades* é reconhecer que o espaço atual possui múltiplas localizações, fluidas, em rede, conectadas e comunicantes entre si. O reconhecimento das *temporalidades*, por sua vez, revelaria as múltiplas camadas que constituem o tempo histórico, social e também,

individual. Vale ressaltar que esse reconhecimento do tempo em temporalidades e o reconhecimento do espaço em espacialidades foi fundamental não só para a compreensão desse estudo na área da Educação Comparada, mas também para compreensão sobre a formação de professores e a construção de suas identidades já que para Pineau (2003), a formação é desenvolvida pelas temporalidades constituinte dos sujeitos.

Dessa forma, a compreensão da circulação dos saberes sobre a formação docente no Brasil e em Angola, tema central dessa investigação, implicou no entendimento das espacialidades e das temporalidades em que essa mesma formação docente ocorreu, ao mesmo tempo em que seus saberes foram apropriados. Silva (2018) busca compreender o processo de deslocamento de conhecimentos, chamados de *saberes em viagem*, por meio dos discursos, que podem ou não se tornar múltiplos em seus usos e sentidos, em seus estudos comparativos de manuais pedagógicos entre Brasil e Portugal. Assim sendo, tomei por empréstimo a metáfora da *viagem de saberes* para tentar reconstruir o trajeto da apropriação de conhecimentos sobre a formação docente na espacialidade do PPGE brasileiro bem como seu deslocamento para a espacialidade angolana, por meio da análise dos conhecimentos de formação de professores estruturantes da Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié.

Para construir essa investigação precisei circunscrever a pesquisa sob a abordagem qualitativa, uma vez que diante de tanta complexidade era necessária uma investigação verticalizada dos eventos. Também elegi a pesquisa documental (Godoy, 1995; Guba e Lincoln, 1981; Lüdke, 1986) como técnica para a coleta dos dados. O Plano Curricular (PC) do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié, bem como os Planos de Ensino das disciplinas do PPGE da Unesp de Marília foram os documentos analisados sob o recorte dos saberes de formação de professores e de construção da identidade docente. Já para as análises, busquei retomar os conceitos de *apropriações* de Chartier (1990; 2002). Sendo assim, apropriações podem ser compreendidas como os diferentes processos por meio dos quais é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construídas significações plurais, atreladas ou não ao sentido inicial.

Em vista disso, procurei entender de que forma as apropriações do conhecimento construído nas espacialidades do Programa de Pós-graduação da Unesp de Marília pelos professores angolanos, no contexto da circulação de conhecimentos ou das *viagens do saber*, são percebidas na Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié. Ainda que esse movimento de circulação de conhecimento represente uma troca mútua de saberes apropriados entre os professores brasileiros e os professores estrangeiros, o foco dessa investigação foi o deslocamento dos saberes nacionais brasileiros para o território angolano e

suas possíveis influências, interpretações e adaptações diante do novo contexto social do país africano.

O **primeiro capítulo** desse trabalho está delineado pelo estudo e revisão da literatura referente à Educação Comparada. Desse modo, procurei compor uma revisão da história das classificações e dos estudos da Educação Comparada a partir dos principais autores dessa área de investigações no campo educacional. A partir dessa revisão historiográfica, em um segundo momento da sessão, realizei um aprofundamento frente às correntes teóricas que elegi como fundamentação para essa investigação. Por conseguinte, as perspectivas de Nóvoa (2010; 2017), Catani (2000), Ferreira (2008; 2014) e Silva (2018) frente à Educação Comparada foram explanadas de forma minuciosa.

O **segundo capítulo** desse texto apresenta os princípios norteadores dos *modos de fazer* dessa investigação. Procurei traçar o percurso metodológico desenvolvido para a realização dessa pesquisa, detalhando a abordagem qualitativa (André, 2012) para o desenvolvimento investigativo e a análise documental (Godoy, 1995; Guba e Lincoln, 1981; Lüdke, 1986) para a coleta de dados, além dos procedimentos e análises dos dados coletados por meio dos conceitos de *apropriação* de Chartier (1990, 2002).

Para compreender o processo de circulação dos conhecimentos em diferentes territórios, era preciso compreender as espacialidades em que esses saberes estavam inseridos. Em vista disso, o **terceiro capítulo** dessa investigação apresenta uma análise das espacialidades bem como das temporalidades encontradas tanto na Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília, quanto da Escola Superior Pedagógica do Bié. Dessa maneira busquei compreender a formação desses espaços de Educação Superior primeiramente pela perspectiva histórica. Em seguida, procurei entender como as espacialidades dessas Instituições de Ensino Superior brasileira e angolana se constituem materialmente e como essa materialização espacial pode auxiliar no processo de construção de suas próprias identidades institucionais.

O **quarto capítulo** desse texto apresenta de fato as análises em busca da compreensão do processo de circulação dos saberes transnacionais para a formação de professores. Dessa forma esse capítulo está subdividido conforme as categorias de conhecimentos teóricos e epistemológicos para a formação de professores. Na primeira subseção procurei estabelecer a investigação diante da apropriação dos conhecimentos referentes à *Avaliação das Aprendizagens*. Na segunda subseção, busquei compreender a apropriação dos conhecimentos sobre os *Discursos Curriculares*. A apropriação de saberes frente aos *Discursos Político Educacionais* é o tema da terceira subseção. Para a quarta subseção, busquei compreender o processo de apropriação dos *Conhecimentos Didáticos e dos Discursos Metodológicos*. A

quinta subseção está delimitada pela apropriação de conhecimentos referentes à *Construção da Identidade Docente* e da *Formação de Professores*. Por fim, na última subseção procurei compreender a influência dos autores mais citados pelos Planos de Ensino das diversas disciplinas constituintes da Licenciatura da ESPE do Bié e do PPGE da Unesp de Marília.

Por último, **Algumas Considerações** são tecidas diante da trajetória da pesquisa realizada, por meio de uma revisão do percurso percorrido pelo processo investigativo. Desse modo, procuro refletir sobre o processo de apropriação dos saberes transnacionais em viagem e suas relações frente ao contexto social das diferentes espacialidades em que esses saberes se encontram em circulação.

1. UMA BREVE REVISÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO COMPARADA - *Vamos combinar ...*

*Então nós dois
Sutis diferenças
Vamos combinar
Não pra saber
Quem vence ou não vence
Mas que luz vai dar*

Sutis Diferenças, Caetano Veloso

Tendo em vista que a proposta dessa investigação buscou compreender as construções transacionais de saberes para a formação de professores como a própria concepção de pesquisa, era preciso entender as relações entre Brasil e Angola por meio da *comparação* de ambas as nações e de suas espacialidades de formação docente. E ao refletir sobre a ação de comparar, é possível considerar que a comparação talvez seja uma das ações humanas presente desde muito remotamente, quase como um processo natural e intrínseco aos sujeitos nas mais diversas culturas e sociedades. Para Franco (2000) comparar e fazer analogias são processos inerentes à consciência humana. Dessa forma, ao conhecermos o outro e assim compararmos-nos, torna-se, para além de uma ação instituinte das nossas diferenças, uma ação constituinte da nossa própria identidade.

Segundo Lévinas (1993, p. 53), “a relação com o Outro (Autrui) me questiona, me esvazia de mim mesmo e não cessa de me esvaziar ao descobrir em mim recursos sempre novos. Não me sabia tão rico, pois não tenho direito a me guardar nada.” Para o filósofo francês é a partir da nossa relação com o outro que conseguimos perceber nossa humanidade e assim, podemos constituir nossa própria identidade. A prática da ética fundamentada na *alteridade* é o reconhecimento do outro “não apenas como um igual a mim ou semelhante, mas absolutamente o outro” (Lévinas, 1980, P.26) E a ação de reconhecer o outro em toda sua humanidade me constitui como tal e me torna responsável por ele justamente porque ele me constitui.

Nesse sentido, ao ter no *outro* um objeto de investigação podemos buscar não apenas a compreensão do que nos é diverso, bem como podemos buscar a nossa própria compreensão, ou ao menos em parte. Para Ferreira (2014), em Educação Comparada, os *outros* devem ser fundamentais. Assim, um dos benefícios dos estudos da Educação Comparada é justamente

compreender os motivos das diferenças e das semelhanças por meio da comparação. Segundo o autor,

[...] a vantagem da Educação Comparada está, sobretudo, na utilização da comparação como forma de compreender o porquê do semelhante e do diferente em contextos socioeducacionais diversos e de, através dessa experiência, poder fornecer uma maior inteligibilidade a divergências e convergências, dando significados e sentidos para além das retóricas explícitas. (Ferreira, 2014, p.221)

No entanto, Ferreira (2014, p. 221) ressalta que nem sempre os estudos da Educação Comparada, “enquanto campo de saber, tenham dado a primazia à compreensão da dignidade cultural que sustenta a diferença e não tenham promovido raciocínios legitimadores de perspectivas preconceituosas e facciosas”. Dessa forma, é importante que as investigações comparadas em Educação promovam uma *aprendizagem compreensiva*, integradora e articuladora de saberes, procurando os sentidos construídos pelos mais diversos sujeitos que compõem as estruturas organizacionais dos sistemas educativos.

Os estudos comparados em Educação têm em sua gênese o momento em que a ação sistematizada de educar deixou de ser exclusividade da igreja e transformou-se em responsabilidade de atos políticos e governamentais das nações. Assim, para Bereday (1972, p. 30) "surgiu a necessidade de explorar sistematicamente a qualidade das escolas estrangeiras como meio de avaliar o sistema educacional próprio." No entanto, o primeiro estudo publicado sobre a temática da Educação Comparada (EC) ocorreu em 1817, sob autoria de Marc-Antoine Jullien de Paris. A obra *Esquisse et vues préliminaires d'un ouvrage sur l'éducation comparée* (Esboço e noções preliminares de uma obra sobre a Pedagogia Comparada), considerada como o manuscrito inicial da EC, busca organizar de forma sistemática os estudos comparados em Educação, a fim de estabelecer melhorias nos sistemas educacionais investigados.

Atualmente há uma diversidade de autores que procuram categorizar e nomear as mais variadas correntes da EC ao longo de seus 200 anos de existência. Partindo de uma perspectiva histórica da EC, minha intenção com a pequena revisão a seguir foi propor um recorte de alguns dos principais estudiosos da Educação Comparada, a fim de apresentar algumas reflexões sobre suas teorias de forma sintetizada.

Noah e Eckstein (1970) dividem a história da EC em cinco períodos, orientados segundo sua motivação específica ou tipo de trabalho comparativo. O período dos *relatos de viajantes* inclui estudos motivados pela curiosidade e pela falta de planejamento de viajantes que não necessariamente eram pesquisadores da Educação. Desse modo a produção característica desse momento foi marcada por trabalhos assistemáticos com interpretações subjetivas. O período

dos *inquiridores* ou dos *empréstimos educacionais* caracteriza-se por investigações realizadas por pesquisadores da Educação que, de forma sistematizada, coletavam dados sobre os sistemas de ensino dos mais diversos países a fim de implantar soluções para os problemas educacionais de suas próprias nações. O período da *colaboração internacional* é composto por pesquisas que consideram o intercâmbio cultural como premissa para a construção coletiva, entre países, de sistemas educacionais nacionais. Já o período denominado por *forças e fatores* é composto por estudos da EC que consideram as complexas relações sócio-históricas e culturais para análise mais explicativas e aprofundadas diante dos diferentes cenários educacionais. Por fim, a *explicação pelas Ciências Sociais* é identificada por estudos empírico-quantitativos, com a finalidade de produção de dados e análises estatísticas sobre os sistemas de ensino num plano global.

Já Bereday (1972) divide a Educação Comparada nos períodos denominados por *empréstimo*, *predição* e de *análise*. O período do *empréstimo* abrange o século XIX uma vez que os estudos em EC desse momento histórico buscavam descrever e catalogar dados educacionais com a finalidade de transplantar de uma nação à outra, as práticas consideradas como melhores, tendo Jullien de Paris (1817; 1967) como principal autor relacionado a esse momento. A fase de *predição* engloba os estudos da EC realizados na primeira metade do século XX. Esse período caracteriza-se por considerar o contexto social local nas práticas educativas. Assim, os “empréstimos educacionais” objetivados pelo período anterior foram superados pela *predição* de prováveis sucessos de um determinado sistema educacional de um país pautado em experiências similares encontradas em outros países. Sadler (1964) é apontado como o precursor desse período. Já o período de *análise* abarca alguns estudos realizados durante o século XX que pretendiam desenvolver teorias e métodos que pudessem contribuir com as pesquisas em EC considerando a indissolubilidade ente os sistemas educacionais e seus contextos sociais. Kandel (1961) e Schneider (1964) são importantes estudiosos do período de *análise*, segundo Bereday (1972)

Para Marquez (1972) a EC poderia ser classificada nas fases *pré-científica*, *científica*, *analítico-explicativa* e *comparativa*. A fase *pré-científica* é marcada por relatos das observações dos sistemas de ensino feitos por viajantes, sem o propósito específico da comparação. Já a fase *científica* compõe estudos que buscam uma metodologia para as pesquisas da EC. A fase *científica* está dividida em dois momentos em que Jullien de Paris (1817) seria o principal representante do primeiro período e teria Sadler (1964) como um dos principais expoentes do segundo momento, chamado de *descritivo*. A fase *analítico-explicativa* engloba estudos com enfoque histórico e por vezes filosófico e antropológicos, com objetivo

de compreender as construções dos sistemas de ensino ao longo dos anos. Kandel (1961), Laweris (1959) e Schneider (1964; 1966) são autores destacados dessa fase. Enfim, a fase *comparativa* se caracteriza por investigações fortemente ancoradas em fatores históricos e influenciada por teorias presentes nas Ciências Sociais. Bereday (1972) é um dos principais estudiosos da fase *comparativa*.

Em uma perspectiva mais contemporânea, Ferreira (2008) propõe os períodos de *criação*, de *descrição*, de *interpretação* e de *comparação completa* para a classificação dos estudos da Educação Comparada. A *criação* da EC tem suas raízes na Antiguidade, uma vez que há registros não sistematizados que permitiram a comparação entre a educação ateniense e a educação espartana por Tucídides, Heródoto e Xenofonte. Já os estudos sistematizados da EC surgiram apenas com a modernidade, impulsionados pelo racionalismo presente na corrente Iluminista, que proporcionou ao longo do século XIX, um ambiente cultural e científico propício para os estudos comparados nas mais diversas áreas, como a Literatura, a Anatomia e o Direito. Jullien de Paris (1817; 1967), considerado como o precursor da EC é o principal expoente desse período.

O período da *descrição* é marcado por publicações que denunciam um interesse político imediatista, uma vez que a intenção desses estudos era conhecer como os sistemas de ensino internacionais eram organizados para a importação de *soluções* para os sistemas escolares nacionais. As obras *A year in Europe* (1818-1819) de John Griscom, *The American Journal of Education* (1856-1881 – 31 v.) de Henry Barnard e *Rapport sur l'état de l'enseignement et de l'instruction publique en Allemagne et particulièrement en Russie* (1831) de Victor Cousin são algumas das produções características desse período. A partir do período da *interpretação* é introduzido o contexto social nos estudos comparados da Educação. Seu principal expoente é Sadler (1964), pioneiro nos estudos comparados da Educação sob a perspectiva do social. Ferreira (2008) ainda subdivide esse período nas abordagens *interpretativo-histórica*, *interpretativo-antropológica* e *interpretativo-filosófica*. A abordagem *interpretativo-histórica* é marcada por trabalhos que buscam explicações dos sistemas de ensino em dados históricos. Seus principais autores são Kandel (1961) e Hans (1971). A abordagem *interpretativo-antropológica* preocupar-se-ia com a dialética presente nas relações que compõem os sistemas de ensino e desse modo, estaria ancorada nas teorias presentes na antropologia. Schneider (1964; 1966) e Moehlman (1951; 1964) são os representantes dessa abordagem. A abordagem *interpretativo-filosófica* procura compreender os sistemas de ensino diante dos mais diversificados pontos de vista e tem em Lauweris (1959) seu principal teórico.

O período da *comparação completa* é tido como a era da maturidade da Educação Comparada (Ferreira, 2008, p. 133). Vexliard (1967) é um de seus principais teóricos. Ferreira (2008) também subdivide esse período em três abordagens distintas: *Abordagem positivista*, *abordagem de resolução de problemas* e *abordagem crítica e sócio-histórica*. A *abordagem positivista* compreende o período de pós II Guerra ao final dos anos setenta. Sob forte influência do funcionalismo, intenta compreender as relações entre a Educação e a sociedade por meio da descrição, com a preocupação em “cientifizar” as pesquisas em EC. Kazamias (1967) é um dos principais autores dessa perspectiva. A *abordagem de resolução de problemas* buscaria *soluções* de problemas relacionados aos sistemas de ensino de um determinado país na pesquisa comparada em Educação. O principal autor desse período é Holmes (1965). A *abordagem crítica* está ancorada nas teorias reprodutivistas e compreende a escola como um aparelho ideológico do Estado e assim, um instrumento de dominação e controle social. Carnoy (1974) é um dos grandes expoentes dessa abordagem. Por fim, a *abordagem sócio-histórica* inclui produções do final do século XX que buscaram compreender a natureza subjetiva e os múltiplos sentidos atribuídos às diversas realidades por meio da análise do sentido histórico dos fatos. Para Ferreira (2008), Schriewer (1992) e Nóvoa (1998) são expoentes desse período.

Em suas publicações mais recentes, Nóvoa (2010; 2017) apresenta duas formas de categorização da Educação Comparada. Em *Modelos de análise de educação comparada: o campo e o mapa*, de 2010, o autor propõe a elaboração de um *mapa* com os principais autores da EC, agrupando-os, não necessariamente pelo período histórico, mas por proximidades em seus conceitos, em *comunidades discursivas*. Já em *Ilusões e desilusões da Educação Comparada: política e conhecimento*, de 2017, Nóvoa classifica os períodos históricos da EC seguindo a cronologia tradicional, no entanto parte de uma análise que, para além de elencar suas características em comum, traz questionamentos diante das fragilidades conceituais pautadas em cada período.

Quando minha ideia inicial sobre investigar a formação de professores foi direcionada a área da Educação Comparada, deparei-me com uma tecitura historiográfica fiada a muitas mãos. Ao realizar minha busca conceitual diante de tantos nomes dos estudos comparados em Educação, encontrei em Nóvoa (2010; 2017) alguns questionamentos que poderiam auxiliar-me na condução dessa investigação. Isto posto, os próximos seguimentos desse texto foram direcionados à compreensão da Educação Comparada segundo o autor português.

1.1 O Mapa da Educação Comparada – *quem vence ou não vence?*

Para Nóvoa (2010, p. 24) a Educação Comparada assume o papel de busca pelo *outro*, no intento de compreender os sentidos e os limites que essa relação com o *outro* estabelece no contexto social.

O outro é a razão de ser da educação comparada: o outro que serve de modelo ou de referência que legitima as ações ou que impõe silêncios, que imita ou que se coloniza. A educação comparada faz parte de um campo de poderes dentro do qual se organizam centros e periferias, constroem-se práticas discursivas que consagram sentidos e definem limites. (Nóvoa, 2010, 0.24)

É a partir dessa relação de comparação que determinadas práticas educativas são legitimadas enquanto as demais são silenciadas. Assim, os estudos comparados em Educação acabam por reafirmar conceitos e paradigmas existentes e estabelecidos socialmente em oposição ao reconhecimento de outros modos de fazer, da diversidade de existência do *outro*. Dessa forma, o paradoxo da EC está justamente na busca por novos conhecimentos para desprestigiar-los em relação a conhecimentos firmados socialmente. Assim, é importante que o pesquisador dos estudos comparados em Educação questione as relações entre o conhecimento e o poder para que possa identificá-las em sua própria prática investigativa. Para Nóvoa (2010, p.24), “nossas epistemologias já não podem ignorar alguns desafios da ‘viagem pós-moderna’, nomeadamente a constatação de que nada pode ser conhecido de maneira segura e de que não existe uma teologia da história.”

A ideia de Estado-nação e a ideia de progresso, a procura por um método de comparação e a busca por uma conceituação científica são quatro aspectos fundamentais que ancoram o conceito da Educação Comparada. Não obstante, esses quatro aspectos precisam ser revistos na atualidade, uma vez que a noção de espacialidade mundial, a compreensão do que é o progresso, a compreensão de ciência e suas metodologias trazem em si novas perspectivas mais significativas na contemporaneidade. O espaço, antes limitado pelo conceito de Estado-nação, pode ser compreendido por novos espaços de identidades, em que o local e o global estão entrecruzados. A ideia de progresso, pautada no eurocentrismo e no imperialismo, tem sido revisitada principalmente por questões ambientais. O entendimento da ciência já ultrapassou o restritivo conceito positivista e o foco na busca por metodologias científicas pode cercear as investigações da EC a revisões metodológicas, sem uma perspectiva mais profunda dos enquadramentos teóricos que constroem as realidades estudadas (Nóvoa, 2010, p. 36).

Partindo dessas premissas, Nóvoa (2010, p. 36) procura cartografar a Educação Comparada na tentativa de “determinar o lugar das diferentes tendências num espaço imaginário, situando-as umas em relação às outras”. Para tanto o autor vale-se de critérios pautados nas *teorias do consenso*, tendo como pressuposto a ideia de equilíbrio social, nas *teorias do conflito*, partindo da ideia de mudança social, nas *abordagens descritivas*, baseada em fenômenos observáveis considerados como realidades naturais, e nas *abordagens conceituais*, que consideram a construção das realidades por discursos situados em um determinado tempo e em um determinado espaço. Assim, o autor elabora sete diferentes configurações chamadas de comunidades discursivas que podem aproximar-se ou distanciar-se dependendo das teorias e das abordagens que alicerçam suas compreensões diante da Educação Comparada.

Figura 1 – Mapa das comunidades discursivas da Educação Comparada, de António Nóvoa



Fonte: Nóvoa, 2010, p. 40

A primeira configuração (configuração A), ou perspectivas historicistas, trata-se de obras que procuram descrever os sistemas educativos estrangeiros com o objetivo de compará-los com o próprio sistema (Nóvoa, 2010, p. 39). Desse modo, os autores nessa configuração demonstram um conceito de comparação pautado na justaposição dos diferentes sistemas. Já seu referencial metodológico tem raízes na abordagem historiográfica, descritiva e factual pois procura construir um saber enciclopédico sobre os sistemas de ensino. Nas perspectivas positivistas, ou configuração B, encontram-se os trabalhos ancorados no positivismo, que buscam a formulação de leis gerais, objetivas e científicas a respeito dos sistemas educativos,

seus funcionamentos e suas evoluções. Os sistemas nacionais de ensino continuam sendo a referência para esses pesquisadores, no entanto é possível encontrar análises de recortes específicos de algum elemento encontrado nesses sistemas. A principal característica dos autores agrupados nessa perspectiva é a busca por um método comparativo rigoroso, inspirado por estudos quantitativos-qualitativos das Ciências Sociais, que possa se tornar um paradigma para as pesquisas da EC.

Na configuração C, também nomeada por perspectivas da modernização, encontram-se autores que creditam à Educação como um fator fundamental para o desenvolvimento e para a modernização. Assim, esses pesquisadores acabam por assegurar-se presentes nas organizações internacionais pois suas pesquisas buscam construir categorias de análises com o objetivo de orientar as políticas educativas. Com discursos inspirados pela teoria do capital humano, esses estudos apontam referências aos critérios de eficiência e de custo-benefício. Sua metodologia é fundamentada por abordagens quantitativas e pelos estudos de correlação, uma vez que as diversas realidades educacionais são interpretadas pela ótica econômica. A configuração D é chamada de perspectivas de resolução de problemas e agrupa trabalhos que evidenciam uma preocupação científica atrelada a uma intenção utilitária em relação às decisões políticas. Fortemente influenciada pelo pragmatismo deweyano e pelos métodos hipotético-dedutivos de Popper (1975), essa abordagem de resolução de problemas propõe a definição de tipos ideais para dar conta das diversas realidades e assim estabelecer leis sociológicas que permitam a relação entre as instituições educacionais e as instituições econômicas e sociopolíticas.

As perspectivas críticas – configuração E – apresentam uma ruptura ideológica e teórica pois seus trabalhos distanciam-se das decisões políticas e aproximam-se dos *atores educativos*, a fim de apresentá-los a ferramentas de conscientização e de emancipação. Sob forte influência das perspectivas marxistas e neomarxistas, essa perspectiva recusa o funcionalismo estrutural como principal referência da EC por considerá-lo responsável pela manutenção de uma ordem social injusta desencadeada por políticas educativas de codependência mundial, além de priorizar a análise dos produtos da educação em negligência aos processos educativos. Há também uma ruptura metodológica, uma vez que seus autores adotam diversas referências qualitativas em substituição aos métodos exclusivamente quantitativos. Assim, há uma aproximação da Educação Comparada com a Sociologia e com as Ciências Políticas, uma vez que a principal preocupação desses pesquisadores é “valorizar um exercício de reflexão alternativo que tenha em conta os grandes desafios em nível internacional e as principais mudanças conceituais no pensamento científico” (Nóvoa, 2010, p. 47).

A configuração F ou perspectivas do sistema mundial reúne, em sua maioria, trabalhos sobre as escolas de massas e sobre o desenvolvimento dos currículos, uma vez que a ideia espacial de sociedades regionais e/ou nacionais autônomas é substituída pela compreensão de sociedades globais, interdependentes e transnacionais. Dessa forma, para os autores dessa configuração a comparação deve partir das reconstruções históricas da difusão cultural e das análises dessas relações de interdependência entre as sociedades. Por fim, a configuração G, também nomeada por perspectivas sócio-históricas busca “reformular o projeto de comparação por meio da passagem da análise dos *fatos* à análise do *sentido histórico dos fatos* (Nóvoa, 2010, p. 49). Para os autores agrupados nessa configuração, é necessário compreender a natureza subjetiva da realidade e seus sentidos atribuídos pelos diversos agentes sociais, sejam eles individuais e/ou coletivos. Dessa forma há uma nova *epistemologia do conhecimento* em que os discursos que descrevem e interpretam os fatos e que se localizam em um determinado espaço-tempo são tão significativos quanto a própria *materialidade* desses fatos. Assim, o objeto dos estudos comparados em Educação encontra-se em torno das práticas discursivas que atribuem sentido aos contextos antes definidos geograficamente. Para tanto, suas obras são sustentadas pelo pensamento histórico na intenção de construir comparações complexas mediadas pela teoria.

Nóvoa (2010) também propõe uma *reconfiguração da Educação Comparada* , uma vez que atualmente nossa compreensão do espaço tem atravessado a barreira geográfica bem como nossa compreensão do tempo tem excedido a cronologia tradicional. Isto posto, a comparação em Educação encontra-se diante de novos desafios que necessitam ser superados. Identificar *novos problemas* relacionados ao trabalho realizado nas instituições de ensino, colocar em prática *novos modelos de análise* que sejam capazes de conferir sentido aos discursos dos diversos atores do campo educacional e inventar *novas abordagens* pautadas por um alargamento do repertório metodológico do estudo comparado na Educação compõem a tríade de problemas atuais da EC. Sendo assim, Nóvoa (2010, p. 54) propõe que a Educação Comparada seja reconfigurada como uma *outra ciência* , uma ciência do plural que reconheça a sua subjetividade interpretativa e que reconheça o outro como criador da diversidade, ponto central da investigação comparada na Educação:

Atualmente precisamos de uma outra ciência: uma ciência que não se baseie no excesso *do mesmo* , mas na *aceitação do outro* ; uma ciência que não se reivindique pela explicação do *singular* , mas que se reconheça na *pluralidade de sentidos* ; uma ciência que compreenda os *limites* da sua interpretação.

1.2 Não pra saber quem vence ou não vence - as ilusões e desilusões da EC

Partindo do pressuposto de uma nova reconfiguração da Educação Comparada, Nóvoa (2017) apresenta uma *leitura panorâmica* da EC, a partir de quatro periodizações, em torno de cinquenta anos cada, e procura, por meio desses períodos, compreender as relações entre o *poder político* e o *conhecimento*.

O primeiro período é datado a partir de 1817 e é compreendido por *descrever* tábuas comparativas de observação (Nóvoa, 2017, p. 16). O ano de 1817 é a mesma data da publicação da obra sobre EC de Jullien de Paris. Esse momento apresenta por escopo o *melhorar* da Educação, transformando-a em uma ciência que se aproxima dos ideais positivistas. Assim, os estudos comparados em Educação tomavam por base quadros de comparação em que o pesquisador descreve as instituições educacionais, as formas de organização escolares, as matérias e os métodos aplicados. Esse momento inicial de estudos da EC apresentam problemáticas que acompanham a Educação Comparada ao longo de sua história.

A partir de 1867, data da Exposição de Paris, começa o período de *imaginar* uma determinada modernização escolar. Por meio de investigações comparadas já publicadas, a segunda metade do século XIX foi preenchida por pesquisas que tendiam à avaliação e ao julgamento de sistemas de ensino baseados em modelos educacionais considerados como superiores. Recorrendo a estudos estatísticos, essa fase da EC buscava a homogeneização da escola segundo o paradigma dos países do norte europeu. Assim, esses trabalhos colaboraram para hierarquizar os países segundo um *imaginário de progresso* (Nóvoa, 2017, p. 18). Essa hierarquização de sistemas tornou-se uma segunda desilusão dos estudos da Educação Comparada, pois essas imagens criadas a partir do julgamento de comparatistas contribuíram para acentuar as lógicas das relações de domínio e de superioridade social.

O período seguinte, é compreendido como a *revisão* da composição da ciência e coincide com o ano da morte de Émile Durkheim, 1917. Nesse momento, sob forte influência das Ciências Sociais Modernas, há uma defesa pelo método comparativo como a própria ciência da Educação, organizada em torno das leis educacionais, fato esse responsável pela previsão da evolução dos sistemas, para assim estabelecer modelos e intervenções políticas de forma rigorosa. Os estudos focados na análise documental, independentes dos contextos históricos e sociais, que buscavam por leis generalizadas, tornaram-se outra grande problemática da EC.

Por fim, o ano de 1967 marca o início do último período de classificação de Nóvoa (2017), e é conhecido como o momento de *prescrição* de soluções para os sistemas de ensino. O ano de 1967 é a data da consolidação da *International Association for the Evaluation of*

Educational Achievement – IEA – uma espécie de cooperativa internacional de instituições de pesquisas com o intuito de avaliar os sistemas de ensino. Dessa forma a EC assume uma nova fase marcada por pesquisas amplamente quantitativas, seguindo um padrão métrico global e classificatório. Fortemente influenciado pela política econômica, esse período dos estudos comparados em Educação apresenta seus dados pautados nos resultados escolares dos estudantes como um “poderoso instrumento para prescrever soluções e, até mesmo, para instituir novos modos de governo” (Nóvoa, 2017, p. 20), ainda que essa *prescrição* ocorra de forma simbólica, não autoritária e sob a ilusão da liberdade de escolha de cada sociedade. O problema aqui encontra-se nessa lógica de classificação hierarquizante que, além de amparar processos de homogeneização dos sistemas de ensino via um modelo que não leva em conta os contextos, interfere diretamente nas questões político-governamentais dos países avaliados.

Em todos os quatro momentos periodizados pelo autor, há uma crença de que os problemas educacionais tenham uma solução, geralmente encontrada em outro país. De qualquer modo, essa visão reflete uma simplificação da relação entre o conhecimento e a política, já que as relações de dominação e poder simbólico que constituem tanto o campo do conhecimento, quanto o campo da política, quanto o diálogo entre esses dois campos, não são pontuadas de forma compreensível. Assim, seriam necessários três gestos decisivos para a construção de uma Educação Comparada que não transforme o resultado de suas pesquisas em soluções naturais:

O gesto do *distanciamento* ou, por outras palavras, a capacidade para desconhecermos, para nos afastarmos daquilo que pensamos saber, abrindo-nos a novas possibilidades de conhecimento; o gesto da *intercessão*, isto é, a capacidade de percebermos, como sugere Gilles Deleuze (1990), a importância do intercessor, uma figura que não se limita a transportar, transpor ou traduzir ideias de um lugar para outro; e o gesto da *comunicação*, no sentido etimológico do termo, “tornar comum”, ou, dito de outro modo, a capacidade de trabalharmos em comum a partir das nossas diferentes posições e maneiras de pensar. (Nóvoa, 2017, p. 21)

Para que os estudos da EC possam verticalizar suas percepções diante dos seus problemas e dos seus conhecimentos atualmente, é necessário superar a compreensão linear do espaço e do tempo, convertendo o conceito geográfico do espaço em *espacialidades* e o conceito cronológico do tempo em *temporalidades*. Reconhecer as *espacialidades* é reconhecer que o espaço atual possui múltiplas localizações, fluidas, em rede, conectadas e comunicantes entre si. Assim, é possível perceber, para além do local, as múltiplas espacialidades encontradas num mesmo espaço.

Não podemos fechar-nos numa lógica dicotômica do global versus o local, nem alimentar a ilusão de uma fluidez sem fricção e sem turbulência. Não podemos fechar-nos numa visão puramente física do espaço, nem num mundo de uma infinita fluidez. Compreender e localizar, posicionar (posicionar-nos). Não há comparação sem um pensamento histórico, não uma história dos acontecimentos ou dos factos, mas uma compreensão histórica do modo como a educação acontece em diferentes espacialidades. (Nóvoa, 2017, p. 23)

Já reconhecimento das *temporalidades*, por sua vez, revela as múltiplas camadas que constituem o tempo histórico, social e também, individual. Dessa forma, a compreensão do tempo em *temporalidades* desenrola a constituição temporal em suas multiplicidades de sentidos atribuídos pelos mais diversos atores envolvidos nas esferas das investigações da área da EC.

Estamos perante uma perspectiva que nos convida a olhar para a *largura* e para a *espessura* do tempo. Uma largura que dá sentido à história, concebendo o presente não como um “período”, mas como um processo de transformação do passado em futuro (e vice-versa). Uma espessura que nos faz viver, simultaneamente, diferentes temporalidades, sobrepostas de tal maneira que o tempo deixa de ser um “fio” (o fio do tempo) para se representar como uma corda onde muitos fios se entrelaçam uns nos outros. (Nóvoa, 2017, p. 24)

Um problema contemporâneo, segundo o autor, é a espetacularização das nossas vidas privadas no espaço público das redes sociais. E essa *publicização* do nosso cotidiano poderia tomar dois rumos distintos e ao mesmo tempo interdependentes entre si: retraindo nosso senso de responsabilidade social no exercício da liberdade como dever, pois estaríamos ocupados demais com nossa ilusão de autoridade bradando por nossas liberdades individuais e assim, acabaria por transferir um sentido de irrelevância ao espaço público que, por definição, é o lugar comum, a comunidade, onde há a possibilidade de construir reflexões a partir da diversidade. Dessa forma, uma das responsabilidades atuais da EC é a reconstrução desse espaço público *comum*, local de discussão e de criação de saberes em torno dos temas educacionais. Para tanto, faz-se necessária a problematização das diferentes espacialidades e temporalidades para que desse modo, todos nós possamos (re) apropriar-nos das discussões em torno da Educação exercendo nossa autonomia de escolhas e de tomada de decisões.

São estes os desafios que a educação comparada tem pela frente: reconstruir um espaço público de discussão e deliberação que seja, também, um espaço de produção do comum. Para isso, é preciso não ceder a uma lógica de especialistas nem a exposição espetacular das vidas e das políticas. É preciso contribuir para que as pessoas se reapropriem dos temas educativos e sobre eles exerçam a sua capacidade de decisão. É preciso problematizar diferentes

espacialidades e temporalidades que existem, coexistem, em cada momento da história. Esta é a nossa saída. Isto é o que podemos fazer coletivamente. Em vez de acreditarmos numa relação linear entre política e conhecimento, em vez de cedermos a uma comparação transformada em “modo de governação”, podemos valorizar e reforçar um espaço público de discussão e de deliberação. (Nóvoa, 2017, p. 28)

1.3 Novas vizinhanças e suas sutis diferenças

Pensar sobre *espacialidades* na Educação Comparada implica também em pensar sobre as relações estabelecidas entre os mais diversos e prováveis espaços que compõem a EC. Catani (2000, p.144) nos evoca sobre o poder estruturante da língua em torno das manifestações culturais. Assim, é possível buscar a comparação para compreender os processos de construção dos campos educacionais dos países por meio de suas proximidades linguísticas.

Seria também o caso de se indagar o mesmo com relação a países com grandes distâncias geográficas entre si e vizinhanças linguísticas e culturais, como os países do espaço lusófono. Se a inscrição dos objectos de estudo, para usar os termos de Chartier, não se fizer necessariamente à base dos limites geográficos, pode-se pensar em aproximações supostas pelo uso da mesma língua e pela constituição de formações culturais aproximadas. (Catani, 2000, p. 144)

Dessa forma, a língua nacional de cada país, além de ser estruturante de sua cultura, também cumpre o papel de *fronteira* entre o nacional e o internacional, o local e o global, fato responsável por distanciar países geograficamente vizinhos e por tornar *vizinhos* países geograficamente distantes. É importante que as investigações da Educação Comparada possam valer-se dessa nova constituição de *vizinhança* global, buscando a compreensão das novas relações estabelecidas para além das fronteiras territoriais, construídas a partir dos discursos que as estruturam e procurando os sentidos e as apropriações que lhes são atribuídos por meio dos mais diversos atores, singulares e coletivos, ao longo de sua história e de suas *temporalidades*.

Para tanto, a autora sugere que os estudos da EC sejam uma busca por uma *história de sentidos* (Nóvoa, 1998). Segundo Catani (2000, p. 145), a elaboração de uma *história de sentidos* deve ser concebida “perguntando-se como operar a construção dessa história e ensaiar hipóteses a partir do caso de comparação da história da educação”. Desse modo, a comparação em Educação deve investigar os diversos sentidos que os sujeitos e grupos sociais atribuem às suas ações, por meio da tentativa de compreender as relações de poderes existentes em torno

dos discursos que constroem nossos modos de pensar e nossos modos de agir. Assim, a *história dos sentidos* se aproxima da *história das apropriações* (Chartier, 2002), na perspectiva de que o conceito de *apropriação* é o elemento de articulação para o entendimento das relações entre as *práticas* e as *representações*. Isto posto, as *apropriações* estão relacionadas à pluralidade das formas de compreensão, de usos e de liberdade de criação dos sujeitos, ainda que essas mesmas compreensões, usos e criações não sejam plenamente arbitrárias.

Mesmo separados por um oceano de distância e apesar das enormes diferenças sociais, culturais e econômicas, uma certa *vizinhança* entre Brasil e Angola é construída sobretudo, a partir do uso da Língua Portuguesa como idioma oficial das duas nações, ainda que se encontrem mais de 20 línguas nacionais maternas no país africano. Para além dessa *vizinhança linguística*, Brasil e Angola ainda compartilham de uma história em comum, ou uma *vizinhança histórica*, uma vez que ambas as nações foram colônias de exploração de Portugal por séculos, sendo a escravização de pessoas pretas o problema central e ao mesmo tempo, constituinte das relações entre Angola e Brasil colônias. E a Língua Portuguesa, responsável pela aproximação das duas nações é a herança desse período de colonização, sendo compreendida como a língua do colonizador. Já emancipado, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência angolana em 1975 estabelecendo, desde então, a sede da embaixada brasileira em Luanda. Esse ato político foi responsável pela consolidação de parcerias bilaterais entre os governos angolanos e brasileiros ao longo dos anos finais do século XX, bem como nos anos iniciais do século XXI.

Atualmente Brasil e Angola também estabelecem acordos no campo da Educação, fato que aproxima ainda mais essas duas nações. O “Programa de Formação de Recursos Humanos em Saúde Brasil-Angola” é uma iniciativa de cooperação técnico-educacional, que visa o fortalecimento do sistema público de saúde de Angola, por meio da formação e capacitação de profissionais de saúde angolanos, desde 2023. Há também o Programa de Estudantes – Convênio – Pós-Graduação, parceria entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e a Divisão de Temas Educacionais do Ministério das Relações Exteriores, que se constitui como uma atividade de cooperação educacional exercida, prioritariamente, com países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém Acordo de Cooperação Educacional, Cultural ou de Ciência e Tecnologia. Segundo o manual do Programa, “o PEC-PG objetiva a formação de recursos humanos, com vistas a possibilitar cidadãos oriundos de países em desenvolvimento a realização de estudos de pós-graduação em Instituição de Ensino Superior (IES), brasileira” (Brasil, 2008, p. 03). O PEC-PG promove a parceria para a

formação profissional de estudantes em nível de pós-graduação de cinquenta e quatro países distintos, localizados na África, Ásia, Oceania, América Latina e Caribe.

A parceria entre o PEC-PG na especialidade angolana se desenvolve por meio do envolvimento do Ministério de Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação de Angola, associado ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE), promovendo assistência e bolsas de estudos aos estudantes angolanos vinculados ao convênio para a pós-graduação. E foi esse convênio que permitiu que estudantes de pós-graduação do país africano pudessem estudar no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, na Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. Foi justamente por meio do PEC-PG que conheci os estudantes de Mestrado e de Doutorado em Educação em 2018, que se tornariam responsáveis pela criação e pela gestão do curso de Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa da Escola Superior Pedagógica do Bié, em Cuito, Angola. Dessa forma, minha proposta de investigar a formação de professores sob o viés dos estudos da Educação Comparada foi desenhada a partir da tentativa de compreender de que forma os saberes *apropriados* pelos colegas angolanos no Mestrado e no Doutorado em Educação do PPGE da Unesp – campus de Marília poderiam compor ou não, o Programa do curso de Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa da ESPE do Bié. Esses conhecimentos sobre Educação constituídos aqui no Brasil teriam atravessado o oceano Atlântico e seriam percebidos de que maneira na especialidade angolana? Como e quais os frutos resultantes dessa *viagem* desses *saberes* apropriados? Foi em Silva (2018) que encontrei apoio para meus questionamentos, uma vez que sua investigação buscou compreender como se desenvolveu a circulação dos saberes nos manuais pedagógicos do Brasil e de Portugal, entre 1870 e 1970, auxiliando-me a compreender esse mesmo processo de circulação de saberes, agora entre Brasil e Angola.

1.4 Os saberes viajantes e que luz vai dar?

A metáfora *saberes viajantes* concebida por Silva (2018) buscaria compreender o processo de deslocamento de conhecimentos que, por meio dos discursos, podem ou não tornar-se múltiplos em seus usos e sentidos. Para Silva (2018, p. 25, *grifo nosso*),

O presente livro (*Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil – 1870-1970, da própria autora*) reconheceu mais do que um sentido meramente técnico na transposição de textos de uma língua para outra, pensando em um processo por meio do qual os saberes foram deslocados. Por isso, a transmissão de ideias abriu a

possibilidade da invenção e da renovação porque, ao serem comunicados, os saberes dispersaram-se, multiplicaram-se, confundiram-se em uma pluralidade infinita de sentidos.

Assim, esses *saberes em viagem* se relacionam ao processo de circulação de saberes que, uma vez apropriados, podem converter-se em *interpretações* variadas. Silva (2018) estabelece relações entre seu conceito de *saberes viajantes* com Bourdieu (1990; 1996a) e Chartier (1996; 1990; 1991; 2001), dentre outros autores. No entanto, a atenção desse texto está voltada para a tentativa de compreender as relações dos conceitos bourdieusianos e chartiersianos na elaboração dos *saberes em viagem* de Silva (2028).

No debate entre Chartier e Bourdieu (1996a), a leitura é discutida como uma prática cultural sob as perspectivas histórica e social, considerando a atividade leitora como apropriações plurais de um mesmo texto escrito, pelos mais variados leitores. Dessa forma, há uma percepção de que buscar compreender a multiplicidade da leitura implica em buscar compreender as múltiplas maneiras de ler, por meio de uma investigação aprofundada em torno do objeto e de seus possíveis usos. Já Bourdieu (1990) constrói sua discussão em torno da leitura recorrendo à comparação entre a atividade filológica e a atividade etnológica. Para o autor, em ambos os casos, é preciso reconhecer a subjetividade atrelada às mais diversas temporalidades e espacialidades tanto no que se refere às interpretações e análises por parte do investigador, quanto ao objeto pesquisado e suas relações. Desse modo, para Bourdieu (1990, p. 141), “a alteração que a objetivação da prática submete à prática [...] está destinada a passar despercebida, por ser constitutiva da própria operação que o etnólogo deve realizar para constituir a prática como objeto etnológico”. Bourdieu (1990) também apresenta a oposição dos conceitos de *auctor* e de *lector*, em que, ao longo da Idade Média, *auctor* era o responsável pela produção de um discurso inicial enquanto o *lector* produzia novas ideias a partir do discurso originado pelo *auctor*. Já Chartier (1996; 1990; 1991; 2001) apresenta a leitura como um processo de produção de sentidos nada arbitrário, pois ao mesmo tempo em que se estabelece como atividade criativa e produtora de sentidos únicos pelo leitor, é conduzida pelo texto propriamente e por todo o seu processo de produção, que compreende desde sua autoria à sua editoração, e que antecede a sua publicação. Assim, o historiador compreende que há um processo de apropriação do texto escrito pelo leitor, sujeitado ao contexto histórico e social que resulta em uma pluralidade de *representações* e *práticas* dos sujeitos, ainda que essas mesmas *representações* e *práticas* permaneçam atreladas ao texto lido. Para Chartier (1999, p. 77, *grifo nosso*),

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum - ou ao menos totalmente - o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. *Os gestos mudam segundo os tempos e lugares*, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem.

Dessa forma, a leitura é compreendida como a própria apropriação e interpretação do texto lido, que por sua vez está atrelada às práticas de leituras conforme as diversas espacialidades e temporalidades nas quais as práticas estão inseridas. Ao cotejar as discussões em torno da leitura a partir de Bourdieu (1990) e Chartier (1996; 1990; 1991; 1999; 2001) com os *saberes viajantes*, Silva (2018) relaciona seu conceito com o percurso percorrido pelo conhecimento no processo de apropriação de um discurso que pode tornar-se múltiplo em suas compreensões e usos. Desse modo, a autora propõe uma discussão das *temporalidades* e das *espacialidades* diante da apropriação de conhecimentos, no que diz respeito sobretudo, às pesquisas da Educação Comparada.

Ao realizar a leitura de Silva (2018), não pude deixar de comparar seu conceito de *saberes viajantes* com as *artes de fazer o cotidiano* de Certeau (1998), em que o autor propõe uma análise minuciosa da produção cultural do homem comum. Para Certeau (1998, p. 39), essa produção cultural ordinária é na verdade “astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante”. Assim sendo, Certeau (1998) apresenta uma perspectiva que coloca em foco a criatividade produtora do sujeito, indo na contramão de teorias que discutem a passividade e a subordinação dos usos de mulheres e homens contemporâneos diante da produção cultural dominante. Dessa forma, o processo de apropriação relacionado à cultura posta como dominante também transformaria seus *consumidores* em produtores culturais menos validados.

Este trabalho (*A invenção do cotidiano*, de Certeau) tem, portanto, por objetivo explicitar as *combinatórias de operações* que compõem também (sem ser exclusivamente) uma ‘cultura’ e exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*. (Certeau, 1998, p. 38, *grifo nosso*)

O autor concebe de forma dicotômica, duas categorias para traçar e definir as práticas presentes na sociedade cultural atual, em que podem-se identificar as relações de poder e de dominância, ante o desprestigiado e o dominado. As *estratégias* correspondem às atividades culturais dominantes, enquanto as *táticas* são seus usos pessoais e subjetivos, estando associadas à produção cultural do homem comum, à subversão (ou não) da organização mantida pelo *status quo*. Desse modo, ao reconhecer a pluralidade de formas resultantes do processo de apropriação relacionado à produção cultural pelos sujeitos e suas possíveis relações com a produção cultural originária, Certeau (1998) também pauta o debate em torno da circulação de saberes, centralizando sua análise nas relações de poder e de subversão desse poder provocados por esse movimento de deslocamento dos saberes por meio do processo de apropriação do conhecimento. Assim, os *saberes em viagem*, para além da busca pela compreensão do processo de apropriação de conhecimentos, de sua circulação e de suas possíveis representações e práticas, que podem manifestar dependência e/ou subversão das próprias apropriações, também é a busca pelo entendimento das relações de poder que permeiam esses arranjos em torno do modo como o conhecimento é apropriado.

Dessa forma, compreender a metáfora dos *saberes em viagem* como o processo de circulação de conhecimentos, responsável por tecer uma rede de novos saberes, em que pode-se perceber a subversão ou não dos conhecimentos apropriados, manifestando as relações de poder em torno desse processo de apropriação, foi basilar para a construção desse estudo, uma vez que esse conceito foi condutor das análises realizadas a partir dos documentos estruturantes dos cursos de Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié e o Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília.

2. *Eu oriento o carnaval* - OS MÉTODOS E OS MODOS DE FAZER DESSA INVESTIGAÇÃO

*Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento
No planalto central do país*

Tropicália, Caetano Veloso

Para Beillerot (2001), a pesquisa é uma atividade característica da prática social cotidiana, em que todos os sujeitos a realizariam em sua rotina, uma vez que todos nós sempre estamos buscando por algo. Dessa maneira, como diferenciar nossas *investigações cotidianas* das nossas *investigações acadêmicas* é um ponto que precisa ser elucidado. Assim, a metodologia e os *modos de fazer* de uma pesquisa científica são etapas tão importantes quanto o próprio desenvolvimento da investigação, pois é a partir desse desenvolvimento metodológico que a pesquisa se torna ciência.

Nessa etapa do texto apresentarei os resultados de uma pesquisa textual realizada no *Banco de Teses e Dissertações da Capes* em setembro de 2024 com as contribuições desse estudo para o *corpus* científico nacional. Também detalharei os *modos de fazer* dessa investigação, por meio da revisão da corrente teórica que *orienta* e *organiza* esse trabalho, desde a eleição por uma abordagem de pesquisa qualitativa para a compreensão e análise dos documentos, além do esclarecimento do conceito de *apropriação* (Chartier, 1990; 2002), tão caro para o entendimento dessa investigação. Se todo *movimento* precisa ser organizado, *orientado*, tal qual o *carnaval* de Caetano, os estudos e investigações acadêmicas não fugiriam à regra.

2.1 As contribuições desse estudo para o *corpus* científico – a *inauguração* do movimento do pesquisar

Ao principiar meus estudos ante a circulação de saberes frente à formação de professores, deparei-me com um questionamento inicial, no que diz respeito sobre as possíveis contribuições dessa investigação para o campo científico. Isto posto, iniciei minhas pesquisas por meio do levantamento de dados mediado pelo *Banco de Teses e Dissertações da Capes*. Foram realizados dois tipos de buscas nesse sistema de informação: a *Busca Simples*, para

identificar as palavras-chave ² em todos os campos do documento, e a *Busca Avançada*, por meio da combinação das palavras-chave, no intuito de filtrar o levantamento das Dissertações e Teses encontradas. Dessa forma, foram identificados alguns registros bibliográficos referentes ao tema, como segue na tabela a seguir:

Figura 2: Quadro sobre levantamento bibliográfico

	PALAVRAS-CHAVE	CAPE	SELEÇÃO POR ÁREAS	TRABALHOS SELECIONADOS
BUSCA SIMPLES	CIRCULAÇÃO DE SABERES	119	16	04
	FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA	242	20	04
	EDUCAÇÃO COMPARADA	157	25	05
TOTAL:		518	61	09
BUSCA AVANÇADA	CIRCULAÇÃO DE SABERES AND FORMAÇÃO DE PROFESSORES	15	04	01
	EDUCAÇÃO COMPARADA AND BRASIL E ANGOLA	07	01	-
	FORMAÇÃO DE PROFESSORES AND BRASIL E ANGOLA	-	-	-
	CIRCULAÇÃO DE SABERES AND BRASIL E ANGOLA	-	-	-
TOTAL:		22	05	01

Fonte: Elaboração própria.

Tanto a *Busca Simples*, quanto a *Busca Avançada* encontraram muitos trabalhos não pertinentes a esse estudo. Por conseguinte, alguns critérios de triagem foram elaborados para a seleção das produções investigadas. O primeiro critério foi o refinamento da pesquisa por meio da *Grande Área de Conhecimento*, da *Área de Conhecimento*, da *Área de Avaliação* e da *Área de Concentração*. Como *Grande Área do Conhecimento* optei por selecionar o campo de Ciências Humanas. Para as demais áreas, o campo Educação foi selecionado.

No entanto, para a concepção de critérios mais estritos, retomei o objetivo principal dessa pesquisa, que procura compreender a circulação de saberes sobre a formação de

² As palavras-chave utilizadas nessa pesquisa foram levantadas considerando a temática principal desse estudo que é a circulação de saberes sobre a formação docente por meio dos estudos comparados em Educação, entre Brasil e Angola.

professores, por meio de investigação do campo da Educação Comparada entre Brasil e Angola. Sendo assim, nos procedimentos desenvolvidos pela *Busca Simples*, apenas estudos relativos à *circulação de saberes docentes* foram considerados. Quanto à *formação de professores de língua portuguesa*, o recorte voltou-se para pesquisas com foco em questões didático-pedagógicas. Já em relação à Educação Comparada, os trabalhos referentes a teorias práticas pedagógicas foram contemplados. A *Busca Avançada* também seguiu tais critérios, sendo as delimitações centradas no campo educacional, na esfera das teorias e das práticas pedagógicas. O processo de seleção ocorreu primeiramente pela apresentação do título e das palavras-chave dos trabalhos encontrados por meio da ferramenta de busca presente no *Banco de Teses e Dissertações da Capes*, seguido pela leitura dos resumos das obras encontradas. Apenas os trabalhos que atenderam aos critérios prévios de triagem foram selecionados para compor esse estudo, classificados como *Trabalhos Selecionados* na tabela 1, já apresentada anteriormente.

A triagem dos resultados obtidos através da *Busca Simples* apontou inúmeras 518 obras que, seguindo o critério de seleção por áreas, foram reduzidas para 61 obras ao todo. Já a seleção pelo critério seguindo a temática dessa investigação encontrou apenas 09 estudos pertinentes ao tema. O processo de seleção das obras obtidas por meio da *Busca Avançada* levantou 22 trabalhos relacionados ao tema. A combinação das palavras-chave *circulação de saberes* e *formação de professores* encontrou 15 trabalhos pertinentes. A partir do critério de seleção por meio das áreas de conhecimento, houve uma redução para 04 pesquisas. Após a leitura dos resumos dessas quatro obras e tendo por objetivo o tema da minha investigação, apenas uma pesquisa foi selecionada. A combinação das palavras-chave *educação comparada* e *Brasil e Angola* apontou para 07 obras que foram reduzidas apenas para uma única pesquisa por meio do critério das áreas de conhecimento. Ainda sim busquei informações com as leituras dos resumos dessas 07 pesquisas e nenhuma correspondia ao critério sobre a formação de professores, por apresentarem a temática das políticas educacionais como ponto central de suas investigações. As combinações *formação de professores* e *Brasil e Angola*, e *circulação de saberes* e *Brasil e Angola* não apresentaram resultados nas buscas.

Sendo assim, pude constatar que há uma expressiva contribuição desse estudo com o aumento do *corpus* bibliográfico científico disponível nos bancos de dados sobre o tema da circulação de saberes frente a formação de professores pois, seguindo os recortes pertinentes aos estudos do campo da Educação Comparada, a quantidade de pesquisas é mínima. E, ao direcionar essa comparação para as espacialidades brasileira e angolana, pude constatar que, não há investigações sob essa temática.

2.2 Eu organizo o movimento – O percurso metodológico que delimitou essa investigação

A escolha por um método de pesquisa é um ponto determinante para o andamento e desenlace do trabalho científico. Para Gatti (2002), o método de pesquisa não é abstrato, mas algo vivo e concreto, revelado nas ações, na organização e no desenvolvimento da investigação. Minha busca por um método adequado aos estudos no campo educacional tornou-se um desafio, já que, segundo Alves-Mazzotti (2001), muitos pesquisadores cometem equívocos devido ao seu desconhecimento dos debates teórico-metodológicos na área das ciências da educação. O espaço institucionalizado da educação é um universo cultural e social pulsante, vivo, em que o conhecimento é remodelado, retomado, e ainda, produzido, em uma escala constante de construção de saberes. Esse processo é mediado pelas relações, pelas interações e pelos diálogos estabelecidos no meio escolar em seu dia a dia. Portanto, uma pesquisa científica no campo da educação deve considerar todo esse caráter subjetivo pertencente ao meio escolar.

Segundo Gatti (2001, p. 69), as categorias teórico-metodológicas para a investigação científica na área da educação devem abarcar a complexidade das questões educacionais em seu instituído bem como em seu contexto social. Tanto a compreensão das condições determinantes dos fatos educacionais, como também os mecanismos internos à escola, são fatores de importância e interesse para a evolução dos estudos na educação. Para que pudesse compreender de que forma a circulação dos saberes sobre a formação de professores transcorreu em sua *viagem* transatlântica entre Brasil e Angola, seria necessário explorar os conceitos sobre formação docente que ancoram tanto Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Marília, quanto os conceitos sobre formação docente que ancoram o curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da ESP – Bié, considerando as temporalidades e as espacialidades constituintes nesse processo.

Diante de tamanha complexidade, esse estudo comparado do campo educacional foi realizado sob a abordagem qualitativa para pesquisas científicas. Os dados foram coletados diante da investigação documental e suas análises seguiram a comparação de Nóvoa (2010; 2017), Catani (2000) e Silva (2018), além do conceito de *apropriação* de Chartier (1990; 2002).

2.3 Pesquisa Qualitativa – Tudo que nela se planta, tudo cresce e floresce

Os questionamentos acerca das metodologias de investigação utilizados nos estudos da sociedade surgiram no final do século XIX. Os métodos de investigação inerentes às ciências

da natureza, fundamentados na perspectiva positivista de conhecimentos, já não poderiam servir como paradigma para as ciências sociais. Nesse período, historiadores e sociólogos defenderam a perspectiva de conhecimento manifesta como idealista-subjetivista. Essa corrente valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo, buscando a interpretação e a descoberta em contrapartida das medições e constatações, valorizando a indução e assumindo a ligação existente entre fatos e valores. É a partir dessa concepção idealista-subjetivista de conhecimento que se origina a abordagem qualitativa de pesquisa.

A pesquisa qualitativa, segundo André (2012), também dispõe de ideias referentes ao *interacionismo-simbólico*, à *etnometodologia*, à *etnografia*, bem como aos princípios ligados à *fenomenologia*. Para André (2012, p. 18), a *fenomenologia* “ênfatiza aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos”. Dessa forma, uma investigação fenomenológica enfocaria o mundo do sujeito, suas experiências cotidianas e os significados a elas atribuídos.

Ainda segundo André (2012), a contribuição do *interacionismo-simbólico* aos estudos qualitativos está na compreensão de que a experiência humana é mediada pela interpretação, e que essa interpretação não se dá de forma autônoma, mas à medida da interação entre os indivíduos. Já a “*etnometodologia* procura descobrir ‘os métodos’ que as pessoas usam em suas rotinas para entender e construir a realidade que as cerca” (André, 2012, p. 19). É o estudo do como as pessoas compreendem e arquitetam seu dia a dia. Os estudos do campo *etnográfico* propõem o esforço da descrição da cultura dos sujeitos envolvidos na investigação. Sob a perspectiva da antropologia, a cultura é entendida como “um contexto, algo dentro do qual eles (*os símbolos passíveis de interpretação*) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.” (Geertz, 1989, p. 10, grifo nosso). Sendo assim, a pesquisa etnográfica procura mostrar os múltiplos significados atribuídos pelos participantes às suas vivências e experiências, diante das diversas formas de compreensão do senso comum.

O fator comum entre essas quatro correntes metodológicas é voltar a atenção para o sujeito como centro constituinte da pesquisa, considerando seu cotidiano, suas experiências, suas relações e suas interpretações como fonte de dados para as análises científicas. Bogdan e Biklen (1994, p. 47 - 50) definem a pesquisa qualitativa a partir de cinco eixos característicos centrais, derivados dessas concepções teóricas que a permeiam. Para os autores, a investigação qualitativa é descritiva, deve ter como fonte direta de dados o ambiente natural sendo o pesquisador o principal instrumento para a coleta desses dados. O principal interesse da investigação qualitativa é o seu processo de desenvolvimento, as análises dos dados devem

ocorrer de forma indutiva, bem como os significados e as perspectivas dos sujeitos participantes da pesquisa devem constituir o eixo de importância dessa abordagem teórico-metodológica.

A pesquisa qualitativa se torna popular entre os cientistas da área da educação no Brasil apenas nos anos 80, pois, com o aumento significativo de escolarização da população, surge a necessidade de uma produção científica com uma fundamentação teórico-metodológica que incluísse toda a complexidade existente no contexto escolar. Atualmente, a pesquisa qualitativa em educação é reconhecida e realizada por grande parte dos cientistas da área e é a metodologia de pesquisa que embasa os estudos propostos nessa investigação.

2.4 Documentos – *eu oriento o monumento*

Os documentos são materiais escritos que podem ser usados como fonte de informação sobre determinados aspectos do comportamento humano. São considerados como documentos para a pesquisa científica as leis, regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, livros e arquivos diversos. Godoy (1995, p. 21) caracteriza os estudos dos documentos como:

[...] exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental.

Para Lüdke (1986, p. 38) a pesquisa documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. Nas pesquisas do campo educacional, os documentos podem ser vistos como fontes que permitem a contextualização de dados coletados por meio de outras técnicas de investigação. Segundo Guba e Lincoln (1981), há uma série de vantagens para o uso de documentos em pesquisas:

1. Os documentos são fontes de dados estáveis e ricos, fato que permite seu uso em diversos estudos;
2. Os documentos podem ratificar o discurso do pesquisador por meio das evidências neles encontradas;
3. São fontes naturais de informação pois trazem informações sobre o contexto no qual foram produzidos;

4. A pesquisa documental apresenta baixo custo de execução;
5. Os documentos permitem a obtenção de dados mesmo sem acesso ao sujeito que o elaborou;
6. Os documentos complementam as informações obtidas por meio de outras técnicas de coleta de dados.

Tendo em vista que essa investigação buscou compreender de que forma os saberes sobre a formação de professores, apropriados no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Marília pelos estudantes angolanos entre 2018 e 2020, podem ser percebidos ou não, nas fundamentações estruturantes do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da Escola Superior Pedagógica do Bié, os documentos são fontes fundamentais para coleta desses dados. Assim, o Plano Curricular do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié (Anexo A), bem como os Planos de Ensino das disciplinas do PPGE – Unesp de Marília foram examinados com a intenção de buscar esses saberes sobre a formação docente por meio da consulta das referências bibliográficas encontradas em todos os Planos de Ensino das disciplinas ofertadas pela Licenciatura Angolana e pelo Programa de Pós-Graduação brasileiro.

2.8 Algo sobre apropriações - *terras férteis e verdejantes*

As apropriações podem ser compreendidas como os diferentes processos por meio dos quais “é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação” (Chartier, 1990, p. 24). Dessa forma, o estudo da história das apropriações é entendido como ponto central para a compreensão da história cultural. No entanto, Chartier (2002, p. 67 – 68) propõe uma reformulação do conceito de apropriação a partir de Foucault (1996) que compreende a apropriação frente ao controle sobre a circulação dos discursos.

Essa reformulação, que enfatiza a pluralidade dos empregos e das compreensões e a liberdade criadora - mesmo que seja regada - dos agentes que nem os textos nem as normas impõem [...] A apropriação tal como a entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem. Dar assim atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas também em muitas outras) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, quer sejam filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.

Chartier (2002, p. 143 – 144) destaca ainda que os mecanismos de controle não conseguiram efetivamente, dividir, controlar e disciplinar o mundo social. Assim, há um *verso* repleto de resistências, desvios e ilegalismos na história dos mecanismos disciplinares. Dessa forma, as apropriações são plurais e, para além de conduzidas pelos agentes de dominação, são criadoras de novas interpretações e de novas percepções frente a essas próprias estruturas dominantes. Assim, as apropriações estariam relacionadas à produção de sentidos pelos sujeitos *consumidores* que, embora atreladas aos sentidos originários, seriam inventivas e até mesmo subversivas no seus reempregos diante de seus novos contextos de usos. Dessa maneira, para Chartier (2002, p. 52), “essa radical separação entre produção e consumo leva, pois, a postular que as ideias ou as formas têm um sentido intrínseco, totalmente independente de sua apropriação por um sujeito ou por um grupo de sujeitos”. Desse modo, não é possível separar a *produção* de sentidos e significados do seu *consumo*, pois toda forma de consumo é também uma forma de produção.

É um mesmo jogo sutil de apropriação, de reempregos, de desvios [...] A relação assim instaurada entre a cultura de elite e o que ela não é concerne tanto às formas quanto aos conteúdos, tanto aos códigos de expressão quanto aos sistemas de representações, portanto, à totalidade do campo reconhecido à história intelectual. Esses cruzamentos não devem ser entendidos como relações de exterioridade entre dois conjuntos dados de antemão e justapostos (um erudito, outro popular), mas como produtores de “aliagens” culturais ou intelectuais, cujos elementos estão tão solidamente incorporados uns aos outros quanto nas aliagens metálicas. (Chartier, 2002, p. 50)

Dessa forma, esses *desvios* e *reempregos* dos sentidos apropriados atravessam os próprios sentidos originários, em um movimento de entrelaçamento para a formação da tecitura de novos significados que, por sua vez, estão incorporados junto à história das práticas culturais. Tendo em vista o entendimento das *apropriações* como uma produção do sujeito relacionada aos novos usos e às novas interpretações de sentidos, procurei compreender, com essa investigação, a circulação dos saberes para a formação de professores, apropriados na espacialidade do Programa de Pós Graduação da FFC da Unesp de Marília e *reempregados* na espacialidade da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié.

Uma forma de retorno aos textos (ou, mais geralmente, às obras) que as inscreve nos lugares e meios de sua elaboração, que as situa no repertório específico dos gêneros, das questões, das convenções próprias a um dado tempo, e que focaliza sua atenção nas formas de sua circulação e de sua apropriação. (Chartier, 2002, p. 12)

Desse modo, foi preciso primeiramente compreender os contextos sociais, temporais e espaciais em que esses saberes docentes estão em circulação, uma vez que os novos *usos* dos sentidos apropriados estão adaptados aos novos contextos temporais e espaciais dentro dos quais encontrar-se-iam inseridos.

3. *Tempo e espaço navegando em todos os sentidos* – AS TEMPORALIDADES E AS ESPACIALIDADES DO PPGE E DA ESPE

*Tudo permanecerá do jeito
Que tem sido
Transcorrendo
Transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos*

Tempo Rei, Gilberto Gil

Meu processo de reflexão frente ao tema dessa investigação fez-me elaborar mais um questionamento, dentre tantos já elaborados: antes de procurar compreender *como* ocorre a circulação de saberes sobre a formação docente, era preciso refletir *onde* esses saberes poderiam ou não poderiam circular. E para tanto tornou-se necessário aprofundar-me em uma investigação sobre as espacialidades em que essas formações acontecem, ou seja, o campus de Marília da Universidade Estadual Paulista e o campus da Escola Superior Pedagógica do Bié. No entanto, segundo Frago (2001, p. 61), o espaço não é neutro, pois sua ocupação e sua utilização supõe sua constituição como lugar e, ao tornar-se *lugar*, traz em si as marcas das relações sociais que o transformaram ao longo do tempo e que, todavia, ainda o transforma pelo seu uso.

O território e o lugar são, pois, duas realidades individuais e grupalmente construídas. São, tanto num, quanto no outro caso, uma construção social. Resulta disso que o espaço jamais é neutro: em vez disso ele carrega em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica, mostra a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia em cada cultura, que é um produto cultural específico, que diz respeito não só às relações interpessoais – distâncias, território pessoal, contatos, comunicação, conflito de poder –, mas também à liturgia e ritos sociais, à simbologia das disposições dos objetos e dos corpos – localização e posturas –, à sua hierarquia e relações. (Frago, 2001, p. 64)

Dessa forma, o estudo dos espaços de formação de professores inclui também o estudo das mais diversas temporalidades entrecruzadas que constituem esses espaços em *lugares* de formação de docentes. Isto posto, para que se possa compreender o tempo presente desses espaços, é preciso compreender sua história passada, em meio às relações de poder que os constituíram como tal, bem como compreender seu tempo futuro almejado, os objetivos da formação realizada e qual tipo de professor para qual sociedade essa formação está direcionada.

Primeiramente, um tempo pessoal, institucional e organizativo. Por outra parte tem sido entendido, desde essa dupla perspectiva, um dos instrumentos mais poderosos para generalizar e apresentar como natural e única, em nossas sociedades, uma concepção e vivência do tempo como algo mensurável, fragmentado, seqüenciado, linear e objetivo que traz implícita uma visão de meta e futuro (Frago, 1998, p. 69).

Assim, a busca pela compreensão das duas espacialidades, a Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília e a Escola Superior pedagógica do Bié, também reivindica a compreensão das temporalidades históricas que compõem esses espaços de formação de professores.

3.1 *Transcorrendo o tempo: a história do PPGE da Unesp de Marília*

A primeira vez que pisei no gramado da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília (Figura 3) foi em 2017, doze anos após meus últimos passos no Ensino Superior, como estudante de licenciatura. Naquele dia específico realizaria um processo seletivo para a pós-graduação que me levaria a frequentar aquele novo espaço pelos próximos sete anos entre o programa de Mestrado e o programa de Doutorado. Recordo-me que, enquanto esperava pelo horário das provas, observava a luz do sol atravessando a copa das árvores em um jogo de cores entre o dourado e o verde musgo transformando suas folhas em verdadeiras pinceladas que nem o mais impressionista dos franceses poderia traduzir em suas telas. O interessante é que tenho exatamente essa memória quando penso no espaço do campus em que me graduei, em 2005. Talvez o paisagismo dessa universidade do interior do estado de São Paulo tenha uma leve inspiração *Monetiana*.

Figura 3: Entrada principal da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília



Fonte: Acervo pessoal da autora

No entanto, antes de tornar-se universidade, os *campi* da Unesp seriam concebidos como Institutos Isolados de Ensino Superior (IIES), escolas públicas de educação superior, que não se encontravam ligadas a universidade alguma. A criação dos IIES em meados do século XX só foi possível graças a pressão pública pela descentralização da Educação Superior, já que os

paulistas residentes nas demais cidades do estado deveriam ir à capital para realizar esse tipo de formação, e ao poder político que algumas cidades interioranas de São Paulo exercia diante dos deputados da Assembleia Legislativa Estadual, servindo como base eleitoral para esses políticos durante a década de 1950. Segundo Castilho, (2009, p. 86),

A Assembleia Legislativa Estadual era o palco onde se apresentavam as indicações para criação de muitas escolas de ensino superior no interior do Estado, determinadas pela ação dos deputados cuja base de votos estava nas cidades do interior. Em muitas localidades do interior, a ação dos deputados foi determinante para a criação dos Institutos Isolados e, conseqüentemente, para a interiorização do ensino superior no Estado de São Paulo.

Todavia houve resistência para a criação desses institutos, principalmente por parte de alguns educadores e especialistas em Educação vinculados à Universidade de São Paulo (USP), que temiam a diminuição da qualidade do ensino superior, seja pela falta de profissionais qualificados para atuarem nesses institutos, seja pelo escasso financiamento público destinado à Educação, que naquele momento, seria dividido entre a universidade da capital e os institutos interioranos. Para Correa (2006, p. 22),

Nesse questionamento já se mostrava presente o debate (que teria maior amplitude) a respeito da conceituação de universidade e de seus objetivos, girando entre dois polos - de um lado, a ênfase na formação de elites, com o aprimoramento da pesquisa "pura" e, de outro, a preocupação com a democratização da educação com a disseminação do ensino superior. Acrescente-se a isso o cuidado com a formação profissional especializada. Em quaisquer casos, a qualidade do ensino e da pesquisa produzidos nesses institutos deveria ser preservada.

Uma solução para esse questionamento foi a colaboração da USP para assessorar e supervisionar o projeto dos IIES. Com o passar do tempo, os institutos interioranos apresentaram-se como uma solução aos problemas que a Universidade paulistana vinha enfrentando uma vez que o aumento pela demanda de vagas nas faculdades exigia a ampliação das escolas de Educação Superior. Em Marília, cidade do interior do estado de São Paulo, *a quem a luz do Sol em vão se atreve*³, o Instituto Isolado de Ensino Superior levaria a designação de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFI - (Figura 4), com a promulgação da Lei nº 3.781, de 25 de janeiro de 1957, pelo então governador do estado, Jânio Quadros. Segundo

³ Verso do poema lírico *Marília de Dirceu*, de Thomaz Antonio Gonzaga, que inspirou Bento de Abreu Sampaio Vidal a nomear a Estação da Estrada de Ferro da região como *Estação Marília*, que se tornaria o distrito de Marília em 22 de dezembro de 1926.

Castilho (2009, p. 90), em seus primeiros anos de funcionamento, a FAFI oferecia os cursos de Pedagogia, Filosofia, Ciência Sociais, História, Letras Neolatinas e Letras Anglo Germânicas, com possibilidade de ampliação para cursos de Psicologia, Didática e Geografia.

Figura 4: Vista Aérea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília



Fonte: CGB – Coordenadoria Geral de Bibliotecas – Marília

A promoção dos IIES ao nível de Universidade só ocorreria em 30 de janeiro de 1976, com a aprovação da Lei nº 952, responsável pela unificação dos institutos isolados como a Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP. Com essa unificação, a Unesp passaria a ser a primeira universidade multicampi em território nacional, fator responsável pelo principal obstáculo que a universidade passaria nessa fase de implantação.

Nós tínhamos multicampi e não existia nenhuma experiência até então, de uma Universidade nesses termos, constituída, no caso, por 15 campi. Realmente seria um modelo novo totalmente diferente. Se vocês derem uma olhada no mapa da UNESP verificarão que é o do Estado de São Paulo cortado por inúmeras linhas em branco. Aquilo foi proposital, assim como o próprio nome UNESP e o mapa da Universidade [...] Criada a Universidade, havia um grande problema: não era possível termos, em Araraquara, um professor de Ciências Sociais, ou dois, dois em Assis, dois em Marília, ou três; tínhamos que pensar em aglutinar esses especialistas para que, realmente, tivéssemos uma perspectiva, em termos de pesquisa, pois na parte de ensino ia tudo muito bem. E foi aí que surgiu o grande confronto na implantação da UNESP: teríamos que deslocar, por exemplo, alguém de Marília para Araraquara e vice-versa [...] Hoje, creio que já estão superados, mas à época foi realmente difícil. Assim se criou a UNESP. (Martins, Luiz Ferreira. Entrevista 27 set. 2001, CEDEM/UNESP).

No decorrer do tempo, a Faculdade de Filosofia – FAFI tornar-se-ia a Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Unesp, campus de Marília. Por decisão do Conselho Universitário Provisório (COPr), o campus receberia o curso de Filosofia e seu departamento por transferência da faculdade de Assis, além da criação do curso de Biblioteconomia e da projeção do curso de Pedagogia. Em contrapartida, foram suprimidas as áreas de História, de Letras e de Licenciatura em Ciências. A conversão dos institutos isolados na Universidade Estadual Paulista possibilitou sua organização como uma entidade política-educacional,

apresentando maior expressividade junto aos órgãos financiadores da Educação Superior, como a FAPESP, o CNPq, a CAPES, o Ministério da Educação e o Conselho Federal de Educação, conquistando maior autonomia como uma instituição acadêmica, articulando fontes políticas, econômicas e culturais externas, bem como as necessidades da sociedade com suas próprias regras de probidade e de competência (Dal Ri, 1997, p.13).

O curso de Pedagogia do campus de Marília da Unesp tornou-se destaque no campo acadêmico científico, tanto por suas produções em pesquisa, quanto pelo seu ensino. Contando com sete habilitações diferentes na década de 1980, o curso dispunha, e ainda dispõe, de uma significativa quantidade de docentes especialistas pelas mais diversas áreas do campo educacional. Assim, a partir de 1985, surgiu a proposta de criação de um Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) na unidade mariliense da Unesp, uma vez que o espaço contava com Professores altamente qualificados e boa infraestrutura, além da posição geográfica estratégica em que a cidade de Marília se localiza (figura 5), fator que tornaria o PPGE desse campus uma referência para a formação de docentes para o ensino superior e de pesquisadores para a região do centro-oeste e norte do estado de São Paulo, das regiões do norte do Paraná e das regiões mais próximas do Mato Grosso do Sul e de Goiás (UNESP, 2024). Contudo, o PPGE do campus de Marília somente iniciaria suas atividades em 1988, tendo em vista a reorganização de seu projeto inicial em uma proposta de perspectiva teórico crítica, em consonância com as tendências de outros programas do mesmo período, tais como o Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação (Posgrad/ Fae) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ou o Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), criados ou reorganizados entre o final do período da ditadura e o início do período de redemocratização do país. Para Santos, (2000, p. 50), “era possível perceber nas instituições que começavam a dar lugar ao pensamento pedagógico crítico, programas que tratavam de forma reflexiva das principais questões da Educação Brasileira.”

Figura 5: Mapa da geolocalização da cidade de Marília no estado de São Paulo



Fonte: UNESP. **Caracterização atual da cidade de Marília.** Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/#!/instituicao/apresentacao/caracterizacao/>. Acesso em: 08 jan. 2025.

Em 1988, o Programa de Pós Graduação da Unesp de Marília inaugurou sua proposta de formação em nível de Mestrado e em 1993 também foi instituída a formação em nível de Doutorado. Em seus anos de existência, o PPGE da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília sofreu várias modificações e reestruturações, apresentando atualmente cinco linhas de pesquisa em torno de dois eixos transversais, responsáveis por aglutinar os grupos e as linhas de pesquisa em temas mais gerais do campo educacional. Os eixos *Sociedade, Pensamento e Linguagens e Diferença, Inclusão e Educação* são condutores das pesquisas realizadas nas linhas *Psicologia da Educação: Processos Educativos e Desenvolvimento Humano* (linha 01); *Educação Especial* (linha 02); *Teoria e Práticas Pedagógicas* (linha 03); *Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações, Trabalho e Movimentos Sociais* (linha 04) e *Filosofia e História da Educação no Brasil* (linha 05). Segundo o site oficial do Programa, seu objetivo principal encontra-se atrelado a sua função social central, que seria formar docentes e pesquisadores conscientes e responsáveis por sua própria atuação, tanto no campo da pesquisa científica quanto no campo da Educação, contribuindo para o desenvolvimento de nossa sociedade.

O objetivo geral do PPGE/UNESP/Marília é dar continuidade ao processo de formação acadêmica de pesquisadores e de docentes para a Educação Superior e de profissionais especializados na área da Educação, que tenham, além da compreensão específica de sua pesquisa e do domínio teórico-metodológico referente a ela, compreensão geral das razões pelas quais realizam sua pesquisa como das contribuições de seus resultados para o debate acadêmico e o desenvolvimento social. (UNESP, 2024)

Para Soares (1998) o professor, para além da socialização dos saberes já constituídos, deve compreender também a forma como esses saberes são produzidos, concebendo *um pensar sobre o pensar*, para assim constituir sua atividade de ensinar fundamentada no próprio processo de apropriação de saberes.

A influência da pesquisa na formação do professor estará assim, não apenas, e talvez até, nem sobretudo na presença dessa formação, da pesquisa com a finalidade de proporcionar acesso aos produtos mais recentes e atualizados da produção do conhecimento na área, mas na possibilidade de, através da convivência com a pesquisa e, mais que isso, da vivência dela, o professor aprender e aprender os processos de produção de conhecimento [...] Porque é aprendendo e aprendendo esses processos, mais que aprendendo e aprendendo os produtos do conhecimento em sua área específica, que o professor estará habilitado a ensinar, atividade que deve visar, fundamentalmente, aos processos de aquisição do conhecimento. (Soares, 1998, p. 41)

Dessa forma, ao manifestar a *compreensão geral das razões pelas quais os estudantes realizam suas pesquisas além das suas contribuições* como objetivo principal de seu programa, a Pós Graduação em Educação da Unesp de Marília tem procurado a formação de professores e de profissionais da Educação principalmente por meio da transformação provocada pelo processo investigativo que constitui todo o desenvolvimento da produção de conhecimento.

3.2 Transformando o tempo: a história da ESPE do Bié

A Escola Superior Pedagógica do Bié – ESPE, faz parte do meu imaginário desde 2018, quando conheci o Professor A. no Programa de Pós Graduação em Educação da FFC da Unesp de Marília. A. já era docente da ESPE e estava no Brasil para realizar seu Doutorado em Educação. Nos tornamos colegas de curso e de grupo de pesquisa, já que, para além da mesma orientadora, tínhamos interesses em comum na pesquisa científica. A ESPE do Bié é uma instituição pública de Ensino Superior localizada na cidade de Cuito, capital da província do Bié, em Angola (Figura 6). A ESPE do Bié é uma escola exclusivamente de formação de professores das mais diversas áreas da educação. Atualmente conta com nove licenciaturas e uma pós graduação. As licenciaturas são de *Ensino da Física; Ensino da Matemática; Ensino da Química; Ensino da Biologia; Ensino da Língua Portuguesa; Ensino da Geografia; Ensino Primário; Educação de Infância; Educação Física e Desporto*, além da pós-graduação *Profissional em Superação Didática Pedagógica*.

Figura 6: Mapa político das 18 províncias da República de Angola, com destaque para a província do Bié



Fonte: Wikipedia. Disponível em:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/7e/Bi%C3%A9_in_Angola.svg/1200px-Bi%C3%A9_in_Angola.svg.png. Acesso em 10 jan. 2025.

Segundo sua ementa, a escola Superior Pedagógica do Bié apresenta como foco a formação de docentes para atuação junto ao sistema educacional angolano, aliada à investigação científica e à prestação de serviços à comunidade por meio de seus projetos de extensão.

Também busca o reconhecimento por ser uma instituição de referência no Ensino Superior, preocupada ao mesmo tempo com o rigor da formação docente e da pesquisa, associado à inovação científica.

É missão da Escola Superior Pedagógica do Bié desenvolver actividades de formação académica e profissional de alto nível, aliadas à investigação científica e à extensão universitária, para contribuir com o progresso do conhecimento na área de Ciências da Educação e o desenvolvimento da comunidade [...] uma instituição de referência no ensino superior, reconhecida nacional e internacionalmente por sua excelência nos domínios das Ciências da Educação, comprometida com o rigor, a inovação e o desenvolvimento sustentável. (ESPE, 2024)

O projeto de desenvolvimento institucional que direciona a ESPE do Bié desde a gestão da primeira equipe diretora (2010-2015) tem por fundamentação a premissa de que *a investigação é uma função pedagógica*. Para tanto, segundo sua ementa (ESPB, 2024), a Escola Superior Pedagógica do Bié torna-se responsável pela

- Formação, no sentido de ter um claustro efetivo e competente, comprometido com a função profissional pedagógica;
- Impulsionar a cultura investigativa para ter uma instituição proativa;
- Formação integral, baseada nos processos substantivos do ensino superior (ensino, investigação e extensão universitária);
- Criação de uma cultura científica na instituição;

Dessa forma, essa ESPE apresenta uma grande preocupação com a formação de professores pesquisadores já que compreende a investigação como parte da função docente. Para Soares, (1998, p. 42) pesquisa e ensino são indissociáveis, uma vez que para que ocorra a socialização dos saberes é preciso que esses saberes tenham sido produzidos de alguma forma. Assim,

[...] na verdade, a lição que do exemplo se pode tirar não é apenas a de uma necessária interação entre produção do conhecimento (pesquisa) e socialização do conhecimento (ensino); é preciso avançar e reconhecer a lição da indissociabilidade entre uma e outra. No conceito de interação está de certa forma implícita, é preciso reconhecer, a distinção entre processo (produção) e produto (socialização do produzido); ora, não se pode separar o produto do conhecimento do processo de sua produção. (Soares, 1998, p. 42)

A Escola Superior Pedagógica do Bié foi criada em 2009, a partir do Decreto nº 7/09 de 12 de maio. Esse decreto é um marco para o Ensino Superior angolano, uma vez que a expansão das Instituições de Educação Superior – IES em todo território nacional ocorreu a partir desse

que aumenta a procura desenfreada por técnicos qualificados. Estas instituições eram elitistas, reservadas a um grupo privilegiados, para o desagrado da maioria da população autóctone [...].

Durante esse período, o Ensino Superior angolano estava voltado ao bem estar da elite portuguesa, apresentando como finalidade a formação de profissionais que atendessem às necessidades exclusivamente da população branca. Segundo Carvalho (2012), entre 1963 e 1974, o Ensino Superior de Angola evoluiu em números de estudantes matriculados em quase 800%, passando de 531 estudantes matriculados em 1963 para 4.176 estudantes matriculados em 1974. Contudo, embora cerca de 95% da população angolana era considerada negra no período mencionado, estima-se que menos de 1% desses estudantes universitários eram pessoas pretas ou mestiças em 1974, ou seja, apenas 40 desses estudantes universitários eram negros. Para Filho e Aleaga (2021), o difícil acesso da população negra angolana à Educação Superior deu origem a conflitos entre parte da população e a universidade, fator contribuinte para engajar ainda mais a luta pela independência de Angola no final da década de 1960, assumida pelos movimentos nacionais de libertação do país.

Portanto, as transformações políticas, sociais e económicas, que o país sofreu desde o início da luta armada até aos dias de hoje, não se podem dissociar do percurso histórico deste subsistema de ensino. Por tal razão, é possível afirmar que o Ensino Superior começa em Angola como instrumento elitista colonial, que estava ao serviço de uma minoria e que, posteriormente, passa a ser agente revolucionário em representação dos interesses da maioria autóctone. (Filho e Aleaga, 2021, p. 179)

Já em 1976, no momento pós independência, a primeira reforma geral do sistema de ensino propôs a unificação das três universidades do país na Universidade de Angola, pautada pelo Decreto nº 60/76 de 19 de junho. Essa unificação foi responsável pela reestruturação do Ensino Superior angolano, em virtude dos projetos de transformações sociais e culturais que o novo governo nacional e independente estipulava, uma vez que todo sistema educacional de Angola estava fundamentado em conceitos preconceituosos e discriminatórios. Em 1977, após as reformas educacionais implementadas pelo novo governo nacional, dos mais de 4.000 estudantes universitários do período colonial, apenas 1.109 estudantes continuaram matriculados na Universidade de Angola, ou seja, mais de 70% dos estudantes universitários desistiram dessa etapa de educação em território angolano por serem estudantes brancos portugueses. Para Naege e Eduardo (2022, p. 294),

Assim, a independência veio a exigir aos governantes a redefinição de políticas educacionais, que salvaguardassem a autonomia do ensino e dos respectivos conteúdos. Ou seja, nas escolas e nos respectivos manuais até finais dos anos 70, era também imperioso que se quebrasse a disseminação política da ideologia colonial que até à data assegurava a ordem e a legitimação do poder. Este sentimento de mudança e ruptura com sistema anterior, em 1976, permitiu a reorganização do sistema educacional, tornando o contexto educativo livre daquelas influências políticas e a consequente defesa da cultura e valores sociais angolanos.

A partir de 1985, com a Resolução n.º 1/85, de 28 de janeiro, a Universidade de Angola foi renomeada para Universidade Agostinho Neto (UAN), em homenagem ao primeiro reitor e presidente da República Popular de Angola, Dr. António Agostinho Neto. Para Filho e Aleaga (2021, p. 187), “com a criação da UAN, foi possível dar continuidade à expansão do Ensino Superior, por via do ensino não presencial em regime experimental, com o objetivo de reunir estudantes para as Escolas da Universidade em Luanda, Lubango e Huambo”. Dessa forma, os estudantes universitários do interior do país poderiam ter acesso a etapa da formação universitária que ainda se encontrava concentrada geograficamente nas grandes cidades de Angola. Em 1989, com o novo Estatuto Orgânico da UAN, aprovado por meio do Decreto nº 55/89 de 20 de setembro, foram criadas *Unidades Orgânicas* distribuídas pelas províncias do país. Segundo relatório da própria universidade (UAN, 2002 - 2006), as Unidades Orgânicas de Ensino e Investigação seriam as estruturas básicas da Universidade e subordinar-se-iam a um Centro Universitário ou a um polo universitário. Poderiam ser Faculdades, Institutos Universitários, Escolas Superiores e Institutos de Investigação Científica. Em todos os casos, essas Unidades Orgânicas mantinham um vínculo de subordinação à reitoria da UAN. Segundo Filho, Aleaga e Sacomboio (2020, p. 758),

Assim, os laços de dependência do Ensino Superior com os modelos portugueses são quebrados, adquirindo um maior compromisso com a sociedade angolana. O desenvolvimento da ciência começa a ter maior importância na nova maneira de ver a IES com base nas características socioeconômicas do país. Os documentos de orientação aparecem nos planos de estudo, onde os objetivos se tornam mais relevantes, embora o conteúdo continue sendo enciclopédico e teórico.

Para Filho, Aleaga e Sacomboio (2020) a estratégia do ensino superior não presencial permitiu o aumento substancial das IESs, dos cursos ofertados e dos estudantes universitários. Essa redistribuição da Educação Superior pelo interior do país por meio dos polos universitários foi responsável não só pela consolidação de uma política pública para a democratização do

acesso à Universidade como também pelo desenvolvimento científico conforme o contexto sociocultural e econômico angolano.

Figura 8: Mapa das Regiões Acadêmicas de Angola



Fonte: MÊS: **Plano Nacional de Formação de Quadros**. Disponível em: <https://www.governo.gov.ao/noticias/523/governo/plano-nacional-de-formacao-de-quadros> . Acesso em 10 jan. 2025

Já em 2009, uma nova proposta de reorganização da Educação Superior pública angolana é estabelecida por meio da criação de Regiões Acadêmicas (Figura 8), que limitavam territorialmente a atuação das IESs por meio do Decreto nº 5/09, de 7 de abril. A partir dessa nova compreensão da espacialidade acadêmica o Decreto nº 7/09, de 12 de maio, estabeleceu a reorganização da rede de Instituições de Ensino Superior Públicas, com a criação de novas Instituições de Ensino Superior e o redimensionamento da UAN. Esse redimensionamento da Universidade Agostinho Neto entre as Regiões Acadêmicas possibilitou a criação e distribuição pelo território de sete novas universidades públicas além da UAN e mais vinte e dois institutos, faculdades e escolas superiores, dentre eles a Escola Superior Pedagógica do Bié (Figura 9).

Figura 9: Quadro das Instituições de Ensino Superior da República Nacional de Angola em 2009

Região Acadêmica	Instituição de Ensino Superior	Ano de criação	Localização
I	UAN	1962/1985	Luanda e Bengo
	Instituto Superior de Serviço Social	2009	Luanda
	Instituto Superior de Artes	2009	Luanda
	Instituto Superior de Ciências de Educação de Luanda	2009	Luanda
	Escola Superior Pedagógica do Bengo	2009	Bengo
	Instituto Superior de Ciências da Comunicação	2009	Luanda
II	Universidade Katiavala Buila	2009	Benguela e Cuanza-Sul
	Instituto Superior Politécnico do Cuanza-Sul	2009	Sumbe
	Instituto Superior de Petróleos	2009	Sumbe
III	Universidade 11 de Novembro	2009	Cabinda e Zaire
	Instituto Superior de Ciência de Educação	2009	Cabinda
	Escola Superior Politécnica de Mbanza-Congo	2009	Mbanza-Congo
IV	Universidade Lweji A'Nkonde	2009	Malanje, Lunda Norte e Lunda Sul
	Escola Superior Politécnico de Malanje	2009	Malanje
	Instituto Superior Politécnico de Malanje	2009	Malanje
	Escola Superior Pedagógica da Lunda Sul	2009	Lunda Sul
	Instituto Superior Técnico Agro-Alimentar de Malanje	2009	Malanje
	Universidade José Eduardo dos Santos	2009	Huambo, Bié e Moxico

V	Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo	2009	Huambo
	Instituto Superior de Ciências Agrária do Huambo	2009	Huambo
	Escola Superior Pedagógica do Bié	2009	Bié
		2009	Huila e Namibe
VI	Universidade Mandume Ya Ndemufao		
	Instituto Superior de Pescas	2009	Namibe
	Instituto Superior de Ciências de Educação do Lubango	2009	Huila
VII		2009	Uige e Cuanza Norte
	Universidade Kimpa Vita		
	Escola Superior Pedagógica do Cuanza Norte	2009	Cuanza Norte
	Instituto Superior Politécnico do Cuanza Norte	2009	Cuanza Norte
	Instituto Superior de Ciências de Educação do Uige	2009	Uige
VIII		2009	Cunene e Cuando
	Universidade Cuito Cuanavale		Cubango

Fonte: Adaptado de LUSSUAMO, João Mabiala; FUTU, Xavier Alfredo da Silva. A qualidade académica e relevância social do ensino superior em Angola. *12ª Conferência do Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://eventos.aforges.org/wp-content/uploads/sites/63/sites/64/2023/05/19-A-QUALIDADE-ACADEMICA-E-RELEVANCIA-SOCIAL-DO-ENSINO-SUPERIOR-EM-ANGOLA.pdf>. Acesso: 10 jan. 2025

No último relatório do *Anuário Estatístico do Ensino Superior, Tecnologia e Inovação*, de 2019, havia um total de 85 IESs entre instituições públicas e privadas, em território angolano. Havia também mais de 11.000 docentes e 310.000 estudantes matriculados. É importante salientar que não há relatórios oficiais atualizados, uma vez que a coleta de dados relacionados ao Ensino Superior de Angola pelo Ministério do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação (MESCTI) foi afetada devido à pandemia de *Sars Cov 2/ Covid 19*.

Segundo Filho, Aleaga e Sacomboio (2020), essa estratégia de *massificação*⁴ do Ensino Superior por meio de políticas públicas educacionais que reorganizaram e redistribuíram as IESs pelo território angolano apresentou como principal benefício a diminuição do êxodo rural, já que os estudantes do interior não precisariam sair mais de suas províncias para ter acesso a essa etapa de formação. Além disso, a “a existência de pelo menos uma instituição pública em cada província, o aumento do número de ingressos e de saídas nas IES, a implementação de cursos de pós-graduação no país, inversão da pirâmide de formação em graduação para o exterior em relação a Angola, incremento do número de docentes Mestres e Doutores, [...]” (Filho, Aleaga e Sacomboio, 2020, p. 762), seriam outras consequências positivas desse processo de *massificação* da Educação Superior. No entanto, os autores apresentam como questões problemáticas desde a falta de infraestrutura para a ampliação das IESs à limitada

⁴ Os autores utilizam a expressão *massificação* para designar o processo de ampliação e democratização do Ensino Superior em Angola, elencando tanto as qualidades quanto as críticas a esse processo. Assim, optei por utilizar-me da expressão conforme o texto, tendo a consciência de que no Brasil o termo *massificação* pode apresentar um sentido mais depreciativo, já que a expressão, segundo dicionário online, pode significar a padronização de valores e costumes por meio da adaptação de um fenômeno à massa, a um grande número de pessoas, pela retirada de suas características próprias ou únicas: *massificação da cultura*. (MASSIFICAÇÃO. In: DÍCIO, *Dicionário Online de Português*. 7Gaus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/massificacao/>. Acesso em: 11 jan. 2025)

formação dos docentes (as IESs ainda apresentam alguns de seus docentes apenas licenciados e/graduados), além da carga horária excessiva que os poucos professores com formação adequada para o Ensino Superior suportam pela quantidade de aulas a que são responsáveis.

Desde sua concepção, o Ensino Superior em Angola é ao mesmo tempo resultante e resultado de disputas sociais. Força motriz engajadora para o processo revolucionário em meados do século XX, tem em 1962 sua origem enraizada no elitismo e no racismo que permeava as relações sociais entre colonizadores e colonizados. A partir de 1975, por longos 27 anos, a população e, por consequência, a Educação Superior angolana, sofreu com a situação de guerra civil entre os grupos que disputavam o poder político do país. Atualmente, a democratização do acesso ao Ensino Superior por meio da ampliação de escolas e faculdades é uma tentativa, ainda que apresente contradições, de *diminuir essa distância* entre a população e a formação acadêmica, que tanto tempo de relações abusivas, seja pelos quase 500 anos de colonização portuguesa, ou pelos anos de guerra civil, provocou na constituição da sociedade angolana.

3.3 A ESPE do Bié e Unesp de Marília – *transcorrendo o tempo, transformando o espaço*

Para Bourdieu (1996b, p. 15),

O pesquisador [...] objetiva apreender estruturas e mecanismos [...] tais como os princípios de construção do espaço social ou os mecanismos de reprodução desse espaço e que ele acha que pode representar em um modelo que tem a pretensão de validade universal. Ele pode, assim, indicar as diferenças reais que separam tanto as estruturas quanto as disposições (os *habitus*) e cujo princípio é preciso procurar, não na singularidade das naturezas - ou das "almas" -, mas nas particularidades de histórias coletivas diferentes.

Assim sendo, para compreender a diversidade das espacialidades é preciso também buscar o entendimento da gênese da construção dessas espacialidades enquanto espaços sociais, que, ainda segundo Bourdieu (1996b, p. 18), a noção de *espaço* compreende um “conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por suas relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento”.

Já para Frago (2001, p. 77), todo espaço educa. Desse modo há uma dimensão pedagógica em torno das construções e dos projetos arquitetônicos que não se apresentam como

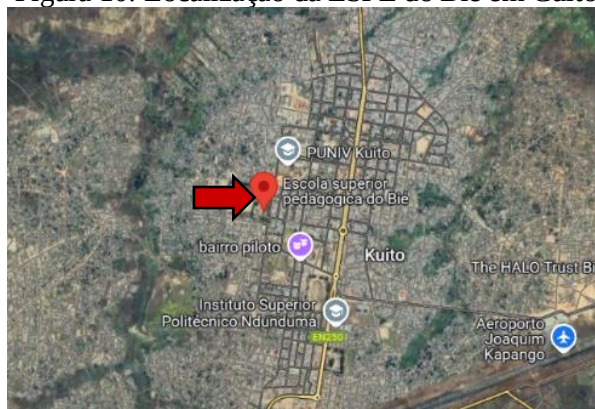
neutros e, portanto, merecem ser investigados à procura de elementos que possam identificar as relações e disputas que se encontram nos *alicerces* de suas fundações.

Todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isso não percebemos espaços senão lugares, isto é, espaços elaborados, construídos. Espaços com significados e representações de espaços. Representações de espaços que visualizam ou contemplam, que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma interpretação determinada. Uma interpretação que é o resultado não apenas da disposição material de tais espaços, como também de sua dimensão simbólica. Nada é melhor do que falar, nesse caso, no valor didático do símbolo, um aspecto a mais da dimensão educativa do espaço. (Frago, 2001, p. 78)

Dessa forma, procurar compreender a espacialidade em torno dos *campi* da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp e da Escola Superior Pedagógica do Bié contribuiria também para o entendimento das representações em torno da identidade desses dois lugares de formação de professores, seus significados e suas relações ante a sociedade em que estão inseridos.

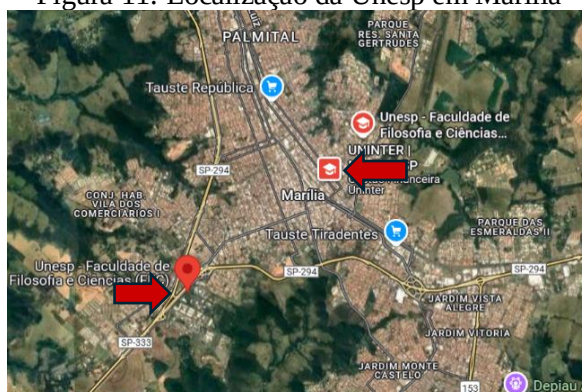
A cidade de Cuito (Kuito) completa 90 anos em 2025. No entanto, sua existência enquanto povoado é muito mais antiga, anterior à colonização portuguesa, como a aldeia central do *Reino do Viye* (Bié) da etnia bantu *Ovimbundu*. Atualmente a cidade de Cuito é a capital da Província, ocupando uma área total de 4.814 m², e segundo o relatório de Projeção da População da Província do Bié, elaborado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) de Angola, a população de Cuito chegaria em 622.145 habitantes em 2024. Por sua vez, a cidade de Marília completou 96 anos no último dia 04 de abril de 2025. A cidade brasileira ocupa um território de 1.171 km² e apresenta uma população de 246.627 habitantes, de acordo com os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na estimativa de 1º de julho 2024.

Figura 10: Localização da ESPE do Bié em Cuito



Fonte: Imagens disponibilizadas pelo Google Maps

Figura 11: Localização da Unesp em Marília



Fonte: Imagens disponibilizadas pelo Google Maps

Com relação ao território urbano ocupado pelos *campi* da ESPE e da Unesp em suas respectivas cidades, pode-se perceber que a Escola Superior Pedagógica do Bié está mais ao centro de Cuito, enquanto os dois *campi* da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” encontram-se em regiões mais ao entorno da cidade. Em todos os casos, as IESs angolana e brasileira estão muito próximas a vias principais de acesso, tais como a Rodovia EM 250 em Cuito e a Rodovia SP 333 em Marília.

O centro de uma cidade, para Lefebvre (2001), pode ser entendido como um espaço que, tradicionalmente, refletiria as estruturas de poder, já que as instituições econômicas e políticas costumavam se encontravam nesses grandes centros urbanos. No entanto, atualmente, esse *centro urbano* compreendido como um espaço de poder não ocuparia, necessariamente, a posição central da cidade, uma vez que “qualquer ponto pode tornar-se o foco, a convergência, o lugar privilegiado. De sorte que todo o espaço urbano foi, é, e será, concentrado e poli(multi)cêntrico” (Lefebvre, 1999, p. 46). Dessa forma, para Lefebvre (1999), o espaço urbano atual pode apresentar-se de forma multicêntrica, onde vários pontos da cidade podem tornar-se representativos de uma estrutura social. A ESPE do Bié está localizada no centro tradicional de Cuito (Figura 10). A IES angola está situada no Bairro Piloto de Cuito e está rodeada por bancos e instituições políticas, encontrando-se a 1 quilômetro de distância da sede da Administração Municipal e a 1,3 quilômetros da sede do Governo Provincial do Bié. Isto posto, a Escola Superior Pedagógica está localizada no centro tradicional da cidade, tornando-se ela própria uma representação dessas estruturas tradicionais de poder urbano.

Já a Unesp possui dois *campi* na cidade de Marília (Figura 11), um situado mais próximo do centro urbano e desse modo, mais próximo das instituições de poder, e outro à margem, em um bairro isolado pela rodovia SP 333. Contudo, ainda que se encontre em um bairro à periferia, o campus da Unesp de Marília ocupa uma das novas *centralidades* da cidade, estando cercado por outras IESs privadas. Esse agrupamento das IESs e por conseguinte, dos serviços de

atendimento à comunidade prestados por elas, é responsável por tornar seu entorno em um *bairro universitário*, com desenvolvimento econômico voltado principalmente para a população estudantil que o frequenta. Para Bourdieu (1996b, p. 19, *grifo nosso*),

O espaço social é construído de tal modo que os agentes ou os grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os *dois princípios de diferenciação* [...] o capital econômico e o capital cultural. Segue-se que os agentes têm tanto mais em comum quanto mais próximos estejam nessas duas dimensões e tanto menos quanto mais distantes estejam nelas. *As distâncias espaciais no papel equivalem às distâncias sociais.*

Ao situar-se na centralidade urbana tradicional, cercada pelos espaços representantes do capital econômico (agências bancárias) e dos capitais político e social (sede dos governos municipais e provinciais), a Escola Superior Pedagógica do Bié aproxima-se dos valores simbólicos representados justamente por esses lugares de poder. No entanto, a Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília, ao ocupar espaços à periferia do centro urbano tradicional e ressignificar essa zona à margem como uma nova centralidade na cidade, distancia-se dos valores simbólicos relacionados aos lugares representantes dos capitais econômicos, políticos e sociais, para firmar-se ela própria como um espaço simbólico para a valorização do capital cultural para a formação dos sujeitos.

Figuras 12 e 13: Salas de Aula da ESPE do Bié



Fonte: Página oficial da ESPE do Bié em redes sociais. Disponível em:

https://web.facebook.com/EscolaSuperiorPedagogicadoBie?rdid=PJUnzvKSOO2YfYvH&share_url=https%3A%2F%2Fweb.facebook.com%2Fshare%2F18SNYjo4hX%2F%3F_rdc%3D1%26_rdr#

Acesso em 05 fev. 2025.

Figuras 14 e 15: Salas de aula da FFC da Unesp de Marília



Fonte: Acervo pessoal da autora

Segundo Frago (2000, p. 121) “é no âmbito da sala de aula, o núcleo por excelência da atividade instrutiva, onde a análise histórica mostra essa relação entre a disposição no espaço, das pessoas e objetos que nela estão, e o sistema ou método de ensino”. Dessa forma, a constituição arquitetônica das salas de aula está carregada de sentidos simbólicos referentes a disputas de poder diante de questões pedagógicas e metodológicas como também questões econômicas, relacionadas principalmente à atividade de ensino a um maior contingente de estudantes dada a ampliação do acesso à educação para a sociedade ao longo do século XX.

A respeito das salas de aula, tanto a ESPE do Bié (Figuras 12 e 13), quanto a Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp (Figuras 14 e 15) apresentam um projeto arquitetônico de forma tradicional. Salas retangulares, com janelas que proporcionam iluminação e ventilação natural, com carteiras individuais disponibilizadas em fileiras ao longo do espaço, com a mesa do professor diante das carteiras dos estudantes e um quadro para apontamentos na parede próxima à espacialidade docente, bem a frente à espacialidade ocupada pelos estudantes. Há também a disponibilização de aparelhos eletrônicos aos professores, tais como computadores, aparelhos de multimídia e lousas digitais. Essa arquitetura tradicional da sala de aula pode tornar-se responsável pela criação de uma fronteira simbólica entre a espacialidade ocupada pelos estudantes e a espacialidade ocupada pelo professor pois, ainda que não existam barreiras físicas limitantes nas salas de aula da ESPE e da Unesp – como púlpitos e tabladros, ou carteiras organizadas como arquibancadas, encontrados em outras IESs – o espaço do professor é delimitado pelo distanciamento do espaço dos estudantes, apresentando inclusive, uma *espacialidade vazia* entre a área ocupada pelo docente e a área ocupada pelos estudantes.

Essa constituição tradicional do espaço da sala de aula é anterior às ideologias neoliberais no âmbito da Educação, no entanto, foi reapropriada pelo neoliberalismo, uma vez que o ensino mútuo que acontece nesses espaços pode ser direcionado a um grande número de estudantes ao mesmo tempo, reduzindo os *custos* da educação para o Estado. Embora qualquer disposição espacial específica voltada para atividades de ensino e aprendizagem demande uma

organização e ordenação determinada, uma vez que aquilo que se quer transmitir, ensinar ou aprender tem de estar mais ou menos delimitado, demarcado, organizado e sequenciado (Frago, 2001, p. 138), é preciso entender que o processo educativo e de formação dos sujeitos é complexo e subjetivo. Dessa forma, é importante compreender que

O problema se coloca quando tais precisão e regularidade, normalização e racionalização [das espacialidades da sala de aula] realizam-se mediante dispositivos e engrenagens mecânicas ou organizações maquinais de seres vivos. Quando se esquece que se opera não com materiais inorgânicos, mas sim com seres humanos. Então, curiosamente a alta eficácia do mecanismo planejado revela-se altamente ineficaz. (Frago, 2001, p. 138, *grifo nosso*)

Assim, todo projeto arquitetônico tradicional de salas de aula, sejam elas da ESPE, da Unesp ou da escola básica brasileira e angolana, ainda que seja necessária uma infraestrutura minimamente adequada, pode ser adaptado pelo professor, que é o sujeito dotado de poder dentro dessa espacialidade específica para o ensino e para a aprendizagem, tornando-o flexível às necessidades de apropriação territorial dos sujeitos, a partir de novas configurações de espaços pessoais e comunitários, entrecruzando as possíveis fronteiras simbólicas criadas pela configuração clássica e modificando a *natureza do lugar*. Assim, ao transformar a espacialidade fria, mecânica e fronteira da sala de aula tradicional em uma espacialidade quente, viva e próxima, o educador torna-se ele próprio uma espécie de *arquiteto educacional* (Frago, 2001, p. 39).

Figuras 16 e 17: Espaço externo e jardins da ESPE do Bié



Fonte: Página oficial da ESPE do Bié. Disponível em: <https://espbie.ao/> Acesso em 05 fev. 2025.

A Escola Superior Pedagógica do Bié apresenta em seu espaço externo um jardim extremamente planejado (Figuras 16 e 17), com exemplares da flora podados em imagens geográficas. A topiaria realizada no jardim da IES angolana estaria carregada por uma temporalidade outra, remetendo ao passado colonizado, uma vez que essa técnica de jardinagem alude a jardins existentes em palácios europeus. Essa opção estética para a jardinagem pode transmitir uma mensagem de que aquele determinado *lugar* (a ESPE do Bié) é uma instituição

educacional clássica, relacionada à educação eurocêntrica. Sendo assim, o projeto arquitetônico da ESPE do Bié pode ser compreendido como uma representação de uma educação tradicional, alinhada aos capitais culturais ocidentais, marcas deixadas pela colonização portuguesa. Por sua vez, o espaço externo da Unesp de Marília (Figura 18) é repleto de árvores de espécies nativas do cerrado, bioma brasileiro característico da região centro-oeste do estado de São Paulo e território onde a cidade de Marília está localizada, transformando as salas de aulas construídas como integrantes de um ambiente natural típico do território nacional brasileiro.

Figura 18: Espaço externo e parte dos jardins da Unesp de Marília.



Fonte: Acervo pessoal da autora

A respeito de intervenções artísticas, tanto a Escola Superior Pedagógica do Bié, quanto a Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília apresentam imagens pintadas em paredes estratégicas nos prédios que compõem os *campi*. A ESPE do Bié traz homenagens a grandes pensadores brancos europeus – Pitágoras, Comenius e Albert Einstein – nas paredes finais dos corredores das salas de aula (Figuras 19, 20 e 21) enquanto a Unesp tem as paredes da Biblioteca grafitadas com imagens que representam algumas obras da literatura nacional brasileira, todas escritas por mulheres e em sua maioria, mulheres negras – O quarto do Despejo, de Carolina Maria de Jesus; O Quinze, de Raquel de Queiroz; Olhos D’água, de Conceição Evaristo e Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro (Figura 22).

Figuras 19, 20 e 21: Pinturas internas nas paredes dos corredores da ESPE do Bié



Fonte: Página oficial da ESPE do Bié em redes sociais. Disponível em:

https://web.facebook.com/EscolaSuperiorPedagogicadoBie?rdid=PJUnzvKSOO2YfYvH&share_url=https%3A%2F%2Fweb.facebook.com%2Fshare%2F18SNYjo4hX%2F%3F_rdc%3D1%26_rdr#

Acesso em 05 fev. 2025.

Figura 22: Grafites da Biblioteca da Unesp de Marília



Fonte: Acervo pessoal da autora

Para Hall (2006, p. 17), as sociedades atuais são, por definição, “sociedades de mudanças rápidas e permanentes”, caracterizadas pela *diferença*, ou seja, “são atravessadas por diferentes visões e antagonismos e visões sociais que produzem uma variedade de diferentes *posições de sujeitos* – isto é, identidades”. Assim, segundo o autor jamaicano, essas mudanças sociais repentinas são responsáveis por uma certa *pluralidade de identidades*, em que os sujeitos individualmente podem posicionar-se de acordo com cada circunstância, inclusive apresentando *identificações contraditórias* diante de si e de sua própria história. Em se tratando das identidades nacionais ou coletivas, Hall (2006, p. 49) considera que suas formações e suas transformações ocorrem no interior da representação, ou seja, “a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um *sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica”. Desse modo, há elementos responsáveis para a construção do sentimento de pertencimento dos sujeitos a essas *comunidades simbólicas e imaginadas*:

Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (Hall, 2006, p. 50-51)

No entanto, Hall (2006) aponta para uma certa fragmentação dessas *identidades coletivas* na atualidade, na medida em que nas suas origens contemporâneas, as nações foram constituídas a partir de sobreposições culturais, sejam elas impostas por diferentes grupos étnicos, por diferentes classes sociais, pelo imperialismo ou pelo neocolonialismo, sempre de forma violentamente simbólica – ou não. Já Ortiz (2013), define a identidade nacional como

uma construção simbólica em relação a um outro referente. No entanto, há uma multiplicidade de referentes, desde étnicos, regionais, de gênero, linguísticos, etc.. Isto posto para o autor, toda identidade nacional é uma representação e dessa forma, é também o resultado das disputas de poder que direcionam sua construção por meio da compreensão sobre o *outro* referenciado.

Toda identidade é uma representação e não um dado concreto que pode ser elucidado ou descoberto, não existe identidade autêntica ou inautêntica, verdadeira ou falsa, mas representações do que seria um país e seus habitantes. Não há portanto o brasileiro, o francês, o americano, o japonês. Importa entender como as representações simbólicas dessas nacionalidades são construídas ao longo da história, qual o papel que desempenham nas disputas políticas ou nas formas de distinção sobre o que seria o Outro. (ORTIZ, 2013. p. 621-622)

Por meio desses elementos constituintes dos projetos arquitetônicos da Escola Superior Pedagógica do Bié e da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp de Marília, sejam as intervenções artísticas, seja o paisagismo dos espaços externos, é possível perceber as representações identitárias que cada uma dessas espacialidades tem procurado construir ao longo de suas histórias. Enquanto a ESPE tem procurado firmar-se como uma Instituição de Ensino Superior tradicional, oferecendo uma educação representada por padrões eurocêntricos e coloniais, marcas da recente violência sofrida em sua constituição nacional e imposta pela colonização portuguesa, a FFC da Unesp de Marília tem buscado construir-se como um *lugar* de formação autônomo, com raízes nacionalmente brasileiras. Dessa forma, essas representações identitárias sugeridas pelos espaços encontrados nas IES angolana e brasileira podem refletir as diferentes temporalidades em que a ESPE e a FFC da Unesp se encontram enquanto espaço de formação pois, ao mesmo tempo que a IES brasileira existe há 65 anos, tempo necessário para a consolidação de sua representação como uma espacialidade de excelência em Educação Superior, a ESPE do Bié encontra-se no início do trajeto da construção de sua representação ante uma instituição de excelência em Educação Superior, uma vez que a IES angolana tem apenas 15 anos de existência. E dessa forma, a ESPE do Bié busca afirmar-se por meio da construção de sua identidade visual relacionada com o capital cultural europeu, visto que os valores culturais coloniais ainda são representações reconhecidas na atualidade, ao passo que a FFC da Unesp tem procurado construir uma certa *autonomia identitária* em razão de um processo decolonial visivelmente incorporado em sua arquitetura.

A produção do pensamento, em nosso efetivo contexto cultural, ocorre gerada, conduzida e formatada, reproduzindo modelo para cá transplantado

particularmente da Europa, da metrópole cultural colonizadora. Esse modelo importado, articulado ao processo geral da colonização, tornou-se hegemônico, sufocando eventuais formas alternativas de pensamento. (SEVERINO, 2020, p. 21)

Assim, a espacialidade em torno da ESPE do Bié, desde sua localização no centro tradicional da cidade, ao seu projeto arquitetônico de fundamentos clássicos, reflete a busca por uma identidade ligada ao capital cultural da metrópole colonizadora, bem como aos capitais econômicos e políticos que ocupam simbolicamente esses espaços urbanos centralizados, a fim de firmar-se como uma Instituição de Ensino Superior reconhecida pela cultura hegemônica ocidental. Desse modo, é possível compreender que a natureza educativa da Escola angolana também se apropriaria desse *modo de fazer* eurocêntrico, relacionado ao colonizador. Por sua vez, ao procurar construir uma *identidade autônoma*, nacional e alternativa à cultura hegemônica por meio do seu projeto arquitetônico, a FFC da Unesp de Marília também modificaria sua *natureza educativa*, por meio da ressignificação simbólica da materialidade espacial compreendida também, como *uma forma silenciosa de ensino*.

A dimensão espacial da atividade educativa não é um aspecto tangencial ou anedótico da mesma [...] Não é que a condicione e que seja condicionada por ela, mas sim que é parte integrante da mesma; é educação. O espaço escolar não é, pois, um "contenedor", nem um "cenário", mas sim "uma espécie de discurso que institui em sua materialidade um sistema de valores, [...] cobre diferentes símbolos estáticos, culturais e, ainda, ideológicos". É, em suma, como a cultura escolar, da qual forma parte, "uma forma silenciosa de ensino". Qualquer mudança em sua disposição, como lugar ou território, modifica sua natureza cultural e educativa (Frago, 1992, p. 69).

4. A CIRCULAÇÃO DOS SABERES DOCENTES - *Aprender o que eu sei e o que eu não sei mais*

*Você precisa aprender inglês
Precisa aprender o que eu sei
E o que eu não sei mais
E o que eu não sei mais*

Baby, interprete Gal Costa

A tentativa de compreensão do processo de circulação de saberes sobre a formação de professores implica no entendimento de que essas apropriações poderiam conceber uma trama de outros pensamentos e de outros conhecimentos. Para Silva (2018, p. 194), “se fosse possível comparar as citações a *viagens* feitas pelas referências em diferentes lugares, poder-se-ia afirmar que os saberes estiveram permanentemente susceptíveis a traçarem novos caminhos”.

Segundo Chartier (2002, p. 53),

Definido como uma "outra produção", o consumo cultural, por exemplo, a leitura de um texto, pode assim escapar à passividade que tradicionalmente lhe é atribuída. Ler, olhar ou escutar são, de fato, atitudes intelectuais que, longe de submeter o consumidor à onipotência da mensagem ideológica e/ou estética que supostamente o modela, autorizam na verdade reapropriação, desvio, desconfiança ou resistência.

Assim, a partir do processo de circulação dos saberes entre Brasil e Angola para a formação de professores é possível perceber que os conhecimentos apropriados podem tomar rumos distintos graças a atividade produtiva dos sujeitos inseridos em outras espacialidades e em outras temporalidades. Dessa forma, o conhecimento apropriado extrapolaria a fronteira do que é nacional para tornar-se um outro saber, diverso e transnacional. No entanto, para investigar o processo de apropriação de conhecimentos sobre a formação de professores, é preciso compreender quais seriam esses conhecimentos específicos. Segundo Tardif (2014, p. 230),

[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta.

Dessa maneira, o professor é um sujeito ativo, produtor da sua própria atividade prática, sendo essa prática estruturada e orientada pelos seus saberes ao mesmo tempo em que seus

saberes são reorientados e reestruturados pela sua prática, em um diálogo constante. Isto posto, “pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (Tardif, 2014, p. 36). Por conseguinte, os saberes docentes podem originar-se de conhecimentos teóricos e epistemológicos, forjados por meio de sua formação inicial e/ou institucional, e de conhecimentos empíricos, sejam eles pela sua prática cotidiana profissional ou pelas suas vivências singulares, suas histórias e experiências de vida. Partindo desse pressuposto, minha intenção com essa investigação é procurar entender a apropriação dos saberes epistemológicos fundamentais para a profissionalização dos professores angolanos, encontrados em seu processo de formação inicial institucionalizada.

No capítulo que segue, buscarei compreender esse processo de apropriação de conhecimentos traçando um estudo comparado pautado nas referências bibliográficas encontradas nos Planos de Ensino das disciplinas que compõem o Plano Curricular do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié bem como as referências bibliográficas encontradas nos Planos de Ensino das disciplinas oferecidas atualmente no Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília. Ao todo foram 1.930 referências bibliográficas elencadas, das quais 540 foram encontradas nos documentos angolanos (Anexo A) e 1.390 compunham os documentos brasileiros. As 540 referências bibliográficas encontradas nos documentos angolanos estavam presentes em 49 Planos de Ensino de disciplinas diversas que estruturam o quadro da Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié e as 1.390 referências bibliográficas encontradas nos documentos brasileiros estavam divididas em 71 Planos de Ensino das disciplinas atuais do Programa de Pós Graduação em Educação da Unesp de Marília.

Durante a construção dos quadros a partir das referências (Anexos L e M) não pude deixar de notar que as principais obras que fundamentavam o repertório sobre saberes docentes no curso de formação de professores em Angola são brasileiras, sejam pela autoria ou pela edição. Assim, em um primeiro momento – e a título de uma enorme curiosidade confessa, que beirava às artes da bisbilhotagem – decidi por procurar pelas obras em comum que compusessem ambos os documentos, o angolano e o brasileiro, acreditando que encontraria muitos dados e que dessa forma, poderia *materializar* essa *viagem* dos saberes para a formação professoral. Ledo engano. Apenas uma única obra compartilhada sustentava minha tese sobre a apropriação de conhecimentos. *Os professores como intelectuais* de Henry Giroux era a única referência comum nos Planos de Ensino da Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié e nos Planos de Ensino do Programa de Pós Educação em Educação da Unesp de Marília.

Ainda assim era perceptível que saberes encontrados no PPGE da Unesp de Marília haviam cruzado o oceano Atlântico e encontravam-se ancorados na ESPE do Bié em Angola. No entanto esses saberes apresentavam-se de forma indireta, entrelaçados a elementos históricos e culturais alusivos às diversas temporalidades e espacialidades da universidade angolana.

Decidi então pela identificação de conceitos que sustentam conhecimentos específicos para a formação de professores como uma nova maneira de procurar compreender o processo de apropriação dos saberes. Isto posto, optei por reorganizar as referências delimitando-as por meio de quadros temáticos segundo saberes inerentes à profissionalização da docência, imprescindíveis para o início do processo de construção de sua identidade. Desse modo, elaborei novos quadros das referências bibliográficas encontradas, a partir dos conhecimentos sobre *Avaliação*, *Discursos Curriculares*, *Discursos Político Educacionais*, *Conhecimentos Didáticos e Discursos Metodológicos de ensino* e por fim, *Identidade Docente e Formação de Professores*. Também elaborei o quadro com os autores mais citados em cada programa, uma vez que as autoras e os autores brasileiros do campo educacional eram predominantes nos documentos angolanos. Todos esses novos quadros foram organizados segundo a obra referenciada, a nacionalidade de sua edição e conforme a quantidade de vezes que cada obra foi mencionada nos documentos. Essa relação quantitativa deve-se ao fato de que uma mesma obra foi mencionada em mais de um Plano de Ensino de disciplinas distintas em ambos os programas de formação. O texto que segue é uma explanação sobre esses quadros a partir desses temas propostos.

4.1 A Avaliação como um saber docente

Ao considerar os saberes teóricos e epistemológicos apropriados na formação inicial dos professores, um primeiro conceito fundamental para a prática docente que procurei investigar foi relacionado ao entendimento da *Avaliação das aprendizagens*. Isto posto, iniciei uma busca pelos Quadros de Referências Totais, tanto do Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília (Anexo M), quanto da Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa da ESPE – Bié (Anexo L), por meio de palavras-chave, utilizando-me da própria ferramenta de busca do *software* (Microsoft Word) em que os quadros haviam sido elaborados. Assim, as palavras *Avaliação* e suas derivações, tais como *Avaliar*, *Processo Avaliativo* e *Avaliação das Aprendizagens* foram aplicadas na busca por obras que pudessem fundamentar esse conceito em ambos os cursos. A partir dessa primeira busca, realizei um processo de triagem em que apenas obras epistemológicas e teórico reflexivas do processo de avaliação foram consideradas,

uma vez que as obras relacionadas aos processos de avaliação de conhecimentos específicos, tais como alfabetização, leitura e escrita, língua estrangeira, avaliação de políticas educacionais, de competências sociais e afetivas, encontravam-se estritamente direcionadas a disciplinas particulares tanto do PPGE – como as disciplinas *Alfabetização escolar no Brasil: década de 1980 aos dias atuais* e *Competência moral – o que é e como ensiná-la (?)* – como na Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa – *Língua Portuguesa I e II* e *Língua Estrangeira I e II*. Dessa forma pude elaborar o seguinte quadro, relacionado aos conceitos de *Avaliação* que estruturam a formação do professor na ESPE do Bié:

Figura 23: Quadro Referências sobre Avaliação da ESPE do Bié

OBRA	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
ALBRECHT, R. A avaliação formativa . Porto: Ed. ASA, 1994.	Portuguesa	1
DEMO, P. Avaliação qualitativa . São Paulo: Autores Associados, 1996.	Brasileira	2
ESTEBAN, M. T.; AFONSO, A. J. (Orgs.). Olhares e interfaces: reflexões críticas sobre a avaliação . São Paulo: Cortez, 2010.	Brasileira	4
HADJI, C. Avaliação desmitificada . Porto Alegre: Artmed, 2005.	Brasileira	2
HOFFMANN, J. Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista . 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.	Brasileira	2
HOFFMANN, J. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade . Porto Alegre: Mediação, 1998.	Brasileira	3
HOFFMANN, J. O jogo do contrário em avaliação . 5. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Mediação, 2009.	Brasileira	2
HOFFMANN, J. Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação . Porto Alegre: Mediação, 2000.	Brasileira	2
LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar . 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.	Brasileira	4
PERRENOUD, P. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas . Porto Alegre: Artmed, 1999.	Brasileira	3
VASCONCELLOS, C. S. Avaliação da aprendizagem: práticas e mudança por uma práxis transformadora . 9ª ed. São Paulo: Libertad, 2008. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 6).	Brasileira	1
VASCONCELLOS, C. S. Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar . 11ª ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 3).	Brasileira	1
TOTAL: 12 obras		

Fonte: Elaboração própria.

O Plano Curricular da Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE – Bié apresenta um total de 27 menções a 12 obras que abordam o tema da avaliação. Dessas 12 obras, apenas *A avaliação formativa* (1994) é uma edição portuguesa, sendo as demais edições, mesmo as obras de autores europeus, brasileiras. As obras de Hoffmann (1998; 2000; 2005; 2009) são citadas nove vezes, seguidas por Luckesi (2010), Esteban e Afonso (2010), citados quatro vezes cada, por Perrenoud (1999), citado três vezes, Demo (1996), Hadji (2005) e Vasconcellos (2000; 2008) citados duas vezes e Albrecht (1994), citado uma vez. Isto posto, o conceito de avaliação estruturante para a formação do professor na Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do

Bié pode ser entendido como uma mescla das referências mais citadas na área da avaliação das aprendizagens.

Hoffmann (1998; 2000; 2005; 2009) compreende a avaliação como um processo contínuo e reflexivo, intrínseco à relação do ensino e da aprendizagem e portanto, um processo de formação. Para a autora, a avaliação cumpre com um papel de *mediação das aprendizagens*, acompanhando o desenvolvimento dos estudantes e podendo indicar possíveis intervenções para o andamento desse processo. Segundo Hoffmann (1998, p. 108),

A perspectiva da avaliação mediadora pretende, essencialmente, opor-se ao modelo classificatório “transmitir – verificar – atribuir conceitos” e evoluir no sentido de uma ação desafiadora que vise a contribuir e favorecer a troca de ideias entre educador e educandos, num movimento incessante de superação do saber e de compreensão dos fenômenos estudados.

Já Luckesi (2010; 2011) compreende a avaliação como um instrumento do processo de ensino e da aprendizagem, uma vez que a avaliação é caracterizada como um *juízo de valor* sobre representações da realidade a fim de direcionar tomadas de decisões em torno da transformação ou da aceitação dessa mesma realidade representada.

Avaliação pode ser caracterizada como uma forma de juízo da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. A avaliação é um juízo de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão. (Luckesi, 2011, p. 33)

Sendo assim, o processo avaliativo poderia exercer uma função *diagnóstica*, dado que o ato de avaliar deveria dedicar-se a esclarecer os impasses de aprendizagem e buscar soluções (LUCKESI, 2011, p. 64). Dessa forma, a avaliação seria uma ação carregada de intenções de ensino. Para Esteban (2001), a avaliação é um processo complexo, que ultrapassa a mensuração dos resultados. Segundo a autora, “a questão fundamental subjacente ao debate sobre avaliação parece ser quem irá adquirir o conhecimento socialmente produzido e valorizado e o que significa possuí-lo” (Esteban, 2001, p. 104). Dessa maneira, o processo avaliativo poderia ser entendido como uma ferramenta para a prática reflexiva da ação docente, uma vez que evocaria a epistemologia da própria ação avaliativa e, por conseguinte, da prática dos professores. Esteban (2002) também propõe que o erro na avaliação seja ressignificado, pois o erro seria um marcador do modo de como o processo de aprendizagem se desenvolveria.

Para Perrenoud (1999, p. 09) “avaliar é criar hierarquias de excelência, em função das quais se decidirão a progressão no curso seguido [...] avaliar é também privilegiar um modo de

estar em aula e no mundo”. Isto posto, a avaliação oscilaria entre a lógica da *seleção* e a lógica da regulação das *aprendizagens*. Enquanto *seleção*, a avaliação classificaria e certificaria os alunos, criando categorias hierarquizantes e contribuindo para a exclusão social. Já como *reguladora das aprendizagens*, a avaliação apresentar-se-ia de forma contínua e teria um papel formativo, voltada para o desenvolvimento do processo de aprendizagens, assumindo uma posição inclusiva.

Com relação ao quadro com os conceitos de *Avaliação* que fundamentam o Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília (Figura 24), há atualmente, 04 obras sobre o tema. As obras *Escola e avaliação em larga escala: (contra) proposições*, de Abdian (2010), *Para uma avaliação de larga escala multidimensional* de Dalben e Almeida (2015) e *Avaliação externa no Plano Nacional de Educação (2014-2024) e nos discursos docentes* de Rodrigues (2019) propõem reflexões diante da proposta de *avaliação externa*, em larga escala, entendida como um procedimento amplo, que envolve diferentes modalidades de avaliação realizadas por agências reconhecidas e abrange o sistema de ensino como um todo, considerando os resultados das aprendizagens, não os processos de aprendizagem, os recursos disponíveis e as condições de trabalho dos professores (Werle, 2010).

Figura 24: Quadro Referências sobre Avaliação da Unesp de Marília

OBRAS	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
ABDIAN, G. Z. <i>Escola e avaliação em larga escala: (contra) proposições</i> In: WERLE, F. O. C. Avaliação em larga escala: foco na escola . 1 ed. Brasília : Líber Livro, 2010, v.1, p. 50-68.	Brasileira	1
AFONSO, A. J. Avaliação educacional : regulação e emancipação – para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas. São Paulo: Cortez, 2000.	Brasileira	1
DALBEN, A.; ALMEIDA, L. C. Para uma avaliação de larga escala multidimensional. Estudos em Avaliação Educacional , São Paulo, v. 26, n. 61, p. 12-28, jan./abr. 2015.	Brasileira	1
RODRIGUES, B. G. de S. P. <i>Avaliação externa no Plano Nacional de Educação (2014-2024) e nos discursos docentes</i> . 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2019.	Brasileira	1
Total: 04 obras		

Fonte: Elaboração própria.

A avaliação em larga escala é uma avaliação externa às instituições escolares, com o principal objetivo de coletar informações sobre os sistemas educacionais de cada localidade, com o intento de *mensurar* as aprendizagens por meio da padronização do processo avaliativo. As obras de Dalben e Almeida (2015) e de Rodrigues (2019) propõem novas abordagens diante do processo de avaliação em larga escala, em que pese a integração entre a avaliação externa e os processos avaliativos – sejam eles a avaliação das aprendizagens dos estudantes ou a

autoavaliação institucional – bem como uma perspectiva *multidimensional* do processo avaliativo em larga escala, considerando fatores socioeconômicos, socioemocionais, valores éticos e morais, além das habilidades cognitivas dos estudantes. Já Abdian (2010) compreende que, embora as avaliações em larga escala possam fornecer dados importantes sobre o desempenho educacional, elas também podem redirecionar o foco das práticas escolares para atender a critérios neoliberais e dessa forma, impactar a qualidade da educação. Também destaca que a busca pelos resultados nas avaliações externas podem provocar um *afunilamento curricular*, já que conteúdos não avaliados poderiam ser negligenciados nas escolas.

Embora as avaliações em larga escala geralmente sigam uma agenda internacional, conforme parâmetros determinados por organizações como o Banco Mundial e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), sua realização em cada país é desenvolvida de acordo com o programa específico de cada nação. Assim, as reflexões sobre as avaliações externas propostas pelas obras encontradas no PPGE da Unesp de Marília resultam dos estudos pautados na experiência brasileira, que desde o final da década de 1980 realiza esse tipo de avaliação. Com relação ao contexto angolano, o órgão estatal responsável pela organização, pelo desenvolvimento e pela aplicação dos *exames nacionais* do sistema educacional, o Instituto Nacional de Avaliação e de Desenvolvimento da Educação (INADE), foi criado pelo decreto presidencial n.º 91/21 de 16 de Abril de 2021 e dessa forma, apesar de Angola também apresentar suas primeiras experiências com as avaliações em larga escala no final do século XX, o país africano tem desenvolvido sua *cultura* de exames nacionais desde muito recentemente. Assim, o curso de Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié ainda não disponibiliza obras que proponham a construção crítica do pensamento diante da avaliação em larga escala por apresentar uma *cultura* de avaliação externa também em construção.

No entanto, o autor português Almerindo Janela Afonso está presente nos Planos de Ensino dos dois cursos de formação de professores. Afonso (2000; 2010) propõe os estudos do processo avaliativo a partir de uma perspectiva *sociológica da avaliação*.

[...] tratar a avaliação educacional também como um objecto de análise de uma sociologia da avaliação, desde que esta designação queira tão somente significar uma forma de visibilizar a avaliação no interior da disciplina de sociologia da educação (já constituída) e não a tentativa de criar novas divisões ou fragmentações disciplinares que hoje fariam pouco sentido. (Afonso, 2000, p, 10)

Dessa forma, a avaliação poderia ser entendida como uma prática política e social, que tem sido utilizada como um mecanismo de regulação e controle nos sistemas de ensino, alinhando-se aos interesses neoliberais na busca por resultados quantitativos e pela responsabilização dos atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a avaliação poderia ser uma ferramenta tanto de reforço das desigualdades quanto de promoção da democratização da educação. Para tal finalidade, o autor defende a avaliação sob o prisma da *emancipação*, como uma ferramenta formativa, incluída no processo educativo e que promova o diálogo e a participação dos sujeitos envolvidos, como um instrumento da aprendizagem e da transformação social, garantindo os direitos educacionais da sociedade. Embora o PPGE e a Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa apresentem textos distintos do autor em seus programas – *Avaliação educacional: regulação e emancipação - para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas* (2000) e *Olhares e interfaces: reflexões críticas sobre a avaliação* (2010), livro em que o autor português é um dos organizadores, juntamente com a brasileira Maria Teresa Esteban – suas representações sobre a avaliação perpassam por toda sua obra. Dessa forma, o entendimento da avaliação por meio de uma abordagem sociológica pode também ser entendido como um saber transnacional, entre Brasil, Angola e Portugal.

Já em relação à *Avaliação das aprendizagens*, a Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié apresenta reflexões ancoradas em conceitos brasileiros sobre o tema. Para a Licenciatura, a avaliação pode ser compreendida de forma complexa, inserida no processo de ensino e de aprendizagem, capaz de oferecer informações sobre o desenvolvimento das aprendizagens e de provocar reflexões nos educadores sobre suas próprias práticas. Contudo, ainda que essa compreensão da *avaliação das aprendizagens* seja uma apropriação de saberes brasileiros, esses conceitos não estão presentes diretamente nos documentos do PPGE da Unesp de Marília, uma vez que, por ser um programa de pós-graduação em Educação, há o entendimento implícito de que os professores em formação pelo PPGE já apresentam os conceitos sobre a *Avaliação das aprendizagens* apropriados no momento de sua formação inicial nas mais diversas Licenciaturas.

4.2 Os Discursos Curriculares como saberes docentes

Para refletir sobre os saberes apropriados relacionados ao *Currículo escolar* foi necessário, primeiramente, compreender o que é o currículo e quais seriam suas principais teorias. Isto posto, para Silva (1999, p. 15), o currículo é sempre o resultado de uma seleção:

de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes, seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente o currículo. Desse modo, as *teorias curriculares* envolvem também a compreensão dos motivos pelos quais determinados conhecimentos e saberes foram selecionados ou não, na composição do currículo escolar. As *teorias curriculares*, dessa forma, são representações discursivas sobre o currículo escolar e assim, implicam também na produção e transformação da própria noção de currículo, por meio das relações de poder ao longo da história. Segundo Silva (1999, p. 14),

As definições não são utilizadas para capturar, finalmente, o verdadeiro significado de currículo, para decidir qual delas se aproxima daquilo que o currículo essencialmente é, mas em vez disso para mostrar aquilo que o currículo é depende precisamente da forma como ele é definido pelos diferentes autores e teorias. Uma definição não nos revela o que é, essencialmente, o currículo: uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa o que o currículo é.

Tendo em vista essa perspectiva, as teorias sobre o currículo entendidas enquanto discursos sobre o currículo também seriam capazes de construir *identidades* pessoais e coletivas, na medida em que ao pressupor determinado conhecimento considerado importante, também pressupõe o tipo de pessoa considerada ideal, uma vez que o currículo é responsável por *forjar* os seres humanos para as sociedades ao longo da história. Sendo assim, de acordo com Silva (1999, p. 15),

Nas discussões cotidianas, quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecemo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade. Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade.

Considerando o aspecto discursivo das *teorias curriculares*, procurei desenvolver o quadro relacionado aos saberes sobre o *Currículo*, apropriados na formação institucionalizada de professores, primeiramente pelas obras que compunham o repertório das referências bibliográficas das disciplinas específicas sobre os estudos curriculares dos dois programas de formação de professores. Assim, as referências das disciplinas *Currículo*, *Cultura e Poder* e *Educação e Novas Tecnologias: implicações ao currículo da Educação Básica e Superior* do PPGE da Unesp, e as referências da disciplina *Teoria e desenvolvimento curricular* da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa foram as primeiras obras elencadas na composição dos Quadros sobre Discursos Curriculares (Anexos B e C). Como critério de

triagem, optei por excluir tanto as obras sobre análises de legislações específicas, tais como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), quanto as referências diretas das próprias leis citadas. Em sequência, segui a métrica da procura por palavras-chave na ferramenta de busca do programa em que os Quadros Totais (Anexos L e M) haviam sido elaborados. As palavras *Currículo*, *Curriculum* e *Curricular(es)* conduziram as buscas pelas obras elencadas nos documentos do PPGE e da Licenciatura. Dessa forma, qualquer menção a obras sobre os estudos curriculares que porventura estruturasse uma disciplina diversa foi incluída nos Quadros sobre os discursos curriculares.

O Quadro sobre os Discursos Curriculares do Programa de Pós-graduação da Unesp de Marília (Anexo C) apresenta um total de 34 obras de 15 autores diversos. O autor mais citado é Popkewitz (1987; 1995; 1997; 1998; 1998a; 2000), mencionado seis vezes, seguido por Goodson (1987; 1991; 1995; 1997), mencionado quatro vezes, por Apple (1982; 1989; 1997), Forquin (1992; 1993) – sendo a obra *Saberes Escolares, Imperativos Didáticos e Dinâmicas Sociais* de 1992 mencionada duas vezes –, Silva (1995; 1995a; 1997) e Souza (1993; 2000; 2005), mencionados três vezes cada autor. Em sequência aparece Gimeno Sacristán (1987; 1998), Kliebard (1992; 1995) e Meyer (1992; 2000), citados duas vezes cada. Por fim, os autores Grundy (1991), Kemmis (1986), Sampaio (1998), Schwab (1988), Stenhouse (1991) e Young (1971).

Já o Quadro sobre os Discursos Curriculares da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié (Anexo B) apresenta um total de 13 obras diferentes. Silva (1990) é mencionada três vezes, seguida pelas demais obras (Addine, 1997; Castillo, 2000; Fernandez, 2000; Formosino, 1991; Gamboa, 1993; Gimeno Sacristán, 1992; Leite, 1998; Machado *et al*, 1991; Pacheco, 1996; Ribeiro, 1996; Silva e Moreira, 2005 e Zalbaza, 1992), todas mencionadas apenas uma vez.

Tanto o Quadro sobre conhecimentos curriculares do PPGE (Anexo C), quanto o Quadro sobre conhecimentos curriculares da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa (Anexo B) apresentam autores estruturantes das *Teorias Críticas* e das *Teorias Pós-Críticas* do Currículo. Sob forte influência marxista, as *Teorias Críticas* do Currículo surgem a partir da década de 1960, em meio ao “movimento de reconceptualização” estadunidense, à “nova sociologia da educação” inglesa, e às influências dos franceses Louis Althusser, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, bem como do brasileiro Paulo Freire. As *Teorias Críticas* podem ser estabelecidas em oposição às *Teorias Tradicionais* do Currículo, uma vez que a compreensão tradicional concentrava-se exclusivamente nas formas de organização e de elaboração do

Currículo, fato responsável por validar, manter, ou no máximo, adaptar o paradigma dominante. No entanto, as *Teorias Críticas* do Currículo começam a questionar os fundamentos curriculares levando em conta aspectos políticos e ideológicos, responsabilizando o *status quo* pelas desigualdades sociais.

As teorias críticas do currículo começam por colocar em questão precisamente os pressupostos dos presentes arranjos sociais e educacionais. As teorias críticas desconfiam do *status quo*, responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais. (Silva, 1999. P. 30)

Assim, para Silva (1999, p. 30), as *Teorias Críticas* do Currículo buscam compreender as consequências do currículo escolar para a sociedade, sem enfatizar demasiado as técnicas e os modos de fazer curriculares, característica principal das *Teorias Tradicionais*. É a partir das *Teorias Críticas* que passamos a compreender o Currículo como uma construção social e histórica, fruto de disputas pelo poder. Dentre os autores mais citados que compõem os Quadros sobre conhecimentos curriculares de ambos os programas, Popkewitz (1987; 1995; 1997; 1998; 1998a; 2000), Apple (1982; 1989; 1997), Forquin (1992; 1993) e Gimeno Sacristán (1987; 1992; 1998) podem ser relacionados às *Teorias Críticas* do Currículo.

Já as *Teorias Pós Críticas* surgem sob a forte influência do pós-estruturalismo, estabelecendo relações com a perspectiva discursiva segundo Michel Foucault. Para Silva (2000, p. 106) as *Teorias Pós Críticas* são definidas como um

[...] conjunto das perspectivas teóricas e analíticas que, embora retendo o impulso crítico da “teoria educacional crítica”, coloca em questão, a partir sobretudo da influência do pós-estruturalismo e do pós-modernismo alguns de seus pressupostos. A teoria pós-crítica questiona, por exemplo, um dos conceitos centrais da teoria crítica, o de ideologia, por seu comprometimento com noções realistas de verdade. Da mesma forma, seguindo Michel Foucault, a teoria pós-crítica distancia-se do conceito polarizado de poder, da teoria crítica. Ela coloca em dúvida, ainda, as noções de emancipação e libertação, tão caras à teoria crítica, por seus pressupostos essencialistas.

Isto posto, as *Teorias Pós Críticas* ainda questionam o Currículo conforme suas relações de poder, tal qual as *Teorias Críticas*, no entanto, essas relações de poder encontram-se espalhadas nos mais diversos discursos presentes na sociedade. Assim, as *Teorias Pós Críticas* se diferenciam das *Teorias Críticas* não por oposição, mas pela ampliação da compreensão das relações de poder em que o Currículo está inserido. Isto posto, o próprio conhecimento torna-se parte inerente a esse poder.

As teorias pós críticas desconfiam de qualquer postulação que tenha como pressuposto uma situação finalmente livre de poder. Para as teorias pós críticas, o poder transforma-se, mas não desaparece. Nas teorias pós críticas, o conhecimento não é exterior ao poder, o conhecimento não se opõe ao poder. O conhecimento não é aquilo que põe em xeque o poder: o conhecimento é parte inerente do poder. Em contraste as teorias críticas, as teorias pós críticas não limitam a análise do poder ao campo das relações econômicas do capitalismo. Com as teorias pós críticas, o mapa do poder é ampliado para incluir os processos de dominação centrados na raça, no gênero e na sexualidade. (Silva, 1999, p. 149)

Dessa forma, as *Teorias Pós Críticas* introduzem a pluralidade cultural como um vies dos estudos do Currículo, dando ênfase aos aspectos discursivos por meio do uso da linguagem que o representa simbolicamente e assim o transforma e o constrói. Dos autores mais citados presentes nos Quadros sobre conhecimentos curriculares (Anexos B e C) que encontram-se em diálogo com as *Teorias Pós Críticas* do Currículo, é possível relacionar Tomaz Tadeu da Silva (1995; 1995a; 1997) e sua produção em conjunto com Antônio Flávio Barbosa Moreira (2005), em razão de suas investigações sobre as relações entre o currículo e a construção de identidades. Gostaria de ressaltar, contudo, que essas relações entre determinados autores e determinadas correntes teóricas críticas ou pós críticas é flexível, pois parte dos teóricos do currículo pode estar alinhada com as duas correntes, tornando essa classificação um tanto fluida.

Já sob uma perspectiva de análise direcionada à apropriação dos saberes transnacionais, pude perceber uma grande influência de teóricos portugueses e brasileiros, nos documentos da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié. No entanto, para tentar elucidar essa relação transnacional de apropriações de saberes epistemológicos sobre o currículo, compreendi que também era necessário buscar entender como o currículo vem sendo construído no contexto angolano.

A história da sociedade angolana é marcada pela colonização portuguesa e pela guerra civil. Durante os três primeiros séculos de colonização portuguesa, a partir de 1482, a educação *institucionalizada* em território angolano estava sob a responsabilidade dos padres jesuítas portugueses, com o evidente objetivo de catequizar os povos nativos africanos. Esse processo de catequização em Língua Portuguesa alcançou apenas uma parcela pequena da população, enquanto a maioria dos povos nativos praticava uma *educação natural* (Vieira, 2004) por meio da transmissão cultural através da tradição oral de cada etnia encontrada na região.

A partir dos movimentos abolucionistas no ocidente no século XVIII e com a queda de muitos regimes escravocratas, a relação exploratória de Portugal em território africano, que a princípio estava fundamentada pelo comércio de pessoas escravizadas, voltou-se principalmente para a exploração das riquezas naturais presentes no continente. Isto posto, era

necessário desenvolver a região para atrair a imigração de famílias portuguesas. Assim, somente em 1845 foi instituído em território angolano, uma estrutura oficial de ensino decretada pela rainha D. Maria II. Essa primeira estrutura oficial de ensino era dividida entre *ensino elementar* e *ensino primário superior* ou *escolas principais* (Vieira, 2004), e essa configuração da educação angolana permaneceu até a década de 1950. Essas escolas eram destinadas quase exclusivamente aos filhos dos colonos portugueses, sendo o acesso da população nativa angolana extremamente dificultado, seja por meio de cobranças financeiras mensais absurdas, seja pelo oferecimento de pouquíssimas vagas nessas instituições de ensino. Essas escolas também localizavam-se nos grandes centros urbanos, deixando o interior do país, onde habitava a maioria dos povos tradicionais, sem acesso à educação formal. A educação no interior de Angola, nesse período histórico, ficava sob a responsabilidade das missões de igrejas católicas e protestantes e, independente da instituição de ensino, ligada ao estado português ou às igrejas, o processo de ensino da população era todo em Língua Portuguesa.

Com o início da luta armada em 1961 que marcava a insatisfação do povo angolano diante da colonização portuguesa, o estado propôs diversos projetos sociais para buscar a *pacificação* e assim manter suas relações de dominação em território africano. *Levar a escola à sanzala* foi um plano do governo para descentralizar a educação institucional, levando *postos escolares* para as zonas rurais do interior do país (Soares, 2002). Esses postos escolares ofereciam ensino em nível Infantil e Primário, e pessoas a partir de 14 anos, com o mínimo de instrução, eram habilitadas para lecionarem nesses locais, uma vez que o currículo dessas instituições era voltado para o ensino da Língua Portuguesa, da história de Portugal, de conhecimentos básicos de aritmética, de educação moral e religiosa, além do trabalho manual, sendo todas as aulas ministradas em Língua Portuguesa (Campos, 2024).

Ressalto aqui que a criação desses postos escolares foi uma tentativa de manutenção das relações de dominação portuguesa travestida de política pública educacional para a periferia, já que, além de uma formação inferior do professor atuante nesses locais, uma vez que o professor das escolas dos colonos precisaria ser maior de 18 anos e ter formação específica em cursos para docência, esses postos escolares não eram considerados como escolas em sua espacialidade. Ademais, o currículo destinado a esses espaços de formação não reconhecia a diversidade linguística das variadas etnias que habitavam o interior do país, apresentando todas as experiências de aprendizagem oferecidas em Língua Portuguesa, idioma oficial do colonizador que remetia às relações de opressão em que esses povos estavam submetidos. Para além e discursivamente, o nome do projeto “educacional” *Levar a escola à sanzala* sempre esteve carregado pelos preconceitos raciais e pelas relações de opressão portuguesa, já que a

palavra *sanzala*, originalmente *povoação* em *Quimbundu*, foi sequestrada pela Língua Portuguesa em uma apropriação pejorativa para descrever o alojamento das pessoas escravizadas, representado como um espaço de violência, de confinamento e de desumanização das pessoas negras.

Após a independência em 1975, A República de Angola buscou construir seu próprio modelo de educação, pautado em princípios da democratização, da gratuidade e da nacionalização do ensino. Para Julião (2021, p. 04)

A evolução da Educação e Ensino em Angola é caracterizado pela existência de duas filosofias distintas de desenvolvimento, que, por seu turno, determinou diferentes princípios de actuação para a formação de recursos humanos. Um primeiro momento de 1978 a 1991 que surge com o primeiro Sistema de Educação e Ensino da pós-independência, assenta em princípios de democratização e gratuidade alargada do ensino, e vai até á data da realização da Mesa Redonda sobre Educação [...] Um segundo momento, a partir de 2002, surge com a promulgação da Lei de bases do Sistema de Educação (Lei nº 13/01, de 31 de Dezembro), assenta em princípios de democratização e gratuidade limitada do ensino, com o surgimento de escolas privadas.

Essa mudança na perspectiva do desenvolvimento da educação em Angola coincide com o fim da guerra civil em 2002 e a transição do regime socialista para a entrada na economia de mercado global, eventos responsáveis por inserir o país no grupo de nações financiadas pelo Banco Mundial e pela OCDE para a promoção e desenvolvimento de políticas públicas educacionais e curriculares, seguindo a métrica neoliberal.

Atualmente Angola possui cerca de 100 grupos etnolinguísticos de origem Bantu e mais de vinte línguas nacionais, distribuídas de forma regionalizada pelo seu território. Segundo Menezes (2000) 26% da população angolana tem a língua *Umbundo* como materna, seguido por 20% de falantes de *Quimbundo* e outros 15% da população é falante de *Quicongo*. O restante da população angolana divide-se entre o idioma *Chocué*, o *Kuanhama*, o *Nhaneca* e o idioma *Mbunda*, todos de origem Bantu. Há também a língua *Khoisan*, de origem Bosquínama, sendo a Língua Portuguesa o idioma oficial do país. O estudo, o ensino e a utilização das línguas nacionais é assegurado pelo 19º artigo da Constituição angolana (2010). Já a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) em seu Artigo 9º, garante que o Estado promova e assegure as condições humanas, científicas, materiais e financeiras para o ensino das línguas nacionais, ainda que as aulas sejam ministradas em língua portuguesa na escola. No entanto, segundo Bumba (2016, p. 56),

A política curricular vigente, que ao mesmo tempo governa e regulamenta os mínimos curriculares da educação, desregula a partir do currículo prescrito ou oficial as margens para a inserção de línguas nacionais no sistema educacional. Ou seja, não confere no currículo oficial – de todos os subsistemas ou níveis de ensino – um lugar para a sua realização. Analisando os planos curriculares de todos os níveis ou subsistemas de ensino vigente, observa-se confirmada a ausência de espaço, lugar nos currículos para ensino de línguas nacionais. A falta de uma regulamentação justa e adequada desse aspecto no próprio currículo oficial, segue para a consequência na qual a política de formação de professores, em todos os níveis de ensino, não contempla, a formação de professores para o ensino de línguas nacionais.

Embora o ensino das línguas nacionais esteja garantido pela legislação, o currículo oficial angolano não apresenta uma abordagem multicultural em seu discurso, o que na prática afastaria a escola das línguas maternas de grande parte da população. Para Bumba (2016), esse afastamento linguístico pode ser um dos motivos para um certo *fracasso escolar* no país africano, uma vez que crianças não falantes de português sentem enorme dificuldade em acompanhar as aulas e acabam desistindo da escola.

A formação do professor de Língua Portuguesa pela ESPE do Bié está fundamentada por obras das *Teorias Críticas* e das *Teorias Pós Críticas* do Currículo. Desse modo, os estudantes da licenciatura podem refletir sobre as relações de poder que o discurso curricular exerce na construção da sociedade angolana, principalmente a respeito dos efeitos de realidade provocados pela omissão das línguas nacionais nos documentos curriculares oficiais. Diante disso, os autores brasileiros Teresinha Maria Nelli Silva (1990), Tomaz Tadeu da Silva e Antônio Flávio Barbosa Moreira (2005) podem ser entendidos como basilares para a apropriação desses saberes.

Silva (2010) é a autora de estudos curriculares mais citada pelos Planos de Ensino da Licenciatura da ESPE do Bié. Sua obra *A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador* é mencionada três vezes. Silva (1990, p. 17) apresenta a ideia da construção cotidiana do currículo pelo professor, considerando os aspectos culturais dos estudantes. Dessa forma, o professor é compreendido como um dos protagonistas desse processo de desenvolvimento curricular em sala de aula, tomando para si o papel de pesquisador em uma atuação conjunta ao estudante para estabelecer o desenvolvimento do currículo diante de uma perspectiva crítica.

Já a obra *Currículo, Cultura e Sociedade*, organizada por Moreira e Silva (2005) é uma coletânea de textos de autores *críticos* do currículo, que apresentam três categorias nucleares para as análises sob a perspectiva crítica: a noção de ideologia, a noção de cultura e a noção de poder. Segundo os autores e organizadores da obra,

Nessa perspectiva, o currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e participação. (Moreira e Silva, 2005, p. 13 – 14)

Tomaz Tadeu da Silva é um dos autores constitutivos dos estudos sobre o Currículo tanto no PPGE da Unesp de Marília, quanto na Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié. Ainda que obras diferentes sustentem as leituras desse autor em cada programa de formação – Silva (1995; 1995a; 1997) no PPGE enquanto Silva e Moreira (2005) na Licenciatura –, sua concepção de Currículo como formador de *identidades* segundo uma *teoria pós crítica* pode ser percebida em todas as suas produções. Ao revelar as relações de poder que estruturam os discursos curriculares, o autor também revela que ideologias fundamentam essas relações. E ao compreender essas ideologias de forma crítica, é possível refletir sobre os aspectos culturais contemplados pelos discursos curriculares e seus efeitos na formação de seres humanos. Assim, a seleção ou não seleção de determinada perspectiva da cultura pelos discursos presentes nos documentos curriculares oficiais é orientada por um padrão de pessoa considerado ideal, o que provocaria a exclusão e o afastamento de pessoas que não se encaixariam nesse padrão.

Para os futuros professores de Língua Portuguesa em Angola, a apropriação de saberes brasileiros transnacionais sobre o Currículo escolar pela ótica multicultural proposta por Silva (1995; 1995a; 1997; 2005) pode provocar um outro entendimento sobre a omissão do ensino das línguas maternas nacionais dos estudantes e dessa forma, sobre os problemas que essa omissão poderia trazer para o ensino e para a aprendizagem. Assim, esses professores em formação seriam capazes de refletir sobre seu protagonismo na construção de sentidos e na elaboração de um currículo que possa contemplar distintas formas de ser e de estar no mundo. Desse modo, os saberes circulantes sobre os discursos curriculares encontrados na espacialidade do PPGE podem ser considerados fundamentalmente estruturantes do pensamento do professor em formação nas espacialidades e temporalidades da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié.

4.3 Os Discursos Político Educacionais como saberes docentes

Outro saber teórico e epistemológico dos professores, construído principalmente pelas instituições de formação docente, importantes para a construção de suas identidades professorais, é a compreensão crítica dos Discursos Políticos Educacionais. Dessa maneira, busquei refletir sobre as políticas para a educação considerando sua dimensão discursiva. Assim, as Políticas Educacionais são entendidas como processos complexos e discursivos, voltados para a Educação, que envolvem disputas de poder, interesses diversos e suas apropriações na prática diária de todos os atores envolvidos. Para Ball e Bowe (Bowe *et al*, 1992) a análise das políticas educacionais deve concentrar-se na constituição do discurso político, considerando os conflitos de interesses e as influências ideológicas que o alicerçam, bem como nas suas apropriações pelos sujeitos que atuam no contexto da prática diária, buscando identificar os processos de acomodações ou subversões desses mesmos discursos políticos.

Certeau (1998) busca compreender o cotidiano como um espaço repleto de práticas criativas, de invenções e de transformações, ao mesmo tempo banalizadas pela ordem dominante. Dessa forma, essa produção cultural ordinária é, na verdade, “astuciosa, dispersa, mas ao mesmo tempo se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (Certeau, 1998, p. 39). Assim, o autor apresenta uma perspectiva que protagoniza a criatividade cotidiana do homem comum, contrapondo-se à compreensão de mero consumidor subordinado e passivo do sujeito frente a produção cultural dominante. Isto posto, um determinado cenário de dominação não necessariamente controlaria ou imobilizaria a engenhosidade das pessoas, uma vez que, embora compreendido como mero consumidor, o sujeito comum também torna-se ele próprio o produtor de novas criações, a partir de sua atividade de consumo.

Este trabalho (a obra *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*) tem portanto por objetivo explicitar as *combinatórias de operações* que compõem também (sem ser exclusivamente) uma ‘cultura’ e exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*. (Certeau, 1998, p. 38, *grifo nosso*)

Considerando que o cotidiano pode ser *inventado* a partir dessa *caça não autorizada*, a compreensão crítica das Políticas Educacionais constitui um saber inerente da formação de professores pois, a partir desse processo de reflexão, o educador em formação inicia a trajetória

do desenvolvimento de suas práticas que, embora vinculadas aos discursos políticos educacionais, pode seguir uma perspectiva mais emancipada. Diante disso, um dos saberes epistemológicos da formação docente é a compreensão das teorias organizacionais escolares e dos discursos políticos educacionais.

Para elaborar os quadros referentes aos Conhecimentos Organizacionais e aos Discursos Políticos Educacionais do Programa de Pós-graduação em Educação da PPGE da Unesp de Marília (Anexo E) e da Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa da ESPE do Bié (Anexo D) recorri primeiramente à busca das referências bibliográficas que fundamentavam as disciplinas específicas de cada programa. *Concepções de Estado e desdobramentos na formulação e análise de políticas educacionais; Gênero e Educação: teoria e políticas; Neoliberalismo e Educação; Estado, Políticas Públicas e Educação no Brasil; Políticas e práticas de organização e ampliação da jornada escolar e Políticas públicas para o Ensino Superior no Brasil* são as disciplinas que compõem o quadro do PPGE. Por sua vez, *Administração, gestão e inspeção escolar* é a única disciplina voltada para a temática das Políticas Educacionais na Licenciatura da ESPE. Em vista do grande número de disciplinas e por consequência, de obras listadas, tomei por critério de exclusão os textos sobre temas específicos, tais como políticas de gênero na educação, políticas de ampliação de jornada e políticas para o Ensino Superior, bem como as referências diretas aos projetos de lei de cada país e seus respectivos estudos. Posteriormente segui para a busca por palavras-chave em todos os documentos, para levantar possíveis referências encontradas em disciplinas diversas. As palavras *Política (s), Gestão, Administração e Organização* foram utilizadas na busca ativa de possíveis textos ainda não listados.

O Quadro sobre conhecimentos organizacionais e discursos político educacionais da Licenciatura da ESPE do Bié (Anexo D) apresenta um total de 05 obras de 04 autores distintos. Libâneo (1986; 2004) é citado seis vezes, Barreto (1994) é citada duas vezes, Bernardes (2008) e Varela (2011) são citados uma vez cada. Já o Quadro sobre conhecimentos organizacionais escolares e discursos político educacionais do PPGE da Unesp de Marília (Anexo E), é composto por 40 obras de 25 autores distintos. Abdian (2012; 2016; 2017; 2017a; 2018, 2024; 2024a) é mencionada sete vezes. Ball (2001; 2004; 2005; 2011; 2011a) é citado seis vezes. Marques (2008; 2011; 2014) é citada cinco vezes, enquanto Paro (1986; 1995), Sguissardi (2000; 2005) e Silva Jr. (1990; 2004) são mencionados duas vezes cada. Afonso (2001), Akkari (2011), Amar (2018), Barroso (2005), Costa (2003), Gentili (2008), Gorostiaga *et al* (2011), Guy (2014), Lima (2001), Nóvoa (1992), Rockwell e Ezpeleta (2007), Russo (2004), Sander

(1983), Santos (2004), Tello e Mainardes (2015), Teodoro (2003), Tomasi *et al* (1996), Trindade (1999) e Vieira (2007) são mencionados uma vez pelos documentos.

Os saberes sobre os discursos políticos educacionais da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié compõem as referências bibliográficas da disciplina *Administração, gestão e inspecção escolar*. Essa disciplina tem o objetivo de proporcionar os conhecimentos sobre a organização e a gestão de processos escolares, voltando-se para uma perspectiva administrativa da educação. Isto posto, as obras de Bernardes (2008) e Varela (2011) apresentam-se como descritivas dos paradigmas de administração escolar, sendo a dissertação *Liderança e Modelos de Gestão em Contexto Escolar* (Bernardes, 2008) um estudo das diferentes correntes teóricas sobre o papel da gestão na escola e a obra *Manual de Administração Educativa: Uma abordagem teórica com aproximação à realidade cabo-verdiana* (Varella, 2011) um guia de conceitos básicos da composição de sistemas de ensino pautado na realidade de Cabo Verde. Já a obra de Barreto (1994) é uma compilação de textos de diversas autoras brasileiras sob a perspectiva da formação de professores para atuação na Educação Infantil. Essa obra foi subsidiada pelo governo federal brasileiro à época e o texto introdutório propõe reflexões sobre a importância da formação profissional específica para professores que atuarão na etapa da educação de crianças pequenas.

Por sua vez, Libâneo (1986; 2004) apresenta algumas reflexões sobre a organização e a administração das escolas, bem como sobre os discursos políticos educacionais, diante da perspectiva da Pedagogia crítico-social. Essa corrente teórica de forte inspiração dialética e Histórico-Cultural, compreende que o papel da escola é de transformar a sociedade por meio da difusão emancipadora do conhecimento científico. Para Libâneo (2010, p. 03), a Pedagogia crítico-social é

Uma abordagem crítica dos conteúdos, crítica no sentido de tratar os conteúdos escolares dentro de uma análise concreta das relações econômicas, sociais, culturais que envolvem a prática escolar. A pedagogia crítico-social quer contribuir efetivamente para a formação sujeitos pensantes e críticos. Por isso, compreende que o ensino cria modos e condições para o desenvolvimento da capacidade do sujeito para colocar-se ante a realidade a fim de pensá-la e nela atuar, visando à transformação. Ensinar a pensar criticamente é fazer a ação docente incidir sobre a capacidade do aluno de apropriar-se de forma crítica dos objetos de conhecimento, a partir de um enfoque totalizante da realidade e de sua problematização. A culminação desse ensino deve ser a aquisição, pelos alunos, de conceitos que orientam e fortalecem criticamente suas ações no mundo em que vivem.

Dessa forma, a abordagem da Pedagogia crítico-social compreende a educação sob a perspectiva de sua atuação política, uma vez que a escola poderia servir como reprodutora ou transformadora do sistema dominante, em favor de um paradigma voltado para a emancipação, subvertendo suas estruturas por meio da democratização do ensino. Para Libâneo (2008 [1986], p. 12), “democratizar o ensino é ajudar os alunos a se expressarem bem, a se comunicarem de diversas formas, a desenvolverem o gosto pelo estudo, a dominarem o saber escolar; é ajudá-los na formação de sua personalidade social, na sua organização enquanto coletividade”. Assim, o estudo do currículo, das estruturas organizacionais e das políticas educacionais torna-se o principal interesse da Pedagogia crítico-social, justificado pelo propósito de intervir no cotidiano material das escolas.

Com relação ao Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília, há atualmente seis disciplinas dedicadas aos estudos da organização escolar e das políticas públicas educacionais. Isto posto, apoiando-me no referencial teórico que fundamenta essas disciplinas, pude perceber que as discussões propostas diante desse campo de conhecimento são conduzidas, principalmente, pelo entendimento das políticas educacionais como textos discursivos. Dessa forma, a compreensão dos discursos políticos para educação envolvem a percepção crítica das relações de poder que implicam na construção desses discursos, bem como seus efeitos práticos no processo de sua apropriação no cotidiano da prática escolar.

Ball (2001; 2004; 2005; 2011; 2011a) é um dos autores mais citados pelo programa, sendo mencionado seis vezes. Para o autor britânico, as pesquisas em política educacional podem apresentar problemas de natureza empírica, analítica e até mesmo interpretativa pois esses estudos de um modo geral, ou buscam compreender os discursos políticos educacionais alijados do discurso político social, ou desconsideram os aspectos práticos das apropriações dos discursos políticos pelos sujeitos no cotidiano escolar. Segundo Ball (2011, p. 43),

Ao falhar em dar conta das maneiras pelas quais a educação é incluída em um conjunto de mudanças econômicas e políticas mais gerais, pesquisadores em política educacional restringem as possibilidades de interpretação e jogam os atores que vivem os dramas de educação para fora da sua totalidade social e de seus múltiplos desafios.

Dessa forma, o autor apresenta um paradigma discursivo de desenho sociológico para as pesquisas do campo das políticas educacionais, em que pese a possibilidade de investigação social para compreender o mundo de maneira diversa. Assim, Ball (2001; 2004; 2005; 2011; 2011a) coloca em pauta as relações de poder e os interesses em disputa que sustentam os

discursos políticos educacionais, simultaneamente às apropriações desses discursos pelos seus atores e seus efeitos práticos na realidade escolar.

Já a autora mais citada pelo programa é Abdian (2012; 2016; 2017; 2017a; 2018, 2024; 2024a), sendo mencionada sete vezes. A autora é Professora assistente do Departamento de Administração e Supervisão Escolar do PPGE da Unesp de Marília. Para Abdian (2024, p. 20) a “Administração Escolar não é apenas mediação, ela exerce outras funções, inclusive, apresenta um fim em si mesma, educativa por natureza, portanto também política”. Desse modo, os processos organizacionais da educação também são compreendidos segundo a sua natureza política, sustentada pelas disputas de interesses ideológicos. Atualmente a Professora realiza pesquisas na área das políticas educacionais e da administração e gestão da educação, sob a perspectiva discursiva segundo Laclau e Mouffe (1989), compreendendo o discurso como uma totalidade relacional, limitado por condicionantes que o tornam incompleto e modificável por meio de novas e outras articulações (Abdian, 2024, p. 168).

Por sua vez, Marques (2008; 2011; 2014) é mencionada cinco vezes pelos Planos de Ensino do PPGE da Unesp de Marília. A autora defende a formação de uma cultura democrática no processo de gestão escolar. Dessa forma Marques (2008, p. 73 - 74) apresenta três preceitos que poderiam auxiliar na compreensão da democratização da educação:

- 1) a vivência democrática nos diferentes espaços sociais leva à democratização da sociedade; 2) a democracia se consolida como prática social cotidiana, por meio de processos de formulação e renovação de uma cultura política nos diferentes espaços sociais, realizando uma repolitização global das práticas sociais e criando novas oportunidades ao exercício democrático; 3) a democracia participativa é um dos campos sociais e políticos da emancipação social.

No entanto, Marques (2012, 1191) ressalta que a democracia não é um processo homogêneo de construção e pode apresentar distorções. Desse modo, ainda que nos atuais discursos políticos educacionais brasileiros impere o conceito de *escola democrática*, é possível encontrar a manifestação prática subvertida da noção de democracia nos espaços escolares, em razão das apropriações desses mesmos discursos políticos educacionais pelos sujeitos atuantes na educação. Assim como Abdian (2024), Marques (2008; 2011; 2014) também busca na *Teoria do Discurso* a epistemologia para a compreensão dos textos discursivos das políticas educacionais. Segundo Laclau e Mouffe (1989, p. 113),

Os discursos são estruturas descentradas onde os sentidos são constantemente negociados e construídos. Esta estrutura descentrada, ou “totalidade”

estruturada, ou, ainda, discurso, é o resultado de práticas articulatórias estabelecendo relações entre elementos com diferenças não articuladas discursivamente.

Para Laclau e Mouffe (1989, p. 113), essa prática articulatória consiste na construção de *pontos modais* responsáveis pela fixação parcial de sentidos atribuídos pela abertura social resultante e assim, provocando um “constante transbordamento de todo discurso pela infinitude do campo da discursividade”. Isto posto, o discurso político educacional deveria ser investigado conforme suas apropriações sociais a partir das relações de poder que o constituem enquanto texto discursivo.

A luz dessas discussões teórico epistemológicas sobre os saberes relacionados aos aspectos organizacionais escolares e aos discursos políticos educacionais que fundamentam a Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa e o Programa de Pós-graduação em Educação, é possível perceber que os conhecimentos estruturantes da ESPE do Bié são transnacionais e *abrasileirados*, tendo em vista que suas principais referências são os autores do nosso país. E, ainda que os estudos específicos sobre as políticas educacionais encontrados atualmente no PPGE da Unesp de Marília apresentem-se frente a uma abordagem das análises do discurso, a *Pedagogia crítico social*, principal corrente teórica para a reflexão sobre as políticas educacionais na espacialidade angolana, também é percebida na espacialidade do PPGE brasileiro sob a ressalva de que essa abordagem da Pedagogia crítica é constituinte de disciplinas relacionadas às *teorias e às práticas pedagógicas*, tais como *Leitura e Leitores: Conceitos e Práticas*, ministrada pelo Professor Dagoberto Buim Arena, *Leitura e literatura infantil na Educação da infância: a formação de crianças leitoras*, ministrada pela Professora Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto e *Contribuições da filosofia da linguagem para a construção do método nas pesquisas em educação*, ministrada pelos Professores Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins, Dagoberto Buim Arena e Claudia Regina Mosca Giroto.

Sendo assim, é possível perceber que os conhecimentos da *Pedagogia crítico social*, circulantes pelas espacialidades do Programa de Pós-graduação da FFC da Unesp de Marília e que compõem parte das reflexões sobre as teorias e as práticas pedagógicas, também circulam pelas espacialidades da Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié, adaptados para seu uso nesse novo contexto social, reempregados para elaborar reflexões diante dos discursos políticos educacionais.

4.4 Os Conhecimentos Didáticos e os Discursos Metodológicos como saberes docentes

A Didática é um saber fundamental para os professores. Para Candau (2020, p. 29), o foco da didática, o que lhe dá identidade, “é a reflexão sobre os processos de ensino-aprendizagem em sua complexidade, pluralidade e multidimensionalidade e a busca de intervir em suas dinâmicas, visando construir respostas relevantes aos interesses e questões dos atores neles envolvidos e da sociedade em que se situam”. Dessa forma, a Didática pode ser entendida como uma *ciência da prática na Educação*, pois busca compreender as relações estabelecidas para a apropriação dos saberes por meio da atividade prática do ensino, inseridas em uma determinada temporalidade e em uma determinada espacialidade social. Isto posto, a Didática é um saber que, dado a complexidade da realidade sobre a qual se debruça, necessita de uma perspectiva plural para buscar compreender suas especificidades problemáticas.

Compete reconhecer a diversidade de abordagens, numa perspectiva interativa, e não como lugar de conflitos com pretensões hegemônicas de delimitação de fronteiras. O que não significa passividade receptiva por parte das ciências da educação, senão que desafio para realizar o necessário confronto entre as teorias e metodologias das demais ciências, no que concerne a seu objeto e a seus problemas investigativos. Aceitar a pluralidade é concordar com a noção de multi-referencialidade. (Pimenta, 1996, s/p)

Assim, a Didática apropria-se de saberes outros para compreender a complexidade da educação em um determinado contexto social, construindo novos sentidos e novas significações históricas diante desses conhecimentos apropriados, tornando-se assim, ela própria parte constituinte de seu objeto de estudo. Isto posto, a Didática relaciona-se não apenas com o *saber* e com o *saber fazer* inerentes da profissão docente, como também com a cultura profissional desse *saber fazer*, esclarecendo e conferindo sentido à ação dos educadores.

Todas as práticas sociais requerem competências que apresentem novos modos de compreensão do real e de sua complexidade. [...] Não se pode mais dirigir, comandar, ajudar, educar, formar, ensinar apenas com o saber e o saber fazer [...] (*Faz-se necessária*) a contextualização de todos os atos, seus múltiplos determinantes, a compreensão de que a singularidade das situações necessitam de perspectivas filosóficas, históricas, sociológicas, psicológicas, etc., perspectivas que constituem o que se pode chamar de cultura profissional da ação, ou seja que permite aclarar e dar sentido à ação. (Beillerot, 1995, p.16).

Já os discursos metodológicos para o ensino estão relacionados às técnicas do *saber fazer* docente. Esse *saber fazer* professoral encontra-se por sua vez, alicerçado na tentativa de compreender os processos de apropriação do conhecimento pelos sujeitos, buscando meios para

favorecer essa relação. Para Nunes (1993, p. 49), “a produção e a apropriação do saber estão presentes nas metodologias de ensino de forma a superar o confronto entre conteúdo e forma.”

Certeau (1998) classifica as práticas culturais em *táticas* e *estratégias*. Para o autor, as estratégias são “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente” (p. 46). As estratégias são, dessa maneira, os discursos resultantes das autoridades, simbólicas ou não. Já as táticas são as ações realizadas pelos indivíduos em suas práticas sociais cotidianas. A tática é o “cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro” (Certeau, 1998, p. 46). Nesse sentido, as metodologias de ensino sob a perspectiva discursiva podem ser compreendidas como *estratégias*, fundamentadas pelas relações dos sujeitos com o saber para oportunizar o processo de apropriação de conhecimento pelos estudantes. Estão relacionadas ao *saber fazer* dos professores e, por esse motivo, se convertem nas *táticas* dos próprios professores, no instante da realização de seus próprios *modos de saber fazer*. Isto posto, é preciso compreender que os discursos metodológicos de ensino constituem parte dos saberes do campo de conhecimentos da Didática. No entanto, a Didática não se resume apenas aos discursos metodológicos, uma vez que, por ser entendida na complexidade da profissionalização docente, a Didática caracteriza-se pela pluralidade de saberes que a constituem, saberes esses de natureza teórica epistemológica e também de natureza empírica. Embora compreenda as distinções entre a Didática e os discursos metodológico, optei por elaborar um quadro de referências que elencasse obras relacionadas aos dois conceitos, pois geralmente esses saberes encontram-se emaranhados em um mesmo livro.

Assim, os Quadros sobre conhecimentos de Didática e discursos metodológicos de ensino encontrados no PPGE da Unesp de Marília e na Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié (Anexos G e F respectivamente) foram elaborados seguindo os mesmos critérios utilizados para a construção dos quadros anteriores. Primeiramente consultei os referenciais das disciplinas específicas – no caso da Licenciatura apenas, com a disciplina de *Didática da Língua Portuguesa*, já que não há disciplinas específicas sobre a Didática no PPGE – e posteriormente realizei a busca pelas palavras-chave no programa em que os Quadros Totais (Anexos L e M) haviam sido elaborados. As palavras *Didática (s)*, *Metodologia* e suas derivadas, como *Método* e *Metodológica (o)* foram aplicadas na primeira consulta. Após essa primeira busca por palavras-chave, procurei refinar esse processo investigativo inserindo as palavras *Pedagogia*, *Teorias de Ensino*, *Aprender* e suas derivações, *Sala de Aula* e *Práticas Docentes*. A partir de todas as obras elencadas, selecionei apenas as referências que

apresentavam esses saberes de uma forma mais generalizada, excluindo textos demasiadamente específicos tais como *Metodologias de alfabetização e letramento*, de *Ensino de Filosofia* e de *Ensino da leitura para surdos*, encontrados no PPGE, ou *Ensino da Língua Portuguesa* e *Ensino da Língua Inglesa*, encontrados na Licenciatura da ESPE do Bié.

O Quadro sobre conhecimentos de Didática e discursos metodológicos de ensino do Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília (Anexo G) apresenta um total de 20 obras de diversas áreas do conhecimento educacional. Forquin (1992), Kant (1996; 1999) e Piaget (1974; 1996) são os autores mais citados, sendo mencionados duas vezes cada. Em sequência encontram-se Aragão e Cazajeira (2015); Bacich e Moran (2018); Coscarelli (2016); Inhelder, Bovet e Sinclair (1977); Kuhlmann Jr. (2001); Lopes e Silva (2009); Lopes (2000); Miguel (2003); Mitre (2008); Monereo e Gisbert (2005); Moraes *et al* (2021); Saviani (2008); Souza e Santos (2019); Torrego e Negro (2014) e Vigotski (1988), todos citados apenas uma vez.

Foi possível organizar as referências elencadas nesse quadro em três áreas distintas de conhecimentos sobre a Didática. Kuhlmann Jr. (2001) e Saviani (2008) abordam o assunto por meio de uma *perspectiva histórica*. A obra *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais - 1862-1922*, de Moysés Kuhlmann Jr. Investiga a importância dos congressos educacionais realizados entre 1862 e 1922 para a disseminação de saberes didáticos e pedagógicos e para o desenvolvimento de políticas educacionais e a modernização da Educação brasileira a partir desse conhecimento divulgado nesses eventos científicos. Já o livro *A Pedagogia no Brasil: História e Teoria*, de Dermeval Saviani, oferece uma análise histórica da evolução dos conhecimentos didáticos e pedagógicos a partir da constituição do espaço acadêmico da pedagogia no Brasil, durante a década de 1930.

Já as obras de Forquin (1992), Kant (1996; 1999), Piaget (1974), Inhelder, Bovet e Sinclair (1977), Lopes (2000) e Vigotski (1988) estão associadas a uma *perspectiva genealógica das relações com o saber*, buscando entender o processo de apropriação de conhecimentos sob os prismas filosófico, sociológico e psicológico do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos. Para a filosofia kantiana (Kant, 1996; 1999) a pedagogia é uma ferramenta para desenvolver a própria humanidade dos sujeitos, já que é por meio da educação que se promove a racionalidade e a moralidade nos indivíduos. Dessa forma um dos papéis da pedagogia é o desenvolvimento dos sujeitos para que se tornem conscientes, éticos para assim, exercerem sua autonomia. A filosofia kantiana ainda apresenta a educação sob uma ótica ontológica, já que

Não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e de sua inteira destinação. [...] uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo (Kant, 2006 [1996], 22-23).

Isto posto, para Kant (1996) ao desenvolver o ser humano em sua autonomia humana, a educação também torna-se responsável pelo aperfeiçoamento de toda humanidade. Já Forquin (1992) tece considerações em torno da apropriação de saberes sob um olhar sociológico, uma vez que propõe discussões sobre o currículo em meio a dinâmicas sociais e políticas, refletindo interesses e valores predominantes na sociedade. Essa perspectiva enfatiza a importância de compreender a construção curricular como um fenômeno histórico e socialmente situado.

O próprio de uma reflexão sociológica ou histórica dos saberes escolares é o de contribuir para dissolver essa percepção natural das coisas, ao mostrar como os conteúdos e os modos de programação didática dos saberes escolares se inscreve, de um lado, na configuração de um campo escolar caracterizado pela existência de imperativos funcionais específicos (conflitos de interesses corporativos, disputas de fronteiras entre as disciplinas, lutas pela conquista da autonomia ou da hegemonia no que concerne o controle do currículo) de outro lado na configuração de um campo social caracterizado pela coexistência de grupos sociais com interesses divergentes e com postulações ideológicas e culturais heterogêneas, para os quais a escolarização constitui um trunfo social, político e simbólico. (Forquin, 1995, p. 43-44)

Forquin (1992) explora a noção de transposição didática pelo viés da *cultura escolar* específica, que é distinta da cultura de invenção e dependente da espacialidade e das temporalidades da escola. Assim, essa cultura escolar apresenta como uma de suas funções a mediação didática entre os saberes escolares e os sujeitos.

É evidente, por exemplo, que os saberes escolares são fortemente marcados pelo modo propriamente escolar de escansão do tempo, a organização dos estudos por anos e a repartição das atividades no interior do ano, a duração dada às sequências de curso, o ritmo de exercícios e de controles, etc. A cultura escolar apresenta-se assim como uma “cultura segunda” com relação à cultura de criação ou de invenção, uma cultura derivada e transposta, subordinada inteiramente a uma função de mediação didática e determinada pelos imperativos que decorrem desta função[...] (Forquin, 1992, p. 33)

Piaget (1974), Inhelder, Bovet e Sinclair (1977), Lopes (2000) e Vigotski (1988), por sua vez, procuram compreender as relações com o saber sob o prisma da psicologia. As obras *Aprendizagem e conhecimento* (Piaget, 1974) e *Aprendizagem e estrutura do conhecimento* (Inhelder, Bovet e Sinclair, 1977) estão fundamentados na própria epistemologia genética

piagetiana, enquanto as obras *Pedagogia e Emancipação Humana* (Lopes, 2000) e *Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar* (Vigotski, 1988) são obras fundamentadas no materialismo dialético e no socio interacionismo vigotskiano.

Por fim, as obras de Aragão e Cazajeira (2015), Bacich e Moran (2018), Coscarelli (2016), Lopes e Silva (2009), Miguel (2003), Mitre (2008), Monereo e Gisbert (2005), Morais *et al* (2021), Piaget (1996), Souza e Santos (2019) e Torrego e Negro (2014) encontram-se diante de uma *perspectiva dos discursos metodológicos* para a aprendizagem, seja por tratar de assuntos pertinentes ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS), digitais ou não, para a educação (Aragão e Cazajeira, 2015; Coscarelli, 2016; Souza e Santos, 2019) seja por apresentar outras abordagens metodológicas que fogem aos discursos tradicionais, como as *Metodologias Ativas de aprendizagem* (Bacich e Moran, 2018; Mitre, 2008) , o *Método cooperativo em sala de aula* (Lopes e Silva, 2009; Monereo e Gisbert, 2005; Morais *et al*, 2021; Piaget, 1996) ou a perspectiva da *Resolução de problemas* (Miguel, 2003). Em todas essas obras há uma reflexão crítica sobre as teorias metodológicas discutidas.

Já o Quadro sobre conhecimentos de Didática e discursos metodológicos da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié (Anexo F) apresenta um total de 32 obras, das quais 24 são publicações brasileiras. Candau (1999; 2003; 2008) é mencionada 12 vezes. Libâneo (1994; 2006) é mencionado 07 vezes, enquanto Meirieu (1998; 2005) e Pimenta (2002; 2006) são citados 06 vezes cada. Veiga (1996; 2011) é citada 05 vezes; Arroyo (2012), Charlot (2000), Fazenda (1994), Machado (2005), Moreira e Candau (2008) e Vasconcellos (1993; 2005) são mencionados 04 vezes cada. Farias *et al* (2009), Longarezi e Puentes (2011), Penin (1994), Santos (2010) e Saviani (1991) são citados 03 vezes cada autor. Boldirier (1996), Colectivo de Autores (1996), Faria (1987), Fariña (1995) e Gandin (1990) são mencionados 02 vezes e Colectivo de Autores (2020), Hilgard (1961), Klingberg (1972), Labarrere Reys e Parol (1988) e Savin (1990) são mencionados 01 vez nos documentos da ESPE.

Assim como pude organizar as referências encontradas n PPGE da Unesp de Marília em algumas *categorias distintas*, as referências listadas pelo Quadro de conhecimentos sobre a Didática e discursos metodológicos da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa (Anexo F) também puderam ser sistematizadas segundo algumas áreas dos conhecimentos didáticos. Libâneo (2006) apresenta a pedagogia e a didática brasileira sob uma *perspectiva histórica*, explorando a relação entre os saberes pedagógicos e os saberes didáticos, apontando os desafios na definição de seus objetos de estudo e na consolidação de suas identidades epistemológicas. A partir dessa proposta de revisão histórica é possível compreender que esses saberes não são

estáveis e podem ser transformados dependendo das temporalidades e das espacialidades sociais. Charlot (2000), Hilgard (1961), Meirieu (1998) e Penin (1994) podem ser compreendidas como obras referentes à *perspectiva genealógica das relações com o saber*. Tais obras propõem reflexões em torno das apropriações dos saberes, por meio de reflexões que recorrem à sociologia, à filosofia, aos estudos culturais e até a psicologia.

Para Charlot (2000), compreender as motivações e os sentidos atribuídos ao saber pelos sujeitos é essencial para entender suas apropriações. O autor aponta para a ideia de uma *sociologia do sujeito*, em que o sujeito apresenta uma *lógica específica*, uma vez que

O sujeito não se soma a Eus sociais interiorizados (...). O sujeito apropria-se do social sob uma forma específica, compreendidos aí sua posição, seus interesses, as normas e os papéis que lhe são propostos ou impostos. O sujeito não é uma distância para com o social, é sim um ser singular que se apropria do social sob uma forma específica, transformada em representações, comportamentos, aspirações, práticas, etc. Nesse sentido, o sujeito tem uma realidade social que pode ser estudada, analisada, de outra maneira, não em termos de diferença ou distância. (Charlot, 2000, p. 43)

Penin (1994) explora como as práticas docentes e as relações interpessoais dentro da sala de aula contribuem para a formação da identidade dos alunos. A autora apresenta a ideia de que a cultura escolar é formada pelos *saberes culturais*, de origem empírica, e os *saberes institucionalizados*, de origem teórica e científica. Já Meirieu (1998) compreende a relação didática por meio do *triângulo pedagógico*, em que as relações entre saber, educando e educador são fundamentais para a apropriação de conhecimento. Para o autor,

A recusa ou a ignorância tática de um dos três polos, ainda que não tenham o poder de proclamar sua abolição por decreto, comprometem o equilíbrio precário da aprendizagem e deixam-na desviar para outros tipos de relações humanas e de lógicas de funcionamento que, mesmo sendo legítimas em outras situações, não deixam de ser perigosas quando pretendem se proclamar pedagogias. (Meirieu, 1998, p.80)

Por fim, a obra *Teorías del aprendizaje*, de Hilgard (1961), apresenta as principais correntes da psicologia da educação sobre a construção do conhecimento até a data da sua publicação original. A perspectiva comportamental e a teoria Gestalt estão entre as principais tendências teóricas analisadas pelo autor. Já Candau (1999; 2003), Farias *et al* (2009), Klingberg (1972), Labarrere Reys e Parol (1988), Libâneo (1994), Longarezi e Puentes (2011), Machado (2005), Pimenta (2002; 2006), Santos (2010), Savin (1990) e Veiga (1996) são obras que apresentam reflexões sobre a Didática enquanto um saber específico da docência. Isto

posto, essas obras poderiam estar relacionadas a uma *perspectiva de teorias didáticas*, sendo Candau (1999; 2003) e Pimenta (2002; 2006) as autoras mais mencionadas no que se refere a essa área do conhecimento. Para Candau (1999; 2003), a didática deve ser compreendida como um saber complexo, para além das relações instrumentalizadas entre o ensino e a aprendizagem, que considere as dimensões sociais, as subjetividades dos sujeitos e as relações de poder que constituem o processo educacional. Pimenta (2002; 2006) insere a pesquisa como um saber intrínseco da docência e portanto, da didática. Para as duas autoras, a didática é fundamental para a formação de professores, estando relacionada à cultura profissional da docência.

Seguindo uma outra perspectiva de saberes relacionados às obras presentes no Quadro sobre conhecimentos de Didática e discursos metodológicos de ensino da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié (Anexo F), os textos de Arroyo (2012), Meirieu (2005), Moreira e Candau (2008) e Vasconcellos (1993) propõem *reflexões ante as práticas docentes* conforme um panorama multicultural (Arroyo, 2012; Meirieu, 2005; Moreira e Candau, 2008) ou um panorama dialético materialista (Saviani, 1991; Vasconcellos, 1993, 2005). As obras relacionadas à abordagem multicultural, em síntese, refletem sobre práticas educativas inclusivas, que respeitem a pluralidade cultural e social dos estudantes. Já as obras relacionadas à perspectiva dialética propõem a construção do conhecimento por meio da interação entre o professor e o estudante. Em todos os casos, essas obras assumem um posicionamento crítico com relação às práticas tradicionais de ensino. Por fim, as obras de Boldirier (1996), Colectivo de Autores (1996), Faria (1987), Fariña (1995) e Gandin (1990) Colectivo de Autores (2020) apresentam uma *perspectiva instrumental* da prática docente a partir dos discursos metodológicos elencados por elas.

Embora as obras referentes aos conhecimentos didáticos e aos discursos metodológicos estruturantes na Licenciatura da ESPE do Bié sejam majoritariamente publicações brasileiras, não há correspondência direta a obras e a autores encontrados no PPGE da Unesp de Marília. O Programa de Pós-graduação em Educação é um programa de formação docente buscando a profissionalização de educadores para a universidade, onde educadores angolanos buscam sua formação para tornarem-se também educadores universitários. Sendo assim, as referências constituintes do PPGE provocam reflexões epistemológicas em busca da compreensão – ou tentativa de compreensão – do processo de apropriação de conteúdos, partindo de perspectivas filosóficas, sociológicas e psicológicas que se encontram entranhadas na relação entre os sujeitos e o saber para assim, proporcionar discussões em torno da *genealogia* da didática e da pedagogia. Com relação aos discursos metodológicos, o PPGE apresenta algumas referências que buscam refletir criticamente sobre certas tendências atuais, presentes em discursos

metodológicos, bem como em discursos político educacionais, procurando desenvolver o aprofundamento teórico responsável por estruturar o pensamento dos professores acadêmicos em formação.

Por sua vez, as obras nucleares sobre os conhecimentos didáticos e os discursos metodológicos encontradas na Licenciatura da ESPE do Bié procuram *apresentar* aos professores em formação, os conhecimentos da cultura profissional da docência, visto que esses docentes se encontram no início da trajetória de sua formação e de sua profissionalização. Dessa forma, é possível perceber que os *usos sociais* dos saberes transnacionais em torno dos conhecimentos didáticos e dos discursos metodológicos apropriados, constituintes da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié, foram *adaptados e organizados* pelos seus Professores da Educação Superior, para compor *as práticas específicas* encontradas nas espacialidades e nas temporalidades da IES angolana. Dessa maneira, embora se apresente também como um curso de formação de professores, a Licenciatura encontra-se em uma *temporalidade inicial* da formação de educadores, enquanto os educadores em processo de formação pelo PPGE situam-se em uma *temporalidade outra*, localizada um pouco mais adiante na trajetória da sua formação profissional, a fim de tornarem-se eles próprios, professores formadores de outros professores. Assim, em razão do Programa de Pós-graduação em Educação da FFC da Unesp de Marília ser responsável pela formação dos Professores da ESPE do Bié, os saberes apropriados na espacialidade brasileira circulam readaptados na espacialidade angolana, com a finalidade de guiar o início da trajetória formativa de professores para a escola em Angola.

4.5 A construção da *Identidade Docente* e a *Formação de Professores*

Para Ortiz (2012, p. 08), toda identidade é uma construção simbólica e necessária, constituída por diferentes grupos sociais ao longo da história. Isto posto, a partir dessa perspectiva histórica, é possível compreender a identidade como variável e plural, vinculada às temporalidades e espacialidades que moldam os sujeitos. Em se tratando de identidade professoral, para Nóvoa (1993, p. 16),

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção e de maneiras de ser e de estar na profissão. [...] É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças.

Dessa forma, a construção da identidade docente também está atrelada às relações de poder incorporadas em um determinado espaço e em um determinado tempo em que os educadores encontram-se inseridos, moldando tanto as percepções alheias quanto às próprias percepções diante de si no exercício de sua profissionalidade. O processo de construção da identidade professoral encontra-se situado no emaranhado da sua formação. Formação essa compreendida de maneira muito *sui generis*, pois a profissionalização dos professores está carregada das mais diversas temporalidades que ultrapassam o presente formativo, institucionalizado ou não, procurando suas referências desde os primeiros passos em uma escola durante a infância. Para Gallego (2015, p. 131), “ser professor(a) é atuar mediante a mobilização mais ou menos (in)consciente de saberes que possuem natureza distinta.” Assim, a formação docente e desse modo, a construção de sua identidade, pode ser compreendidas como processos com alto grau de complexidade, sustentados por saberes de diferentes naturezas, teóricas e epistemológicas bem como empíricas, seja pelo exercício de sua prática cotidiana, seja pelas vivências escolares experimentadas em outras temporalidades de sua existência. Segundo Pimenta (2000, p. 20), o principal desafio dos cursos de formação inicial de professores é colaborar no processo de passagem dos alunos de seu *ver o professor* como aluno ao seu *ver-se como professor* ou seja, a própria construção da identidade docente. Assim, a formação inicial de professores compromete-se com a reinvenção da identidade de suas alunas e de seus alunos que, a partir da licenciatura, se reconhecem não mais como estudantes e sim como professores, ocupando uma nova espacialidade simbólica nas relações dentro da sala de aula, nas escolas. Para Tardif, (2014, p.79)

Também exige uma socialização na profissão e uma vivência profissional através das quais a identidade profissional vai sendo pouco a pouco construída e experimentada, e onde entram em jogo elementos emocionais, de relação e simbólicos que permitem que um indivíduo se considere e viva como professor e assuma assim, subjetiva e objetivamente, o fato de realizar uma carreira no ensino.

Em vista disso, a construção da identidade de professores poderia ser entendida como um processo permanente, em que a vivência profissional e a socialização cotidianas, atravessadas pelas subjetividades dos sujeitos e pelas diversas temporalidades que o constitui, encontrar-se-iam na tecitura da sua profissionalidade, em um movimento contínuo de desenvolvimento da sua própria identidade. Desde que optei por arriscar-me, em minhas investigações acadêmicas, em torno da compreensão da profissão do educador, os discursos a respeito da identidade professoral e de sua formação são-me extremamente provocativos.

Afinal, a busca pelo entendimento desse processo de construção da identidade afeta-me de forma pessoal, já que também sou professora em processo de desenvolvimento da própria identidade. Assim, os Quadros sobre a Identidade Docente e a Formação de Professores (Anexos I e H respectivamente) a partir das referências encontradas no Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília e das referências encontradas na Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié foram elaborados buscando compreender tanto o processo de apropriação de saberes transnacionais quanto os discursos em torno da identidade de professores e de sua formação.

Para elaborar os Quadros sobre a Identidade Docente e a Formação de Professores (Anexos H e I) segui o paradigma estipulado pelas experiências anteriores com os quadros sobre *Avaliação, Discursos Curriculares, Discursos Políticos Educacionais e Conhecimentos Didáticos e Discursos Metodológicos*, procurando por palavras-chave, por meio da ferramenta de busca do *software* em que os Quadros Totais (Anexos L e M), tanto da Licenciatura da ESPE do Bié, quanto do PPGE da Unesp de Marília, haviam sido elaborados. Isto posto, as palavras *Identidade* e *Formação* foram norteadoras das buscas, seguindo por *Professor (es)* e sinônimos, além das palavras *Profissional* e *Profissionalização*. Também segui o mesmo paradigma de triagem utilizado para a composição dos quadros anteriores, em que apenas obras generalizadas sobre a *Identidade Docente* e a *Formação de Professores* foram utilizadas.

Desse modo, foram selecionadas 07 obras para compor o Quadro da *Identidade Docente e Formação de Professores* da Licenciatura angolana (Anexo H), ao passo que o Quadro sob a mesma temática relacionado ao PPGE da Unesp (Anexo I) foi composto por 18 obras. Dentre as obras selecionadas para o quadro da Licenciatura, André (2001) é a autora mais citada, sendo mencionada 4 vezes nos documentos. Pimenta e Ghedin (2006) são mencionados 3 vezes; Giroux (1997) é citado 2 vezes. Carr e Kemmis (1988); Correia (1989); Perrenoud (1993) e Tardif (2002) são mencionados 1 vez cada. Já no Quadro da *Identidade Docente e Formação de Professores* do PPGE da Unesp de Marília, Nóvoa (1991; 1993; 1995) é o autor mais citado, tendo 4 referências ao longo dos documentos. Catani (1993; 1994) e Tanuri (2000) são mencionadas 2 vezes cada. Já Candau (1997); Freire (1974); Geraldi, Fiorentini e Pereira (2003); Giroux (1997); Huberman (1993); La Taille (2009); Lugli (2002); Moita (2007); Sanchez Gamboa (1996); Saviani (2006); Silva (2001) e Vilela (1990) são mencionados 1 vez nos documentos brasileiros.

Os professores como intelectuais - rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem, de Henry Giroux, é a única obra em comum nos dois programas de formação de professores. Nesse

livro, o autor apresenta o conceito de *professores intelectuais transformadores*, que deveriam ser vistos como

Indivíduos que exercem formas de autoridade pedagógica que são inseridas em práticas e discursos críticos e capazes de oferecer aos alunos o conhecimento e as habilidades necessárias para pensar de modo crítico, agir com responsabilidade e imaginar um mundo mais democrático. (Giroux, 1997, p. 29)

Dessa forma, um dos saberes docentes fundamentais para Giroux (1997) é a atividade política enquanto formadora de estudantes emancipados para a transformação social. O autor (Giroux, 1997, p. 161) apresenta três vantagens para a ressignificação do educador enquanto um *intelectual transformador*. Em um primeiro momento, a categoria de intelectual poderia conferir ao docente uma base teórica que transformaria sua representação profissional elaborada a partir de sua atividade prática cotidiana, para uma representação profissional reflexiva, integradora do pensamento junto à prática. Isto posto, a compreensão dos *professores como intelectuais* atuaria na construção de sua identidade, transformando o entendimento tecnicista da profissão para um entendimento mais complexo e, portanto, mais valorizado ante as relações sociais.

Nenhuma atividade, independente do quão rotinizada possa se tornar, pode ser abstraída do funcionamento da mente em algum nível. Este ponto é crucial, pois ao argumentarmos que o uso da mente é uma parte geral de toda atividade humana, nós dignificamos a capacidade humana de integrar o pensamento e a prática, e assim destacamos a essência do que significa encarar os professores como profissionais reflexivos. Dentro deste discurso, os professores podem ser vistos não simplesmente como "operadores profissionalmente preparados para efetivamente atingirem quaisquer metas a eles apresentadas. Em vez disso, eles deveriam ser vistos como homens e mulheres livres, com uma dedicação especial aos valores do intelecto e ao fomento da capacidade crítica dos jovens". (Giroux, 1997, p. 161)

Em um segundo momento, Giroux (1997, p. 161) estabelece *tipos de condições ideológicas e práticas* para que os educadores exerçam essa intelectualidade. Assim, para Giroux (1997, p. 161), “os professores devem assumir responsabilidade ativa pelo levantamento de questões sérias acerca do que ensinam, [...] e quais são as metas mais amplas pelas quais estão lutando. Isto significa que eles devem assumir um papel responsável na formação dos propósitos e condições de escolarização”. Dessa forma, a autonomia do educador torna-se um destaque para a realização de sua atividade profissional, já que professores com a

responsabilidade frente a suas próprias condições de trabalho colaborariam para o desenvolvimento de uma sociedade emancipada.

O último ponto que o autor apresenta está relacionado ao papel que os professores desempenham na produção e legitimação de interesses políticos, econômicos e sociais variados (Giroux, 1997, p. 161). Sendo assim, há uma função social no exercício da atividade docente que está além da mediação das apropriações dos saberes para a formação humana, já que por meio de sua atividade profissional, o *professor intelectual* poderia converter os estudantes em cidadãos críticos através da educação.

Num sentido mais amplo, os professores como intelectuais devem ser vistos em termos dos interesses políticos e ideológicos que estruturam a natureza do discurso, relações sociais em sala de aula e valores que eles legitimam em sua atividade de ensino. Com esta perspectiva em mente, gostaria de concluir que os professores deveriam se tornar intelectuais transformadores se quiserem educar os estudantes para serem cidadãos ativos e críticos. Essencial para a categoria de intelectual transformador é a necessidade de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico. (Giroux, 1997, p. 162-163)

A *intelectualidade* proposta por Giroux (1997) é apresentada sob uma dimensão política capaz de transformar o *status quo*. Assim, a ressignificação da docência como uma atividade *intelectual transformadora* contribui, para além da própria ressignificação da identidade docente por meio de seu processo de formação, com o desenvolvimento de uma sociedade mais emancipada. Além da obra de Giroux (1997), o PPGE da Unesp e a Licenciatura da ESPE disponibilizam outras obras diversas, sendo Nóvoa (1991; 1993; 1995); Catani (1993; 1994) e Tanuri (2000) os autores mais citados no Programa de Pós-graduação em Educação brasileiro e André (2001) e Pimenta (2006) na Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa angolana.

A obra sobre estudos da formação docente e sobre a construção da identidade professoral da Licenciatura na ESPE mais mencionada é *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*, organizada por André (2001). Esse livro configura-se como uma coletânea de textos em torno da relação entre ensino e pesquisa para a formação docente. A questão norteadora dos diversos textos da obra é a compreensão da relação entre a pesquisa e a prática docente, bem como seu lugar de ocupação na formação do professor. O capítulo central da coletânea, *A pesquisa: esboço de uma análise*, de Beillerot (2001), propõe um estudo de caráter epistemológico em torno do conceito de pesquisa e suas relações com a formação de professores. Para Beillerot (2001), a pesquisa é uma atividade essencial da prática social cotidiana, referindo-se sempre à procura por algo. O surgimento do termo *pesquisa científica* é recente, datado a partir da década de 1930, e desde então há uma diferenciação entre a

compreensão da *pesquisa cotidiana* e do *fazer pesquisa acadêmica*. Assim, o *pesquisador* é considerado o sujeito que *faz pesquisa*, em que pese todas os possíveis direcionamentos que o verbo *fazer* impõe diante do seu uso, tais como encontrar meios para uma objetivação de questões para poder estudá-las (Beillerot, 2000, p. 73) Dessa forma, o autor apresenta algumas justificativas para a formação de professores *pela* pesquisa de caráter científico, sendo a pesquisa capaz de desenvolver uma postura crítica nos educadores em formação:

O contato com as pesquisas é suscetível de desenvolver as capacidades de análise e de investigação, de evitar confundir a evidência com o fato demonstrado. A pesquisa é a prova permanente de que muitas outras coisas em educação nos escapam, o que deveria, assim, nos tornar circunspectos, prudentes e abertos a novas compreensões. A pesquisa seria suscetível de formar os jovens docentes no espírito crítico, na dúvida metódica, no comportamento racional, assim como no cuidado de responder com elegância às situações encontradas. (Beillerot, 2000, p. 88)

Já a obra *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*, organizada por Pimenta e Ghedin (2006) também se configura como uma coletânea de textos de diversos autores, produzidos academicamente nos cursos de Pós-graduação em que os organizadores lecionavam. O livro está dividido em três partes além da introdução, sendo a primeira parte relacionada à historicidade da construção do termo *professor reflexivo*, a segunda parte relacionada à epistemologia do conceito de prática reflexiva dos educadores e a última parte relacionada à ligação entre o conceito de *professor reflexivo* e a profissionalidade docente. Em todos os casos, o questionamento norteador das discussões propostas pelos textos é a ampla apropriação do termo pelos mais diversificados atores do campo da educação, sejam educadores, pesquisadores, reformadores e políticos, produzindo uma diversidade de compreensões ante o conceito. Pimenta (2006, p. 19-20) busca compreender o conceito de *professor reflexivo* sob uma perspectiva da *epistemologia da prática*, conforme Dewey, Luria, Polanyi e Schön em que

Esse *conhecimento na ação* é o conhecimento tácito, implícito, interiorizado, que está na ação e que, portanto, não a precede. E mobilizado pelos profissionais no seu dia a dia, configurando um hábito. No entanto, esse conhecimento não é suficiente. Frente a situações novas que extrapolam a rotina, os profissionais criam, constroem novas soluções, novos caminhos, o que se dá por um processo de *reflexão na ação*. A partir daí, constroem um repertório de experiências que mobilizam em situações similares [...] Estes, por sua vez, não dão conta de novas situações, que colocam problemas que superam o repertório criado, exigindo uma busca, uma análise, [...] uma apropriação de teorias sobre o problema, uma investigação, enfim. A esse

movimento, o autor denomina de *reflexão sobre a reflexão na ação*. (Pimenta, 2006, p. 19-20)

No que diz respeito ao Programa de Pós-graduação da Unesp de Marília, Nóvoa (1991; 1993; 1995), Catani (1993; 1994) e Tanuri (2000) são os autores mais mencionados. *Para um estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente*, de Nóvoa (1991) propõe um estudo da organização da profissão docente em Portugal por meio de uma perspectiva histórica e social. Dessa forma, o professor é compreendido como um *sujeito histórico*, em que as práticas e discursos são marcados pelas relações de poder instituídas no contexto social ao longo das mais diversas temporalidades históricas. Isto posto, a profissionalidade da docência carece de alguns critérios específicos para sua organização e permanência no contexto social. Esses critérios contemplam questões legislativas, tais como documentos e legislações em torno da profissão do educador, questões trabalhistas, relacionadas ao exercício do ofício de mestre nas instituições de ensino, questões de formação professoral, como Escolas Normais e Licenciaturas, e questões políticas, como a organização de associações e de sindicatos para defender a categoria. Para Nóvoa (1991, p. 122), a profissão docente é fortemente carregada de uma *intencionalidade política*, uma vez que está muito ligada às *finalidades* e aos *objetivos* profissionais. O livro *Vidas de Professores* (Nóvoa, 1993) é uma coletânea de textos que propõem reflexões em torno da influência da biografia dos professores na concepção de suas identidades professorais. Desse modo, Nóvoa (1993) destaca a importância da reflexão por meio das narrativas autobiográficas para a formação de professores

O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa actividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho. A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercermos o ensino [...]. Eis-nos de novo face à *pessoa* e ao *profissional*, ao *ser* e ao *ensinar*. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal. (Nóvoa, 1993, p. 17)

Já a obra *Os professores e sua formação*, também de António Nóvoa (1995) apresenta a reflexão em torno da formação docente sob outra perspectiva, pensada a partir de uma reflexão fundamental sobre a profissão, considerando o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional dos professores. A obra pode ser dividida em três partes principais, em que pese reflexões em torno da formação de professores a partir de questionamentos sobre a profissão docente, reflexões em torno da formação de professores e o desenvolvimento de sua identidade

– a produção da vida do professor – e por fim, reflexões em torno da produção da profissão docente e da produção da escola. Catani (1993; 1994) apresenta investigações em torno dos saberes pedagógicos. Em *Saberes pedagógicos e leituras de professores - Revista Educação (1927-1961)* (Catani; 1993), a autora discorre sobre o papel formativo da Revista Educação durante o período de 1927 a 1961, dado que a leitura do periódico pelos professores influenciava suas concepções e suas práticas docentes. Já a Tese de Livre Docência de Catani (1994), *Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*, procura compreender como ocorre a circulação dos saberes pedagógicos na formação do professor. Para Catani (1994) a circulação de saberes relacionados aos estudos sobre a Didática e à História da Educação constituem dois eixos de articulação para a formação inicial de professores. Catani (1994) ainda propõe o uso de relatos autobiográficos para a formação docente. Quanto à obra *História da formação de professores* (Tanuri, 2000) compreende a formação de professores no Brasil sob uma perspectiva histórica dos cursos Normais e das políticas educacionais a partir do século XIX.

A Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié apresenta-se como um programa de formação inicial de professores para atuação na realidade socioeducacional angolana. Os saberes relacionados à Identidade Docente e à Formação de Professores encontrados em referências bibliográficas oferecidas pelo Plano Curricular da Licenciatura são, em sua maioria, originários de obras brasileiras. Desse modo, a ESPE do Bié procuraria formar seus estudantes como professores intelectuais, que atuariam politicamente frente a construção de uma sociedade livre por meio da educação. Essa intelectualidade dos professores seria exercida por meio da atividade de pesquisa e da atividade reflexiva ante sua própria prática. Essa compreensão do professor como intelectual também é proposta como um saber em torno da construção da Identidade Docente e de sua formação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Unesp de Marília. No entanto, o percurso para a elaboração desse saber no programa brasileiro se manifestaria por meio da reflexão ante a construção social, coletiva e histórica da profissionalização de professores, atravessada pelas temporalidades singulares encontradas em cada biografia de cada sujeito em formação professoral. Isto posto, ainda que para os dois programas de formação docente os professores sejam compreendidos como intelectuais, a representação dessa intelectualidade é construída por trajetórias distintas, dado que os professores formados pela Licenciatura angolana atuariam como educadores em que a prática do ensino contribuiria para o processo de humanização dos estudantes, sejam eles crianças, jovens ou adultos, historicamente situados, enquanto os professores formados pelo Programa de Pós Graduação brasileiro atuariam nas próprias licenciaturas.

Espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem irremediavelmente construindo seus saberes-fazer docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano. Espera-se pois, que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática necessários à compreensão do ensino como realidade social e que desenvolva neles a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem seus saberes-fazer docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (Pimenta, 2000, p. 18)

Assim, os professores em formação na Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa e no Programa de Pós-graduação em Educação encontram-se, não apenas em espacialidades distintas, uma vez que a Licenciatura e o PPGE localizam-se em países separados por um oceano, mas também em temporalidades outras, em que o processo de construção de suas identidades situa-se em pontos distintos na trajetória de sua formação. E dessa forma, é possível perceber que os conhecimentos apropriados na Pós Graduação brasileira pelos docentes angolanos durante sua profissionalização em nosso território nacional constituem a compreensão de Identidade Docente que buscam construir junto a seus estudantes de licenciatura, uma vez que a apropriação é entendida como *uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem* (Chartier, 2002, p. 67) e assim, esses saberes transnacionais podem ser percebidos na prática específica da formação de professores pela ESPE do Bié.

4.6 Os Autores na formação dos novos Professores

Para Barthes (2012, p. 58), “o autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvida, por nossa sociedade, na medida em que, ao sair da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, descobriu o prestígio do indivíduo”. No entanto, simultaneamente ao reconhecimento de quem escreve o texto, esse mesmo texto seria capaz de *apagar* a voz desse autor, por ser a “escritura esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade a começar pela do corpo que escreve” (Barthes, 2012, p. 57). Em vista disso, a relevância autoral dos textos perder-se-ia na ação leitora a partir do contato do leitor com o texto escrito.

Partindo da premissa da *morte do autor* barthesiana, Foucault (1969/2001) desenvolve sua *genealogia* sobre *O que é um autor* frente a perspectiva discursiva, regulamentada pela história e atravessada pelas relações de poder. Segundo o filósofo francês, relacionar um nome

próprio a uma produção textual seria equivalente a esboçar o próprio assunto do texto, uma vez que o nome próprio carregaria as representações das principais ideias desse autor.

O nome do autor é um nome próprio; ele apresenta os mesmos problemas que ele [...] Não é possível fazer do nome próprio, evidentemente, uma referência pura e simples. O nome próprio (e, da mesma forma, o nome do autor) tem outras funções além das indicativas. Ele é mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém: em uma certa medida, é o equivalente a uma descrição. (Foucault, 2001, p. 272)

Para Foucault (2001, p. 278), o autor é “um certo foco de expressão que sob formas mais ou menos acabadas manifesta-se da mesma maneira e com o mesmo valor em obras, rascunhos, cartas, fragmentos, etc.”. Assim, o reconhecimento da autoria confere *autoridade* à escritura, inserindo os textos produzidos em uma dimensão discursiva que os certifica como a unidade de uma *obra* da cultura escrita.

Essa noção do autor constitui o momento crucial da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia, e das ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um tipo de filosofia, acredito que não se deixa de considerar tais unidades como escansões relativamente fracas, secundárias e sobrepostas em relação à primeira unidade, sólida e fundamental que é a do autor e da obra. (Foucault, 2001, p. 267)

Essa compreensão da autoria pela perspectiva discursiva foucaultiana aponta para as relações de poder, já que o *autor* de um texto não é entendido apenas como quem escreve, mas também como *uma posição* que o discurso constrói para organizar, controlar e classificar os saberes. Dessa forma, para Foucault (2001), o autor exerceria uma função reguladora de certos discursos no interior de uma sociedade. Chartier (2014) considera essa *função autor* como fundadora da noção de *obra*, capaz de rearranjar discursos e assim tornar-se a própria responsável pela escritura. Para o historiador, há uma diferença entre o escritor, em inglês *writer*, responsável por escrever algo, e o autor, ou *author*, também na língua anglo-saxônica, quem o nome próprio dá identidade e autoridade ao texto (Chartier, 1999, p. 32).

Essa “função autor” marcada pelo nome próprio é, de início, uma função de classificação dos discursos que permite as exclusões ou as inclusões em um *corpus*, atribuível a uma identidade única. Ela é, nesse sentido, fundadora da própria noção de obra e caracteriza certo modo de existência em comum de alguns discursos que são atribuídos a um único lugar de expressão e, por isso, ela própria é a responsável pela noção de escrita. (Chartier, 2014, p. 29)

Chartier (2014) aponta para dois processos, relacionados à vida e à produção escrita, para o estabelecimento da *função autor*. Dessa forma, para converter-se em *autor*, o escritor passaria por um processo histórico de seleção, admissão e exclusão, tanto de eventos de sua biografia, quanto dos seus textos produzidos para que, desse modo, fosse possível a construção de uma unidade singular e coerente que representasse toda sua *obra* a partir de seu nome. Assim, a *função autor* seria uma condicionante variável, dependente das construções históricas e materiais em que os escritores estivessem inseridos.

Talvez, uma nova forma do livro produz novos autores, ou seja, que a construção do autor é uma função não apenas do discurso, mas também de uma materialidade, materialidade e discurso que na minha perspectiva de análise são indissociáveis. (Chartier, 2014, p. 63)

Dessa forma, Chartier (2012) apresenta a materialidade do livro como indissociável para a compreensão da *função autor*. Assim, do mesmo modo em que essa materialidade atua como reguladora de práticas de leitura por parte dos leitores, pode atuar também como legitimadora das representações em torno da construção do *autor* e de sua *função* em diferentes períodos históricos. Ao produzir os quadros sob a temática dos *Autores mais citados* em cada programa de formação docente, seja a Pós-Graduação brasileira ou a Licenciatura angolana, procurei compreender a dimensão discursiva e histórica, atrelada aos nomes dos autores que de certa forma compõem as representações significativas sobre a formação e a profissionalização de professores, tanto no curso brasileiro, quanto no curso angolano.

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Marília apresenta em seu Quadro de Autores mais citados (Anexo K) uma variação entre escritores clássicos internacionais e escritores brasileiros ligados à própria universidade. Hegel é citado 36 vezes nos 71 Planos de Ensino do PPGE; Mortatti aparece vinte vezes; Pagni, dezenove vezes; Kant e Piaget aparecem ambos citados dezoito vezes cada um. Bakhtin, Foucault e Porchat Pereira são citados dezesseis vezes e Bourdieu, Campos, Deleuze e Rosemberg aparecem onze vezes nos documentos brasileiros. Esses autores também podem ser agrupados conforme áreas de saberes relacionadas ao campo educacional, tais como *Filosofia e Filosofia da Educação* (Deleuze, Foucault, Hegel, Kant e Porchat Pereira), *Sociologia e Sociologia da Educação* (Bourdieu), *Desenvolvimento Infantil* (Piaget), *Estudos da linguagem* (Bakhtin), *Educação Infantil* (Campos e Rosemberg), *Alfabetização* (Mortatti) e *Educação Especial* (Pagni). Partindo de um recorte ainda mais singular, pude identificar os *Autores Especialistas* em temas específicos, como Alfabetização, Educação Especial e Educação Infantil, bem como pude

identificar também, os *Autores Clássicos*, teórico-epistemológicos e estruturantes do pensamento, como os autores da Filosofia e Filosofia da Educação, da Sociologia e Sociologia da Educação, do Desenvolvimento Infantil e dos Estudos da Linguagem.

Calvino (1993, p. 16), ao tratar das obras de literatura canônica, conclui que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos. Para o autor, clássicos são obras atemporais, uma vez que podem ser recontextualizadas conforme a perspectiva histórica. Assim, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer o que tinha para dizer” (Calvino, 1993, p. 11). Dessa forma, um clássico sempre apresentar-se-á como uma obra nova, já que carrega as marcas e leituras que o atravessaram em outras temporalidades, simultaneamente a novas marcas e novas leituras que o atravessarão a cada novo contato com a obra.

A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais [...] A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão [...] (Calvino, 1993, p. 12)

Segundo Calvino (1993), um clássico, ainda que *ocultado nas dobras da memória*, compõe a tecitura dos saberes sociais, uma vez que se torna estruturante do pensamento individual e assim, também se torna estruturante dos conhecimentos da humanidade. Dentre os autores mais citados pelos Planos de Ensino do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Marília, sete são considerados autores clássicos. Isto posto, o Programa procura apresentar aos professores em formação o contato com os clássicos das mais diversas áreas para que seus saberes tenham bases epistemológicas a partir das reflexões diante do conhecimento cânone do campo científico, seja ele educacional, filosófico, psicológico ou linguístico.

Já em relação ao Quadro dos Autores mais citados nos 49 Planos de Ensino da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE – Bié (Anexo J), há uma enorme contribuição, principalmente, de autores brasileiros. Libâneo é citado treze vezes. Candau e Pimenta são citadas doze vezes cada; Hoffmann aparece nove vezes nos documentos. Coscarelli e Perrenoud aparecem oito vezes, Demo e Castro são citados sete vezes; Vasconcellos, Meirieu e Cunha & Cintra aparecem seis vezes nos documentos angolanos. Por sua vez, esses autores podem ser agrupados segundo *Saberes Docentes e Formação da Identidade Professoral* (Candau; Coscarelli; Demo; Hoffman; Libâneo; Meirieu; Perrenoud; Pimenta e Vasconcellos) e autores que constituem os *saberes docentes disciplinares* (Castro e Cunha & Cintra). Os três autores relacionados aos *Saberes Docentes Disciplinares* abordam a temática da história da Língua Portuguesa sob a perspectiva ibérica e a gramática do português a partir da obra *Nova*

Gramática do Português Contemporâneo, em três edições diferentes, do autor brasileiro Celso Cunha e do autor português Luís Filipe Cintra. Dessa forma, os conhecimentos linguísticos, saber disciplinar imprescindível para a formação do professor de Língua Portuguesa, são relacionados à variação europeia, uma vez que, devido ao recente processo de independência de Angola, ainda há uma forte influência lusófona peninsular no país africano.

Em contrapartida, dos nove escritores relacionados aos *Saberes Docentes e Formação da Identidade Professoral*, sete são autores brasileiros enquanto apenas dois são europeus. Segundo Carvalho, Brocanelli e Santos (2020, p. 16),

Pensar a educação e a ética a partir de um lugar situado, mas que é influenciado por outras ideias e concepções, implica e solicita um esforço na busca de se pensar a partir de uma outra perspectiva, que contemple outras vozes, outros protagonismos, outros “centros” de produção de pensamento e ideias. Esse movimento não significa, em nenhum momento, desconsiderar as produções clássicas que, secularmente, discutem questões sobre a vida, o espírito, a natureza e o ser. Significa questionar a visão ontológica da totalidade e, com isso, afirmar as particularidades, reconhecendo a alteridade.

As produções dos autores brasileiros compõem a maior parte do referencial bibliográfico segundo o Plano Curricular da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa (Quadro Total – Anexo L). Consequentemente, os autores brasileiros estão entre os mais referenciados pelo programa estrangeiro (Anexo J). Desse modo, pode-se perceber que, para além da apropriação de saberes nacionais – nesse caso específico, a apropriação de saberes encontra-se *encarnada* pela grande quantidade de autores brasileiros presentes nos documentos – o curso de formação de professores de Língua Portuguesa na ESPE do Bié procura estruturar o pensamento de seus estudantes a partir de uma outra perspectiva, que, apesar de considerar obras clássicas para o campo educacional – vide Perrenoud e Meirieu no quadro de Autores mais citados –, busca em outros *centros* de produção do pensamento o questionamento ontológico para a formação e a construção da identidade docente em seu território, apresentando uma nova *cartografia* em que o protagonismo nasce na “periferia” do sul global, como uma espécie de *herói macunaímico* inteligente, astuto, esperto e, principalmente, regional.

Para Barbosa (2001, p. 50) a escolha de autores nas práticas de leitura relaciona-se ao poder simbólico social, apropriado em condições de conflito, de forma consciente ou não. Dessa forma a construção do *herói autor* relaciona-se principalmente ao conhecimento simbólico introjetado pelos leitores. Segundo Barbosa (2001, p. 50),

O carisma que envolve a construção do herói, o herói-autor no caso aqui focalizado, tem origem em vertentes bem diversas, mas a fascinação que o

privilegia está estreitamente relacionada à forma como é introduzido numa sociedade e por ela validado[...] Autores, sua escolha e suas obras, não são investidos de nenhuma "natureza" autônoma, segregada. Só conseguem chegar aos leitores e penetrar em sua imaginação transfigurando-se, ali, em quase-verdades que afetam sua maneira de viver e de pensar e invadem a vida cotidiana. Dessa forma realiza-se o diálogo, ainda que seja um diálogo mudo, entre o seu mundo, o mundo social e o mundo das criações [...] As histórias têm continuidade, atravessam os tempos.

A esse *autor herói* são atribuídas qualidades ambicionadas pelos que o entronizam como *herói*, o transformando em uma espécie de paradigma para a sociedade (Barbosa, 2001, p. 141). Dessa forma, esse *herói* seria capaz de propor soluções aos problemas sociais justamente por ser entendido de forma mitificada por seu valor social, cultural, ideológico e histórico. Esse processo de mitificação de autores relaciona-se diretamente com a cultura institucionalizada e pode resultar no estabelecimento de culturas hierarquizadas

A cultura institucionalizada predispõe a uma recepção particular de discursos e dos valores neles vistos. Cada momento carrega normas referendadas por diferentes grupos socioculturais. As práticas de leitura são regidas segundo tais normas que se constituem para além do sentido previsto pelos discursos. Passam por sequências e rupturas e permitem o estabelecimento de hierarquizações culturais. O autor- herói aqui estudado é representativo desse processo. Ele é o expoente de todo um sistema de valores contidos, em larga medida, numa acumulação de "saberes" anteriores. Saberes institucionalizados. (Barbosa, 2001, p. 55)

Sem desmerecer as inúmeras contribuições dos autores brasileiros que compõem o quadro de Autores mais citados (Anexo J) da Licenciatura em Língua Portuguesa da ESPE do Bié, pretendo voltar a atenção para suas representações enquanto *heróis autores* para a composição do pensamento institucionalizado sobre os saberes docentes na Escola Superior Pedagógica do Bié. De acordo com o quadro, são 36 obras de 12 autores mais recorrentes nos documentos angolanos. Essas obras são citadas uma centena de vezes ao longo do Plano Curricular. Desse total de recorrências, as obras e portanto, os autores brasileiros, aparecem 73 vezes em oposição às 27 recorrências dos autores não brasileiros. Em média e aproximadamente, cada autor brasileiro seria citado em torno de nove vezes, enquanto os demais autores do quadro seriam referendados seis vezes. Esse volume das recorrências brasileiras nos documentos da ESPE pode demonstrar os padrões de *boa leitura*, baseados nos valores sociais próprios da sociedade que os estabeleceu e que são justificados pela *aura criada em torno dos autores heróis* (Barbosa, 2001, p. 120). Dessa forma, ainda para Barbosa (2001, p. 144), o livro não aparece somente como o texto, mas também como suporte de valores, daí

o processo de mitificação. E esse processo de mitificação torna-se natural na medida em que é entendido como valores sociais, culturais, ideológicos e históricos.

A figura do *herói*, e dessa forma do *autor herói*, é construída de forma constante, primeiramente pela imaginação e está relacionada com a busca por soluções simples e rápidas dos problemas. Para além da regulamentação de práticas de leitura consideradas como *boas leituras*, esse *herói* também representaria os *modos de fazer* ideais, que tornar-se-iam paradigmas para o homem comum e no caso específico da ESPE, modelos para os professores em formação. Isto posto, a Escola Superior Pedagógica do Bié realizará entre os dias 12 e 14 de maio de 2025, seu I Congresso Internacional de Pedagogia. Sob a temática “O impacto da Educação no século XXI”, o evento buscará promover reflexões em torno dos desafios do campo educacional na atualidade. Esse Congresso também faz parte das comemorações de 50 anos de Independência angolana. Por se tratar de um evento internacional, o congresso contará com a participação de conferencistas estrangeiros, dentre eles o Professor José Carlos Libâneo.

Figura 25: Imagem de divulgação do I Congresso Internacional de Pedagogia da ESPE - Bié



Fonte: Página oficial da Escola Superior Pedagógica do Bié. Disponível em: <https://espbie.ao/>. Acesso em 10 fev. 2025

Libâneo é o autor mais citado no Plano Curricular da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE – Bié. Sua obra *Didática* (1994) é mencionada em quatro disciplinas diferentes. Já as obras *Democratização da escola pública* (1986), *Organização e Gestão da*

Escola (2004) e *Educação: Pedagogia e Didática* (2006) são utilizadas por três disciplinas diferentes cada, totalizando treze menções totais às obras do autor. Embora sejam produções tradicionais do campo educacional brasileiro, essas obras remetem a uma outra temporalidade, dado que foram produzidas no final do século XX e na primeira década do século XXI. Ainda assim são consideradas estruturantes para a formação inicial do professor de Língua Portuguesa na ESPE do Bié atualmente. Por conseguinte, essa prática de leitura das obras de Libâneo eleva a figura do Professor brasileiro à construção de *autor herói* na espacialidade da Escola Superior Pedagógica angolana. Assim, sua participação no I Congresso Internacional de Pedagogia da ESPE do Bié torna-se um evento singular, em que o uso de sua imagem pessoal na divulgação oficial da jornada acadêmica, seja por meio de sua fotografia (Figura 25) seja por meio de sua produção de audiovisual no site oficial do evento (Figura 26) engrandece e agrega valores simbólicos ao próprio congresso.

Figura 26: Página inicial oficial do I Congresso Internacional de Pedagogia da ESPE – Bié



Fonte: Captura de tela da página inicial oficial do I Congresso Internacional de Pedagogia da ESPE – Bié. Disponível em: <https://sites.google.com/view/i-congresso-internacional/in%C3%ADcio> Acesso em 20 mar. 2025.

Segundo Barbosa (2001), a construção desse *herói autor* estaria conectada com a transcendência do saber revelado por sua escrita para a própria representação do escritor. Desse modo, esse *herói* tornar-se-ia uma espécie de *monumento*, em que seu nome próprio, além de referendar as inúmeras indicações de *boas leituras*, também comporia espacialidades concretas, externas às práticas leitoras, tais como espaços urbanos, escolas etc. Ao associar o I Congresso Internacional de Pedagogia diretamente com o nome e com a imagem do Professor Libâneo, é possível perceber essa *materialização* da mitificação do Professor brasileiro como um *autor herói* na espacialidade da ESPE do Bié.

A aura do saber revelado na escrita transcendia o próprio conteúdo do texto, embrenhava-se na identificação do escritor. Este destacava-se do seu estatuto de homem comum para alcançar o prestígio, o respeito, a adoração de seus leitores. Autor-herói idealizado, identificado com o ideário político-econômico desenvolvimentista [...] tinha seus livros indicados nos guias das boas leituras escolares. Seu nome era perpetuado na fachada das escolas, bibliotecas, ruas, praças e monumentos. Tornava-se homem-autor-político. Pleito determinado pelas circunstâncias de um momento, uma certa conjuntura social e cultural que precisava ser perenizada na memória coletiva. Uma memória para o futuro, para o não-esquecimento desta e das próximas gerações. Uma referência concreta sobre alguém que não podia ser esquecido, "formas simbólicas de acordo com as quais indivíduos e comunidades interpretam, ordenam e dão significado à sua existência". (Barbosa, 2001, p. 12)

Já com relação aos autores não lusófonos mais citados pelos documentos angolanos, Perrenoud é o sexto autor recorrente, tendo seu nome citado oito vezes, distribuído pelas obras *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas* (1999), *Construir as competências desde a escola* (1999), *10 Novas Competências para Ensinar* (2000) e *Práticas pedagógicas, profissionais docentes e formação* (1993). Já Meirieu é o autor das obras *Aprender... sim, mas como?* (1998) e *O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e compreender* (2005), sendo mencionadas seis vezes pelo Plano Curricular da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE – Bié. Em relação a essas obras, gostaria de tencionar o destaque para as edições brasileiras dessas publicações, uma vez que apenas *Práticas pedagógicas, profissionais docentes e formação* (1993) de Perrenoud é uma publicação de uma editora portuguesa.

Para Ricoeur (2011) sempre houve o processo de tradução, pois sempre existiu a necessidade de expansão dos intercâmbios humanos para além da comunidade linguística, como forma de composição da coesão social e da própria identidade do grupo. Assim, a tradução é compreendida pelo filósofo francês como um ato ético e filosófico de mediação entre culturas, ligado à alteridade e à convivência com o distinto. Isto posto, Ricoeur (2011, p. 30), entende a tradução como ato capaz de despertar a coexistência humana a partir da diferença, traçando um paradigma de *hospitalidade linguística*:

[...] sem esperança de eliminar a distância entre equivalência e adequação total. Hospitalidade linguística portanto, onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, a acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro. (Ricoeur, 2011, p.30).

Partindo do princípio da *hospitalidade linguística*, Chartier (2022) concebe a tradução como uma prática que deve tornar o outro compreensível ao mesmo tempo em que aceita suas diferenças insuperáveis. Dessa forma, há um paradoxo em torno do *traduzir*, uma vez que ao aceitar as particularidades do que é estrangeiro, a tradução confirma a existência do intraduzível. Para Chartier (2022, p. 17),

O estudo da tradução, que foi uma das primeiras modalidades de profissionalização do ato de escrever, é um instrumento fundamental tanto da geografia literária quanto das histórias relacionadas. Permite desfazer as ilusões anacrônicas que se esquecem das enormes diferenças que existem entre as línguas traduzidas e as línguas tradutoras.

No entanto, é importante compreender que a *geografia das traduções* não é uma cartografia dinâmica de uma obra estabilizada, pois deve considerar as várias mutações, concedidas por meio da mobilidade dos sentidos do texto, responsáveis por transformar a obra e conceber, simultaneamente, novos textos. Isto posto, segundo o historiador francês, essa mobilidade dos sentidos dos textos realizada por meio da ação tradutora tem ao menos três gradações que vão desde as escolhas da tradução das palavras, ao contexto de publicação do texto traduzido que pode deslocar ou atualizar seu significado, à própria interpretação geral da obra, que pode adquirir um novo status e um novo propósito com a tradução (Chartier, 2022, p. 91). Sendo assim, o processo de tradução de uma obra é inerente a sua edição e desse modo, a sua própria materialidade.

A materialidade do livro é inseparável da materialidade do texto, se o que entendemos por este termo são as formas nas quais o texto se inscreve na página, conferindo à obra uma forma fixa, mas também mobilidade e instabilidade. A “mesma” obra não é de fato a mesma quando muda sua linguagem, seu texto ou sua pontuação. (Chartier, 2014, p. 12)

Ao optar pelas traduções e pelas edições brasileiras das obras dos autores não lusófonos do campo da Educação – aqui não relaciono apenas aos autores mais citados, como Perrenoud e Meirieu, mas também às demais publicações brasileiras de autores estrangeiros que compõem o Quadro Total (Anexo L) – a formação de professores na licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa pela ESPE-Bié encontra-se ancorada em torno dos discursos brasileiros sobre os estudos educacionais pois, ainda que os textos sejam originalmente contextualizados em espacialidades outras, sua tradução, sua edição e portanto, sua materialização são resultantes de um processo de entrelaçamento histórico, atravessado pelas relações de poder e por suas temporalidades, que compõem nossa tessitura social nacional. Desse modo, mesmo diante da

autoria internacional de algumas obras encontradas nos documentos angolanos, o processo de apropriação de saberes por meio específico das edições brasileiras está enredado também pelas nossas representações dos saberes sobre a formação de professores e sobre a construção da identidade docente, já que a tradução implicaria também em uma *apropriação especial* dos textos (Chartier, 2014, p. 187) e por assim sê-la, torna-se um processo de construção de sentido por inteligências *encarnadas* que podem usar, reempregar e/ou desviar os sentidos originais a partir de suas práticas sociais e históricas. Isto posto, é possível traçar um caminho percorrido por esses conhecimentos, que de certa forma, em um primeiro momento, cruzaram o oceano ao encontro do Brasil e foram permeados pelos saberes brasileiros, graças às suas apropriações nacionais, por meio principalmente de suas traduções e publicações, e agora cruzam novamente o Atlântico, em uma *viagem* de conhecimentos *emaranhados* ao encontro de novas espacialidades e de novas temporalidades em território angolano, em um movimento de *circulação dos saberes* para a formação de professores.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*Primeiro não havia nada
Nem gente, nem parafuso
O céu era então confuso*

*E não havia nada
Espírito de tudo
Dando o primeiro pulo
[...]
Diz que tudo é sagrado*

Gênese, Doces Bárbaros

Sempre desconfiei do termo *Considerações Finais*. Se as considerações são finais, por que geralmente são tão provocativas que acabam por desencadear a *gênese* do processo reflexivo nos leitores dos textos em que essas considerações concluem? Dito de outra maneira, as *considerações finais* dos textos acadêmicos estimulam os questionamentos dos seus leitores, provocando um afluxo de ideias e associações, *num movimento barthesiano de ler levantando a cabeça*. Dessa forma, o que pretendo com a última parte desse texto é traçar *algumas considerações* para que esse encontro com o texto possa, de algum modo, provocar o processo reflexivo com sua leitura e assim germinar em outras ideias, em diversas temporalidades e espacialidades. E se porventura esse texto resultar em *uma leitura de cabeças levantadas*, já terá cumprido seu propósito *genealógico*.

Essas considerações iniciam-se pela retomada do processo investigativo dessa pesquisa. Minha proposta de investigação *Quando os saberes são viajantes: a circulação do conhecimento para a formação docente no Brasil e em Angola* apresentava como objetivo principal a compreensão do movimento de circulação dos saberes para a formação de professores. O recorte regional entre Brasil e Angola foi estabelecido primeiramente pela *vizinhança linguística* (Catani, 2000) já que Brasil e Angola são países lusófonos. Esse recorte sulista da cartografia mundial também foi beneficiado pelo convênio entre a CAPES e o CNPq brasileiros e o Ministério de Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação angolano (MESCTI), associado ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE) de Angola, que atualmente promove políticas de formação profissional oferecendo bolsas de estudos a estudantes do país africano que queiram se profissionalizar por meio dos cursos de pós graduação das universidades brasileiras. Sob uma terceira perspectiva, buscar compreender as relações de apropriação de saberes entre Brasil e Angola é, em alguma medida, buscar

compreender essa nova cartografia que vem sendo redesenhada nesse início de século XXI, a partir das relações internacionais do eixo Sul – Sul global.

O Programa de Pós-graduação em Educação da FFC da Unesp de Marília, por meio do convênio entre a CAPES, o CNPq e o MESCTI, se tornou um dos programas responsáveis pela formação em nível de Mestrado e de Doutorado de professores angolanos. Assim, nas especialidades do PPGE brasileiro pude conhecer colegas do país africano que me apresentaram a Escola Superior Pedagógica do Bié, na cidade de Cuito e sua recém-criada Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa. Tinha em minhas mãos, dessa forma, os documentos e as informações necessárias para começar esse processo investigativo. Para tanto delimitei essa investigação sob a compreensão qualitativa dos documentos analisados, a procura da manifestação dos saberes transnacionais que os professores do país africano, formados pelo PPGE, revelariam por meio das referências bibliográficas encontradas nos Planos de Ensino das suas disciplinas ministradas na Licenciatura. No entanto essa *materialização* desses saberes circulantes por meio das referências encontradas nos documentos mostrou-se de forma muito mais sutil, como parte de uma trama de um tecido entrelaçado por outros diversos saberes, adaptados e reorganizados pela nova especialidade e pela nova temporalidade da Instituição de Ensino Superior angolana. Assim, para compreender a circulação desses saberes era preciso compreender as *apropriações* desses conhecimentos.

Chartier (1990; 2002) entende por apropriação a forma com que um determinado sentido foi interpretado e reutilizado em uma nova situação de prática social. Esses *novos usos* podem ser reproduções, adaptações e até mesmo subversões do sentido original, conforme a nova situação de sua prática. Contudo, essas apropriações sempre estarão atreladas a sua *gênese*. Dessa maneira, ainda que de forma sutil, era possível perceber os saberes em circulação pois mesmo apresentando-se de outros modos resultantes de outras práticas sociais, os saberes circulantes na Licenciatura da ESPE do Bié continham em sua episteme os saberes circulantes no PPGE. Para completar o processo investigativo, precisava buscar uma teoria da Educação Comparada que contemplasse toda essa complexidade que estava sendo desenhada pelo desenvolvimento da minha investigação. Desse modo, Novoa (2017) apresentou-me a Educação Comparada por meio da compreensão das temporalidades e das espacialidades educativas encontradas nos diversos *locais* de comparação. Catani (2000) fez-me compreender que mesmo a distância de um oceano Atlântico pode ser diminuída por meio da proximidade linguística que os países lusófonos compartilham. E Silva (2018) trouxe-me a ideia dos *saberes em viagem*, que de forma transnacional circulam por entre os países num movimento contínuo de apropriações e novos sentidos.

Sendo a apropriação a história cultural dos usos em novas situações de práticas sociais, para desenvolver esse estudo, precisei entender as espacialidades e as temporalidades em que as práticas sociais, ou os saberes transnacionais, circulavam. Dessa forma, por meio de uma revisão histórico-espacial, busquei compreender o processo de formação tanto do PPGE da FFC da Unesp de Marília, quanto a formação da ESPE do Bié. E graças a essa revisão pude compreender que essas IESs estão à procura de desenvolver suas próprias identidades enquanto espaços formativos. A IES angolana encontra-se no início de sua trajetória identitária. Por existir há apenas 15 anos, a ESPE do Bié procura firmar-se como uma Instituição de Educação Superior tradicional, valorizada por representar valores eurocêntricos hegemônicos, uma vez que desde sua localização urbana no centro histórico e econômico de Cuito, ao seu projeto arquitetônico representam o capital cultural colonialista. Por sua vez, a IES brasileira tem buscado o desenvolvimento da sua *autonomia identitária*, pois além de localizar-se à periferia de Marília, transformando-se em uma centralidade nessa *margem* urbana, o projeto arquitetônico da Unesp está carregado de símbolos nacionalmente brasileiros, que vão ao encontro de uma identidade decolonial.

Por fim, para compreender a circulação dos saberes docentes transnacionais nesses espaços educativos, precisei delimitar quais saberes seriam investigados. Para Tardif (2014) os saberes dos professores encontram-se fundamentados tanto pela teoria, quanto pela prática. Assim, a formação docente acontece nos momentos de sua instrução acadêmica bem como no momento de sua prática cotidiana. Já Gallego (2015) apresenta as diversas temporalidades formativas para os professores, pois mesmo que sua prática cotidiana ou sua formação institucionalizada no tempo presente são de fato estruturantes dos seus saberes, suas vivências escolares passadas, ainda sob a identidade de estudante, atravessam seu tempo presente e constituem elas também, os saberes dos professores. À luz de tamanha complexidade relacionada a epistemologia dos saberes docentes, optei por buscar entender a circulação dos saberes teóricos, encontrados nas instituições de formação de professores. Dessa forma, procurei compreender as apropriações frente aos conhecimentos sobre *Avaliação, Discursos Curriculares, Discursos Político Educacionais, Didática e Discursos Metodológicos*. Também procurei entender os fundamentos para a construção da *Identidade Docente* e da *Formação de Professores* no programa brasileiro e no programa angolano. Por fim, considerei interessante a realização de uma análise frente aos autores mais citados pelos documentos da Licenciatura da ESPE do Bié e pelos documentos do PPGE da Unesp de Marília. A partir da análise dos referenciais bibliográficos que compõem os Planos de Ensino das disciplinas ofertadas tanto no curso angolano, quanto no curso brasileiro, construí quadros comparativos diante dos saberes

inerentes à profissão e à formação inicial de professores. Assim, apoiada nesse material, pude identificar que, primeiramente, há pouquíssimas referências a autores africanos no programa angolano, fato que poderia refletir a cultura da tradição oral africana de produção e de transmissão de saberes e que também constitui o espaço de produção científica nas universidades da diáspora africana. Também pude constatar que a maioria das obras que constituem os referenciais sobre os saberes docentes no programa angolano são ou de autoria brasileira, ou são obras de autoria estrangeira (europeia) com tradução e edição brasileiras, o que representa por si só um primeiro movimento de circulação de saberes, já que a própria tradução e edição dos textos em línguas estrangeiras por brasileiros é uma apropriação nacional de práticas europeias, compondo um mosaico de saberes entrelaçados, como em uma teia de conhecimentos.

Desse modo, pude perceber que os saberes para a formação de professores, circulantes nas espacialidades do Programa de Pós-graduação em Educação da FFC da Unesp de Marília também circulam nas espacialidades da Escola Superior Pedagógica do Bié, ainda que não sejam manifestados diretamente. Esses saberes apropriados nas espacialidades e nas temporalidades formativas do PPGE *embarcaram em uma viagem* transnacional, por meio de suas apropriações no momento da formação dos Professores angolanos em terras brasileiras, aportando no território estrangeiro de forma ressignificada e reutilizada pelas novas espacialidades e pelas novas temporalidades encontradas nesse novo lugar de formação, compondo desse modo, uma trama de significados outros para a composição dessa tecitura de sentidos construídos frente aos conhecimentos, como um processo de entrelaçamento dos mais diversos fios para a criação de desenhos delicados, tal qual um *tecido rendado* de conhecimentos transnacionais. Assim, ainda que a espacialidade da Escola Superior Pedagógica do Bié busque construir sua identidade vinculada aos capitais culturais colonialistas, os saberes estruturantes para a formação de professores que ocorre dentro dessa espacialidade, na temporalidade da formação em si, são em sua grande maioria, de origem brasileira e portanto, decoloniais.

Por fim – e talvez agora sejam minhas considerações para a conclusão desse texto – o desenvolvimento dessa investigação fez-me compreender que, o processo de apropriação e de circulação de saberes transnacionais é uma complexa trama cultural que pode questionar a noção do que é *original*, ainda que seja utilizada como um símbolo da própria percepção da identidade ou seja, é também um processo de construção das mais diversas identidades nacionais, ao passo em que é atravessado por essas mesmas identidades em construção. Diante da recém emancipação angolana, o país africano encontra-se na busca pela construção de sua

identidade, seja nacional ou professoral, no entrecruzamento dos saberes hegemônicos representados pelo Norte global com os saberes dissidentes do Sul regionalizado. E nesse movimento de reposicionamento cartográfico em que o Sul ganha destaque, nosso país exerce seu protagonismo, *não por ser exótico*, mas por dispor de saberes significativos tanto para a realização da pesquisa científica, visto que minha própria investigação está fundamentada por autoras brasileiras, como Catani (2000) e Silva (2018), como para a formação de professores contextualizados nas espacialidades decolonizadas. Para Ortiz (2013, p. 631),

O país enuncia-se no plural, cada item apresentado encerraria um traço de nosso caráter. A redefinição das imagens brasileiras pode ser ainda considerada por um exemplo expressivo, a exportação da música popular brasileira [...] como os diversos programas de divulgação da MPB no exterior, associando o Estado e os grupos empresariais, cultivam diferentes representações da brasilidade.

Ao refletir sobre a divulgação transnacional da Música Popular Brasileira, Ortiz (2013) propõe que, independentemente dessa exportação estar associada ao Estado ou à grupos empresariais, essa difusão da MPB contribui para a construção das representações da brasilidade, dentro e fora do nosso país. Desse modo, buscando um paralelo à referência de Ortiz (2013), para além dos excertos musicais desse texto, o convênio entre a CAPES, o CNPq e o MESCTI para a formação e profissionalização dos estudantes da diáspora africana poderia também ser compreendido como um projeto de construção das representações dos nossos próprios saberes pedagógicos brasileiros, tanto pela circulação transnacional, quanto pela circulação em nossas espacialidades.

Em 1976, Gil, Caetano, Bethânia e Gal criaram os *Doces Bárbaros* em comemoração aos seus anos de carreiras solo consolidadas. Seu projeto musical, de raízes no *Movimento Tropicália* e no *Teatro Opinião*, buscava a representação da brasilidade pela música. A circulação das músicas do grupo por meio de sua turnê brasileira no ano da sua criação ultrapassou as barreiras territoriais à época, alcançando sucesso internacional e integrando a identidade cultural brasileira ainda nos dias atuais. Assim, em analogia à história dos *Doces Bárbaros*, talvez essa circulação transnacional dos saberes brasileiros para a formação docente contribuam para uma consolidação e valorização da própria brasilidade na formação da *Identidade dos nossos Professores*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDIAN, Graziela Zambão. *A função do discurso em Administração Escolar no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2024.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 113, p. 39-50, julho, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a02n113.pdf> .Acesso em 10 de junho de 2024.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso. *Etnografia da prática escolar*. 18. Ed. Campinas: Papirus, 2012.

ANGOLA. *Constituição da República de Angola*. Aprovada em 5 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.governo.gov.ao/> . Acesso em: 10 mar. 2025.

_____. *Lei de Bases do Sistema de Educação*. Luanda, 2001.

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. *A construção do herói. Leitura na escola: Assis - SP - 1920/1950*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

BEILLEROT, Jacky. A pesquisa: esboço de uma análise. In: ANDRÉ, Marli E. D. (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Tradução de Menga Lüdke. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 55–67.

_____. *Projet et légitimité. Cahiers Pédagogiques-Les sciences de l'éducation: quel intérêt pur le praticien?* 334.Paris.1995. p.16-17

BEREDAY, George Z. F. *Método comparado em educação*. Trad. José de Sá Porto. São Paulo: Nacional e USP, 1972.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. A força da representação. In: _____. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996 a.

_____. Algumas propriedades dos campos. In: _____. *Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983*.

_____. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). *A miséria do mundo*. Trad. Mateus S. Soares Azevedo; Jaime A. Clasen; Sergio H. de Freitas Guimarães; Marcus Antunes Penchel; Guilherme J. de Freitas Teixeira; Jairo Veloso Vargas. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

_____. Espaço social e espaço simbólico. In: _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. Marisa Corrêa. Campinas: Papirus, 1996 b.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. Leitura, Leitores, Letrados, Literatura. In: _____ *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre; EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ŽIŽEK, Slavoj. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996, p. 231-253.

BOWE, Richard; BALL, Stephen; GOLD, Anny. *Reforming education & changing schools: case studies in policy sociology*. London: Routledge, 1992.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. *Manual do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG*. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/manual-pecpg-pdf>. Acesso em 12 de junho de 2025.

BUMBA, António Maria. Políticas Educacionais e Curriculares do Estado angolano. *Revista África(s)*, v. 03, n. 06, jul -dez, 2016. p. 36-58.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMPOS, Braulio José. Educação colonial em Angola: as reformas educativas de 1961 a 1974. *Dados de África (s)*, v.05, n. 09, 2024, p. 54 - 72.

CANDAU, Vera Maria. Didática, Interculturalidade e Formação de Professores: desafios atuais. *Revista Cocar*. Edição Especial N.8. Jan./Abr./ 2020 p. 28-44

CARNOY, Martin. *Education as cultural imperialism*. New York: David McKay, 1974.

CARVALHO, Alonso Bezerra de; BROCANELLI, Cláudio Roberto; SANTOS, Genivaldo Souza dos. *Pensamento latino-americano e Educação: por uma ética situada*. Marília/São Paulo: Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2020.

CARVALHO, Paulo de. Evolução e crescimento do ensino superior em Angola. *Revista Angolana de Sociologia*. Vol. 9, 2012. p. 51-68.

CASTILHO, Mirian Lúcia Ruiz. *Memória e história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (1957-1976)*. 2009. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

CATANI, Denice Bárbara. Distâncias, vizinhanças, relações: comentários sobre os estudos Sócio-Histórico-Comparados em Educação. In: NÓVOA, Antonio; SCHIRIEWER, Jürgen. (Eds.). *A difusão mundial da escola: alunos, professores, currículo, pedagogia*. Lisboa: Educa, 2000, p. 143-150.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1999.)

_____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

_____. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa; Rio de Janeiro: Difel; Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. *Editar e traduzir: mobilidade e materialidade dos textos (séculos XVI - XVIII)*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v.5, n.11, p.173-191, 1991.

_____. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Trad. Luzmara Cursino; Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2014

CORREA, Ana Maria Martinez. *Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo: Memória da criação das escolas que vieram a integrar a UNESP*. 2006. Disponível em: https://www.cedem.unesp.br/Home/Publicacoes/15_34.pdf. Acesso em 20 dez. 2024.

DAL RI, Neusa Maria. *Sindicato, autonomia e gestão democrática na universidade*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1997.

ESPE. *Na vanguarda do rigor para melhor qualidade de ensino*. 2024. Disponível em: <https://espie.ao/> . Acesso em: 10 jan. 2025.

ESTEBAN, Maria Teresa. *A avaliação no cotidiano escolar*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, Antonio Gomes. O sentido da educação comparada: Uma compreensão sobre a construção de uma identidade. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 124-138, maio/ago. 2008.

_____. Os outros como condição de aprendizagem: desafio para uma abordagem socio dinâmica da Educação Comparada. *Educação Unisinos*, v.18, n. 3, set-dez. 2014.

FILHO, João Manuel Correia.; ALEAGA, Tainara Roa. A historicidade do Ensino Superior desde a génese até à actualidade: Suas transformações e impacto no sistema educativo angolano. In: Revista *Educación, Política y Sociedad*. Madrid: UAM, Vol. 6, n.1, 2021, p. 177-202.

FILHO, João Manuel Correia.; ALEAGA, Tainara Roa; SACOMBOIO, Filomena de Jesus Francisco Correia Filho. A massificação do ensino superior como política pública educacional e suas implicações em Angola. In: *Revista Brasileira de Política e Administração em Educação - RBPAE*. Porto Alegre: UFRGS, v. 36, n. 2, p. 750 - 767, mai./ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1996.

_____. O Que é um Autor?. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. In: _____. *Ditos e Escritos, III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

FRAGO, Antônio Viñao. *Alfabetização na sociedade e na história* Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____. *Tiempos escolares, tiempos sociales*. Barcelona: Editorial Ariel Practicum, 1998.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FRANCO, Maria Ciavatta. Quando nós somos o outro: questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 72, p. 197-230, ago. 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática docente*. 39ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLEGO, Rita de Cássia. Relatos dos tempos de escola no processo de formação docente: aliados na reflexão sobre tradições e imperativos de mudanças presentes na cultura escolar. In: RIOS, Jane Adriana V. P.. (Org.). *Docência na Educação Básica*. 1ed.Salvador: EDUNEB, 2015, v. 1, p. 125-157.

GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002.

_____. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Caderno de Pesquisa*, n. 113, julho, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a04n113.pdf> . Acesso em 20 de maio de 2024.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1ª edição, 2008.

GIROUX, Henry A. *Professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Tradução de Ivone Castanheira. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GODOY, Arilda Schmit. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

GUBA, Egon G. e LINCOLN, Yonna S. *Effective Evaluation*. San Francisco, Ca.: Jossey-Bass, 1981.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANS, Nicholas. *Educação comparada*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1971.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação, 1998

HOLMES, Brian. *Problems in Education. A comparative approach*. London: Routledge and Kegan Paul, 1965.

JOÃO, Domingos Faustino Pedro. Angola: democracia que temos e a que precisamos. *Dados de África(s)*, vol. 01, n. 2, Ano 2020, p. 77 - 89.

JULIÃO, Antonio Luis. Currículo e mobilidade social em Angola: pontes e vazios na relação. *Revista Espaço do Currículo*, v. 14, n. 2, p. 1-9, 2021.

JULLIEN DE PARIS, Marc-Antoine. *Esboço de uma obra sobre a Pedagogia comparada*. Coimbra: Atlântida, 1967.

KANDEL, Isaac Leon. *Uma nova era em educação: estudo comparativo*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. 52ª. edição. Piracicaba-SP. Editora Unimep, - 2006.

KASSAR, Mônica. O professor e as práticas educativas. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: Editora Unesp, 2004. p.517 – 524.

KAZAMIAS, Andreas. M. ; MASSIALAS, Byron. *Tradition and change in Education: a comparative study*. New York: Prendice Hall, 1967.

LACLAU, Ernesto.; MOUFFE, Chantal. *Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics*. London; New York: Verso, 1989.

LAUWERYS, Joseph. A. The philosophical approach to comparative Education. *IRE*, n. 5-3, p. 281-295, 1959.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. *O direito à cidade*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Totalidade e infinito*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1980.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública: A Pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 22.ed. São Paulo. Edições Loyola - Coleção Educar. 2008 [1986].

_____. *Fundamentos teóricos-metodológicos pedagógica crítico social: perspectiva histórico-cultural*. Disponível em:

<http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5146/material/Pedagogia%20criticosocial.doc>. Acesso em 10 jan. 2025.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de Pós-Graduação em Educação. *Revista Percurso - NEMO* Maringá, v. 4, n. 2, 2012, p. 149- 171.

MARIA BETHÂNIA. *Caderno de Poesia I*. Youtube, 27 de maio de 2020. 01h15min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KqLr9_7gYpE. Acesso em 20 de maio de 2024.

MARTINS, Luiz Ferreira. *Luiz Ferreira Martins (LM): depoimento* [27 set. 2001]. Entrevistadores: Anna Maria Martinez Corrêa (AC) e Marcia Regina Tosta Dias (MD). Bauru, Entr. nº 32. Arquivo de História Oral (AHO), Centro de Documentação e Memória (CEDEM). Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/484/historia-da-unesp-contada-por-luiz-ferreira-martins>. Acesso em 08 jan. 2025.

MARQUES, Luciana Rosa. A formação de uma cultura democrática na gestão da escola pública: analisando os discursos dos Conselheiros Escolares. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 33, n. 121, out.-dez. 2012, p. 1175-1194.

MÁRQUEZ, Angel Diego. *Educación comparada: teoria y metodologia*. Buenos Aires, Argentina: El Ateneo, 1972.

MENEZES, Solival. *Mamma Angola: Sociedade e Economia de um país nascente*. São Paulo: Fapesp, 2000.

MOEHLMAN, Arthur Henry; ROUCEK, Joseph S. *Comparative Education*. New York: Holt, Rinehard and Winston, 1951.

MOEHLMAN, Arthur Henry. *Comparative educational systems*. New York: Center of Applied Research in Education, 1964.

MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

NAUEGE, Mbaz; EDUARDO, Albano Agostinho. O desenvolvimento do ensino superior em Angola: implicações da diversidade das suas instituições. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras* São Francisco do Conde (BA) | v.2, nº Especial II | p.290-306 | dez. 2022.

NOAH, Harold J.; ECKSTEIN, Max A. *La ciencia de la educación comparada*. Buenos Aires, Argentina, 1970.

NÓVOA, António. *A metamorfose da escola*. Revista Militar, vol. 72, n.º 1, 2020. p. 33-42.

_____. Firmar a profissão como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de pesquisa*. vol. 47, n.166, out – dez, 2017a. p. 1106 – 1133.

_____. *Histoire & Comparaison* (Essais sur l'Éducation). Lisbonne: Educa, 1998a.

_____. Ilusões e desilusões da educação comparada: política e conhecimento. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, n. 51, p. 13-31, 2017.

_____. Modelos de análise de educação comparada: o campo e o mapa. In: *Educação Comparada Rotas de além-mar*. São Paulo: Xamã, 2010.

_____. Relação escola-sociedade: “novas respostas para um velho problema”. In: SERBINO, Raquel Volpato; RIBEIRO, Ricardo; BARBOSA, Raquel Lazzari Leite; GEBRAN, Raimunda Abou (OrgS.). *Formação de professores*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 19-40.

_____. Tres tesis para uma tercera visión. Repensando la formación docente. *Revista de Curriculum y Formación del Profesorado*. vol. 23, nº 3. Julio - Septiembre, 2019. p. 211 - 222.

_____. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1993.

NUNES, Marisa Fernandes. As metodologias de ensino e o processo de conhecimento científico. *Educar*. Curitiba: Editora da UFPR, n. 09, 1993, p. 49 - 58.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. Imagens do Brasil. *Revista Sociedade e Estado* - Volume 28 Número 3 Setembro/Dezembro 2013.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. Para uma re-significação da didática. Ciências da educação, pedagogia e didática: uma revisão conceitual e uma síntese provisória. 1996, *Anais*. Formação e profissionalização do Educador. Florianópolis: UFSC, 1996. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001696594>. Acesso em: 20 dez. 2024.

_____. (org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 2000.

PINEAU, Gastón. *Temporalidades na formação: rumo a novos sincronizadores*. Trad. Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 2003.

POPPER, Karl Raimund. *Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária*. São Paulo: Itatiaia: EDUSP, 1975.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RIBEIRO, Ricardo. Dez princípios sobre professores e sobre a formação de professores. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: Editora Unesp, 2004. p. 117 - 126.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (Tomo 1). Campinas, SP: Papirus, 1994.

SADLER, Michael Ernest. How far can we learn anything of practical value from the study of foreign systems of education. *Comparative Education Review*, n. 7, p. 307-314, 1964.

SANTOS, Rui Martins. *História de ensino em Angola*. Edição dos Serviços de Educação. Luanda: Edição dos Serviços de Educação, 1970.

SANTOS, Cassio Miranda dos. *Tradições e contradições da pós graduação no Brasil*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

SCHNEIDER, Friedrich. *La pedagogia de los pueblos*. Introducción a la pedagogia comparada. Barcelona: Ed. Herder, 1964.

_____. *La Pedagogía comprada: su historia, sus principios y SUS métodos*. Editorial Herder, Barcelona, 1966.

SCHRIEWER, Jürgen; HOLMES, Brian. (Dir.). *Theories and methods in comparative Education*, Frankfurt am Main: Peter Lang, 1992.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Pensamento decolonizante, prática cultural e emancipação: novas perspectivas para a filosofia da educação no contexto latino-americano. In: CARVALHO, Alonso Bezerra de; BROCANELLI, Cláudio Roberto; SANTOS, Genivaldo Souza dos. *Pensamento latino-americano e Educação: por uma ética situada*. Marília/São Paulo: Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2020, p. 19 – 32.

SILVA, Teresinha Maria Nelli. *A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador*. São Paulo: EPU, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Vivian Batista da. *Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870 – 1970)*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SOARES, Amadeu Castilho. *Levar a escola à sanzala* Plano de ensino primário rural em Angola (1961-62). *Episteme*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, ano IV, n. 10, 11 e 12, p. 133-164, 2002.

SOARES, Magda Becker. As pesquisas nas áreas específicas influenciando a formação de professores de 1º e 2º graus. *Linha d'água*, São Paulo, n. 13, 1998. p. 32 - 44. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37205>. Acesso em: 20 dez. 2024.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

U.A.N. *Relatório Anual*. Luanda: Universidade Agostino Neto, 2002-2006.

UNESP. *Programa de Pós Graduação em Educação*. 2024. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/#!/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/educacao/programa/estrutura/>. Acesso em 20 dez. 2024.

VEXLIARD, Alexandre. *La pédagogie comparée: méthodes et problèmes*. Paris: PUF, 1967.

VIEIRA, Laurindo. *Angola: A Dimensão Ideológica da Educação 1975-1992*. Luanda: Editora Nzila, 2004.

WERLE, F. O.C. Sistema de avaliação da educação básica no Brasil: abordagem por níveis de segmentação. In: Flávia Obino Corrêa Werle. (Org.). *Avaliação em larga escala: foco na escola*. 1 ed. São Leopoldo; Brasília: Oikos; Liberlivro, 2010, v. , p. 21-36.

ZEICHNER, Kennedy M. Formando professores reflexivos para a educação centrada no aluno: possibilidades e contradições. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.) *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003. p. 35 - 56.

ANEXO A – Plano Curricular da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié

É preciso acessar o link para ter acesso ao documento completo:

https://drive.google.com/file/d/1HPDMC6vy5QGGstLfjAS_P7F2yt1zIz7K/view?usp=sharing



**MINISTÉRIO DO ENSINO SUPERIOR, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
INOVAÇÃO**
ESCOLA SUPERIOR PEDAGÓGICA DO BIÉ
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
Plano Curricular
MODALIDADE: PRESENCIAL

Designação do Curso:
Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa

CUITO, BIÉ
2023

ESCOLA SUPERIOR PEDAGÓGICA DO BIÉ, 2023

1

**ANEXO B – Quadro sobre Conhecimentos Curriculares da Licenciatura em Ensino de
Língua Portuguesa da ESPE do Bié**

OBRA	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
ADDINE, F. Didáctica e curriculum . Potosí: Editorial AB, 1997.	Boliviana	1
CASTILLO, L. Currículo y proyecto educativo institucional . Bogotá: Kinesis Editorial, 2000.	Colombiana	1
FERNANDEZ, F. A. <i>et al.</i> Desenho curricular . Cuba: Instituto Pedagógico Latino-Americano y Caribeno, 2000.	Cubana	1
FORMOSINHO, J. Prefácio. <i>In</i> : MACHADO, D. F.; GONÇALVES, M. F. Currículo e desenvolvimento curricular: problemas e perspectivas . Porto: Edições ASA, 1991, p. 7-10.	Portuguesa	1
GAMBOA, I. Una conversación acerca del currículo . Guatemala: IIME, 1993.	Guatemalteca	1
GIMENO SACRISTÁN; PÉREZ GÓMEZ. Compreender y transformar la enseñanza. Madrid: Ed. Morata, 1992.	Espanhola	1
LEITE, C. Gestão do currículo . Comunicação ao Seminário PEPT/ALFA, Maia, 26 out. 1998. Documento policopiado.	Portuguesa	1
MACHADO, F.; GONÇALVES, M. F. Currículo e desenvolvimento curricular: problemas e perspectivas . Porto: Edições ASA, 1991.	Portuguesa	1
MOREIRA, A.; SILVA, T. T. Currículo, cultura e sociedade . São Paulo: Cortez Editora, 2005.	Brasileira	1
PACHECO, J. A. Currículo: teoria e prática . Porto: Porto Editora, 1996.	Portuguesa	1
RIBEIRO, A. C. Desenvolvimento curricular . Lisboa: Texto Editora, 1996.	Portuguesa	1
SILVA, T. M. N. A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador . São Paulo: EPU, 1990.	Brasileira	3
ZABALZA, M. A. Do currículo ao projecto de escola . [Local não informado], 1992.	Portuguesa	1
Total : 13 obras		

ANEXO C – Quadro sobre Conhecimentos Curriculares do PPGE da Unesp de Marília

OBRAS	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
APPLE, M. Ideologia e Currículo . São Paulo: Brasiliense, 1982.	Brasileira	1
APPLE, M. Educação e Poder . Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.	Brasileira	1
APPLE, M. Conhecimento Oficial . Petrópolis: Vozes, 1997.	Brasileira	1
FORQUIN, J.C. Escola e Cultura : as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.	Brasileira	1
FORQUIN, J. C. Saberes Escolares, Imperativos Didáticos e Dinâmicas Sociais. In: Teoria & Educação . Porto alegre, nº 6, 1992.	Brasileira	2
GIMENO, J. Currículo : uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.	Brasileira	1
GIMENO, J. Las posibilidades de la investigación educativa en el desarrollo del curriculum y de los profesores, in: Revista de Educación , n. 284, p. 245-271, 1987. (SACRISTÁN)	Espanhola	1
GOODSON, I. A Construção Social do Currículo . Lisboa: Educa, 1997.	Portuguesa	1
GOODSON, I. Currículo : teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.	Brasileira	1
GOODSON, I. The Making of Curriculum : collected essays. London, New York, The Falmer, 1987.	Britânica	1
GOODSON, I. La Construcción Social del Curriculum: posibilidades y ámbitos de investigación de la História del Curriculum. In: Revista de Educación , Madrid, nº 295, 1991, p. 7 -38.	Espanhola	1
GRUNDY, S. Curriculum : product or praxis. The Falmer Press, London, New York, Philadelphia, 1991.	Britânica /estadounidense	1
KEMMIS, S. Curriculum Teorising : beyond reproduction theory . Deakin University Press, Victoria, 1986.	Australiana	1
KLIEBARD, H. M. Forging the American Curriculum: e ssays in curriculum history and theory . Routledge, New York, London, 1992.	Estadounidense	1
KLIEBARD, H. M. The Struggle for the American Curriculum (1893 - 1958). New York: Routledge, 1995 a. (1s t edition 1986)	Estadounidense	1
KLIEBARD, H. M. and FRANKLIN, B. M. The Course o f the Course of Study: history of curriculum. In: BEST, J. H. (ed.) Historical Inquiry in Education : a research agenda. American Educational Research association, 1995b, pp. 138-157.	Estadounidense	1
MEYER, J. W. ; KAMES, D. ; BENAVIDOT, A. ; Yun - Kyung Cha and Suk-Ying Wong. School Knowledge for the Masses : world models and national primary curricular categories in the twentieth century. London: Falmer Press, 1992.	Britânica	1
MEYER, J. W. Globalização e Currículo: problemas para a teoria em Sociologia da Educação. In: NOVOA, A. & SCHRIEWER, J. (eds.) A Difusão Mundial da Escola . Lisboa: Educa, 2000.	Portuguesa	1
POPKEWITZ, T. The Formation of School Subjects : the struggle fo r creating an American Institution. New York: Falmer Press, 1987.	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. S. Policy, Knowledge and Power: some issues for the study of educational reform. In: COOKSON P.; SCHNEIDER B. (org.) Transforming Schools : trends, dilemmas and prospects. New York: Galand Press, 1995.	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. (org.) Foucault's Challenge : discourse, knowledge, and power in education. New York: Teachers College Press, 1998 a	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. S. (ed.) Educational Knowledge : changing relationships between the state, civil society and the educational community . New York: State University of New York Press, 2000.	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. The study of curriculum history, social regulation and power in school. In: The Journal of Curriculum Studies , v. 29, n. 2, 1997.	Britânica	1
POPKEWITZ, T. Reforma Educacional : uma política sociológica. Porto alegre: Artes Médicas, 1998.	Brasileira	1
SAMPAIO, M. M. F. Um Gosto Amargo de Escola : relações entre currículo, ensino e fracasso escolar. São paulo: Educ/Fapesp, 1998.	Brasileira	1
SCHWAB, J. Un enfoque práctico como lenguaje para el curriculum in: GIMENO, J. y PEREZ, A. (comp.) La Enseñanza : su teoría y su práctica. Akal, Madrid, 1988. p. 197-209.	Espanhola	1

SILVA, T. T. Currículo e identidade social : territórios contestados in Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.	Brasileira	1
SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (org.) Currículo, Cultura e Sociedade . 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.	Brasileira	1
SILVA, T. T. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. Territórios Contestados . Petrópolis: Vozes, 1995a.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. A produção intelectual brasileira no campo do currículo a partir dos anos 80. in: Em Aberto , n. 12, v. 58, p. 117-128, 1993.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. Inovação Educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. In: Cadernos Cedes , v. 51, p. 33-44, 2000.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. Cultura escolar e currículo: aproximações e inflexões nas pesquisas históricas sobre conhecimentos e práticas escolares. In: XAVIER, L. N.; CARVALHO, M.M.C.; MENDONÇA, A. W.; CUNHA, J.L. Escola, cultura e Saberes . Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 74 -91.	Brasileira	1
STENHOUSE, L. Investigación y desarrollo del curriculum . Madrid: Morata, 1991.	Espanhola	1
YOUNG, M. F. D. Knowledge and Control : new directions for the Sociology of Education. Londres, Collier-Macmillan, 1971.	Britânica	1
Total: 34 obras		

**ANEXO D – Quadro Conhecimentos Organizacionais e Discursos Político Educacionais
da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié**

OBRAS	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
BARRETO, A. Introdução: Por que e para que uma política de formação do profissional de educação infantil? <i>In: Por uma política de formação do profissional de educação infantil</i> . Brasília: MEC, 1994. p. 11-15.	Brasileira	2
BERNARDES, M. S. S. Liderança e Modelos de Gestão em Contexto Escolar : Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Administração Pública. Coimbra, Portugal: Fundação Bissaya Barreto, 2008.	Portuguesa	1
LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública : a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986.	Brasileira	3
LIBÂNEO, J. C. Organização e Gestão da Escola : teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004.	Brasileira	3
VARELA, B. L. Manual de Administração Educativa : Uma abordagem teórica com aproximação à realidade cabo-verdiana. 2.ª ed. - Praia: Versão digital, 2011.	Cabo-verdiana	1
Total: 05 obras		

ANEXO E - Quadro Conhecimentos Organizacionais e Discursos Político Educacionais do PPGE da Unesp de Marília

OBRAS	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
ABDIAN, G. Z.; NASCIMENTO, P. H. C.; SILVA, N. D. B. da. Desafios teórico metodológicos para as pesquisas em Administração/Gestão educacional/escolar. Educação e Sociedade , Campinas, v. 37, n. 135, p. 465-480, abr./jun. 2016.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z.; NASCIMENTO, P. H. C. Gestão e qualidade da educação escolar básica: sentidos em construção. Espaço Pedagógico , Passo Fundo, v. 24, n. 3, p. 295- 313, maio/ago. 2017.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z.; NASCIMENTO, P. H. C. A ordem do discurso em política e gestão educacional no Brasil. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE, [S. l.], v. 40, n. 1, 2024.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z.; ANDRADE, E.; PARRO, A. L. G. Sentidos de política e/de gestão nas pesquisas sobre a escola. Educ. Pesqui. , São Paulo, v. 43, n. 3, p. 727-742, jul./set. 2017a.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z. Revezamento teoria e prática na análise da escola pública democrática. Educar em Revista , Curitiba, Brasil, v. 34, n. 68, p. 107-122, mar-abr, 2018.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z. A função do discurso em Administração Escolar no Brasil. Tese (Livredocência). UNESP/Marília (livro no prelo)	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z.; HERNANDES, E. D. K. As concepções de gestão e a vivência da prática escolar democrática. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação , v. 28, p. 144 - 162, 2012.	Brasileira	1
AFONSO, A. J. Reforma do Estado e políticas educacionais: entre a crise do Estado-nação e a emergência da regulação supranacional. Educação & Sociedade , ano XXII, n. 75, p. 15-32, Agosto/2001.	Brasileira	1
AKKARI, A. Internacionalização das políticas educacionais: transformações e desafios . Petrópolis: Vozes, 2011.	Brasileira	1
AMAR, H. M. Pierre Bourdieu: por una sociología sobre el Estado y las políticas educativas. Práxis Educativa , Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 145-153, jan./abr. 2018.	Brasileira	1
BALL, S. J. Diretrizes políticas e globais e relações políticas locais em educação. Currículo sem Fronteiras . V. 1, n. 2, pp. 99-116, Jul./Dez. 2001.	Brasileira	1
BALL, S. J. Performatividade, privatização e o pós-estado do bem estar. Educação & Sociedade , v. 25, n. 89, p. 1105-1126, set./dez. 2004.	Brasileira	1
BALL, S. J. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. Cadernos de Pesquisa , v. 35, n. 126, p. 539-564, set./dez. 2005.	Brasileira	1
BALL, S. J.; MAINARDES, J. Políticas Educacionais: questões e dilemas . São Paulo: Cortez, 2011.	Brasileira	2
BALL, S. J. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. In: BALL, S. J.; MAINARDES, J. (orgs.). Políticas educacionais: questões e dilemas . São Paulo: Cortez, 2011a, p. 21-53.	Brasileira	1
BARROSO, J. O Estado, a educação e a regulação das políticas públicas. Educ. Soc. , Campinas, vol. 26, n. 92, p. 725-751, Especial - Out. 2005.	Brasileira	1
COSTA, J. A. Imagens organizacionais da escola . 3. ed. Lisboa/Portugal: Edições ASA, 2003. (Coleção Perspectivas actuais/Educação).	Portuguesa	1
GENTILI, P. A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo . 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.	Brasileira	1
GOROSTIAGA, J. M.; TELLO, C. G. Globalización y reforma educativa em América Latina: un análisis inter-textual. Revista Brasileira de Educação , v. 16, n. 47, maio/ago 2011, p. 363-388.	Brasileira	1
GUY, B. Theorising the State and Globalisation in Education Politics and Policy. Práxis Educativa , Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 315-332, jul./dez. 2014, p. 315-332.	Brasileira	1
LIMA, L. C. A escola como organização educativa . São Paulo: Cortez, 2001.	Brasileira	1

MARQUES, L. R. A cultura democrática na gestão da escola pública: um estudo da análise do discurso dos conselheiros escolares. Revista Portuguesa de Educação , v. 24, p. 73-93, 2011.	Portuguesa	2
MARQUES, L. R. Democracia radical e democracia participativa: contribuições teóricas à análise da democratização na educação. Educação & Sociedade , v. 29, p. 55-78, 2008.	Brasileira	1
MARQUES, L. R. Contribuições da democracia radical e da teoria do discurso de Ernesto Laclau ao estudo da gestão da educação. In: MENDONÇA, D. de. Pós-estruturalismo e Teoria do discurso . 2ª ed. POA: EdUPUCRS, 2014	Brasileira	2
NÓVOA, A. (org.). As organizações escolares em análise . Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1992.	Portuguesa	1
PARO, V. H. Administração escolar : introdução crítica. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.	Brasileira	1
PARO, V. H. Por dentro da escola pública . São Paulo: Cortez, 1995.	Brasileira	1
ROCKWELL, E. ; EZPELETA, J. A escola: relato de um processo inacabado de construção. Currículo Sem Fronteiras , [s.l.], v. 7, n. 2, p. 131-147, jul./dez. 2007.	Brasileira	1
RUSSO, M. H. Escola e paradigmas de gestão . Eccos, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 25-42, 2004.	Brasileira	1
SANDER, B. Consenso e conflito na Administração da educação. Revista Brasileira de Administração da Educação . Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 12-34, 1983.	Brasileira	1
SANTOS, B. S. A universidade no século XXI : para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção Questões de nossa época, v. 120).	Brasileira	1
SGUISSARDI, V. O Banco Mundial e a educação superior: revisando teses e proposições? Universidade e Sociedade , Brasília, ano X, n. 22, p. 66-77, nov./2000.	Brasileira	1
SGUISSARDI, V. Universidade pública estatal: entre o público e o privado/mercantil. Educação & Sociedade. Revista de Ciência da Educação . Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas (SP): CEDES, v. 26, n. 90, jan./abr. 2005.	Brasileira	1
SILVA Jr. C. A. da. A escola pública como local de trabalho . São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1990.	Brasileira	1
SILVA JR., J. dos R. e FERRETTI, C. J. O institucional, a organização e a cultura da escola . São Paulo: Xamã, 2004.	Brasileira	1
TELLO, C.; MAINARDES, J. Revisitando os enfoques das epistemologias em política educacional. Práxis Educativa , Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 153-178, jan./jun. 2015.	Brasileira	1
TEODORO, A. Globalização e educação : políticas educacionais e novos modos de governação. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2003 (Coleção Prospectiva, v. 9).	Brasileira	1
TOMMASI, L.; WARDE, M. J.; HADDAD, S. (Orgs.). O Banco Mundial e as políticas educacionais . São Paulo: Cortez/PUC-SP/Ação Educativa, 1996.	Brasileira	2
TRINDADE, H. (Org.). Universidade em ruínas : na república dos professores. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.	Brasileira	1
VIEIRA, L. S. Política(s) e Gestão da Educação Básica : revisitando conceitos simples. RBPAE, v. 23, n. 1, jan/abr 2007, p. 53-69.	Brasileira	1
Total: 40 obras		

**ANEXO F – Quadro Conhecimentos de Didática e Discursos Metodológicos da
Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié**

OBRA	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
ARROYO, M. G. Outros sujeitos, outras pedagogias . Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.	Brasileira	4
BOLDIRIER, N. I.. Metodologia da organização do trabalho educativo. Colectivo de autores. Tendencias pedagógicas contemporáneas . Ed. Poiras editores e impresores, S.A. Ibagué. Colombia. 1996.	Colombiana	2
CANDAU, V. M. (Org.). A Didática em questão . 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.	Brasileira	4
CANDAU, V. M. (Org.). Rumo a uma nova Didática . 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.	Brasileira	4
CHARLOT, B. Da relação com o saber : elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.	Brasileira	4
COLECTIVO DE AUTORES. Tendencias pedagógicas contemporáneas . Ed. Poiras editores e impresores, S.A. Ibagué. Colombia. 1996.	Colombiana	2
COLECTIVOS DE AUTORES. Preparação pedagógica integral para professores universitários . Editoria Félix Valera.	Cubana	1
FARIA, W. Teorias de ensino e planejamento pedagógico . São Paulo: EPU, 1987.	Brasileira	2
FARIAS, I. M. S. <i>et al.</i> Didática e docência : aprendendo a profissão. Brasília: Liber Livro, 2009.	Brasileira	3
FARIÑA, G. Maestro . Una estrategia para la enseñanza. Ed. Academia. La Habana. Cuba. 1995.	Cubana	2
FAZENDA, I. C. Interdisciplinaridade : história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.	Brasileira	4
GANDIN, D. Planejamento como prática educativa . São Paulo: Loyola, 1990.	Brasileira	2
HILGARD, E. Teorías del aprendizaje . Ed. Revolucionaria. C. Habana. Cuba. 1961.	Cubana	1
KLINGBERG, LOTHAR. Introdução à Didáctica Geral . Ed.: Povo e Educação, Cidade Havana, 1972.	Cubana	1
LABARRERE REYES, G.; VALDIVIA PAROL, G. Pedagogia . Ed.: Povo e Educação, Cidade Havana, 1988. 347 p	Cubana	1
LIBÂNEO, J. C. Didática . São Paulo: Cortez, 1994.	Brasileira	4
LIBÂNEO, J. C. Educação: Pedagogia e Didática – O campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional. In: PIMENTA, S. G. (Org.). Didática e formação de professores : percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 77-129.	Brasileira	3
LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R. V. (Orgs.). Panorama da Didática : ensino, prática e pesquisa. São Paulo: Papirus, 2011.	Brasileira	3
MACHADO, J. N. Epistemologia e Didática : as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.	Brasileira	4
MEIRIEU, P. Aprender... sim, mas como? 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.	Brasileira	3
MEIRIEU, P. O cotidiano da escola e da sala de aula : o fazer e compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005.	Brasileira	3
MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. (Org.). Multiculturalismo : diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.	Brasileira	4
PENIN, S. T. S. A Aula : espaço de conhecimento, lugar de cultura. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.	Brasileira	3
PIMENTA, S. G. (Org.). Didática e formação de professores : percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.	Brasileira	3
PIMENTA, S. G. De professores, pesquisa e didática . Campinas, SP: Papirus, 2002.	Brasileira	3
SANTOMÉ, J. T. Globalização e Interdisciplinaridade . Porto Alegre: Artmed, 1998.	Brasileira	3

SANTOS, A. Didática sob a ótica do pensamento complexo . 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.	Brasileira	3
SAVIANI, D. A natureza e especificidade do trabalho educativo. <i>In: Pedagogia Socio-histórica: primeiras aproximações</i> . São Paulo: Autores Associados, 1991.	Brasileira	3
SAVIN, N. V. Pedagogia . Ed.: Povo e Educação, Cidade Havana, 1990.	Cubana	1
VASCONCELOS, C. S. Construção do conhecimento em sala de aula . São Paulo: Libertad Editora, 1993.	Brasileira	2
VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico . 14ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2005.	Brasileira	2
VEIGA, I. P. A. (Org.). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas . 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.	Brasileira	2
VEIGA, I. P. A. (Org.). Didática: o ensino e suas relações . 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.	Brasileira	3
Total: 33 obras		

ANEXO G - Quadro Conhecimentos de Didática e Discursos Metodológicos do PPGE da Unesp de Marília

OBRAS	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
ARAGÃO, R.; CAJAZEIRA, R. Reflexões sobre a formação de professores: relatos sobre o uso de tecnologias educacionais na experiência docente. In: JESUS, D. M.; MACIEL, R. F. (Orgs.) Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente . Campinas: Pontes Editores, p. 301-324, 2015.	Brasileira	1
BACICH, L., MORAN, J. (Orgs). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática . Porto Alegre, Penso, 2018.	Brasileira	1
COSCARELLI, C. V. (Org). Tecnologias para aprender . São Paulo: Parábola Editorial, 2016.	Brasileira	1
FORQUIN, J.-C.. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais . Teoria & Educação. n.5, p. 28-49, 1992.	Brasileira	2
INHELDER, B.; BOVET, M.; SINCLAIR, H. Aprendizagem e estrutura do conhecimento . São Paulo, Saraiva, 1977.	Brasileira	1
KANT, I. Sobre a pedagogia . Piracicaba: Unimep, 1996.	Brasileira	1
KANT, I. Tratado de Pedagogia . Piracicaba: UNIMEP, 1999.	Brasileira	1
KUHLMANN JR. M. As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais, 1862-1922 . Bragança Paulista-SP: Editora da Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).	Brasileira	1
LOPES, J.; SILVA, H. S. Aprendizagem Cooperativa na sala de aula: um guia prático para o professor . 1. ed. Lisboa: Lidel, 2009.	Portuguesa	1
LOPES, R. P. Pedagogia e Emancipação Humana . São Paulo: Editora Olho d água, 2000.	Brasileira	1
MIGUEL, J. C. "O método da resolução de problemas: significado e implicações para a prática docente". In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Atuação de professores: propostas para ação reflexiva no ensino fundamental . 1ª ed. Araraquara - SP: JM Editora, 2003.	Brasileira	1
MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2008, vol.13, suppl.2, pp. 2133-2144..	Brasileira	2
MONEREO, C.; GISBERT, D.D. Tramas . Procedimentos para a aprendizagem cooperativa. Porto Alegre: Artmed, 2005.	Brasileira	1
MORAIS, A.; BARBOSA, L. M.; BATAGLIA, P. U. R.; MORAIS, M. L. (organizadoras). Aprendizagem cooperativa: fundamentos, pesquisas e experiências educacionais brasileiras . Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021	Brasileira	1
PIAGET, J; GRECO, P. Aprendizagem e conhecimento . Tradução de Equipe da livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, [1959], 1974.	Brasileira	1
PIAGET, J. O trabalho por equipes na escola. REVISTA PSICOPEDAGOGIA 15 (36),1996.	Brasileira	1
SAVIANI, D. A Pedagogia no Brasil: história e teoria . Campinas-SP: Autores Associados, 2008. – (Coleção Memória da Educação).	Brasileira	1
SOUZA, F. M., SANTOS, G. F. Velhas práticas em novos suportes? As tecnologias digitais como mediadoras do complexo processo de ensino-aprendizagem de línguas . São Paulo: Mentis Abertas, 2019.	Brasileira	1
TORREGO, J. C.; NEGRO, A. (coords.) Aprendizaje cooperativo en las aulas Fundamentos y recursos para su implantación . Madrid: Alianza Editorial, 2014.	Espanhola	1
VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem . 4.ed. Tradução Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Universidade de São Paulo, 1988, p.103-118.	Brasileira	1
Total: 20 obras		

**ANEXO H – Quadro Identidade Docente e Formação de Professores da Licenciatura em
Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié**

OBRAS	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
ANDRE, M. E. D. A. (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores . Campinas, SP: Papirus, 2001.	Brasileira	4
CARR, W.; KEMMIS, S. Teoría crítica de la enseñanza : la investigación-acción en la formación del professorado. Barcelona: Ed. Martinez Rosa, 1988.	Espanhola	1
CORREIA, J. A. Inovação pedagógica e formação de professores . Porto: Edições ASA, 1989.	Portuguesa	1
GIROUX, H. Os professores como intelectuais : rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	Brasileira	2
PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas, profissionais docentes e formação . Lisboa: IIE/Edições D. Quixote, 1993.	Portuguesa	1
PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil : gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.	Brasileira	3
TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional . Petrópolis: Vozes, 2002.	Brasileira	1
Total: 07 obras		

ANEXO I – Quadro Identidade Docente e Formação de Professores do PPGE da Unesp de Marília

OBRAS	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
CANDAU, V. M. (org). Magistério: construção cotidiana . Petrópolis: Vozes, 1997.	Brasileira	1
CATANI, D. B. Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos . 1994. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação - USP.	Brasileira	1
CATANI, D. B. Saberes pedagógicos e leituras de professores - Revista Educação (1927-1961). São Paulo: FEUSP. 1993. [Apresentado na 17ª Reunião da ANPUH, julho 1993]	Brasileira	1
FREIRE, P. Educação como prática da liberdade . 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.	Brasileira	1
GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D. PEREIRA, E.M. de A (orgs). Cartografias do trabalho docente . São Paulo: Mercado de Letras: ALB, 2003.	Brasileira	1
GIROUX, H.A. Os professores como intelectuais - rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.	Brasileira	1
HUBERMAN, M. O ciclo da vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org). Vida de professores . Porto: Editora Porto, 1993, p.31-61.	Portuguesa	1
LA TAILLE, Y. Formação ética . Porto Alegre: Artmed. 2009	Brasileira	1
LUGLI, R. S.G. O trabalho docente no Brasil :o discurso dos Centros Regionais de Pesquisa Educacional e das entidades representativas do magistério (1950-1971). São Paulo, 2002. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, USP.	Brasileira	1
MOITA, M. C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de Professores . Porto: Porto Editora, LDA, 2007.	Portuguesa	1
NOVOA, A. Os professores e sua formação . Lisboa: Dom Quixote, 1995.	Portuguesa	1
NÓVOA, A. Para um estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. Teoria e Educação , 4, 1991. p. 110-135.	Brasileira	2
NÓVOA, A. (Org). Vida de professores . Porto: Editora Porto, 1993.	Portuguesa	1
SÁNCHEZ GAMBOA, S. A contribuição da pesquisa na formação do docente. In: REALI, A.M.M.R. e MIZUKAMI, M.G.N. (orgs.) Formação de professores: Tendências Atuais . São Carlos: EDUFSCar, 1.996.	Brasileira	1
SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação , realizado em Goiânia (GO) de 5 a 8 de novembro de 2006.	Brasileira	1
SILVA, V. B. História de leituras para professores : um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971). 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.	Brasileira	1
TANURI, L. M. História da formação de professores. Revista Brasileira de Educação , n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000.	Brasileira	2
VILLELA, H. A primeira escola normal do Brasil : uma contribuição à história da formação de professores. Dissertação (Mestrado em Educação), UFF, 1990.	Brasileira	1
Total: 18 obras		

ANEXO J – Quadro Autores mais citados da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié

AUTOR	OBRAS	RECORRÊNCIA
LIBÂNEO	• Didática . São Paulo: Cortez, 1994	4
	• Democratização da escola pública : a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986.	3
	• Educação: Pedagogia e Didática – O campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional. In: PIMENTA, S. G. (Org.). Didática e formação de professores : percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.	3
	• Organização e Gestão da Escola : teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004.	3
		Total: 13
CANDAU	• A didática em questão . 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.	4
	• Rumo a uma nova Didática . 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.	4
	• Multiculturalismo : diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.	4
		Total: 12
PIMENTA	• Didática e formação de professores : percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.	6
	• De professores, pesquisa e didática . Campinas, SP: Papirus, 2002.	3
	• Professor reflexivo no Brasil : gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.	3
		Total: 12
HOFFMANN	• Avaliação mediadora : uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1998.	3
	• Avaliação : mito e desafio – uma perspectiva construtivista. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.	2
	• O jogo do contrário em avaliação . 5. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Mediação, 2009.	2
	• Pontos e contrapontos : do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2000.	2
		Total: 09
COSCARELLI	• Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar . 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.	4
	• Letramento digital : aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.	4
		Total: 08
PERRENOUD	• Avaliação : da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.	3
	• Construir as competências desde a escola . Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.	3
	• 10 Novas Competências para Ensinar . Porto Alegre: Artmed, 2000.	1
	• Práticas pedagógicas, profissionais docentes e formação . Lisboa: IIE/Edições D. Quixote, 1993.	1
		Total: 08
DEMO	• Pesquisa : princípio científico e educativo. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.	4
	• Avaliação qualitativa . São Paulo: Autores Associados, 1996.	2
	• Metodologia de Investigação em Educação . 2. ed. Curitiba: IBPX, 2005.	1
		Total: 07
CASTRO	• Curso de História da Língua Portuguesa . Lisboa: Universidade Aberta, 1991.	3
	• Introdução à História do Português . Lisboa: Colibri. 2ªed., 2006.	2

	• Curso de História da Língua Portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.	1
	• Introdução à História do Português. Lisboa: Colibri, 2006.	1
	Total: 07	
VASCONCELLOS	• Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 14ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2005.	2
	• Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo, Libertad Editora, 2004.	2
	• Avaliação da aprendizagem: práticas e mudança por uma práxis transformadora. 9ª ed. São Paulo: Libertad, 2008.	1
	• Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 11ª ed. São Paulo: Libertad, 2000.	1
	Total: 06	
MEIRIEU	• Aprender... sim, mas como? 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.	3
	• O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005.	3
	Total: 06	
CUNHA e CINTRA	• Nova Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.	3
	• Nova Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1988.	2
	• Nova gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.	1
	Total: 06	

ANEXO K – Quadro Autores mais citados do PPGE da Unesp de Marília

AUTOR	OBRAS	RECORRÊNCIA
HEGEL	• Discurso sobre educação . Lisboa: Edições Colibri, 1994.	4
	• Discurso ao reitor Schenk (10 de Julho de 1809). In: Discurso sobre educação . Lisboa: Edições Colibri, 1994.	4
	• Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome . Trad. de Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1988.	4
	• Acerca de la exposición de la filosofía en las universidades. In: Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	4
	• Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	4
	• Informe acerca de la posición del Instituto real a los demás Institutos de enseñanza. In: Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	4
	• Acerca de la exposición de la filosofía en los gimnasios. In: Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	4
	• Carta de Hegel a Niethammer. In: Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	4
	• Ciencia de la Lógica . Trad. Augusta e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Solar S.A e Hachette, 1968.	4
	Total: 36	
MORTATTI	• Alfabetização no Brasil : uma história de sua história (1a. Ed). Marília; Oficina Universitária, 2012.	1
	• Os sentidos da alfabetização : São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.	1
	• Ensino de leitura e escrita na escola brasileira: educadores “intelectuais orgânicos” e disputas seculares por projetos de nação. CASTRO, C. A.; CASTELLANOS, S. L. V. (Orgs.). História da escola : métodos, disciplinas, currículos e espaços de leitura. São Luís; EDUFMA, 2018.	1
	• Notas sobre formação de pesquisadores e produção acadêmica brasileira (sobre alfabetização). In: ASSOLINI, F. E. P.; PIMENTA, L. A.; DORNELAS, C. C.. (Org.). (Entre)laçamentos discursivos: docência e práticas pedagógicas . Curitiba: CRV, 2018, v. 1, p. 15-29.	1
	• Cartilhas de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. Cadernos CEDES , n.52, p.41-54, 2000.	1
	• Educação e letramento. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.	1
	• Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?. In: SCHOLZE, L.; RÖSING, T. M. K. Teorias e práticas de letramento . Brasília: INEP, 2007, p.155-167.	1
	• A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. Revista ACOALFAlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa , São Paulo, ano 3, n. 5, 2008	1
	• Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. Revista Brasileira de Educação , v. 15, p. 329- 341, 2010.	1
	• Função social da escola: aspectos históricos e metodológicos da alfabetização. In: CHAVES, M.; SETOGUTI, R. I.; VOLSI, M. E. F.. (Orgs.). A função social da escola : das políticas públicas às práticas pedagógicas. Maringá: EDUEM, 2011, p. 35-60.	1
	• Um balanço crítico da 'Década da Alfabetização' no Brasil. Cadernos CEDES , v. 33, p. 15-34, 2013.	1
	• Em tempos sombrios, a produção acadêmica brasileira sobre alfabetização: avaliação da qualidade e impacto científico e social. Laplage em Revista , v. 4, p. 8-26, 2018.	1
	• O texto na sala de aula: uma revolução conceitual na história do ensino de língua e literatura no Brasil. In: SILVA, L. L. M. ; FERREIRA, N. S. A; MORTATTI, M. R. L. (Org.). O texto na sala de aula: um clássico sobre ensino de língua portuguesa . Campinas: Autores Associados, 2014, p. 5-28.	1
	• 'Essa' Base Nacional Comum Curricular: mais uma tragédia brasileira?. Revista Brasileira de Alfabetização , v. 2, p. 191-2015, 2015.	1

MORTATTI	• Os órfãos do construtivismo. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 11, p. 2267-2286, 2016.	1
	• O 'discurso fundador' de Smolka: alfabetização e produção de conhecimento como processos discursivos. In: GOULART, C.; GONTIJO, C. M. M.; FERREIRA, N. S. A.. (Orgs.). A alfabetização como processo discursivo - 30 anos de 'A criança na fase inicial da escrita'. São Paulo: Cortez, 2017, p. 179-202.	1
	• Alfabetização, política e democracia: impactos do passado em pactos do presente (Em defesa de Paulo Freire como "Patrono da Educação Brasileira"). Marília/SP, 2018. 21 p. (digitado).	1
	• 50 anos de produção acadêmica brasileira sobre alfabetização: avanços, contradições e desafios. Interfaces da Educação , v. 5, p. 06-31, 2014.	1
	• História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático. São Paulo; Marília: Editora UNESP; Oficina Universitária, 2014.	1
	• Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2015.	1
		Total: 20
PAGNI	• O ensino da filosofia nas obras de Kant, de Hegel e de Nietzsche: uma breve análise histórico-filosófica. In: Reflexão e ação. Revista do departamento de educação. UNISC: Santa Cruz do Sul. v.10, n.2, jul./dez. 2002. p. 111-135.	4
	• Biopolítica, deficiência e educação: outros olhares sobre a inclusão escolar. São Paulo: Editora Unesp, 2019a.	2
	• Experiência, transversalidade e deficiência: desafios da arte de viver à educação escolar. Curitiba: Editora CRV, 2018.	1
	• Dez Anos da PNEEPEI: uma análise pela perspectiva da biopolítica. Educação & Realidade , Porto Alegre, v. 44, n. 1, e84849, 2019b. Disponível em: < https://repositorio.unesp.br/handle/11449/183826 >.	1
	• Ingovernável da deficiência, sua radicalidade ontológica e seus devires clandestinos na educação e na filosofia. Revista Interdisciplinar Em Cultura E Sociedade , p. 157–178. https://doi.org/10.18764/2447-6498.v7n2p157-178 , 2021.	1
	• Corpo e expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do ethos surdo. Revista educação especial , Santa Maria, v.32, p.88 -111, 2019.	1
	• Pensar a ética da amizade na escola: a emergência da poética na educação e uma atualização da estética da existência. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação , Brasília, v. 23, n. 2, nov.-dez/ 2014b, p. 364-386.	1
	• Diferença, subjetivação e educação: um olhar outro sobre a inclusão escolar. Pró-Posições (UNICAMP), Campinas, v. 26, n. 1 (76), jan-abr./2015a, p. 87103.	1
	• Do governo ao cuidado da infância na arte pedagógica. In: Haroldo de Resende. (Org.). O governo da Infância. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b, p. 305-322.	1
	• Encontros com a Deficiência: de Ensaios da Ficção a Testemunhos Sobre a sua Ética em uma Rede (in) Visível. Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial , Marília, v. 2, n.2, ago-dez/2015c, p. 89-106.	1
	• Ética da amizade e deficiência: outras formas de convívio com o devir deficiente na escola. Childhood & Philosophy , v. 12, n. 24, mai-ago/2016a, p. 343-370.	1
	• Pensar, agir...viver uma vida verdadeira: desafios éticos à ação política do intelectual na atualidade. In: HAROLDO DE RESENDE. (Org.). Política - pensamento e ação. Belo Horizonte: Autêntica, 2016b, v. 1, p. 179-198.	1
	• A emergência do discurso da inclusão escolar na biopolítica: uma problematização em busca de um olhar mais radical. Revista Brasileira de Educação , Rio de Janeiro, v. 22, n. 68, jan-mar 2017a, p. 255-272.	1
	• Da exclusão a um modelo identitário de inclusão: a deficiência como paradigma biopolítico. Childhood & Philosophy , Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, jan.-abr. 2017b, pp. 167-188	1
	• Diferença e corpo heterotópico da deficiência: um convite para se pensar de outro modo a escola inclusiva, Revista Cocar , n. 13, p. 1-22, 2022.	1
		Total: 19
KANT	• Que é o esclarecimento? (Aufklärung). In: CARNEIRO LEÃO, E. (Org.). Immanuel Kant: Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1985.	4
	• Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita. São Paulo: Brasiliense, 1986.	4
	• Crítica da Razão Pura. Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian, 1989.	4
	• O Conflito das faculdades. Lisboa. Edições 70, 1993.	4

	• Sobre a pedagogia. Piracicaba: Unimep, 1996.	1
	• Tratado de Pedagogia. Piracicaba: UNIMEP, 1999.	1
	Total: 18	
	• O Juízo moral na criança. São Paulo, Summus, 1994. (Original de 1932)	2
	• O raciocínio na criança. Tradução de Valerie Rumjaneck Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1967.	2
	• A epistemologia genética, sabedoria e ilusões da filosofia, problemas de epistemologia genética. São Paulo, Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).	1
	• A representação do mundo na criança. Tradução Rubens Fiúza. Rio de Janeiro: Record, 1979. 318p.	1
	• Cinco Estudos de Educação Moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996 (p. 137 a 178).	1
	• A equilibrção das estruturas cognitivas. Tradução de Marion Merlone dos Santos Penna, Rio de Janeiro: Zahar, [1975], 1976.	1
	• As formas elementares da dialética. São Paulo: Casa do Psicólogo. Tradução: Fernanda Luiz, [1980], 1996.	1
	• Abstração reflexionante: relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais. Tradução Fernando Becker. Porto Alegre: Artes Médicas, [1977], 1995.	1
PIAGET	• Aprendizagem e conhecimento. Tradução de Equipe da livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, [1959], 1974.	1
	• Biologia e conhecimento. 4ª ed. Tradução Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, [1967], 2003.	1
	• Epistemologia genética. 3ª ed. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, [1970], 2007.	1
	• O possível e o necessário - evolução dos possíveis na criança. vol 1. Trad.: Bernardina Albuquerque. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.	1
	• Observações psicológicas sobre o trabalho em grupo. In: PARRAT, S.; TRYPHON, A. (Orgs.). Jean Piaget. Sobre a Pedagogia. Textos Inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.p. 137-151. (Original de 1935).	1
	• Os Procedimentos da Educação Moral. Trad. Maria Suzana de Stefano Menin. In: MACEDO, L. Cinco estudos de educação moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 1–36. (originalmente publicado em 1930).	1
	• O trabalho por equipes na escola. REVISTA PSICOPEDAGOGIA 15 (36), 1996.	1
	• Investigaciones sobre la generalización. México: Premia Editora, 1984.	1
	Total: 18	
	• Para uma filosofia do ato responsável. São Paulo: Pedro & João, 2010.	4
	• Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.	3
	• Marxismo e Filosofia da Linguagem. 9ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.	1
	• Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988.	1
	• ‘Metodologia das Ciências Humanas’. in: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 4ª. Edição, 2003.	1
	• ‘Apontamentos de 1970-1971’. in: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 4ª. Edição, 2003.	1
BAKHTIN	• A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo. Ed. UnB, 2008.	1
	• Metodologias das Ciências Humanas. In: BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 239-410.	1
	• O Freudismo. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2014.	1
	• Os gêneros do discurso. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.	1
	• Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.	1
	Total: 16	
	• Corpo utópico: heterotopias. São Paulo: N-1 Edições, 2013.	2
	• Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.	2
	• A coragem da verdade. São Paulo: Martins Fontes, 2012.	1
FOUCAULT	• A ordem do discurso. Aula inaugural no College d'e France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. Edições Loyola, 1996.	1
	• A verdade e o poder. In: FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1997, pp. 01-14.	1

FOUCAULT	• A vida dos homens infames. In: Ditos e Escritos . v.4. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.203-22.	1
	• História da sexualidade. In: A vontade de saber . Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.	1
	• Introdução à vida não fascista. In: FOUCAULT, M. Por uma vida não fascista . São Paulo: Sabotagem, 2004, p. 04-08.	1
	• Os Anormais : curso no Collège de France (1974-1975). 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.	1
	• Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, M. Microfísica do poder . 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.	1
	• Outros espaços. In: Ditos e Escritos III. Estética : Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.	1
	• Segurança, território e população . São Paulo: Martins Fontes, 2007.	1
	• Vigiar e Punir : história da violência nas prisões. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.	1
	• Londres du discours . Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970 par Jean-François Lyotard et Denys Foucault, Paris Publicado na França por Éditions Gallimard, Paris, 1971.	1
	Total : 16	
PORCHAT PEREIRA	• Prefácio introdutório. In: GOLDSCHMIDT, V. A religião de Platão . Difusão Europeia do Livro. 1963.	4
	• A Filosofia e A Visão Comum do Mundo . São Paulo: Brasiliense, 1981.	3
	• A Filosofia e A Visão Comum do Mundo. MANUSCRITO , p. 0-0, 1975.	3
	• O Conflito das Filosofias. REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA , 1969	3
	• Prefácio A Uma Filosofia.. DISCURSO, 1975.	3
BOURDIEU	•	Total: 16
	• A reprodução . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.	1
	• A reprodução : elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.	2
	• A Dominação Masculina . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.	2
	• O campo científico. In: BOURDIEU, P. Sociologia . São Paulo: Ática, 1988.	2
	• Os usos sociais da ciência : por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.	1
	• Questões de Sociologia . Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993. p.89-4.	1
	• A Miséria do Mundo (coord.) Petrópolis, RJ.: Vozes, 1997.	1
	• O poder simbólico . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.	1
CAMPOS	•	Total: 11
	• Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças . Brasília: MEC/SEF/COEDI, 2009.	3
	• A legislação, as políticas nacionais de educação infantil e a realidade: desencontros e desafios. In: MACHADO, M. L. de A. (Org.). Encontros e desencontros em Educação Infantil . 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 27-34.	2
	• Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: Por uma política de formação do profissional de educação infantil . Brasília: MEC, 1994, p. 32-42.	2
	• Educar crianças pequenas: em busca de um novo perfil de professor. Revista Retratos da Escola , Brasília, v.2, n. 2-3, p. 121-131, jan./dez. 2008.	2
	• 30 anos da educação infantil na ANPED: caminhos da pesquisa. In: Zero-a-Seis , n. 17, jan./jul. 2008. Disponível em:< http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/800/6082 >.	1
	• Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S. H. V. A criança fala : a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.35 - 42.	1
	•	Total: 11
DELEUZE	• Mil Platôs : Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 4. 5.ed. São Paulo: Editora 34, 1997.	3
	• Mil Platôs : Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. 5.ed. São Paulo: Editora 34, 1999.	2
	• O Anti-Édipo : Capitalismo e Esquizofrenia. 4.ed. São Paulo: Editora 34, 2004.	2
	• O Anti-Édipo . São Paulo: Editora 34, 2010.	1
	• Crítica e clínica . São Paulo: Editora 34, 2002.	2
	• ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo . Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161	1
Total: 11		

ROSEMBERG	• Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 2009.	3
	• Sísifo e a educação infantil brasileira. Pro-posições, Campinas, v. 14, n. 1(40), p. 177-194, jan./abr. 2005.	3
ROSEMBERG	• ROSEMBERG, F. A. LBA, o Projeto Casulo e a Doutrina de Segurança Nacional. In: FREITAS, M. C. de (Org.). História Social da Infância no Brasil. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 141-161.	2
	• ROSEMBERG, F. A. Organizações multilaterais, Estado e políticas de educação infantil. Cadernos de Pesquisa , n. 115, p. 25-63, março/2002.	2
	• Do embate para o debate: educação e assistência no campo da Educação Infantil. In: MACHADO, M. L. de A. (Org.). Encontros e desencontros em Educação Infantil. 2ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 63-78.	1
		Total: 11

ANEXO L – Quadro de Referências Totais da Licenciatura em Ensino de Língua Portuguesa da ESPE do Bié

OBRA	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIAS
Brasil		
ANDRE, M. E. D. A. (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores . Campinas, SP: Papirus, 2001.	Brasileira	4
ARROYO, M. G. Outros sujeitos, outras pedagogias . Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.	Brasileira	4
CANDAU, V. M. (Org.). A Didática em questão . 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.	Brasileira	4
CANDAU, V. M. (Org.). Rumo a uma nova Didática . 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.	Brasileira	4
CERISARA, A. B. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil com Base no Contexto das reformas. <i>In: Educação e Sociedade</i> , Campinas, v. 23, n. 80, set. 2002, p. 329-348.	Brasileira	4
CHARLOT, B. Da relação com o saber : elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.	Brasileira	4
COSCARELLI, C. V. (Org.). Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar . 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.	Brasileira	4
COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). Letramento digital : aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.	Brasileira	4
DEMO, P. Pesquisa : princípio científico e educativo. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.	Brasileira	4
DINIZ-PEREIRA, J. E.; LEÃO, G. (Orgs.). Quando a diversidade interroga a formação docente . Belo Horizonte: Autêntica, 2008.	Brasileira	4
ESTEBAN, M. T.; AFONSO, A. J. (Orgs.). Olhares e interfaces : reflexões críticas sobre a avaliação. São Paulo: Cortez, 2010.	Brasileira	4
FAZENDA, I. C. Interdisciplinaridade : história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.	Brasileira	4
FORQUIN, J. C. Escola e Cultura . As bases epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.	Brasileira	4
KENSKI, V. Educação e tecnologias . O novo ritmo da informação. São Paulo: Papirus, 2007.	Brasileira	4
LIBÂNEO, J. C. Didática . São Paulo: Cortez, 1994.	Brasileira	4
LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar . 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.	Brasileira	4
MACHADO, J. N. Epistemologia e Didática : as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.	Brasileira	4
MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. (Org.). Multiculturalismo : diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.	Brasileira	4
Cuba		
GONZALEZ REY, F. ; MITJANS, A. La Personalidad su Educación y Desarrollo . Ed. Pueblo y Educación. La Habana. Cuba, 1989.	Cubana	4
Brasil		
FARIAS, I. M. S. <i>et al.</i> Didática e docência : aprendendo a profissão. Brasília: Liber Livro, 2009.	Brasileira	3
FARIA, A. L. G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. <i>In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. (Org.). Educação Infantil pós-LDB</i> : rumos e desafios. Campinas: Autores Associados, 4. ed., 2003. p. 67-100.	Brasileira	3
HOFFMANN, J. Avaliação mediadora : uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1998.	Brasileira	3
LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública : a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986.	Brasileira	3
LIBÂNEO, J. C. Educação: Pedagogia e Didática – O campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade		

epistemológica e profissional. In: PIMENTA, S. G. (Org.). Didática e formação de professores : percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 77-129.	Brasileira	3
LIBÂNEO, J. C. Organização e Gestão da Escola : teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004.	Brasileira	3
LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R. V. (Orgs.). Panorama da Didática : ensino, prática e pesquisa. São Paulo: Papirus, 2011.	Brasileira	3
MANTOVANI, S.; PERANI, R. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. Pro- posições , n. 28, 1999, p. 75-98.	Brasileira	3
MARAFON, M. R. C. Pedagogia Crítica – uma metodologia na construção do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.	Brasileira	3
MATOS, J. C. Gramática Moderna da Língua Portuguesa . São Paulo: Escolar Editora, 2010.	Brasileira	3
MEIRIEU, P. Aprender... sim, mas como? 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.	Brasileira	3
MEIRIEU, P. O cotidiano da escola e da sala de aula : o fazer e compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005.	Brasileira	3
PENIN, S. T. S. A Aula : espaço de conhecimento, lugar de cultura. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.	Brasileira	3
PERRENOUD, P. Avaliação : da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.	Brasileira	3
PERRENOUD, P. Construir as competências desde a escola . Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999	Brasileira	3
PIMENTA, S. G. (Org.). Didática e formação de professores : percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.	Brasileira	3
PIMENTA, S. G. De professores, pesquisa e didática . Campinas, SP: Papirus, 2002.	Brasileira	3
PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil : gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.	Brasileira	3
SANTOMÉ, J. T. Globalização e Interdisciplinaridade . Porto Alegre: Artmed, 1998.	Brasileira	3
SANTOS, A. Didática sob a ótica do pensamento complexo . 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.	Brasileira	3
SAVIANI, D. A natureza e especificidade do trabalho educativo. In: Pedagogia Socio-histórica : primeiras aproximações. São Paulo: Autores Associados, 1991.	Brasileira	3
SILVA, T. M. N. A construção do currículo na sala de aula : o professor como pesquisador. São Paulo: EPU, 1990.	Brasileira	3
VEIGA, I. P. A. (Org.). Didática : o ensino e suas relações. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.	Brasileira	3
Portugal		
CASTRO, I. et alii. Curso de História da Língua Portuguesa . Lisboa: Universidade Aberta, 1991	Portuguesa	3
CUNHA, C. E CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo , Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.	Portuguesa	3
GOMES, Á. Gramática Pedagógica e Cultural . Porto: Porto Editora, 2009.	Portuguesa	3
FERREIRA, A. G. Dicionário de Latim-Português . Porto: Porto Editora, 1983.	Portuguesa	3
FIGUEIREDO, J.N.; ALMENDRA, M. A.; Compêndio de Gramática Latina . Porto: Porto Editora, 1977	Portuguesa	3
FONSECA, C. A. L. Sic itur in Vrbem . Iniciação ao Latim. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1992	Portuguesa	3
PARATORE, E. História da Literatura Latina . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.	Portuguesa	3
PIMENTEL, et al. Latim : Exercícios resolvidos. Pontinha: Edições Colibri, 1998.	Portuguesa	3
SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral . Lisboa: Dom Quixote, 1992.	Portuguesa	3
SOUSA, A. A. A. Latim . Curriculum mentis (Exercícios de Língua Latina). Pontinha: Edições Colibri, 2004.	Portuguesa	3
TEYSSIER, P. História da Língua Portuguesa . (Trad. do original francês de 1980). Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1990.	Portuguesa	3
TORRINHA, F. Dicionário Português-Latino . Porto: Ed. Domingos Barreira, 1942.	Portuguesa	3
França		

ERNOUT, A. ; MEILLET, A. Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine . Paris : Klincksieck, 1932.	Francesa	3
GAFFIOT, F.; Dictionnaire illustré Latin-Français . Paris : Hachette, 1978	Francesa	3
Espanha		
CLIMENT, M. B. Sintaxis latina . Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1956.	Espanhola	3
MAYOR, J. Psicología de la Educación . Ed. Anaya, S.A. Madrid. España. 1985.	Espanhola	3
MUNNE, F. Entre el individuo y la sociedad. <i>In: Marcos y teorías actuales sobre el comportamiento interpersonal</i> . Segunda edición. Ed. PPU, S.A. Barcelona. España.1993.	Espanhola	3
Cuba		
FARIÑA, G. Maestro . Una estrategia para la enseñanza. Ed. Academia. La Habana. Cuba. 1995.	Cubana	3
Brasil		
ANDRADE, C. D. Antologia Poética , R. Janeiro: Record, 1988.	Brasileira	2
BARRETO, A. Introdução: Por que e para que uma política de formação do profissional de educação infantil? <i>In: Por uma política de formação do profissional de educação infantil</i> . Brasília: MEC, 1994. p. 11-15.	Brasileira	2
BECCHI, E.; BONDIOLI, A. Avaliando a pré-escola : uma trajetória de formação de professoras. Campinas: Autores Associados, 2003.	Brasileira	2
DEMO, P. Avaliação qualitativa . São Paulo: Autores Associados, 1996.	Brasileira	2
FARIA, W. Teorias de ensino e planejamento pedagógico . São Paulo: EPU, 1987.	Brasileira	2
GADOTTI, M. A escola como projeto sociocultural. <i>In: Pedagogia e práxis</i> . São Paulo: Cortez, 2004.	Brasileira	2
GANDIN, D. Planejamento como prática educativa . São Paulo: Loyola, 1990.	Brasileira	2
GIL, B. D.; <i>et al.</i> Modelo de Análise Linguística do Português . São Paulo: Editora Texto, 2009.	Brasileira	2
GIROUX, H. Os professores como intelectuais : rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	Brasileira	2
HADJI, C. Avaliação desmitificada . Porto Alegre: Artmed, 2005.	Brasileira	2
HARGREAVES, A. O ensino na sociedade do conhecimento : educação na era da insegurança. Porto Alegre: Artmed, 2004.	Brasileira	2
HOFFMANN, J. Avaliação : mito e desafio – uma perspectiva construtivista. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.	Brasileira	2
HOFFMANN, J. O jogo do contrário em avaliação . 5. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Mediação, 2009.	Brasileira	2
HOFFMANN, J. Pontos e contrapontos : do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2000.	Brasileira	2
MAINGUENEAU, D. O Contexto da Obra Literária . São Paulo: Martins Fontes, 1993.	Brasileira	2
NETO, S. S. História da Língua Portuguesa , Rio de Janeiro, Presença, 1979 (3ª ed.)	Brasileira	2
SILVA, R. V. M. Sobre a mudança linguística : uma revisão histórica, Boletim de Filologia, T. XXVI, 1980/81. p. 83-99.	Brasileira	2
SILVA, R. V. M. O português arcaico : Fonologia, Morfologia e Sintaxe, São Paulo, 2006	Brasileira	2
VASCONCELLOS, C. S. Planejamento : projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. 14ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2005.	Brasileira	2
VASCONCELOS, C. S. Construção do conhecimento em sala de aula . São Paulo: Libertad Editora, 1993.	Brasileira	2
VASCONCELLOS, C. S. Coordenação do Trabalho Pedagógico : do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo, Libertad Editora, 2004.	Brasileira	2
VEIGA, I. P. A. (Org.). Aula : gênese, dimensões, princípios e práticas. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.	Brasileira	2
WILLIAMS, E. Do Latim ao Português . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.	Brasileira	2
Portugal		

ALMEIDA, L. S.; FREIRE, T. Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação . 3. ed. Braga: Psiquilibrios, 2003.	Portuguesa	2
AMOR, E. Didáctica do Português – Fundamentos e Metodologia. Lisboa: Texto Editora, 1997.	Portuguesa	2
AZEVEDO, F. Ensinar e aprender a escrever – Através e para além do erro. Porto: Porto Editora, 2003.	Portuguesa	2
CARVALHO, A. D. Dicionário de Filosofia da Educação , Porto editora, 2006.	Portuguesa	2
CARVALHO, A; RÓMULO, C. O Texto Poético Como Documento Social . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006	Portuguesa	2
CASTRO, I. Introdução à História do Português . Lisboa: Colibri. 2ªed.	Portuguesa	2
CUNHA, C. E CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo . Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1988.	Portuguesa	2
DUARTE, I. Língua Portuguesa, Instrumentos de Análise . Lisboa: U. Aberta, 2000.	Portuguesa	2
ECO, U. O signo . Barcarena: Editorial Presença, 1990.	Portuguesa	2
FARIA, I. H. <i>et al.</i> Introdução à Linguística Geral e Portuguesa . Lisboa: Caminho, 1996.	Portuguesa	2
FERREIRA, A. G. Dicionário de Português-Latim , Porto: Porto Editora, 1976	Portuguesa	2
FLORIDO, M. B.; SILVA, M. Análise de comunicação estilística e análise textual : Elementos de História de Língua. Ed. Porto, 1998.	Portuguesa	2
FONSECA, F. I. Gramática e Pragmática : Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português. Porto: Porto Editora, 1994.	Portuguesa	2
MAIA, C. A. História do Galego-Português : Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI, Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986	Portuguesa	2
MATEUS, M. H. M. <i>et al.</i> Gramática da Língua Portuguesa . 5ª ed., revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.	Portuguesa	2
MATEUS, M.; HELENA, M. Fonética, Fonologia e Morfologia do Português . Lisboa: Universidade Aberta, 1990.	Portuguesa	2
MARTINS, A. M. Ainda “os mais antigos textos escritos em português” Documentos de 1175 a 1252. <i>In</i> : LINDLEY C. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão . Lisboa, 1999. p. 380 – 387.	Portuguesa	2
MARTINS, A. M. Mudança sintáctica e História da Língua Portuguesa. <i>In</i> : História da Língua e História da Gramática : Actas do Encontro, Head, Brian F. et alii, Braga: Universidade do Minho/ILCH, 2002. p. 251-297.	Portuguesa	2
MARQUILHAS, R. Mudança analógica e elevação das vogais pretónicas. <i>In</i> : Razões e Emoção : Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003 (pp. 7-18.)	Portuguesa	2
MATEUS, M. H. M. <i>et al.</i> Gramática da Língua Portuguesa . 5ª ed., revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2008.	Portuguesa	2
NASCIMENTO, Z.; PINTO, J. M. C. A Dinâmica da Escrita . 5. ed. Lisboa: Plátano Editora, 2006.	Portuguesa	2
NUNES, J. J. Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa : Fonética e Morfologia, Lisboa: Clássica Editora, 1989. (9ª ed.)	Portuguesa	2
PINTO, M. da G. L. C. Desenvolvimento e distúrbios da linguagem . Porto: Porto Editora, 1994.	Portuguesa	2
REIS, C. O Conhecimento da Literatura . Coimbra: Edições Almedina, 2008.	Portuguesa	2
SILVA, R. V. M. Estruturas Trecentistas : Elementos para uma gramática do Português Arcaico, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.	Portuguesa	2
SILVA, V. Teoria e Metodologia Literárias . Lisboa: Ed. Universidade Aberta, 1990.	Portuguesa	2
SOUTO CABO, J. A. Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa . Documentos do século XII, Diacrítica, 17, Braga: Universidade do Minho, 2003. p. 329 – 385.	Portuguesa	2
TORRINHA, F. Dicionário Latino-Português . Porto: Porto Editora, 1939.	Portuguesa	2
Reino Unido		
ALLAN, S. News culture . Buckingham: Open University Press, 1999.	Britânica	2
BELL, A. The language of news media . Oxford: Blackwell, 1991.	Britânica	2
HALL, S. <i>et al.</i> Culture, media, language : working papers in cultural studies. London: Routledge, 1996.	Britânica	2

LABOV, W. Principles of Linguistic Change: Internal Factors , Oxford, Cambridge: Blackwell, 1994	Britânica	2
LABOV, W. Principles of Linguistic Change: Internal Factors , Oxford, Cambridge: Blackwell, 2001	Britânica	2
WRIGHT, R. Late Latin and Early Romance . Liverpool: Francis Cairns, 1982.	Britânica	2
Estados Unidos		
AZAR, B. S. Basic English Grammar . New Jersey: Prentice-Hall, 1984.	Estadounidense	2
CHOMSKY, N. The minimalist program . Cambridge, MA: MIT Press, 1995.	Estadounidense	2
GREENBERG, J.H. Universals of language . Cambridge: The MIT Press, 1996.	Estadounidense	2
França		
ERNOUT, A.; THOMAS, F. Syntaxe Latine . Paris : Klincksieck, 1972.	Francesa	2
HACQUARD, G. ; J.-MAISANI, O. Guide Romain Antique . Hachette, 1952.	Francesa	2
MARTIN, F. Les mots latins . Hachette, 1978.	Francesa	2
MONTEIL, P. Eléments de Phonétique et de Morphologie du Latin . Marseille : Nathan, 1984.	Francesa	2
Colômbia		
BOLDIRIER, N. I.. Metodologia da organização do trabalho educativo. Colectivo de autores. Tendencias pedagógicas contemporâneas . Ed. Poiras editores e impresores, S.A. Ibagué. Colombia. 1996.	Colombiana	2
COLECTIVO DE AUTORES. Tendencias pedagógicas contemporâneas . Ed. Poiras editores e impresores, S.A. Ibagué. Colombia. 1996.	Colombiana	2
Holanda e Espanha		
MENUZZI, S. Adjetival positions inside D.P. In: CREMERS, C.; BOKBENEMA, R. (Eds.). Linguistics in the Netherlands , Vol. 11. Amsterdam: John Benjamins, 1994, p. 127-138.	Holandesa	2
VÄÄNÄNEN, V. Introducción al Latín Vulgar . Madrid: Gredos, 1968	Espanhola	2
Brasil		
ABREU, M. M. A dimensão pedagógica do serviço social: bases histórico-conceituais e expressões particulares na sociedade brasileira . In: Revista Serviço Social & Sociedade, n. 79. São Paulo: Cortez, 2004.	Brasileira	1
ALBIERO, C. M. G. Ensinar e aprender: desafios constantes na formação profissional em serviço social . Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.	Brasileira	1
BAKHITIN, M. M. Estética da criação verbal . 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.	Brasileira	1
BAKHITIN, M. M. Marxismo e filosofia da linguagem . 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.	Brasileira	1
BARRETO, A. Literatura para Crianças e Jovens em Portugal . Porto: Campo das Letras, 1998.	Brasileira	1
BARROS, M. S. Access 2010 . São Paulo, Brasil: Senac, 2010	Brasileira	1
BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa . Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1961. 37. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.	Brasileira	1
BLUMER, F. L. Word 2007. Inovação e Automação em textos (2ª edição revisada ed.). Brasil: Viena, 2008.	Brasileira	1
BORTONI-RICARDO, S. M. Nós cheguemo na escola e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.	Brasileira	1
BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula . São Paulo: Parábola Editorial, 2004.	Brasileira	1
BORTONI-RICARDO, S. M.; SILVA, M. G. T.; CAXANGÁ, M. R. R.; LINS, M. V. Raízes sociolinguísticas do analfabetismo no Brasil. Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa , São Paulo, v. 2, n. 4, p. [não informado], mar./ago. 2007.	Brasileira	1
BURIOLLA, M. A. FEITEN. O estágio supervisionado . 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.	Brasileira	1

CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (org.). Introdução à linguística : domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.	Brasileira	1
CÂMARA Jr., J.M. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis (RJ) : Vozes, 1970. (19ª ed., 1989).	Brasileira	1
CÂMARA Jr., J. M. Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa . Rio de Janeiro (RJ): Livraria Padrão, 1977.	Brasileira	1
CÂMARA Jr., J. M. Problemas de Linguística Descritiva . Petrópolis (RJ): Vozes, 1971. (13ª ed., 1988).	Brasileira	1
CARVALHO, J. H. Individualidade e interindividualidade do saber linguístico . Teoria da Linguagem, v. 1, 1967.	Brasileira	1
CHAVES, R. Formação do Romance Angolano . São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.	Brasileira	1
COSTA, S. F. O planejamento do estágio em serviço social . Serviço Social em Revista, Londrina, v. 1, n. 1, p. 59-68, 1998.	Brasileira	1
CUNHA, C.; LINDLEY CINTRA, L. F. Nova gramática do Português Contemporâneo . Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.	Brasileira	1
DELORS, J. Educação, um tesouro a descobrir , relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Cortez editora, S. Paulo, 2006	Brasileira	1
DEMO, P. Metodologia de Investigação em Educação . 2. ed. Curitiba: IBPX, 2005.	Brasileira	1
FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia . São Paulo: Paz e Terra, 1996.	Brasileira	1
GADOTTI, M. Educar para a sustentabilidade . Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/ref_sustentabilidade.pdf .	Brasileira	1
HILGERT, J. G. A construção do texto “falado” por escrito. A conversação na Internet. In: PRETI, D. (Ed.). Fala e escrita em questão . 2.ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 17-55.	Brasileira	1
LYONS, J. Linguagem e Linguística : Uma Introdução. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.	Brasileira	1
MANZANO, A. L. Microsoft Excel 2013 (1ª ed.). São Paulo: Érica Ltda, 2013.	Brasileira	1
MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica . 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.	Brasileira	1
MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Técnica de pesquisa . 7ª edição. Editorial Atlas S.A. São Paulo, 2010.	Brasileira	1
MARQUES, M. E. R. Sociolinguística . 1995.	Brasileira	1
MENGA, L.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisas em Educação : Abordagens Qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.	Brasileira	1
MOREIRA, A.; SILVA, T. T. Currículo, cultura e sociedade . São Paulo: Cortez Editora, 2005.	Brasileira	1
OLIVERA, K. D.; SILVA REHDER, W. Guia Prático. Microsoft Access xp . 1ª ed. São Paulo : Viena, 2003.	Brasileira	1
OLIVEIRA, K.; VARGAS, E. Guia Prático. Microsoft Excel xp . São Paulo, Brasil: Viena, 2007.	Brasileira	1
PEREIRA, D. T. PowerPoint 2007. Inovação e Automação de Apresentações . São Paulo: Viena, 2008.	Brasileira	1
PERRENOUD, P. 10 Novas Competências para Ensinar . Porto Alegre: Artmed, 2000.	Brasileira	1
RAMOS, R. (org.). Contos Moçambicanos . São Paulo: Global, 1990.	Brasileira	1
SAMPIERI, H. R.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. Metodologia de Pesquisa . 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.	Brasileira	1
SILVEIRA, A. J.; SOUZA N. A. Fundamentos de Metodologia Científica . 3ª edição. Editorial Pearson. São Paulo, 2010.	Brasileira	1
TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional . Petrópolis: Vozes, 2002.	Brasileira	1
TRIVINOS, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação . São Paulo: Atlas, 2011.	Brasileira	1
VALENTÍ FIOLE, E. Sintaxis latina . Porto Alegre: Bosch, 1999	Brasileira	1
VANOYE, F. Usos da linguagem . Problemas e técnicas na produção oral e escrita, Martins Fontes, 2002	Brasileira	1
VASCONCELLOS, C. S. Avaliação da aprendizagem : práticas e mudança por uma práxis transformadora. 9ª ed. São Paulo: Libertad, 2008. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 6).	Brasileira	1

VASCONCELLOS, C. S. Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 11ª ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad; v. 3).	Brasileira	1
VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. Introdução ao Estudo do Léxico. Descrição e Análise do Português. Petrópolis: Vozes, 2014.	Brasileira	1
ZABALA, A. A Prática Educativa: Como Ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2008.	Brasileira	1
Portugal		
AAVV. Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império (1951-1963). 2 vols. Lisboa: ACEI, 1994.	Portuguesa	1
AAVV. Poesia Angolana de Amor dos Anos 80 (Breve Antologia). Pontevedra/Braga: Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, 1991.	Portuguesa	1
ADRAGÃO, J. V. Língua Portuguesa. Gramática de Uso. Setúbal: Escola Superior de Educação, 1998. (Versão experimental).	Portuguesa	1
AGUIAR E SILVA, V. Horizontes de uma nova interdisciplinaridade entre os estudos literários e os estudos linguísticos. <i>In</i> : REIS, C. (org.). Atas da Conferência Internacional sobre o Ensino do Português. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC, 2008. p. 19-32.	Portuguesa	1
ALBRECHT, R. A avaliação formativa. Porto: Ed. ASA, 1994.	Portuguesa	1
ALVES, M. P. Metodologia Científica. Escolar Editora, Lisboa. (2012).	Portuguesa	1
AMARO, R.; MENDES, S. Tecnologias de Informação Linguística para Tradução. Ed. revista e atualizada. 200 pp. (capítulo II), 2013.	Portuguesa	1
AMOR, E. Didáctica do Português – Fundamentos e Metodologia. Lisboa: Texto Editora, 1997.	Portuguesa	1
ANDRADE, M. (org.). Antologia Temática de Literatura Africana I - Na Noite Grávida dos Punhais. Porto: Sá da Costa, 1975.	Portuguesa	1
ANDRADE, M. Antologia Temática de Poesia Africana 2 – O Canto Armado. Lisboa: Sá da Costa, 1979.	Portuguesa	1
ARENILLA, L., MARIE-CLAIRE R., GROSSOT, B., ROUSSEL, M. P. Dicionário de Pedagogia. Ed: Piaget, Lisboa, 2001.	Portuguesa	1
AVANTE, T. M. Introdução à Antropologia Cultural. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.	Portuguesa	1
AZEVEDO, F. Ensinar e aprender a escrever – Através e para além do erro. Porto: Porto Editora, 2003.	Portuguesa	1
AZEREDO, M. O. <i>et al.</i> Gramática Prática do Português – 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Lisboa: Lisboa Editora, 2010.	Portuguesa	1
BARBEIRO, L. Aprendizagem da ortografia. Porto: ASA Editores, 2007.	Portuguesa	1
BARBEIRO, L.; PEREIRA, M. L. Á. O Ensino da escrita: a dimensão textual. Lisboa: ME/DGIDC, 2007.	Portuguesa	1
BARBEIRO, L. Escrita: Construir a Aprendizagem. Braga: Departamento de Metodologias da Educação, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2003.	Portuguesa	1
BARBOSA, A. C. Angola Imagens e Mensagens: Contos Tradicionais. Mosteiro de Singe Verga: Ed. & Labora, 1990.	Portuguesa	1
BARBOSA, J. M. Etudes de Phonologie Portugaise. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1965. 2.ª ed.: Évora: Universidade de Évora.	Portuguesa	1
BARBOSA, J. S. Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem. 5. ed. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1871.	Portuguesa	1
BARBOSA, J. M. Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português. Coimbra: Almedina, 1994.	Portuguesa	1
BARRETO, A. Literatura para Crianças e Jovens em Portugal. Porto: Campo das Letras, 1998.	Portuguesa	1
BARROS, C. "Pragmática histórica: perspectivas de alargamento da metodologia de análise de textos medievais", Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP , Porto: CLUP/Faculdade de letras, 2001.	Portuguesa	1
BARROS, C.; "Alguns aspectos do funcionamento dos contrastivos no Português medieval". História da Língua e História da Gramática: Actas do Encontro, Head, Brian F& al., Braga: Univ.do Minho/ILCH, 2003.	Portuguesa	1
BARROS, C. "Porém: um caso de deriva conclusiva-contrastiva". Revista da Faculdade de Letras do Porto: Línguas e Literaturas , II Série, v. V, parte I, p. 269-285, 1988.	Portuguesa	1

BARROSO, H. Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa . Coimbra: Almedina, 1999.	Portuguesa	1
BASTOS, G. Literatura Infantil e Juvenil . Lisboa: Universidade Aberta, 1999.	Portuguesa	1
BENTO MURTEIRA, <i>et al.</i> Introdução à Estatística . McGraw-Hill, 2002, Portugal.	Portuguesa	1
BERNARDES, M. S. S. Liderança e Modelos de Gestão em Contexto Escolar : Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Administração Pública. Coimbra, Portugal: Fundação Bissaya Barreto, 2008.	Portuguesa	1
BORREGANA, A. A. Gramática Universal da Língua Portuguesa . Lisboa: Texto Editora, 1996.	Portuguesa	1
BRANCO, A. O programa de Literatura Portuguesa do ensino secundário: o último reduto? <i>In: Revista Portuguesa de Educação</i> . Braga: Universidade do Minho, v. 14, n. 2, 2001. p. 95-109.	Portuguesa	1
BRITO, A. M. Ensinar Português: o que significa? <i>In: A Língua Mãe e a Paixão de Aprender</i> . 1º Encontro de Professores de Português. Homenagem a Óscar Lopes. Porto: Areal Editores, 1997. p. 67-80.	Portuguesa	1
BRITO, A. M. Retomar e reinventar o ensino da gramática da Língua Materna. <i>In: A Língua Mãe e a Paixão de Aprender</i> . 2º Encontro de Professores de Português. Homenagem a Eugénio de Andrade. Porto: Areal Editores, 1998. p. 53-64.	Portuguesa	1
BRUCE, W. T. Manual de Investigação em Educação . 4. ed. Fundação Couberke Gulbenkian: Portugal, 2012.	Portuguesa	1
CANÁRIO, R. Inovação e projecto educativo de escola . Lisboa: Educa, 1992, p. 87-107.	Portuguesa	1
CARAPETO, C. Ecologia-Princípios e conceitos . Lisboa: Universidade Aberta, 1994.	Portuguesa	1
CARDEIRA, E. Entre o português Antigo e o Português Clássico . Lisboa: Imprensa Nacional, 2005	Portuguesa	1
CARMO, M.; DIAS, M. C. Introdução ao texto literário . Lisboa: Didáctica Editora, 1975.	Portuguesa	1
CARVALHO, A. D. Ciências da educação: um novo olhar epistemológico. <i>In: SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO. Actas do 1º Congresso: Ciências da Educação em Portugal. Situação actual e perspectivas</i> . Lisboa, 1991, p. 23-30.	Portuguesa	1
CARVALHO, J. A. B. Escrita : Percursos de Investigação. Braga: Departamento de Metodologias da Educação, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2003.	Portuguesa	1
CASTRO, I. <i>et al.</i> Curso de História da Língua Portuguesa . Lisboa: Universidade Aberta, 1991.	Portuguesa	1
CASTRO, I. Introdução à História do Português . Lisboa: Colibri, 2006.	Portuguesa	1
CÉSAR, A. Antologia do Conto Ultramarino . Lisboa: Verbo, 1972.	Portuguesa	1
CHANTELAIN, H. Contos Populares de Angola . Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1964	Portuguesa	1
CHAVES, R. P. Organização do Léxico. <i>In: RAPOSO, E. et al. (orgs.). Gramática do Português</i> . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 185-2014.	Portuguesa	1
CINTRA, L. F. L. Estudos de Dialectologia Portuguesa . Lisboa: Sá da Costa, 1983.	Portuguesa	1
CINTRA, L. F. L.; RIBEIRO, J. A. P. (orgs.). Estudos de Fonética Portuguesa . Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1973.	Portuguesa	1
COLECTIVO DE AUTORES. Gramática Moderna da Língua Portuguesa , Escolar Editora, 2010.	Portuguesa	1
CORREIA, J. A. Inovação pedagógica e formação de professores . Porto: Edições ASA, 1989.	Portuguesa	1
COSTA, M. A. Se a língua materna não se pode ensinar, que professores temos de formar? <i>In: DELGADO-MARTINS, M. R. et al. (org.). Formar Professores de Português, Hoje</i> . Lisboa: Edições Colibri, Portuguesa 1996. p. 75-84.	Portuguesa	1
COSTA, M. A. O processo de compreensão na leitura e o conhecimento linguístico. <i>In: DELGADO-MARTINS, M. R. et al. (org.). Para a Didática do Português</i> : Seis Estudos de Linguística. Lisboa: Edições Colibri, 1992.	Portuguesa	1
CRISTÓVÃO, F. <i>et al</i> (coord.). Dicionário Temático da Lusofonia . ACLUS, Lisboa: Texto Editores, 2005.	Portuguesa	1
CRYSTAL, D. A Linguística . Lisboa: Dom Quixote, 1996.	Portuguesa	1

CUNHA, L. F. "Aspeto". In: RAPOSO, E. P. <i>et al.</i> (eds.). Gramática do Português . Cap. 17. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.	Portuguesa	1
CUESTA, P.; MENDES DA LUZ, M. A. Gramática da Língua Portuguesa . (Trad. do original espanhol de 1971). Edições 70, 1980.	Portuguesa	1
DAVIDSON, B. A Descoberta do Passado de África . Lisboa: Sá da Costa, 1981.	Portuguesa	1
DUARTE, I. Língua Portuguesa: Instrumentos de Análise . Lisboa: Universidade Aberta, 2000.	Portuguesa	1
DUARTE, I.; OLIVEIRA, F. "Referência Nominal". In: MATEUS, M. H. <i>et al.</i> Gramática da Língua Portuguesa . Lisboa: Editorial Caminho, 2006.	Portuguesa	1
DUARTE, I.; BRITO, A. M. Sintaxe. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. (Orgs.). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa . Lisboa: Caminho, 1996. p. 247-302.	Portuguesa	1
DUARTE, I. M. As vantagens de uma gramática de texto para o estudo do relato de discurso. In: I Jornadas Científico-Pedagógicas de Português. Coimbra : Almedina, Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999. p. 113-120.	Portuguesa	1
DUARTE, I. M. Do saber ao ensinar: em torno dos verbos introdutórios de discurso relatado. In: FONSECA, F. I.; DUARTE, I. M.; FIGUEIREDO, O. (orgs.). A Linguística na Formação do Professor de Português . Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001. p. 125-134.	Portuguesa	1
DUARTE, I. M. (Introdução e organização). Gavetas de Leitura: Estratégias e Materiais para uma Pedagogia da Leitura . Porto: Edições ASA, 2002.	Portuguesa	1
DUARTE, I. M. Se a língua materna se tem de ensinar, o que se aprende nas aulas de português? In: DELGADO-MARTINS, M. R. <i>et al.</i> (org.). Formar Professores de Português, Hoje . Lisboa: Edições Colibri, 1996. p. 63-74.	Portuguesa	1
DUARTE, I. M.; FIGUEIREDO, O. (orgs.). Português: Língua e Ensino . Porto: UP Editorial, 2011.	Portuguesa	1
DUARTE, I. M.; FIGUEIREDO, O.; VILELA, G. Metodologia do ensino do Português. In: CARVALHO, A. D. (org.). Novas Metodologias em Educação . Porto: Porto Editora, 1995. p. 227-261.	Portuguesa	1
ECO, U. Como se faz u ma tese em Ciências Humanas , 17ª Edição. Editorial Presença. Portugal, 2011.	Portuguesa	1
ESTRELA, E. Dúvidas do Falar Português : Consultório da Língua Portuguesa I. Lisboa: Editorial Notícias, 1991.	Portuguesa	1
FERRÃO TAVARES, C. Didáctica do Português Língua materna e não materna no Ensino Básico . Porto: Porto Editora, 2007.	Portuguesa	1
FERREIRA, J. V. Apontamentos de Gestão Ambiental . DEMAD/IPV, 2002.	Portuguesa	1
FERREIRA, M. B. <i>et al.</i> Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. Hub <i>et al.</i> (orgs.). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa . Lisboa: Caminho, 1996, p. 479-502.	Portuguesa	1
FERREIRA, M. (org.). No Reino de Caliban : Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa. Lisboa: Plátano, 1988.	Portuguesa	1
FERREIRA, M. 50 Poetas Africanos : Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Lisboa: Plátano, 1989.	Portuguesa	1
FIGUEIREDO, O. A anáfora nominal em texto de alunos . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, 2003.	Portuguesa	1
FONSECA, F. I. Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura . Coimbra: Almedina, 2002. (Atas do V Congresso Internacional de Didática da Língua e da Literatura).	Portuguesa	1
FONSECA, F. I. (org.). Pedagogia da Escrita : Perspectivas. Porto: Porto Editora, 1994.	Portuguesa	1
FONSECA, F. I.; FONSECA, J. Pragmática Linguística e Ensino do Português . Coimbra: Almedina, 1977.	Portuguesa	1
FONSECA, J. Língua e Discurso . Porto: Porto Editora, 2001.	Portuguesa	1
FONSECA, J. Pragmática Linguística : Introdução, Teoria e Descrição do Português. Porto: Porto Editora, 1994.	Portuguesa	1
FONSECA, J.; PINTO, A. G. A organização e o funcionamento dos discursos . Porto editora, 1998.	Portuguesa	1
FORMOSINHO, J. Prefácio. In: MACHADO, D. F.; GONÇALVES, M. F. Currículo e desenvolvimento curricular: problemas e perspectivas . Porto: Edições ASA, 1991, p. 7-10.	Portuguesa	1
FORSYTH, P. Como Escrever Relatórios e Propostas . Lisboa: Smart Book, 2010.	Portuguesa	1

FREITAS, M. Educação Ambiental e/ou Educação para o Desenvolvimento Sustentável? Uma análise centrada na realidade portuguesa. Revista Iberoamericana de Educação , v. 41, p. 133-147, 2005.	Portuguesa	1
FROMKIN, V.; RODMAN, R. Introdução à Linguagem . Coimbra: Livraria Almedina, 1993.	Portuguesa	1
GADOTTI, M. Educar para a sustentabilidade . Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/ref_sustentabilidade.pdf .	Portuguesa	1
GARMADI, J. Introdução à Sociolinguística . Lisboa: Dom Quixote, 1989.	Portuguesa	1
GIASSON, J. A compreensão na leitura . Porto: Porto Editora, 1993.	Portuguesa	1
GOMES, A., e CAVACAS, F. Escrever Direito: Ortografia , 1ª ed. Clássica Editora, Lisboa, 2005	Português	1
GOMES, Á. Ortografia para todos – para ensinar a escrever sem erros. Porto: Porto Editora, 2006.	Portuguesa	1
GOMES, J. A. A Poesia na Literatura para a Infância . Lisboa: ASA, 1993.	Portuguesa	1
GONÇALVES, P. Aspectos da Sintaxe do Português de Moçambique. In: FARIA, I. H. et al. (orgs.). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa . Lisboa: Caminho, 1996, p. 313-322.	Portuguesa	1
GRAÇA MARTINS, M. E.; GOMES CERVEIRA, A. Introdução às probabilidades e à Estatística . Universidade Aberta, Portugal, 1999.	Portuguesa	1
GROETHUYSEN, B. Antropologia Filosófica . Lisboa: Presença, 1988.	Portuguesa	1
GUERRA, M. I. Algumas Considerações Sobre a Problemática Linguística em Angola . Separata do Congresso sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no Mundo. Ed. Instituto de Cultura e Língua, Lisboa, 1985.	Portuguesa	1
GUIMARÃES, R. C. C.; SARFIELD, J. Estatística . McGraw-Hill, Portugal, 1997.	Portuguesa	1
HAMILTON, R. G. Literatura Africana Literatura Necessária I: Angola . Lisboa: Edições 70, 1981.	Portuguesa	1
LACERDA, A.; HAMMARSTRÖMM, G. Transcrição Fonética do Português Normal . Revista do Laboratório de Fonética da Universidade de Coimbra, Coimbra, v. I, p. 119-135, 1952.	Portuguesa	1
LARANJEIRA, P. Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa , Universidade Aberta, 1995.	Portuguesa	1
LATIM, Sic incipitur , Edições Colibri, 1998.	Portuguesa	1
LAUSBERG, H. Linguística Românica . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974 (Tradução Portuguesa)	Portuguesa	1
LEITE, C. Gestão do currículo. Comunicação ao Seminário PEPT/ALFA , Maia, 26 out. 1998. Documento policopiado.	Portuguesa	1
LIMA, J. P. (org.). Linguagem e Acção: Da Filosofia Analítica à Linguística Pragmática . Lisboa: apaginastantas, 1983.	Portuguesa	1
LOPES, J. O desenvolvimento de competências linguísticas em Jardim-de-Infância . Porto: Edições ASA, 2007.	Portuguesa	1
LUCHESI, D.; LOBO, T. Aspectos da Sintaxe do Português Brasileiro. In: FARIA, I. H. et al. (orgs.). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa . Lisboa: Caminho, 1996, p. 303-311.	Portuguesa	1
MACHADO, F.; GONÇALVES, M. F. Currículo e desenvolvimento curricular: problemas e perspectivas . Porto: Edições ASA, 1991.	Portuguesa	1
MALMBERG, B. La Phonétique . Paris: Presses Universitaires de France, 1954. Trad. port. de O. Figueiredo: A Fonética. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.	Portuguesa	1
MÁRIO BARROSO, et al. Exercícios de estatística Descritiva para as Ciências Sociais . Ed. Sílabo, Lisboa, 2003.	Portuguesa	1
MARQUES, M.; EMÍLIA, R. Introdução aos Estudos Linguísticos . Lisboa: Universidade Aberta, 2001.	Portuguesa	1
MARTINET, A. Éléments de Linguistique Générale . Paris: A. Colin, 1960. Trad. port.: Elementos de Linguística Geral. Lisboa: Sá da Costa.	Portuguesa	1
MARTINET, A. Função e Dinâmica das Línguas . Coimbra: Livraria Almedina, 1995.	Portuguesa	1
MARTINET, J. Chaves para a Semiologia . Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.	Portuguesa	1
MARTINS, M. R. D. Ouvir Falar . Introdução à Fonética do Português. Lisboa: Caminho, 1988.	Portuguesa	1
MARTINS, M. R. D. Fonética do Português . Trinta anos de investigação. Lisboa: Caminho, 2002.	Portuguesa	1

MATEUS, M. H. M. A Face Exposta da Língua Portuguesa . Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.	Portuguesa	1
MATEUS, M. H.; BACELAR DO NASCIMENTO, F. (orgs.). A Língua Portuguesa em Mudança . Lisboa: Caminho, 2005.	Portuguesa	1
MATEUS, M. H.; CARDEIRA, E. O Essencial sobre Língua Portuguesa . Norma e Variação. Lisboa: Caminho, 2007.	Portuguesa	1
MATEUS, M. H. M. <i>et al.</i> Gramática da Língua Portuguesa . 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.	Portuguesa	1
MATEUS, M. e outros. Gramática da Língua Portuguesa , 7ª ed. Editorial (2005).	Portuguesa	1
MIGUEL, H., M. ALVES, A. M. Convergências, Manual Universitário de Português , 3ª ed. Moura, J. (1987).	Portuguesa	1
MINED. Livros de Texto e Programas de Matemática do Ensino Médio . Murteira, B. Blac, GHJ. Estatística Descritiva, Ed. McGraw Hill, 1983.	Portuguesa	1
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – DGE. Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade . Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/ref_sustentabilidade.pdf .	Portuguesa	1
MÓIA, T.; PERES, J. A. Áreas Críticas da Língua Portuguesa , Caminho, 2003	Portuguesa	1
MORAIS, J. Representações fonológicas na aprendizagem da leitura e na leitura competente. Textos Seleccionados . XXIV ENAPL, Lisboa, 2009. p. 7-21.	Portuguesa	1
MOURA, J. A. Gramática do Português Actual , Lisboa Editora (2011).	Portuguesa	1
ODISHO, E. Y. A multisensory, multicognitive approach to teaching pronunciation. <i>Linguística</i> . Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto , v. 2, p. 3-28, 2007.	Portuguesa	1
ODUM, E. P. Fundamentos de Ecologia . 5.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.	Portuguesa	1
OLIVEIRA, F. "Alguns Caminhos da Semântica". In: FIÉIS, A.; COUTINHO, M. A. (eds.). Textos Seleccionados do XXIV Encontro da APL . Lisboa: Colibri, 2009. p. 23-41.	Portuguesa	1
OLIVEIRA, F. "Semântica". In: FARIA, I.; PEDRO, E.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. (orgs.). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa . Lisboa: Ed. Caminho, Série Linguística, 1996. p. 333-379.	Portuguesa	1
OLIVEIRA, F. Tempo e Aspecto. In MATEUS, M. H. <i>et al.</i> Gramática da Língua Portuguesa , Editorial Caminho, 2006.	Portuguesa	1
OLIVEIRA, F. Tempo verbal. In PAIVA RAPOSO, E. <i>et al.</i> (orgs.) Gramática do Português , Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.	Portuguesa	1
OLIVEIRA, J. B. Filosofia, Psicanálise e Educação , Livraria Almedina, Coimbra, 1997.	Portuguesa	1
OLIVEIRA, P. M. Microsoft Word . Portugal: Porto Editora, LDA, 2006	Portuguesa	1
PACHECO, J. A. Currículo: teoria e prática . Porto: Porto Editora, 1996.	Portuguesa	1
PAIVA, M. H. Vernacularidade versus relatinização : o testemunho dos gramáticos portugueses quinhentistas, Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 1986. p.375-397.	Portuguesa	1
PAIVA, M. H. Os Gramáticos Portugueses Quinhentistas e a fixação do Padrão Linguístico . Contribuição da informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança, Porto: Faculdade de Letras , 2002. Tese de doutoramento.	Portuguesa	1
PAIVA, M.; RAPOSO, E.; NASCIMENTO, E.; MOTA, M.; SEGURA, J.; MENDES, A. (Orgs.). Gramática do Português . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. v. I e II.	Portuguesa	1
PARDAL, E. A. Aspects de la phonologie (générative) du portugais . Lisboa: INIC, 1977.	Portuguesa	1
PARTIDÁRIO, M. R.; JESUS, J. Avaliação do Impacte Ambiental – Conceitos, Procedimentos e Aplicação . Lisboa, 1999.	Portuguesa	1
PEDRO, E. R. Interação verbal. In: FARIA, I. H. e outros (Orgs.). Introdução à Linguística Geral e Portuguesa . 1996.	Portuguesa	1
PEREIRA, A.; POUPA, C. Como Escrever uma Tese, Monografia ou Livro Científico . 5. ed. Lisboa: Sílabo, 2012.	Portuguesa	1
PERES, J.; MÓIA, T. Áreas Críticas da Língua Portuguesa . Lisboa: Caminho, 1995.	Portuguesa	1
PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas, profissionais docentes e formação . Lisboa: IIE/Edições D. Quixote, 1993.	Portuguesa	1

PINTO, A. O. História de Angola : da Pré-História ao Início do Século XXI. 1ª ed. Lisboa: Mercado de Letras Editores, 2015.	Portuguesa	1
PINTO DE LIMA, J. Pragmática Linguística . Lisboa: Caminho, 2006.	Portuguesa	1
PINTO, M. da G. C. Desenvolvimento e distúrbios da linguagem . Porto: Porto Editora, 1994.	Portuguesa	2
PINTO, M. da G. C. Saber viver a linguagem : um desafio aos problemas de literacia. Porto: Porto Editora, 1998.	Portuguesa	1
PINTO, M. da G. L. C. Da Psicolinguística: um verbete que se tornou ensaio. In: RIO-TORTO, G. M. <i>et al.</i> (Org.). Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela . Porto: FLUP, 2005, p. 571-583.	Portuguesa	1
PINTO, M. da G. L. C. A linguagem ao vivo : textos seleccionados. Organizado por Isabel Margarida Duarte, Olívia Figueiredo e João Veloso. Porto: Faculdade de Letras da UP/Col. CAPFLUP, 2009.	Portuguesa	1
PONOMARIOV, B. O Comunismo num Mundo em Mudança . Lisboa: Avante, 1985.	Portuguesa	1
RAPOSO, E. P. Teoria da Gramática : A Faculdade da Linguagem. Lisboa: Caminho, série Linguística, 1992.	Portuguesa	1
RAPOSO, E.P. E. B.; NASCIMENTO, M. F. B.; MOTA, M. A., SEGURA, L.; MENDES, A. (Eds.); Gramática do Português . Vol I e Vol II, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010	Portuguesa	1
REIS, E. Estatística Descritiva . Sílabo, Lisboa, 3.ª edição, 1996.	Portuguesa	1
REIS, E. Estatística . Sílabo, Lisboa, 1996.	Portuguesa	1
RIBEIRO, A. C. Desenvolvimento curricular . Lisboa: Texto Editora, 1996.	Portuguesa	1
RIO-TORTO, G. M. Morfologia Derivacional . Teoria e Aplicação ao Português. Porto: Porto Editora, 1998.	Portuguesa	1
ROCHA PEREIRA, M.H. Estudos de História da Cultura Clássica , vol. II: Cultura Romana, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.	Portuguesa	1
RODRIGUES, A. S. A Construção de Postverbais em Português . Porto: Granito, 2001.	Portuguesa	1
SCHMIDT, L.; GUERRA, J.; NAVE, J. Educação Ambiental : Balanço e perspectivas para uma agenda mais sustentável. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/handle/10451/11183 .	Portuguesa	1
SILVA, A. P. Metodologia das Ciências Sociais . Porto: Afrontamento, 1986.	Portuguesa	1
SILVA, A. S.; PINTO, J. M. Metodologia das Ciências Sociais . 15. ed. Porto: Afrontamento, 2009.	Portuguesa	1
SOUSA, A. B. Investigação em Educação . Lisboa: Livros Horizonte, 2005.	Portuguesa	1
SILVA, R. V. M. O português são dois (variação, mudança, norma e a questão do ensino do português no Brasil). In: DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel (orgs.). Actas do Congresso Internacional sobre o Português . Lisboa: APL, Colibri, 1996, p. 375-401.	Portuguesa	1
SILVA, V. Teoria da Literatura . Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2011.	Portuguesa	1
SIM SIM, I. O ensino da leitura – a compreensão de textos. Lisboa: ME/DGIDC, 2007.	Portuguesa	1
SIM SIM, I. O ensino da leitura – a decifração. Lisboa: ME/DGIDC, 2008.	Portuguesa	1
SOROMENHO-MARQUES, V. Economia, política e desenvolvimento sustentável . [sem dados de edição].	Portuguesa	1
SOUSA, G. Metodologia de Investigação, Redação e Apresentação de Trabalhos Científicos . Porto: Civilização, 1998.	Portuguesa	1
SOUSA, M. L. D. «Agora não posso. Estou a ler!» In: SOUSA, M. L.; CASTRO, R. V. (orgs.). Entre Linhas Paralelas : Estudos sobre o Português nas Escolas. Coimbra: Angelus Novus, 1998, p. 55-70.	Portuguesa	1
TENREIRO, F.; ANDRADE, M. Poesia Negra de Expressão Portuguesa . Prefácio de Manuel Ferreira. Linda-a-Velha: África Editora, 1982.	Portuguesa	1
TEYSSIER, P. História da Língua Portuguesa . (Trad. do original francês de 1980). Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1990.	Portuguesa	1
TITIEV, M. Introdução à Antropologia Cultural . Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.	Portuguesa	1
TRIGO, S. Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa . Porto: Brasília Editora, 1977.	Portuguesa	1
VALENTE, J. V. Gramática Umbundu : A Língua do Centro de Angola. Lisboa: [s.n.], 1964.	Portuguesa	1
VASCONCELOS, J. L. Esquisse d'une dialectologie portugaise . Ed. crítica de M. A. Valle Cintra. Lisboa: INIC, 1901.	Portuguesa	1

VÁRIOS. Variação linguística, no espaço, no tempo e na sociedade. Actas do Encontro Regional da APL . Associação Portuguesa de Linguística / Edições Colibri, 1993.	Portuguesa	1
VELOSO, J. Na Ponta da Língua . Exercícios de Fonética do Português. Porto: Granito, 1999.	Portuguesa	1
VERDELHO, T.; SILVESTRE, J. P. (ed.). Dicionarística Portuguesa : Inventariação e Estudo do Património Lexicográfico. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.	Portuguesa	1
VIANA, F. L. O ensino da leitura : a avaliação – dimensões da avaliação da leitura. Lisboa: ME-DGIDC, 2008.	Portuguesa	1
VILELA, M. O ensino da gramática na escola: que saída e que justificação? <i>In: Diacrítica</i> . Braga: Universidade do Minho, n. 8, 1993. p. 143-166.	Portuguesa	1
VILLALVA, A. Aspectos Morfológicos da Gramática do Português. <i>In: MATEUS, M. H. M., et al. Gramática da Língua Portuguesa</i> . Lisboa: Caminho, 2003.	Portuguesa	1
VILLALVA, A. Morfologia do Português . Lisboa: Universidade Aberta, 2008.	Portuguesa	1
VILLALVA, A. Estruturas Morfológicas . Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000.	Portuguesa	1
ZABALZA, M. A. Do currículo ao projecto de escola . [Local não informado], 1992.	Portuguesa	1
Cuba		
BATISTA, G. G. Dirección, Organización e Higiene Escolar . Playa – Ciudad de la Habana: Pueblo y Educación, 2007.	Cubana	1
BOZHOVICH L. I. La personalidad y su formación en la edad infantil. <i>In: COLECTIVO DE AUTORES. Superación para profesores de Psicología</i> -Colectivo de autores. Adolescente cubano una aproximación a su estudio.	Cubana	1
COLECTIVOS DE AUTORES. Preparação pedagógica integral para professores universitários . Editoria Félix Valera.	Cubana	1
COLECTIVO DE AUTORES. Seleção de leituras de Psicologia das Idades . Tomo III. Faculdade de Psicologia. UH. Havana, 1988	Cubana	1
COLECTIVO DE AUTORES. Superação para professores de psicologia . Editorial Povo e Educação, Havana, 1978	Cubana	1
CORDEIRO LINARES, M. Concepção geral do desenvolvimento humano . Material em suporte magnético. Fac. de Ciências da Educação. ISPEJV (s/f)	Cubana	1
COLLAZO B. La orientación en la actividad pedagógica	Cubana	1
DANILOV e SKATKIR,. Didáctica do ensino médio , S/d.	Cubana	1
DE NASCIMENTO, R. M. Estratégia didáctica para o uso do enfoque de problema base no ensino da estatística na Escola Superior Pedagógica do Bié . Universidade de Ciencias Pedagógicas “Enrique José Varona”, La Habana, Cuba, 2016. Tese de doutoramento.	Cubana	1
EGAÑA MORALES, E. La Estadística , herramienta fundamental en la investigación pedagógica. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 2003, 404 p.	Cubana	1
FARIÑA, G. La Psicología educativa en el ámbito escolar: presente y futuro. Material de apoyo a la docencia . Facultad de Psicología. Universidad de la Habana.	Cubana	1
FERNANDEZ, F. A. <i>et al.</i> Desenho curricular . Cuba: Instituto Pedagógico Latino-Americano y Caribeno, 2000.	Cubana	1
GONZÁLEZ F. Motivación en adolescentes y jóvenes. <i>In: Motivación profesional</i> . Pueblo Educación, 1987	Cubana	1
GONZÁLEZ, M. V. Psicología para educadores . Ed. Pueblo y Educación. La Habana. Cuba 1995.	Cubana	1
HEIDBREDER, E. Psicologías del siglo XX . Ed. Revolucionaria. C. Habana. Cuba. 1964	Cubana	1
HILGARD, E. Teorías del aprendizaje . Ed. Revolucionaria. C. Habana. Cuba. 1961.	Cubana	1
JIMENEZ, GEORGINA, Falemos da educação.	Cubana	1
KLINGBERG, L., Introdução à Didáctica Geral . Ed.: Povo e Educação, Cidade de Havana (Tomada da edição alemã Volk und Wissen Volsieger Verlag, Berlim, RDA, 1972)	Cubana	1
KONSTANTINOV, N. A., MEDINSKII, E. N., SHABAEVA, M. F. História da Pedagogia . Cidade de Havana: Ed. Povo e Educação, 1974.	Cubana	1

LABARRERE REYES, G.; VALDIVIA PAROL, G. Pedagogia . Ed.: Povo e Educação, Cidade Havana, 1988. 347 p	Cubana	1
MAIBAUM, G. Teoría de Probabilidades y Estadística Matemática . La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1985.	Cubana	1
LÓPEZ, H. y otros. Fundamentos de la educación . La Habana: Ed. Pueblo y Educación, 2000	Cubana	1
PÉREZ, B. A. Filosofía de la educación , selección de lecturas, editorial Pueblo y educación, La Habana, 2003.	Cubana	1
PIAGET, J. Os estádios do desenvolvimento intelectual do menino e do adolescente nos estádios na Psicologia do menino . Editorial Instituto do livro, Havana, 1968.	Cubana	1
RODRIGUEZ, C.; JUSTO, et alii. Filosofía de la educación . Instituto Central de Ciências pedagógicas, 2003.	Cubana	1
SAVIN, N. V. Pedagogia . Ed.: Povo e Educação, Cidade Havana, 1990.	Cubana	1
VENGUER, L.I. Temas de psicologia pré-escolar , de Editorial Povo e Educação. Havana, 1976.	Cubana	1
VIGOTSKI L. S. Pensamiento y lenguaje . Ediciones Fausto, 1995	Cubana	1
França		
ALLIÈRES, J. Manuel de Linguistique Romane , Paris: Champion, 2001	Francesa	1
ARMENGAUD. La Pragmatique . Paris: PUF, 1986.	Francesa	1
BAYET, J. Littérature Latine . Paris : Armand Colin, 1965.	Francesa	1
BAYLON, C. Sociolinguistique – Société, Langue et Discours. 1991.	Francesa	1
BOYER, H. Éléments de Sociolinguistique – Langue, Communication et Société. 1991.	Francesa	1
GIROLAMI-BOULINIER, A. L'apprentissage de l'oral et de l'écrit . Paris: PUF, 1993.	Francesa	1
GIROLAMI-BOULINIER, A. Mise en place de la grammaire française. In: GIROLAMI-BOULINIER, A. <i>et al.</i> Le français au troisième millénaire: comment faire vivre la langue? Montreuil: Editions du Papyrus, 2000, p. 71-83.	Francesa	1
KERBRAT-ORECCHIONI, C. L'énonciation – De la subjectivité dans le langage. Paris: Armand Colin, 1997 (1980).	Francesa	1
LABOV, W. Sociolinguistique . 1976.	Francesa	1
MARTIN, F. Les mots latins , Hachette, 1978	Francesa	1
RIEGEL, M.; PELLAT, J.-C.; RIOUL, R. Grammaire méthodique du français . Paris: Presses Universitaires de France, 1994.	Francesa	1
Russia		
GROMIKO, A. As Religiões Tradicionais e Sincréticas da África . Moscovo: Progresso, 1987.	Russa	1
PETROVSKY, A.V. Psicologia das idades e pedagógica . Editorial. Progresso. Moscou, 1980.	Russa	1
PETROSVKY . Psicología evolutiva y pedagógica . Editorial Progreso, 1987	Russa	1
Espanha		
BERNSTEIN, B. La estructura del discurso pedagógico . Madrid: Ed. Morata, 1993.	Espanhola	1
BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Orgs.). Gramática Descriptiva de la Lengua Española . Madrid: Real Academia Española, Espasa, 1999. Vols. 1, 2 e 3.	Espanhola	1
CATALÁ, G. <i>et al.</i> Evaluación de la comprensión lectora – Pruebas ACL (1º - 6º de primaria). Barcelona: Graó, 2008.	Espanhola	1
CARR, W.; KEMMIS, S. Teoría crítica de la enseñanza: la investigación-acción en la formación del profesorado . Barcelona: Ed. Martinez Rosa, 1988.	Espanhola	1
CASSANY, D. Reparar la escritura – Didáctica de la Corrección de lo escrito. Barcelona: Graó, 1993.	Espanhola	1
COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico . Madrid: Editorial Gredos, 1980-1991.	Espanhola	1
ESCANDELL, M. V. Introducción a la Pragmática . 2. ed. Barcelona: Ariel, 2006.	Espanhola	1
FÉLIX ANGULO, J. Hacia una nueva racionalidad educativa: la enseñanza como práctica. Investigación en la escuela , n. 7, 1989, p. 23-35.	Espanhola	1

FULLAT, O. Filosofía de la educación, síntesis educación , editorial síntesis, Madrid, 2000.	Espanhola	1
GESELL A. Psicología de las edades . Ediciones Morata, 1998.	Espanhola	1
GIMENO SACRISTÁN; PÉREZ GÓMEZ. Comprender y transformar la enseñanza . Madrid: Ed. Morata, 1992.	Espanhola	1
PALÁCIOS J. Introdução à psicologia evolutiva : história, conceitos básicos e metodologia em Desenvolvimento Psicológico e Educação I. Aliança Editorial, 1997	Espanhola	1
Revista Infancia y Aprendizaje : Temas psicopedagógicos.	Espanhola	1
REYES, G. La Pragmática Lingüística : El Estudio del Uso del Lenguaje. Barcelona: Montesinos, 1990.	Espanhola	1
SPRANGER. Psicología de la edad juvenil . Revista de Occidente, 1954.	Espanhola	1
VERSCHUEREN, J. Para Entender la Pragmática . Madrid: Gredos, 2002 (1999).	Espanhola	1
Angola		
ALTUNA, R. R. Cultura Bantu e o Cristianismo . s.l.: s.e., s.d.	Angolana	1
ALTUNA, R. R. Cultura Tradicional Bantu . Luanda: Paulina, 2006.	Angolana	1
ANGOLA. Lei de Base do Sistema de Ensino de Angola nº 17 . Luanda: Imprensa Nacional, I série – nº 170, 2016.	Angolana	1
ANGOLA. Boletim nº 1. I.L.N. «Resolução nº 3/87 de Maio de 1987, do Conselho de Ministros» Projeto ANG/77/009.	Angolana	1
ANGOLA. Lei de Bases do Sistema de Educação . Lei nº 20/30, Artigo 9º, alíneas 2 e 3.	Angolana	1
AZUL, A. A. Informática 10ª classe . Luanda: Porto Editora, 2012	Angolana	1
BOUBACAR, D. Gramática Umbundu . Instituto de Línguas Nacionais, Luanda, 1990.	Angolana	1
DE NASCIMENTO, R. M. Análise crítica do processamento estatístico de dados em trabalhos de fim de curso na Escola Superior Pedagógica do Bié . Material em suporte digital, 2015.	Angolana - ESPE	1
DE NASCIMENTO, R. M. Técnicas de amostragem . Sua utilização nas investigação educativa. Material em suporte digital, 2015.	Angolana – ESPE	1
DE NASCIMENTO, R. M. A cultura estatística . Uma necessidade para a sociedade atual. Material em suporte digital, 2015.	Angolana – ESPE	1
DICCIONARIO UNIVERSAL DE LINGUA PORTUGUESA (2005). Ed. Luanda Editora, 1653 p.	Angolana	1
ESPE. Guia Metodológica para elaboração do trabalho de fim de curso . Escola Superior Pedagógica do Bié, 2016	Angolana – ESPE	1
ESPE. Material de apoio de Metodologia de Investigação Científica Escola Superior Pedagógica do Bié, 2016.	Angolana – ESPE	1
FERNANDES, J.; ZAVONI NTONDO. Povos e Línguas . Luanda: Nzila, 2002.	Angolana	1
FONSECA, A. Contribuição ao Estudo da Literatura Oral Angolana . Luanda: INALD, 1996.	Angolana	1
ICRA. Programa de Línguas Nacionais : Educadores Sociais. Luanda: [s.n.], 1999.	Angolana	1
IFAL. Programa Geral de Línguas . Luanda: [s.n.], 2000.	Angolana	1
LE GUENNEC, G.; VALENTE, J. F. Dicionário Português, Umbundu . Instituto de Investigação Científica em Angola, 1972.	Angolana	1
MANASSA, J. B. A. Lunda, História e Sociedade . Mayamba Editora, Lda, Luanda, 2011.	Angolana	1
MAROUF, B.; MUACARIATA, E.; SICRITA, F. G. Trabalho de Pesquisa Científica sobre as Línguas Bantu . ISCED-HUÍLA, 2009.	Angolana	1
MATEUS, M.; CALDEIRA, E. Norma e variação . Luanda: Editora Nzila, 2007.	Angolana	1
MISSÃO CATÓLICA. Pequeno Dicionário Escolar . Quinjenje: [s.n.], 1956.	Angolana	1
MOISÉS, M. Gramática da Língua Umbundu (Onungandaka Y'elimi Ly'umbundu). Edições Viver-in, 2007.	Angolana	1
NGUNGA, A. Introdução à Linguística Bantu . Imprensa Universitária Eduardo Mondlane, Maputo, 2004.	Angolana	1
PAULO, A. M. J.; LEMUS, L. P. Metodologia de Investigação Educativa . Luanda: Yossu Editora, 2018.	Angolana	1
PÉ, J. S. ABC-Missionário . Benguela: [s.n.], 1993.	Angolana	1
RALPH, W. Dicionário Prático . Missão do Dondi, Bela Vista, 1965.	Angolana	1

RAMOS, T. C.; NARANJO, E. S. Metodologia da Investigação Científica . Lobito: Escolar, 2014.	Angolana	1
RAUL, P. Cultura Tradicional Bantu . Luanda: [s.n.], 1985.	Angolana	1
RIASÓUVA, H. Dez Anos de Literatura de Angola . Luanda: UEA, 1986.	Angolana	1
RIBAS, Ó. Temas Da Vida Angolana E Suas Incidências . Luanda: Caxinde Editora & Livraria, 2002.	Angolana	1
YAMBO, F. X. Pequeno Dicionário Antroponímico Umbundu . Luanda: Editorial Nzila, 2003.	Angolana	1
Reino Unido		
AUSTIN, J. How to Do Things with Words . Oxford: Clarendon Press, 1962.	Britânica	1
ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (eds.). The Handbook of Linguistics . Oxford: Blackwell, 2001.	Britânica	1
ARONOFF, M.; FUDEMAN, K. What is Morphology? Oxford: Blackwell, 2005.	Britânica	1
BACKER, C. Television, globalization and cultural identities . Buckingham: Open University Press, 1991.	Britânica	1
BÉJOINT, H. Modern Lexicography: An Introduction . Oxford: Oxford University Press, 2002.	Britânica	1
BINNICK, R. I. (ed.). The Oxford Handbook of Tense and Aspect . Oxford: Oxford University Press, 2012.	Britânica	1
BOOIJ, G. The Grammar of Words . An Introduction to Linguistic Morphology. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.	Britânica	1
BOWKER, L.; PEARSON, J. Working with Specialized Language: A Practical Guide to Using Corpora . Routledge, 2002.	Britânica	1
CHAPMAN, J. L.; REISS, M. J. Ecology: Principles and Application . 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.	Britânica	1
CLARK, J.; YALLOP, C. An Introduction to Phonetics and Phonology . Oxford: Blackwell, 1990.	Britânica	1
COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. Sociolinguistics: A Reader and Coursebook . 1999.	Britânica	1
COX, C. B.; MOORE, P. D. Biogeography: An ecological and evolution approach . 6. ed. Blackwell Science, 1999.	Britânica	1
CRYSTAL, D. Language and the Internet . Cambridge: Cambridge University Press, 2001.	Britânica	1
ENNEY, E.J.; CLAUSEN, W.V. The Cambridge History of Classical Literature II – Latin Literature . Cambridge Univ. Press, 1982.	Britânica	1
FLETCHER, S. Practitioner perspectives on the use of technology in fieldwork teaching . Journal of Geography in Higher Education, 31(2), 319-330, 2007.	Britânica	1
GOLDSMITH, J. A. (ed.). The Handbook of Phonological Theory . Oxford: Blackwell, 1995.	Britânica	1
GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (eds.). Syntax and Semantics . Vol. III, Speech Acts. New York: Academic Press Inc., 1975. p. 41-58.	Britânica	1
HAMMOND, N.G.L.; SCULLARD, H.H. Oxford Latin Dictionary , Clarendon Press, 1968-1982.	Britânica	1
HANKS, P. Lexicography. In: MITKOV, R. (ed.). The Oxford Handbook of Computational Linguistics . Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 48-69.	Britânica	1
HASPELMATH, M.; SIMS, A. D. Understanding Morphology . Londres: Hodder Education, 2010.	Britânica	1
HORNBLOWER, S. ; SPAWFORTH, A. Oxford Classical Dictionary . OUP, 2003.	Britânica	1
INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION. Handbook of the International Phonetic Association . A Guide to the Use of the International Phonetic Alphabet. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.	Britânica	1
JACKSON, H. Lexicography: An Introduction . Routledge, 2002.	Britânica	1
LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. The Sounds of the World's Languages . Oxford: Blackwell, 1996.	Britânica	1
LAPPIN, S. (ed.). The Handbook of Contemporary Semantic Theory . Oxford: Blackwell, 1997.	Britânica	1
LARSON, R.; SEGAL, G. Knowledge of Meaning: An Introduction to Semantic Theory . Cambridge: A Bradford Book, The MIT Press, 1995.	Britânica	1

LEECH, G. Principles of Pragmatics . London-New York: Longman, 1983.	Britânica	1
LESLEY, M.; GORDON, M. Sociolinguistics : Method and Interpretation. 2003.	Britânica	1
LEVINSON, S. Pragmatics . Cambridge: Cambridge University Press, 1983.	Britânica	1
LIEBER, R. Introducing Morphology . Cambridge: Cambridge University Press, 2009.	Britânica	1
LYONS, J. Semantics . Vols. 1 e 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.	Britânica	1
MATEUS, M. H.; ANDRADE, E. The Phonology of Portuguese . Oxford: Oxford University Press, 2000.	Britânica	1
NEWMYER, F. J. (Org.). The Cambridge Survey . Vol. 1. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.	Britânica	1
PETERS, W. Lexical Resources . NLP Group, Department of Computer Science, University of Sheffield. Disponível em: http://phobos.cs.unibuc.ro/roic/lex_introduction.html .	Britânica	1
QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; STARTVIK, J. A Grammar of Contemporary English . Londres: Longman, 1973.	Britânica	1
SAEED, J. I. Semantics . Oxford: Blackwell, 2000.	Britânica	1
SPENCER, A. Morphological Theory . An Introduction to Word Structure in Generative Grammar. Oxford: Blackwell, 1991.	Britânica	1
SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. (eds.). The Handbook of Morphology . Oxford: Blackwell, 1998.	Britânica	1
SPERBER, D.; WILSON, D. Relevance : Communication and Cognition. Cambridge: Harvard University Press, 1986.	Britânica	1
SZABOLCSI, A. Quantification . Cambridge: Cambridge University Press, 2010.	Britânica	1
TAPLIN, O. Literature in the Roman World . Oxford Univ. Press, 2001	Britânica	1
TAYLOR, J. R. (Org.). The Oxford Handbook of the Word . Oxford: Oxford University Press, 2015.	Britânica	1
TYLOR, E. B. Primitive Culture . 4th ed. London: Murray, 1903.	Britânica	1
TOWNSEND, C. R.; BEGON, M. Essentials of ecology . Blackwell Science, 2000.	Britânica	1
TOWNSEND, C. R.; BEGON, M. Ecology : individuals, Populations and Communities. 3. ed. Blackwell Science, 1996.	Britânica	1
WEISSER, M. Practical Corpus Linguistics .	Britânica	1
YULE, G.; BROWN, G. Spoken and written language. In: Discourse Analysis . London; New York: Cambridge University Press, 1983. p. 4-19.	Britânica	1
Estados Unidos		
BREWER, R. The science of ecology . 2. ed. Saunders College Publishing, 1994.	Estadounidense	1
BROWN, J. H.; LOMOLINO, M. V. Biogeography . 2. ed. Sunderland: Sinauer Associates, 1998.	Estadounidense	1
CANER, L. Environment impact assessment . McGraw-Hill, 1996.	Estadounidense	1
CHIERCHIA, G.; McCONNELL-GINET, S. Meaning and Grammar : An Introduction to Semantics. 2. ed. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2000.	Estadounidense	1
Enciclopedia Microsoft® Encarta® 2002.	Estadounidense	1
FELLBAUM, C. (ed.). WordNet : An Electronic Lexical Database. Cambridge, MA: The MIT Press, 1998.	Estadounidense	1
GOLDMAN-EISLER, F. Psycholinguistics : Experiments in spontaneous speech. New York: Academic Press, [sem data].	Estadounidense	1
JOOS, M. The Isolation of Styles. In: FISHMAN, J. (Ed.). Readings in the Sociology of Language . 1968.	Estadounidense	1
LAMAN, K. E. Grammar of the Kongo Language . New York: The Christian Alliance Pub. Co., 1896.	Estadounidense	1
LIBERMAN, I. The Alphabetic Principle and Learning to Read. Haskins Laboratories Status Report on Speech Research , v. 101/102, p. 1-13, 1990.	Estadounidense	1
MOLLES, Jr. Ecology : Concepts and Applications. University of New Mexico: McGraw-Hill, 1999.	Estadounidense	1
PULLUM, G. K.; LADUSAW, W. A. Phonetic Symbol Guide . Chicago/London: The University of Chicago Press, 1986.	Estadounidense	1

SEARLE, J. Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language . Cambridge: Cambridge University Press, 1969.	Estadounidense	1
Alemanha		
DEMIRCI, A. Using Geographic Information Systems (GIS) at Schools Without a Computer Laboratory . Journal of Didactics, 110(2), 49-59, 2011.	Alemã	1
OLIVEIRA, F.; LOPES, A. C. M. "Tense and Aspect in Portuguese". In: THIEROFF, R. (org.). Tense System in European Languages . Vol. II. Tübinga: Max Niemeyer Verlag, 1995. p. 95-115.	Alemã	1
ZIMMERMANN, T. E.; STERNFELD, W. Introduction to Semantics: An Essential Guide to the Composition of Meaning . De Gruyter, 2013.	Alemã	1
Argentina		
LILIANA, J.; ARCAS, P. H.; MARCELO, S. S.; & ADILSON, D. Orientações didáticas para a formação de inspetores da educação: Materiais de apoio à formação em competências de inspetores da educação em Angola . 1. ^a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento, 2012b.	Argentina (Nacionalidade Internacional)	1
LILIANA, J.; ARCAS, P. H.; MARCELO, S. S.; & ADILSON, D. Competências transversais para apoiar o fortalecimento institucional: Material de apoio à formação em competências de inspetores da educação em Angola . 1. ^a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación IIPE-Unesco, 2012a.	Argentina (Nacionalidade Internacional)	1
MARCELO, S. S.; ADILSON, D.; ARCAS, P. H.; & LILIANA, J. Fundamentos teóricos da revitalização da Inspeção da Educação e diagnóstico institucional para a melhoria da qualidade educativa: Material de apoio à formação em competências de inspetores da educação em Angola . 1. ^a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación IIPE-Unesco, 2012a.	Argentina (Nacionalidade Internacional)	1
MARCELO, S. S.; ADILSON, D.; ARCAS, P. H.; & LILIANA, J. Avaliação da capacidade institucional para a melhoria da qualidade educativa: Materiais de apoio à formação em competências de inspetores da educação em Angola . 1. ^a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación IIPE-Unesco, 2012c.	Argentina (Nacionalidade Internacional)	1
Nacionalidade Internacional		
ABDEL-WAHAB, S.; ABOUL-ELA, M. Intelligent tutoring system for geography . Int. Inst. Informatics & Systemics, 2003.	Nacionalidade Internacional	1
RIACKMANN, M. Key themes in Education for Sustainable Development. In: LEICHT, A.; HEISS, J.; BYUN, W. J. (Eds.). Issues and trends in Education for Sustainable Development . UNESCO, 2018, p. 61-85. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000261445 .	Nacionalidade Internacional	1
UNESCO. Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Objetivos de Aprendizagem . UNESCO, 2017. Disponível em: https://ods.imvf.org/wpcontent/uploads/2018/12/Recursos-ods-objetivos-aprendizagem.pdf .	Nacionalidade Internacional	1
UNITED NATIONS. Transforming our world: The 2030 agenda for sustainable development . A/RES/70/1, 2015. Disponível em: https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld .	Nacionalidade Internacional	1
Países Diversos		
ADDINE, F. Didáctica e curriculum . Potosí: Editorial AB, 1997.	Boliviana	1
CABRÉ, M. T. Terminology: Theory, Methods and Applications . John Benjamins Publishing Company, 1999.	Holandesa	1
CASTILLO, L. Currículo y proyecto educativo institucional . Bogotá: Kinesis Editorial, 2000.	Colombiana	1
CHATELAIN, H. Gramática Elementar Kimbundu . Genebra: [s.n.], 1888-1889.	Suíça	1
GAMBOA, I. Una conversación acerca del currículo . Guatemala: IIME, 1993.	Guatemalteca	1
KAMP, H.; REYLE, U. From Discourse to Logic: Introduction to Model-Theoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Representation Theory . Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.	Holandesa	1
MPLA, G. d. História de Angola . Argel: Afrontamento, 1965.	Argelina	1

PAVEL, S.; NOLET, D. Manual de Terminologia . Disponível em: http://www.translationbureau.gc.ca/pwgsc_internet/fr/publications/gratuit_free/man_termino_e.htm .	Canadense	1
RENZI, L. (Org.). Grande Grammatica Italianna di Consultazione . Bolonha: il Mulino, 3. ed., 1991. Vols. I, II e III.	Italiana	1
SAGER, J. A Practical Course in Terminology Processing . John Benjamins Publishing Company, 1990. (Chapters 1-4).	Holandesa	1
UNIÃO NACIONAL DOS ARTISTAS E ESCRITORES DA GUINÉ-BISSAU.	Guineense	1
VARELA, B. L. Manual de Administração Educativa : Uma abordagem teórica com aproximação à realidade cabo-verdiana. 2.ª ed. - Praia: Versão digital, 2011.	Cabo-verdiana	1
W. DANIEL, W. Estadística con aplicaciones a las ciencias sociales y a la educación . McGraw Hill, México, 1988.	Mexicana	1

ANEXO M – Quadro Referências Totais do PPGE da Unesp de Marília

OBRAS	NACIONALIDADE DA EDIÇÃO	RECORRÊNCIA
Brasil		
PORCHAT PEREIRA, O. A Filosofia e A Visão Comum do Mundo . São Paulo: Brasiliense, 1981.	Brasileira	3 (6)
PORCHAT PEREIRA, O. A Filosofia e A Visão Comum do Mundo . MANUSCRITO , p. 0-0, 1975.	Brasileira	3(6)
Brasil		
ARANTES, P. E. Um Departamento Francês de Ultramar . 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994. 316 p.	Brasileira	5
GOLDSCHMIDT, V. A religião de Platão . Difusão Europeia do Livro: São Paulo. 1963.	Brasileira	5
MARQUES, U. R. A. Escola Francesa de historiografia da filosofia . São Paulo: E. UNESP. 2007.	Brasileira	5
MAUGÜÉ, J. O ensino da filosofia: suas diretrizes. In: Revista Brasileira de filosofia . São Paulo. V.5, fasc. 4, n. 20. p. 642-649, 1955.	Brasileira	5
Brasil		
ARRUDA, A. T. M. . A Filosofia: sua natureza, seus problemas, seu método. Cadernos de Formação Filosofia da Educação , São Paulo, v. 1, p. 21-37, 2003.	Brasileira	4
BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V.N. Marxismo e Filosofia da Linguagem . 9ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.	Brasileira	1 (4)
BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). Marxismo e Filosofia da Linguagem . São Paulo: Hucitec, 1988.	Brasileira	1 (4)
BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável . São Paulo: Pedro & João, 2010.	Brasileira	4
BATAGLIA, PUR; MORAIS, A.; LEPRE, RM. A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. Estudos de Psicologia , 15(1), Janeiro-Abril/2010, 25-32	Brasileira	4
BENINCÁ, E. A formação do professor de filosofia. In: FÁVERO, A. A.; RAUBER, J. J.; KOHAN, W. O. (Org.). Um olhar sobre o ensino de filosofia . 1 ed. Ijuí: Unijuí, 2002, v. 1, p. 275-284.	Brasileira	4
BOLZANI FILHO, R. Sobre Filosofia e filosofar . Discurso - Departamento de Filosofia da FFLCH DA USP, v. 35, p. 29-59, 2005.	Brasileira	4
BOUFLEUER, J. P. Formação de professores para o ensino de filosofia. In: TREVISAN, A. L.; ROSSATO, N. D. (Org.). Filosofia e educação: confluências . 1 ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2005, v. 1, p. 147-154.	Brasileira	4
CEPPAS, F. Anotações sobre a formação filosófica no Brasil e o ensino de filosofia. In: GALLO, S.; DANELON, M.; & CORNELLI, G. (Org.). Ensino de Filosofia. Teoria e prática . Ijuí: Editora Unijuí, 2004, p. 19-36.	Brasileira	4
FABRI, M. A filosofia é inseparável de seu ensino. In: Candido, Celso; Carbonara, Wanderlei. (Org.). Filosofia e Ensino. Um Diálogo Transdisciplinar . 1 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2004, v. 5, p. 257- 268.	Brasileira	4
GELAMO, R. P. O ensino da filosofia e o papel do professor filósofo em Hegel. In: Trans/Form/Ação , Marília, v.31, n. 2, 2008.	Brasileira	4
HORN, G. B. Do ensino da filosofia à filosofia do ensino: contraposições entre Kant e Hegel. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED , 26., 2003, Poços de Caldas. Anais eletrônicos... Poços de Caldas: ANPED. Disponível em: < http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/geraldobalduinohorn.rtf >. Acesso em: 10 dezembro 2006.	Brasileira	4
HORN, G.B. Alguns apontamentos sobre a função social do ensino da Filosofia e da prática do filósofo-professor. In: SARDI, S. A.; SOUZA, D. G.; CARBONARA, V. (Org.). Filosofia e Sociedade: perspectivas para o ensino da Filosofia . Ijuí: Editora Unijuí, 2007, v. 11, p. 167-180.	Brasileira	4
KANT, I. (1784). Que é o esclarecimento? (Aufklärung). In: CARNEIRO LEÃO, E. (Org.). Immanuel Kant: Textos seletos . Petrópolis: Vozes, 1985.	Brasileira	4

KANT, I. (1784a). Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita . São Paulo: Brasiliense, 1986.	Brasileira	4
KOHAN, W. O. Perspectivas do ensino de filosofia no Brasil. In: FÁVERO, A.; RAUBER, J.; KOHAN, W. (Org.). Um olhar sobre o ensino de filosofia . 1 ed. Ijuí, RS: Editora da UNIJUÍ, 2002.	Brasileira	4
MATOS, J. C. Discutindo A Formação Dos Professores De Filosofia. In: FÁVERO, A.; RAUBER, J.; KOHAN, W. (Org.). Um olhar sobre o ensino de filosofia . 1 ed. Ijuí, RS: Editora da UNIJUÍ, 2002. p. 251-273.	Brasileira	4
MURCHO, D. A natureza da Filosofia e seu ensino. Educação e Filosofia . Uberlândia/MG. v.22, n. 44. pp. 79-99. 2008.	Brasileira	4
NOBRE, M.; TERRA, R. R. Ensinar Filosofia: Uma conversa sobre aprender a aprender . 1. ed. Campinas: Papirus, 2007. v. 1. 105 p.	Brasileira	4
NOVELLI, P. G. A. O ensino da filosofia segundo Hegel: contribuições para a atualidade. Trans/Form/Ação , Marília, v. 28, n. 2, 2005. p. 129-138.	Brasileira	4
OBIOLS, G. Uma introdução do ensino da filosofia . Ijuí: Unijuí. 2002.	Brasileira	4
PACHECO, A. C. A Filosofia no Brasil como disciplina universitária. Revista Brasileira de Filosofia . São Paulo. v. 20, n. 78. pp. 219-221. 1970.	Brasileira	4
PAGNI, P. A. O ensino da filosofia nas obras de Kant, de Hegel e de Nietzsche: uma breve análise histórico-filosófica. In: Reflexão e ação . Revista do departamento de educação. UNISC: Santa Cruz do Sul. v.10, n.2, jul./dez. 2002. p. 111-135.	Brasileira	4
PALACIOS, G. A. Perguntas autoritárias: a questão do método, as monografias e o filosofar. Educação e Filosofia . Uberlândia/MG. v.22, n. 44. pp. 101-114. 2008.	Brasileira	4
PORCHAT PEREIRA, O. Prefácio introdutório. In: GOLDSCHIMIDT, V. A religião de Platão . Difusão Europeia do Livro. 1963.	Brasileira	4
RAMOS, C. A. Aprender a filosofar ou aprender a Filosofia: Kant ou Hegel?. Trans/Form/Ação . São Paulo. v.30, n.2. pp. 197-217. 2007.	Brasileira	4
RODRIGO, L. M. Aprender filosofia ou aprender a filosofar: a propósito da tese Kantiana. In: GALLO, S.; DANELON, M. ; CORNELLI, G. (Org.). Ensino de Filosofia: teoria e prática . Ijuí: Ed. UNIJUI, 2004, v. , p. 91-99.	Brasileira	4
SILVA, F. L. Currículo e formação: o ensino de filosofia. Síntese . Belo Horizonte, v. 20, n. 63, p. 797-806, 1993.	Brasileira	4
SILVA, F. L. História da Filosofia, formação e compromisso. Trans/Form/Ação . São Paulo. v. 25. 2002.	Brasileira	4
VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.	Brasileira	2 (4)
Portugal		
GELAMO, R. P. Re-visitando as reflexões kantianas sobre a importância da educação, do ensino e do filosofar. In: Itinerários de filosofia da Educação . Porto, Portugal. n. 2, 2007. p. 77-	Portuguesa	4
HEGEL, F. Discurso sobre educação . Lisboa: Edições Colibri, 1994.	Portuguesa	4
HEGEL, F. (1809). Discurso ao reitor Schenk (10 de Julho de 1809). In: Discurso sobre educação . Lisboa: Edições Colibri, 1994.	Portuguesa	4
HEGEL, F. (1817). Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome . Trad. de Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1988.	Portuguesa	4
KANT, I. (1787). Crítica da Razão Pura . Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian, 1989.	Portuguesa	4
KANT, I. (1798). O Conflito das faculdades . Lisboa. Edições 70, 1993.	Portuguesa	4
México		
HEGEL, F. (1816). Acerca de la exposición de la filosofía en las universidades. In: Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	Mexicana	4
HEGEL, F. (1809-1822). Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	Mexicana	4
HEGEL, F. (1810a). Informe acerca de la posición del Instituto real a los demás Institutos de enseñanza. In: Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	Mexicana	4
HEGEL, F. (1812). Acerca de la exposición de la filosofía en los gimnasios. In: Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	Mexicana	4
HEGEL, F. (1812a). Carta de Hegel a Niethammer. In: Escritos pedagógicos . México: Fondo de Cultura Económica, 1991.	Mexicana	4
Peru		

ARRUDA, A. T. M. . La enseñanza de la filosofía: su situación en Brasil. Educación , Lima - Peru, v. 1, p. 83 - 88, 20 jan. 2004.	Peruana	4
Argentina		
HEGEL, F. (1812b) Ciencia de la Lógica . Trad. Augusta e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Solar S.A e Hachette, 1968.	Argentina	4
Brasil		
ANGOTTI, M. (Org.). Educação Infantil : para que, para quem e por quê? 2.ed. Campinas, SP.: Editora Alínea, 2008.	Brasileira	3
ARANTES, P. E. Cruz Costa, Bento Prado Junior e o problema da filosofia no Brasil. In: SLAM MUCHAIL. (Org.). Filosofia e seu Ensino . 1 ed. São Paulo: EDUC - Vozes, 1995, p. 23-65.	Brasileira	3
ARANTES, P.E. ; FAVARETTO, C. F. Filosofia e seu ensino . Petrópolis: Vozes, 1995.	Brasileira	3
BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal . São Paulo: Martins Fontes, 2003.	Brasileira	3
BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A reprodução . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.	Brasileira	1 (3)
BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. A reprodução : elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.	Brasileira	2 (3)
BRASIL. Constituição (1988). Constituição Federativa do Brasil . Brasília, DF: Senado, 1988.	Brasileira	3
BRASIL. Lei 8.069/90 (1990). Estatuto da Criança e do adolescente . Brasília, DF: Senado, 1990.	Brasileira	2 (3)
BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente : lei nº 8.069/90. Apresentado por Sírio Darlan. Rio de Janeiro, DP&A, 4ª ed., 2002.	Brasileira	1(3)
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Política Nacional de Educação Infantil : pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília: DF, 2006. < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfpolit2006.pdf >.	Brasileira	3
CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F. Crêches que respeite os direitos fundamentais das crianças . Brasília: MEC/SEF/COEDI, 2009.	Brasileira	3
CASTRO, A. D. de; GIANOTTI, J. A. Sugestões para a melhoria do ensino de Filosofia no curso secundário. Revista de Pedagogia USP . São Paulo. n. 11. pp. 65-77, 1960.	Brasileira	3
CHARTIER, R. História cultural : entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.	Brasileira	3
CHAUÍ, M. S. . Um lugar chamado Maria Antonia. In: SANTOS, M. C. L. dos (Org.). Maria Antonia : uma rua na contramão. 1 ed. São Paulo: Nobel, 1988, v. , p. 240-255.	Brasileira	3
CHAUÍ, M. S. A Filosofia como vocação para a liberdade . Estudos Avançados. V 17 (49). 2003.	Brasileira	3
CHAUÍ, M. S. Quem são os amigos da Filosofia? Discurso. Belo Horizonte. v. 12. pp. 127-144. 1980.	Brasileira	3
COSTA NETO, P. L. Notas sobre o Processo de Institucionalização do Ensino da Filosofia no Brasil: Uma Proposta de Periodização. In: ROCHA, D. (Org.). Filosofia da Educação : Diferentes Abordagens. 1 ed. Campinas: Papirus, 2004, v. 1, p. 79-91.	Brasileira	3
COSTA, J. C. A situação do ensino filosófico no Brasil. In: COSTA, J. C. Panorama da História da Filosofia no Brasil . São Paulo: Cultrix, 1959.	Brasileira	3
COSTA, J. C. Entrevista. Trans/Form/Ação , v. 2, p. 87-94, 1975.	Brasileira	3
DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs : Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 4. 5.ed. São Paulo: Editora 34, 1997.	Brasileira	3
DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O Anti-Édipo : Capitalismo e Esquizofrenia. 4.ed. São Paulo: Editora 34, 2004.	Brasileira	2 (3)
DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Anti-Édipo . São Paulo: Editora 34, 2010.	Brasileira	1(3)
FAVARETTO, C. F. Filosofia, ensino e cultura. In: KOHAN, Walter. (Org.). Filosofia : caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: editora/CNPq, 2004, v. , p. 43-53.	Brasileira	3
FÁVERO, A. A. ; RAUBER, J. J.; KOHAN, W. O. (Org.). Um olhar sobre o ensino de filosofia . Ijuí: Unijuí, 2002. v. 1. 296 p.	Brasileira	3
FERNANDES, S. A Miséria do Ensino da Filosofia no Brasil . Rio de Janeiro: Livraria Apostolado da Imprensa. 1955	Brasileira	3
GALLO, S. A Especificidade do Ensino de Filosofia: em torno dos conceitos. In: PIOVESAN, A.; EIDT, C.; GARCIA, C. B.; HEUSER, E. M. D.; FRAGA,	Brasileira	3

P. D. (Org.). Filosofia e Ensino em Debate . 1 ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002, v. , p. 193-210.		
HÉBRARD, J.. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. Teoria da Educação . n.2, p. 65-110, 1990.	Brasileira	3
HEUSER, E. M. D. Professor de Filosofia: erudito ou pensador?. In: RIBAS, M. A. C.; MELLER, M. C.; RODRIGUES, R. A.; GONÇALVES, R. A.; ROCHA, R. P. (Org.). Filosofia e ensino : a filosofia na escola. 01 ed. Ijuí: Unijui, 2005, v. 07, p. 375-387.	Brasileira	3
MORAES FILHO, E.. O ensino de Filosofia no Brasil. Revista Brasileira de Filosofia . São Paulo. v. 9, n. 1. pp. 18-45. 1959.	Brasileira	3
PAIM, A. A Filosofia no Brasil como disciplina universitária. Revista Brasileira de Filosofia . São Paulo. v. 20, n. 78. pp. 208-218. 1970.	Brasileira	3
PRECIADO, P. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Estudos femininos , Florianópolis, v. 19, n. 1, jan-abr/2011, p. 11-20.	Brasileira	3
PORCHAT PEREIRA, O. O Conflito das Filosofias. REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA , 1969	Brasileira	3
PORCHAT PEREIRA, O. Prefácio A Uma Filosofia.. DISCURSO , 1975.	Brasileira	3
PORTA, M. A. G. A filosofia a partir de seus problemas : didática e metodologia do estudo filosófica. São Paulo: Loyola. 2002.	Brasileira	3
PRADO Jr., B. As Filosofias da Maria Antonia (1956-1959) na memória de um ex-aluno. In: SANTOS, M. C. L. (Org.). Maria Antônia : uma rua na contramão. Maria Antônia: uma rua na contramão. 1ªed. São Paulo: Nobel, 1988, v. 1, p. 66-81.	Brasileira	3
PRADO Jr., B. ; Cruz Costa e a história das idéias no Brasil. In: MORAES, R.; FERRANTE, V.B. (Org.). Inteligência brasileira . 1ªed. São Paulo: Brasiliense, 1986, v. 1, p.101-124.	Brasileira	3
PRADO Jr, B. Em memória de Lívio Teixeira. Estud. av. [online] . 1994, vol.8, n.22, pp. 245-248 .	Brasileira	3
ROSEMBERG, F. Sísifo e a educação infantil brasileira . Pro-posições, Campinas, v. 14, n. 1(40), p. 177-194, jan./abr. 2005.	Brasileira	3
SOUZA, R. F. Templos de Civilização : a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 -1910). São Paulo: Editora da Unesp, 1998.	Brasileira	3
TONUCCI, F. Com olhos de criança . Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: ArtMed, 1997.	Brasileira	3
VELLOSO, A. V. A Filosofia como matéria de ensinância. Kriterion . Belo Horizonte. v. 4, n. 15 e 16. pp. 22-51. 1951.	Brasileira	3
VELLOSO, A. V. A filosofia e seu ensino . Rio de janeiro. 1947	Brasileira	3
VITA, L. W. A Filosofia e seu ensino. Revista de Pedagogia USP . São Paulo. n. 3. pp. 89-101. 1956.	Brasileira	3
VITA, W. L. A Filosofia Contemporânea em São Paulo . Editora USP. 1969	Brasileira	3
Espanha		
PARDO, J. L. La regla del Juego. Sobre la dificultad de aprender filosofia . Barcelona: Galáxia Gutenberg. 2005	Espanhola	3
Uruguai		
PELUSO, L. La escritura y los sordos . Entre representar, registrar/grabar, describir y computar. Área de Estudios Sordos / TUILSU, 2020. Recuperado de: http://www.tuilsu.edu.uy/biblioteca/espanol/peluso2020.pdf	Uruguiaia	3
Estados Unidos		
TOBIAS, J. A. O ensino da filosofia nas universidades brasileiras . Washington: União Pan-Americana. 1964.	Estadounidense	3
Brasil		
ADORNO, T. W. Educação e emancipação . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.	Brasileira	2
ANGOTTI, M. Desafios da Educação Infantil para Atingir a Condição de Direito e de Qualidade no Atendimento. In: ANGOTTI, M. (Org.) Educação Infantil : da condição de direito à condição de qualidade no atendimento. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009, p. 131-149.	Brasileira	2
ANTUNHA, H. C. G. A instrução pública no estado de São Paulo . A Reforma Sampaio Dória. São Paulo: FEUSP, 1976. – (Coleção Estudos e Documentos).	Brasileira	2
ARCE, A. Documentação Oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. Cadernos de Pesquisa . n. 113, p. 167-184, julho, 2001b.	Brasileira	2

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco . São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores)	Brasileira	2
AZEVEDO, F. de. A cultura brasileira . 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1953.	Brasileira	1(2)
AZEVEDO, F. de. A educação na encruzilhada . São Paulo: Melhoramentos, 2.ed., 1960. 271 p. (Obras Completas, v.6)	Brasileira	2
BALL, S. J. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. Currículo sem fronteiras . vol. 1, n. 2, pp. 99-116, jul/dez, 2001.	Brasileira	2
BAJARD, E. Da escuta de textos à leitura . São Paulo: Cortez, 2007.	Brasileira	2
BARRETO, A. M. R. F. Educação Infantil no Brasil: desafios colocados. Grandes políticas para os pequenos. Cadernos CEDES , n.37, p. 7-17, 1995.	Brasileira	2
BAUMAN, Z.; BORDONI, C. Estado de crise . Rio de Janeiro: Zahar, 2016.	Brasileira	2
BEAUVOIR, S. de. O Segundo Sexo . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.	Brasileira	2
BIAGGIO, A. M. B. Psicologia do Desenvolvimento . Petrópolis, Vozes, 1983.	Brasileira	2
BOURDIEU, P. A Dominação Masculina . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.	Brasileira	2
BOURDIEU, P. O campo científico. In: BOURDIEU, P. Sociologia . São Paulo: Ática, 1988.	Brasileira	2
BRABO, T. S. A. M. (org.) Gênero, educação e política : múltiplos olhares. São Paulo: Ícone Editora/FAPESP, 2009.	Brasileira	2
BRABO, T. S. A. M. Cidadania da mulher professora . São Paulo: Ícone, 2005.	Brasileira	2
BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso , v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013.	Brasileira	2
BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. Coordenação de Educação Infantil. Política Nacional de Educação Infantil . Brasília, DF: 1994a.	Brasileira	2
BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. Coordenação de Educação Infantil. Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil . Brasília, DF: 1994b.	Brasileira	2
BRASIL. Lei 9.394, de 20.12.96 , Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, v. 84, n. 248, 23 dez. 1996a.	Brasileira	2
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil . Brasília: MEC/SEF, 1998b. 3v	Brasileira	2
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Política Nacional de Educação : pelos direitos das crianças. Brasília, DF: MEC/SEB, 2004.	Brasileira	2
BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia , Resolução de 13 de dezembro de 2005a.	Brasileira	2
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros de qualidade para a educação infantil . Brasília, DF, 2005b.	Brasileira	2
BRASIL. Lei 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 . Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos d idade. 2006a.	Brasileira	2
BRASIL, Ministério da Educação (2009). Secretaria de Educação Especial. Resolução Nº 4, de 02 de Outubro de 2009 . Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf	Brasileira	2
BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005 . Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005	Brasileira	2
BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial (2014). Relatório do Grupo de Trabalho designado por Portaria Ministerial para elencar subsídios à Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa . Brasília: MEC/SEESP.	Brasileira	2
BRASIL. Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos : orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2006b.	Brasileira	2
BRASIL. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos . Secretaria Especial dos Direitos Humanos/Presidência da República, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2009.	Brasileira	2
BRASIL. Resolução nº5, de 17 de dezembro de 2009 . Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: 2009.	Brasileira	2
BUTLER, J. Corpos em aliança e a política das ruas : nota para uma teoria performativa da assembléia. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Barcelona: Paidós, 2018.	Brasileira	2
CALVET, L. J. As políticas linguísticas . Tradução: Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marco Bagno. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.	Brasileira	2

CAMARGO, LS; BECKER, MLR. O percurso do conceito de cooperação na epistemologia genética. Educ. Real. , Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 527-549, maio/ago. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade .	Brasileira	2
CAMPELLO, A.R; REZENDE, P.L.F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. Educar em Revista , n. Especial 2, p. 71-92, 2014	Brasileira	2
CAMPOS, M. M. A legislação, as políticas nacionais de educação infantil e a realidade: desencontros e desafios. In: MACHADO, M. L. de A. (Org.). Encontros e desencontros em Educação Infantil . 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 27-34.	Brasileira	2
CAMPOS, M. M. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: Por uma política de formação do profissional de educação infantil . Brasília: MEC, 1994, p. 32-42.	Brasileira	2
CAMPOS, M. M. Educar crianças pequenas: em busca de um novo perfil de professor. Revista Retratos da Escola , Brasília, v.2, n. 2-3, p. 121-131, jan./dez. 2008.	Brasileira	2
CARVALHO, M. M.C. A escola e a república e outros ensaios . Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2003.	Brasileira	2
CARVALHO, M. M.C. O novo, o velho, o perigoso: relendo A cultura brasileira. Cadernos de Pesquisa . São Paulo, n.71, p.29-35, nov. 1989.	Brasileira	2
CARVALHO, M.B.W.B. A Educação Especial na política educacional do Maranhão. In: MARQUEZINE, M.C., ALMEIDA, M.A., TANAKA,E.D.O. Educação Especial : políticas públicas e concepções sobre deficiência. Londrina: UEL, 2003.	Brasileira	2
CARVALHO, M. P. Gênero e trabalho docente: em busca de um referencial teórico. In: BRUSCHINI, C. HOLLANDA, H. B. (orgs.) Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil . São Paulo:FCC; São Paulo: Ed. 34, 1998.	Brasileira	2
CARVALHO, M. P. Um olhar de gênero sobre as políticas educacionais. In: FARIA, N., NOBRE, M., AUAD, D., CARVALHO, M. (orgs.) Gênero e educação . Cadernos Sempreviva. São Paulo: SOF, 1999.	Brasileira	2
CASTEL, R. As metamorfoses da questão social : uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.	Brasileira	2
CATANI, D. B. Educadores à meia-Luz : um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo: 1902-1918). São Paulo, 1989. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, USP.	Brasileira	2
CERISARA, A. B. A produção acadêmica na área da educação infantil a partir da análise de pareceres sobre o Referencial Curricular Nacional da educação infantil: primeiras aproximações. In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. S. (Org.). Educação infantil pós - LDB : rumos e desafios. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 19-40.	Brasileira	2
CERISARA, A. B. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no contexto das Reformas. Educação & Sociedade , Campinas, v. 23, n. 80, p. 326-345, set. 2002.	Brasileira	2
CERISARA, A. B. Por uma pedagogia da educação infantil: desafios e perspectivas para as professoras. In: BARBOSA. R. L. L (Org.). Trajetórias e perspectivas da formação de professores . São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 347-355.	Brasileira	2
CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano . Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 351 p.	Brasileira	2
CHARTIER, R. CAVALLO, G. (Orgs) História da leitura no mundo ocidental . São Paulo: Ática, 2002.	Brasileira	1 (2)
CHARTIER, R.; CAVALLO, G. História da Leitura no Mundo Ocidental . São Paulo, Atica, 1999.	Brasileira	1 (2)
CHERVEL, A.. História das disciplinas escolares : reflexões sobre um campo de pesquisa. <i>Teoria & Educação</i> . n. 2, p. 177-229, 1990.	Brasileira	2
COSTA, A. O., BRUSCHINI, C. Uma questão de gênero . Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.	Brasileira	2
CRUZ, L. A. N., MARTINS, R. A., TEIXEIRA, P. S. Julgamento sócio-moral entre estudantes que fazem uso de bebidas alcoólicas: aceitabilidade, categorias de justificação e jurisdição de autoridade. SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português), v.5, 2009.	Brasileira	2
D'ATRI, A. Pão e Rosas : identidade de gênero e antagonismo de classe no capitalismo. São Paulo: Edições Iskra, 2008.	Brasileira	2
DELEUZE, G. Crítica e clínica . São Paulo: Editora 34, 2002.	Brasileira	2
DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs : Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. 5.ed. São Paulo: Editora 34, 1999.	Brasileira	2

DELIGNY, F. O Aracniano e outros textos . São Paulo: N-1 Edições, 2015.	Brasileira	2
DELVAL, J. Introdução à prática do método clínico : descobrindo o pensamento da criança. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.	Brasileira	2
DESCARTES, R. Discurso do Método . São Paulo, Nova Cultural, 2000 (Os Pensadores).	Brasileira	1 (2)
DESCARTES, R. Discurso do método . São Paulo: Escala, 2009.	Brasileira	1 (2)
DESSEN, M. A. e COSTA JUNIOR, A. (Org.) L. A ciência do desenvolvimento humano . Porto Alegre, 2005.	Brasileira	2
DE TOMASI, L.; WARDE, M. J.; HADDAD, S. (Orgs.). O Banco Mundial e as políticas educacionais . São Paulo: Cortez, 1996.	Brasileira	2
DELVAL, J. Introdução à prática do método clínico : descobrindo o pensamento da criança. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.	Brasileira	2
DUARTE, N. Educação Escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotsky . 4. Ed. SP: Autores Associados, 2007 (Coleção Polêmicas do nosso tempo).	Brasileira	1 (2)
DUARTE, N. Educação escolar, teoria do cotidiano e escola de Vigotsky . Campinas: Autores Associados, 1996.	Brasileira	1 (2)
FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Org.). Por uma Cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças . Campinas, SP.: Autores Associados, 2002.	Brasileira	2
FARIA, A. L. G. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica. Educação & Sociedade , Campinas, v.26, n.92, out./2005.	Brasileira	2
FARIA, A. L. G. de; PALHARES, M. S. Educação Pós-LDB: rumos e desafios . 5.ed. Campinas, SP.: Autores Associados, 2005.	Brasileira	2
FARIA, V. L. B. de; DIAS, R. T. de S. (Orgs.). Currículo na Educação Infantil : Diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica. São Paulo: Scipione, 2007. (Percurso)	Brasileira	2
FAVARETTO, C. F. Prefácio (Ensino de Filosofia e Currículo). Ensino de Filosofia e Currículo . 1a. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, v. , p. 9-15.	Brasileira	2
FAVARETTO, C. F. Sobre o ensino de Filosofia. Revista da Faculdade de Educação da USP . São Paulo. v. 19, n.1. pp. 97-102. 1993.	Brasileira	2
FENEIS, A. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis. Nota de apoio e esclarecimento sobre o decreto da política nacional de educação especial , 2020.	Brasileira	2
FERNANDES, S; MOREIRA, L.C. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. Educ. rev. , Curitiba , n. spe-2, p. 51-69, 2014.	Brasileira	2
FERNANDES, S; MEDEIROS, J.R. Libras e Arte: manifestações verbovisuais de artefatos culturais da comunidade surda. Revista Espaço , n. 54, 2020.	Brasileira	2
FERREIRO, E. Escrita e Oralidade: unidades, níveis de análise e consciência metalingüística. In FERREIRO E. e col. Relações de (In)dependência entre oralidade e escrita . Porto Alegre: Artmed, 2004.	Brasileira	2
FOUCAULT, M. Corpo utópico : heterotopias. São Paulo: N-1 Edições, 2013.	Brasileira	2
FOUCAULT, M. Nascimento da biopolítica . São Paulo: Martins Fontes, 2008.	Brasileira	2
FORQUIN, J.-C.. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais . Teoria & Educação. n.5, p. 28-49, 1995.	Brasileira	2
FREITAS, M. C. de. Para uma sociologia histórica da infância no Brasil. In: FREITAS, M. C. de (Org.). História Social da Infância no Brasil . 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 11-18.	Brasileira	2
GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. (Org.). Em defesa da educação infantil . Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (O sentido da escola).	Brasileira	2
GARCIA, B. G. O multiculturalismo na educação dos surdos: a resistência e a relevância da diversidade para a educação de surdos. In. SKLIAR, C. (Org.). Atualidades da educação bilíngue para surdos . Porto Alegre: Mediação, p. 149-162, 1999.	Brasileira	2
GIROTTO, C. G.G.S.; SOUZA, R. J. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que lêem. In: SOUZA, R. J.; GIROTTO, C. G. G. S.; ARENA, D. B.; MENIN, A. M. Ler e compreender : estratégias de leitura. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2010.	Brasileira	2
GOLDSCHIMIDT, V. Os diálogos de Platão : estrutura e método dialético. Trad. Dion Davi Macedo 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. Texto original de 1947.	Brasileira	2
GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social : teoria, método e criatividade. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 67-80.	Brasileira	2
GOODE, W.J.; HATT, P.K. Métodos em pesquisa social . São Paulo: Ed. Nacional, 1979.	Brasileira	2

GUÉROULT, M. Lógica, arquitetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos. Trad. Pedro Jonas de Almeida. Trans/form/ação , São Paulo, v. 30, n. 1, p. 235-246, 2007. Texto original de 1957.	Brasileira	2
GUÉROULT, M. O problema da legitimidade da história da filosofia. Revista de História , São Paulo, v. 37, n. 75, p. 189- 211, 1968. Texto original de 1956.	Brasileira	2
GUÉROULT, M. Método em História da Filosofia. Philosophica: Revista de Filosofia da História e Modernidade . São Cristóvão. n. 6, p. 129-144, 2005. Tradução e apresentação de Leandro de Araújo Sardeiro.	Brasileira	1 (2)
GUÉROULT, M. O método em história da filosofia : Sképsis, Trad: Nicole Alvarenga Marcello. ISSN, 1981-4194, ano VIII, n. 12, 2015 [1970].	Brasileira	1 (2)
HADDAD, L. Políticas Integradas de Educação e cuidado infantil: desafios, armadilhas e possibilidades. Cadernos de Pesquisa , São Paulo, v. 36, n. 129, p. 519-546, set./dez.2006.	Brasileira	2
HORKHEIMER, M. Eclipse da razão . São Paulo, Editora da Unesp, 2015.	Brasileira	1 (2)
HORKHEIMER, M. Eclipse da razão . Rio de Janeiro: Labor, 1976.	Brasileira	1 (2)
JULIA, D.. A cultura escolar como objeto histórico . Trad. G. Souza. Revista Brasileira de História da Educação, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.	Brasileira	2
KISHIMOTO, T. M. O sentido da profissionalidade para o educador da infância. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). Trajetórias e perspectivas da formação de educadores . São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 329-345.	Brasileira	2
KISHIMOTO, T. M. Pedagogia e a formação de Professores(as) de Educação Infantil. Pro-posições , Campinas, v. 16, n.3(48), p. 181-211, set/dez. 2005.	Brasileira	2
KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. Educação & Sociedade , Campinas, v. 27, n.96-Especial, p.797-818, out. 2006.	Brasileira	2
KRAMER, S. A política do pré-escolar no Brasil : a arte do disfarce. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.	Brasileira	2
KRAMER, S. Direitos da criança e projeto político pedagógico de Educação Infantil. In: BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. (Orgs.). Infância, Educação e Direitos Humanos . 3.ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 51-81.	Brasileira	2
KRAMER, S. Professores de educação infantil e mudança: reflexões a partir de Bakhtin. Cadernos de Pesquisa , São Paulo, v. 34, n. 122, p. 497-515, maio/ago. 2004.	Brasileira	2
KUHLMANN JR, M. Infância e educação infantil : uma abordagem histórica. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.	Brasileira	2
LACLAU, E. ; MOUFFE, C. Hegemonia e estratégia socialista : por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.	Brasileira	2
LAZZARATO, M. Signos, Máquinas, subjetividades . São Paulo: N-1 edições, 2014.	Brasileira	2
LA TAILLE, Y e MENIN, M. S. S. (Org.) Crise de Valores ou Valores em Crise . Porto Alegre: Artmed. 2009.	Brasileira	2
LEBRUN, G. Por que filósofo? Estudos CEBRAP , São Paulo, n. 15, p. 148-153. jan-mar 1976.	Brasileira	2
LEITE FILHO, A. Proposições para uma educação infantil cidadã. In: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. (Org.). Em defesa da educação infantil . Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 29-58.	Brasileira	2
LEPRE, R. M., MARTINS, R. A. Raciocínio moral e uso abusivo de bebidas alcoólicas por adolescentes. Paideia (Ribeirão Preto), v.19, p.39 - 45, 2009.	Brasileira	2
LIMA, E.A. de. Reconceitualizando o papel do educador : o ponto de vista da escola de Vigotski. 2001. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Brasileira) - Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2001.	Brasileira	2
LIND, G. O significado e medida da competência moral revisitada: um modelo do duplo aspecto da competência moral. Psicologia: Reflexão e Crítica , Porto Alegre, v. 13, n. 3,p. 399-416, 2000.	Brasileira	2
LOURO, G. L. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, M.V. (org.) O currículo nos limiares do contemporâneo . 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.	Brasileira	2
LOURO, G. L. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In: CATANI, D. B. et al (orgs.) Docência, memória e gênero : estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.	Brasileira	2
MACHADO, M. L (Org.). Encontros e Desencontros em Educação Infantil . 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.	Brasileira	2
MACHADO, L. Z. Feminismo em Movimento . São Paulo: Francis, 2010.	Brasileira	2
MAINARDES, J. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. Educação& Sociedade . vol. 27, n.94, pp. 47-69. 2006.	Brasileira	2

MAINARDES, J.; FERREIRA, M. S.; TELLO, C. Análise de políticas: fundamentos e principais debates teórico-metodológicos. In: BALL, S. J.; MAINARDES, J. (orgs.). Políticas educacionais: questões e dilemas . São Paulo: Cortez, 2011. p. 143- 172.	Brasileira	2
MANZINI, E. J. Considerações sobre a entrevista para pesquisa em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. (Org.). Pesquisa em Educação Especial: mapeando produções . 1 ed. Vitória: EDUFES, 2006, v. 1, p. 361-387.	Brasileira	2
MARCILIO, M. L. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950. In: FREITAS, M. C. de (Org.). História Social da Infância no Brasil . 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 53- 79.	Brasileira	2
MARCUSCHI, L. M. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Hipertexto e gêneros digitais . Rio de Janeiro: Lucerna, v. 3, 2004. Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=PF0Kh6dmykQ	Brasileira	2
MARCUSCHI, L. M. et al. Gêneros textuais: definição e funcionalidade . Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, v. 20, 2002.	Brasileira	2
MARQUES, L. R. Contribuições da democracia radical e da teoria do discurso de Ernesto Laclau ao estudo da gestão da educação. In: MENDONÇA, D. de. Pós-estruturalismo e Teoria do discurso . 2ª ed. POA: EdPUCRS, 2014	Brasileira	2
MARTINS, V.R.O. Educação de Surdos e Proposta Bilíngue: ativação de novos saberes sob a ótica da filosofia da diferença. Educação & Realidade , Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 713-729, jul./set. 2016.	Brasileira	2
MASSON, G. Orientações para o desenvolvimento de investigação em políticas educativas a partir da teoria marxista. In: TELLO, C.; ALMEIDA, M. L. de Estudos epistemológicos no campo da pesquisa em política educacional . Campinas: Mercado das Letras, 2013.	Brasileira	2
MATOS, N.D., MENDES, E.G. Mapeamento das ações públicas relativas às pessoas portadoras de deficiência no Estado de Sergipe. In: MARQUEZINE, M.C., ALMEIDA, M.A., TANAKA, E.D.O. Educação Especial: políticas públicas e concepções sobre deficiência . Londrina: UEL, 2003.	Brasileira	2
MEDEIROS, J.R.; DE FÁTIMA FERNANDES, S. Gêneros textuais em videolibras: um estudo de aspectos composicionais. Trama , v. 16, n. 39, p. 65-80, 2020.	Brasileira	2
MEDEIROS, J. M. Tradução e Letramento Acadêmico: Uma Proposta Metodológica do Processo Tradutório do Par Linguístico Língua Portuguesa/Libras. Revista Espaço , p. 133-158, 2018.	Brasileira	2
MERISSE, A. et al. Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato : São Paulo: Arte & Ciência, 1997.	Brasileira	2
MIGUEL, L. S.; HENRIQUES, F. Branding em língua de sinais: a relação entre o design e a Libras na gestão de marcas. Estudos em Design , v. 30, n. 1, 2022. DOI: https://doi.org/10.35522/eed.v30i1.1387	Brasileira	2
MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2008, vol.13, upl.2, pp. 2133-2144. ISSN 1413-8123.	Brasileira	2
MOLL, J. et al. Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos . Porto Alegre: Penso, 2012.	Brasileira	2
MORENO, M. Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola . São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.	Brasileira	2
MORTATTI, M. R. L. (Org.). Alfabetização no Brasil: uma história de sua história (1a. Ed). Marília: Oficina Universitária, 2012.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Os sentidos da alfabetização : São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Ensino de leitura e escrita na escola brasileira: educadores “intelectuais orgânicos” e disputas seculares por projetos de nação. CASTRO, C. A.; CASTELLANOS, S. L. V. (Orgs.). História da escola: métodos, disciplinas, currículos e espaços de leitura . São Luís: EDUFMA, 2018.	Brasileira	1
MOYSÉS, M. A. A. A institucionalização invisível . Crianças que não aprendem na escola. 2ª. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2007.	Brasileira	1 (2)
MOYSÉS, M.A.A. A institucionalização invisível - crianças que não-aprendem-na-escola . Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.	Brasileira	1 (2)
NAGLE, J. Educação e sociedade na Primeira República . São Paulo: Rio de Janeiro, EPU; Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.	Brasileira	2
NASCIMENTO, A. et al. Interfaces entre políticas linguísticas e políticas educacionais: reflexões sobre a educação bilíngue para surdos. Educação Unisinos , v. 24, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/19421	Brasileira	2

NASCIMENTO, M. E. P. do. Os profissionais da Educação Infantil e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M. S. (Org.). Educação Infantil pós - LDB: rumos e desafios . 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 19-40.	Brasileira	2
NERY, A. C. B. A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931) . São Paulo, 1999. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.	Brasileira	2
NERY, A. C. B. A Revista Escolar e o movimento de renovação educacional em São Paulo (1925-1927) . São Carlos, 1993. Dissertação (Mestrado) Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos.	Brasileira	2
NÓVOA, A. Para um estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. Teoria e Educação , 4, 1991. p. 110-135.	Brasileira	2
OLIVEIRA, L. C. V.; CARDOSO, B. R. de L. Políticas municipais de formação contínua de professores para a educação infantil: estudo de caso. Pro-Posições , Campinas, v. 17, n. 1 (49), p. 227-243, jan./abr. 2006.	Brasileira	2
OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (Orgs.). Pedagogia(s) da Infância : dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: ArtMed, 2008.	Brasileira	2
OSTETTO, L. E.; LEITE, M. I. Arte, infância e formação de professores . Autoria e transgressão. Campinas, SP: Papirus, 2004. p. 41-60. (Coleção Ágere)	Brasileira	2
PAGNI, P. A. Biopolítica, deficiência e educação: outros olhares sobre a inclusão escolar . São Paulo: Editora Unesp, 2019a.	Brasileira	2
PAOLI, M. C. Movimentos Sociais no Brasil. In: HELLMANN, M. Movimentos Sociais e Democracia no Brasil . Marco Zero/ILDES FES/LABOR, São Paulo, 1995.	Brasileira	2
PARO, V. H. Por dentro da escola pública . 3 ed. São Paulo: Xamã, 2000.	Brasileira	1 (2)
PARO, V. H. Por dentro da escola pública . São Paulo: Cortez, 1995.	Brasileira	1 (2)
PELUSO, L. Considerações teóricas sobre a educação de surdos: especial, bilíngue, inclusiva. Revista Educação Especial , v.32, 2019. Disponível: http://dx.doi.org/10.5902/1984686X38329	Brasileira	2
PEREIRA, O. P. Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em filosofia. Dissenso , São Paulo, n.2, p.131-40, 1999.	Brasileira	2
PIAGET, J. O Juízo moral na criança . São Paulo, Summus, 1994. (Original de 1932)	Brasileira	2
PIAGET, J. O raciocínio na criança . Tradução de Valerie Rumjaneck Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1967.	Brasileira	2
PITANGUY, J. Gênero, cidadania e direitos humanos. In: BRUSCHINI, C., UNBEHAUM, S. G.(orgs.) Gênero, democracia e sociedade brasileira . São Paulo; FCC: Ed. 34, 2002.	Brasileira	2
PONZIO, A. A revolução bakhtiniana . São Paulo: Contexto, 2009.	Brasileira	2
PORCHAT, P. O. Discurso aos estudantes sobre a pesquisa em Filosofia. In. A filosofia entre nós . Ijuí: Editora UNIJUÍ. 2006.	Brasileira	2
PRADO, P. D. As crianças pequeninhas produzem cultura? Pro-posições . Vol. 10. n1[28]. Março, 1999. p. 110-118.	Brasileira	2
REZENDE, P.L.F. Implante coclear: normalização e resistência surda. Curitiba: Editora CRV, 2012. Cap III. Estudos culturais e Estudos Surdos com inspiração pós-estruturalista Versão em Libras: https://www.youtube.com/watch?v=5rAZxm7hBwc&t=11s&ab_channel=PPG_EUFPROficial	Brasileira	2
ROSEMBERG, F. A. LBA, o Projeto Casulo e a Doutrina de Segurança Nacional. In: FREITAS, M. C. de (Org.). História Social da Infância no Brasil . 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 141-161.	Brasileira	2
ROSEMBERG, F. A. Organizações multilaterais, Estado e políticas de educação infantil. Cadernos de Pesquisa , n. 115, p. 25-63, março/2002.	Brasileira	2
SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Labrys, Estudos Feministas , 1-2, julho/dezembro 2002.	Brasileira	2
SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional. Mulher e educação: o papel da mulher na sociedade . São Paulo: SE/ATPCE, 1987. (Debate)	Brasileira	2
SAVIANI, D. História das ideias pedagógicas no Brasil . 2. ed. rev. e ampl.. Campinas: Autores Associados, 2008.	Brasileira	2
SCOTT, J. W. Prefácio a Gender and Politics of History. Cadernos Pagu , 3, 1994, pp. 11-27.	Brasileira	2
SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade , Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.	Brasileira	2
SOLE, I. Estratégias de leitura . Porto Alegre: Artmed, 1998.	Brasileira	2

STROBEL, K.L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. Estudos Surdos II . Petrópolis, RJ: Arara Azul, p. 18-37, 2007. Disponível em: http://editora-araraazul.com.br/site/ebook/detalhes/16VersãoemLibras:https://www.youtube.com/watch?v=9COJWKDTo0I&ab_channel=UFPRTradu%C3%A7%C3%A3oLibras	Brasileira	2
TANURI, L. M. História da formação de professores. Revista Brasileira de Educação , n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000.	Brasileira	2
TOMMASI, L.; WARDE, M. J.; HADDAD, S. (Orgs.). O Banco Mundial e as políticas educacionais . São Paulo: Cortez/PUC-SP/Ação Educativa, 1996.	Brasileira	2
TORRES, J. C. Reforma do Estado, administração pública e sociedade civil: alguns apontamentos. In: NOVAES, H. T.; DAL RI, N. M. (orgs.). Movimentos sociais e crises contemporâneas . Volume II – Uberlândia: Navegando Publicações, 2017, p. 353- 370.	Brasileira	2
TRIVINOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais - a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.	Brasileira	2
VIANNA, C.P., RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, J. G. ARAÚJO, U. Diferenças e preconceitos na escola : alternativas teóricas e práticas. São Paulo: SUMMUS, 1998.	Brasileira	2
VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criação na infância . Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.	Brasileira	2
VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem . Trad. Maria da Penha Vilalobos. 8ª Ed., São Paulo: Icone Editora, 2001.	Brasileira	1 (2)
VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem . 2ª ed. São Paulo: Ícone/Editora da Universidade de São Paulo, 1988.	Brasileira	1 (2)
VILLELA, H. O mestre-escola e a professora. p. 94-134. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de.; VEIGA, C. (Orgs.). 500 anos de educação no Brasil . Belo Horizonte: Autêntica, 2007.	Brasileira	2
Uruguai		
DE LEÓN, A.; FLORES, I.; GONZÁLEZ, R.; ROMERO, C. Y TOURÓN, G. Los sordos, el español escrito y la comunicación. En TUILSU, TUILSU-imagen Producciones. Consideraciones teóricas, metodológicas y políticas . Montevideo, Uruguay: Tuilsu/Fhce/UdelaR, pp. 31-36, 2014.	Uruguiaia	2
DE LEON, A.; LARRINAGA, J.A.; PELUSO, L.; SILVEIRA, M. Progresiones de aprendizaje en el dominio lingüístico-discursivo para estudiantes sordos. En: MARCO CURRICULAR DE REFERENCIA NACIONAL – MCRN. Desarrollo del pensamiento cultural y sus mediaciones . Progresiones de Aprendizaje. Montevideo, Uruguay: Administración Nacional de Educación Pública. Anep. Documento oficial, p. 45-69, 2019	Uruguiaia	2
JANOARIO, R.; PELUSO, L. Diferencia y reconocimiento . Apuntes para deconstruir la ideología de la normalidade (org.). Montevideo: Área de Estudios Sordos / TUILSU, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. UdelaR, 2020.	Uruguiaia	2
LODI, A. C. B. Declaraciones de UNESCO, educación de sordos y educación inclusiva: um análisis de la política nacional de educación de Brasil. Psicología, Conocimiento y Sociedad , v. 4, n. 2, p. 261 – 294, nov. 2014.	Uruguiaia	2
PELUSO, L. Acerca del estilo sordo del español escrito: breves consideraciones lingüísticas y políticas. En TUILSU, TUILSU-imagen Producciones. Consideraciones teóricas, metodológicas y políticas . Montevideo, Uruguay: Tuilsu/Fhce/UdelaR, p. 37-40, 2014. Disponível: http://www.tuilsu.edu.uy/biblioteca/espanol/librillo2014.pdf	Uruguiaia	2
Portugal		
BARDIN, L. Análise de conteúdo . Lisboa: Edições 70, 1977.	Portuguesa	2
LADD, P. Em Busca da Surdidade I – colonização dos surdos. Trad. Mariani Martini. Lisboa: Surd Universo, 2013. Versão em libras: https://www.youtube.com/watch?v=9ewKcb7Ryk&ab_channel=UFPRTradu%C3%A7%C3%A3oLibras	Portuguesa	2
MARQUES, L. R. A cultura democrática na gestão da escola pública: um estudo da análise do discurso dos conselheiros escolares. Revista Portuguesa de Educação , v. 24, p. 73-93, 2011.	Portuguesa	2
Reino Unido		

CONNELL, R. Gender in world perspective , 2. ed. Cambridge, UK: Polity Press, 2009.	Britânica	2
TURIEL, E. The Development of Social Knowledge , Cambridge University Press, 1983.	Britânica	2
Estados Unidos		
CRANNY-FRANCIS, A.; WARING, W.; STAVROPOULOS, P.; KIRKBY, J. Gender studies: terms and debates . New York: Palgrave, Macmillan, 2003.	Estadounidense	2
HOOKS, B. Feminism is for Everybody: Passionate politics . Cambridge, MA: South End Press, 2000.	Estadounidense	2
Canadá		
HUMM, M. The Dictionary of Feminist Theory . New York, London, Toronto, Sydney, Tokyo: Harvester Wheatsheaf, 1989.	Canadense	2
Espanha		
CONSEJO DE EUROPA / División de Políticas Lingüísticas. Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación . Madrid: Instituto Cervantes, 2020. Disponível: https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/marco/	Espanhola	2
México		
LIND, G. La moral puede enseñarse . Mexico: Trillas, 2007.	Mexicana	2
Brasil		
ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia . São Paulo, Martins Fontes, 2000.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z. Escola e avaliação em larga escala: (contra) proposições In: WERLE, F. O. C. Avaliação em larga escala: foco na escola . 1 ed. Brasília : Líber Livro, 2010, v.1, p. 50-68.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z.; HERNANDES, E. D. K. As concepções de gestão e a vivência da prática escolar democrática. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação , v. 28, p. 144 - 162, 2012.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z.; NASCIMENTO, P. H. C.; SILVA, N. D. B. da. Desafios teórico metodológicos para as pesquisas em Administração/Gestão educacional/escolar. Educação e Sociedade , Campinas, v. 37, n. 135, p. 465-480, abr./jun. 2016.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z.; NASCIMENTO, P. H. C. Gestão e qualidade da educação escolar básica: sentidos em construção. Espaço Pedagógico , Passo Fundo, v. 24, n. 3, p. 295- 313, maio/ago. 2017.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z.; NASCIMENTO, P. H. C. A ordem do discurso em política e gestão educacional no Brasil. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE, [S. l.], v. 40, n. 1, 2024. DOI: 10.21573/vol40n12024.132576. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/132576 . Acesso em: 7 nov. 2024.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z.; ANDRADE, E.; PARRO, A. L. G. Sentidos de política e/de gestão nas pesquisas sobre a escola. Educ. Pesqui. , São Paulo, v. 43, n. 3, p. 727-742, jul./set. 2017.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z. Revezamento teoria e prática na análise da escola pública democrática. Educar em Revista , Curitiba, Brasil, v. 34, n. 68, p. 107-122, mar-abr, 2018.	Brasileira	1
ABDIAN, G. Z. A função do discurso em Administração Escolar no Brasil. Tese (Livredocência) . UNESP/Marília (livro no prelo)	Brasileira	1
ABRUCIO, F. L.; COSTA, VALERIANO M. F. Reforma do Estado e o contexto federativo brasileiro. Pesquisas , Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung, n. 12, 1999, p. 19-57.	Brasileira	1
ABUCHAIM, B. O. Panorama das políticas de educação infantil no Brasil . Brasília: UNESCO, 2018.	Brasileira	1
AFONSO, A. J. Reforma do Estado e políticas educacionais: entre a crise do Estado-nação e a emergência da regulação supranacional. Educação & Sociedade , ano XXII, n. 75, p. 15-32, Agosto/2001.	Brasileira	1
AFONSO, A. J. Avaliação educacional: regulação e emancipação – para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas . São Paulo: Cortez, 2000.	Brasileira	1
AGAMBEN, G. A comunidade que vem . Belo Horizonte: Autêntica 2013.	Brasileira	1
AGAMBEN, G. Profanações . São Paulo: Bointempo Editorial, 2007.	Brasileira	1

AGAMBEN, G. O uso dos corpos [Homo Sacer, IV, 2]. São Paulo: Boitempo editorial, 2017.	Brasileira	1
AGUIAR, V. T. Era uma vez na escola... formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.	Brasileira	1
AGUIAR, V. T. de. Leitura literária e escola (2001). In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil . 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. p. 235-255.	Brasileira	1
AIRES, R. F. F. et al. Escolas de governo: o panorama brasileiro. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro 48(4):1007-1027, jul./ago. 2014, p. 1007-1027.	Brasileira	1
AKKARI, A. Internacionalização das políticas educacionais: transformações e desafios . Petrópolis: Vozes, 2011.	Brasileira	1
ALMEIDA, J. A. Vestígios para uma reinterpretação do magistério feminino em Portugal e Brasil. In: SOUZA, R. F., VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. A. O legado educacional do século XIX . Araraquara-SP: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 1998. p. 107-181.	Brasileira	1
ALMEIDA, P. O.; ARAÚJO, L. A. DisCrit: os limites da interseccionalidade para pensar sobre a pessoa negra com deficiência. Revista Brasileira de Políticas Públicas , Brasília, v. 10, n.2, p. 611-643, 2020.	Brasileira	1
ALMEIDA FILHO, N. Universidade nova: textos críticos e esperançosos . Brasília: UnB, 2007.	Brasileira	1
AMAR, H. M. Pierre Bourdieu: por una sociología sobre el Estado y las políticas educativas. Práxis Educativa , Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 145-153, jan./abr. 2018.	Brasileira	1
ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado . Rio de Janeiro: Graal, 1985.	Brasileira	1
ALMEIDA, J.S. Mulher e educação: a paixão pelo possível . São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.	Brasileira	1
ALVARENGA, V. C. A carreira das professoras de Educação Infantil: indícios de precarização e intensificação do trabalho docente. In: ARCE, A.; JACOMELI, M. R. M. (Orgs.). Educação Infantil versus Educação Escolar? Entre a (des)escolarização e a precarização do trabalho pedagógico nas salas de aula. Campina, SP: Autores Associados, 2012. p. 151-173.	Brasileira	1
ALVES, N.; GARCIA, R. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação , Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, maio/jun/jul/ago, 2003.	Brasileira	1
ALVES, N.; GARCIA, R. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. Educ. Soc. , Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1222, out.-dez, 2010.	Brasileira	1
ALVES, A. J. A revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. Cadernos de Pesquisa . São Paulo, n. 81, p. 53-60, mai., 1992.	Brasileira	1
ANDRADA, P. C.; SOUZA, V. L. T. Corpo e docência: a Dança Circular como promotora do desenvolvimento da consciência. Revista Psicologia Escolar e Educacional , v. 19, n. 2, p. 359-368, maio/agosto, 2015.	Brasileira	1
ANDRADE, D. P. O que é neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. Revista Sociedade e Estado , vol. 34, n. 1, jan./abr, 2019, p. 211-239.	Brasileira	1
ANDRADE, M. M. de. Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.	Brasileira	1
ANTUNES, R. Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho . Campinas: Cortez, 2003.	Brasileira	1
ANTUNES, R. O caracol e sua concha . São Paulo: Boitempo, 2006.	Brasileira	1
APPLE, M. Ideologia e Currículo . São Paulo: Brasiliense, 1982.	Brasileira	1
APPLE, M. Trabalho Docente e Textos . Petrópolis: Vozes, 1991.	Brasileira	1
APPLE, M. Educação e Poder . Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.	Brasileira	1
APPLE, M. Conhecimento Oficial . Petrópolis: Vozes, 1997.	Brasileira	1
APPLE, M.W. Política Cultural e Educação . trad. Maria José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez Editora, 2000.	Brasileira	1
ARAGÃO, R.; CAJAZEIRA, R. Reflexões sobre a formação de professores: relatos sobre o uso de tecnologias educacionais na experiência docente. In: JESUS, D. M.; MACIEL, R. F. (Orgs.) Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente . Campinas: Pontes Editores, p. 301-324, 2015.	Brasileira	1
ARANHA, M.S.F. Inclusão Social e Municipalização. In: MANZINI, E.J. Educação Especial temas atuais . Marília: Unesp: Marília-Publicações, 2000.	Brasileira	1

ARANHA, M.S.F. Educação Inclusiva: transformação social ou retórica. In: OMOTE, S. (org.) Inclusão: intenção e realidade . Marília: Fundepe publicações, 2004	Brasileira	1
ARANHA, M.S.F. Efeitos da inserção de alunos com deficiência em salas inclusivas . Seminários Avançados sobre Inclusão. Marília, 2002 (mimeo).	Brasileira	1
ARANTES, P. H. de O. Educação Infantil: Direito, perspectivas e financiamento – o papel do Ministério Público. In: ANGOTTI, M. (Org.). Educação Infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento . Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. p. 25-25.	Brasileira	1
ARAÚJO, J. P.; SCHMIDT, A. A inclusão de pessoas com necessidades especiais no trabalho: a visão de empresas e de instituições educacionais especiais na cidade de Curitiba. Revista Brasileira de Educação Especial , Marília, v. 12, n. 2, p. 241-254, 2006.	Brasileira	1
ARAÚJO, J.; ARAÚJO, K. EaD em Tela: docência, ensino e ferramentas digitais . Campinas: Pontes, 2013.	Brasileira	1
ARAÚJO, J., LEFFA, V. Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016.	Brasileira	1
ARCE, A. Compre o kit neoliberal para a educação infantil e ganhe grátis os dez passos para se tornar um professor reflexivo. Educação & Sociedade , Campinas, ano 22, n. 74, p. 251- 283, abr. 2001a.	Brasileira	1
ARCO-VERDE, Y. Tempo escolar e organização do trabalho pedagógico. Em Aberto , v. 25, n. 88, 2012.	Brasileira	1
ARENDT, H. Entre o passado e o futuro . São Paulo, Perspectiva, 2007.	Brasileira	1
ARENA; D B; ARENA; A. P. B. Palavras e seus sentidos em traduções de Marxismo e filosofia da linguagem. Todas as Letras . v. 20, n. 2, p. 223-235, maio/ago. 2018.	Brasileira	1
ARENA, D.B.; ARENA, A.P.B. Patrick Sériot e Volochínov: um encontro crítico. Rev. Humanidades . v. 32, n. 1, p. 40-46, jan./jun. 2017	Brasileira	1
ÁRIES, F. História social da criança e da família . Rio de Janeiro: Zahar, 1979.	Brasileira	1
ARRETCHE, M. T. S. Emergência e Desenvolvimento do Welfare State: Teorias Explicativas . BIB, n. 39, Rio de Janeiro, 1995, p. 3-40.	Brasileira	1
ARROYO, M. G. Currículo, Território em disputa . Petrópolis: Vozes, 2011.	Brasileira	1
ARROYO, M. G. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres . Petrópolis: Vozes, 2004.	Brasileira	1
ARRUDA, A. M. A. Filosofia geral e problemas metafísicos. In: PRADO, L. L.; SCHLÜNZEN JUNIOR, K.; SCHLÜZEN, E. T. (Org.). Filosofia . São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 16-54.	Brasileira	1
ASSIS, M. S. S. de Ama, Guardiã, Crecheira, Pajem, Auxiliar... em Busca da Profissionalização do Educação da Educação Infantil. In: ANGOTTI, M. (Org.). Educação Infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento . Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. p. 37-50.	Brasileira	1
ASSIS, M. S. S. Práticas de cuidado e de educação na Instituição de Educação Infantil: o olhar das professoras. In: ANGOTTI, M. (Org.). Educação Infantil: para que, para quem e por quê? 2.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. p. 87-104.	Brasileira	1
AUAD, D. Feminismo: que história é essa ? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.	Brasileira	1
AZANHA, J. M. P. Educação: alguns escritos . São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.	Brasileira	1
BACICH, L., MORAN, J. (Orgs). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática . Porto Alegre, Penso, 2018.	Brasileira	1
BAJARD, E. A descoberta da língua escrita . Ed. Cortez, 2013.	Brasileira	1
BAJARD, E. Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito . São Paulo: Cortez, 1994.	Brasileira	1
BAJARD, E. Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem . São Paulo: Cortez, 2002.	Brasileira	1
BAKHTIN, M. 'Metodologia das Ciências Humanas'. in: Estética da criação verbal . São Paulo: Martins Fontes, 4ª. Edição, 2003.	Brasileira	1
BAKHTIN, M. 'Apontamentos de 1970-1971'. in: Estética da criação verbal . São Paulo: Martins Fontes, 4ª. Edição, 2003.	Brasileira	1
BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo. Ed. UnB, 2008.	Brasileira	1
BAKHTIN, M. Metodologias das Ciências Humanas. In: BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal . 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 239-410.	Brasileira	1
BAKHTIN, M. O Freudismo . Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2014.	Brasileira	1

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso . Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.	Brasileira	1
BAKHTIN, M.; DUVAKIN, V. Mikhail Bakhtin em diálogo : conversas de 1973 com Viktor Duvakin. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.	Brasileira	1
BALLESTRINI, L. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política , n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em https://bit.ly/3nslKoX	Brasileira	1
BALL, S. J. Diretrizes políticas e globais e relações políticas locais em educação. Currículo sem Fronteiras . V. 1, n. 2, pp. 99-116, Jul./Dez. 2001.	Brasileira	1
BALL, S. J. Novos Estados, nova governança e nova política educacional. IN: Apple, W.; BALL, S. J.; GANDIN, L. A. Sociologia da educação : análise internacional. Trad. Cristina Monteiro. Porto Alegre: Penso, 2013. P. 177-189.	Brasileira	1
BALL, S. J. Performatividade, privatização e o pós-estado do bem estar. Educação & Sociedade , v. 25, n. 89, p. 1105-1126, set./dez. 2004.	Brasileira	1
BALL, S. J. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. Cadernos de Pesquisa , v. 35, n. 126, p. 539-564, set./dez. 2005.	Brasileira	1
BALL, S. J. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. In: BALL, S. J.; MAINARDES, J. (orgs.). Políticas educacionais : questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-53.	Brasileira	1
BAPTISTA, C.R. A integração dos alunos portadores de deficiência e o atual contexto educacional italiano : pressupostos e implicações. Disponível em: http://www.regra.com.br/educacao . Acesso em 21/08/2002.	Brasileira	1
BARBOSA, M. C. S. Para começo de conversa. In: Por amor e por força : rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-25.	Brasileira	1
BARBOSA, R. L. L. A construção do Herói . Leitura na Escola. (Assis SP1920/1950) São Paulo, UNESP, 2001.	Brasileira	1
BARBOSA, R. L. L. Dificuldades de leitura : a busca da chave do segredo. 2. ed. São Paulo: Arte & Ciência, v. 500. 104 p. 2010.	Brasileira	1
BARBOSA, R. L. L.; ZANCHETTA JR, J. Educação e Linguagem. In: Cadernos de Formação - Formação de Professores - Introdução à Educação - Ed. Cultura Acadêmica, p. 93 - 111. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Livro Impresso). 2010.	Brasileira	1
BARBOSA, R.L.L.; ANNIBAL, S.F.; BOLDARINE, R.F. Leitura, escrita e livro: determinantes de práticas culturais e desenvoltura social. Leitura. Teoria & Prática , v. 55, p. 48-54. Campinas: 2010.	Brasileira	1
BARBOSA, R.L.L.; CATANI, D. B. ; MORAES, D. Z. . Para Benjamin, Segundo Benjamin, Como disse Benjamin: Apropriações da Obra do autor no campo educacional Brasileiro (1980 ? 2013). In: MACHADO, C. E. J.; MACHADO JR, R.; VEDDA, M. (Org.). Walter Benjamin - experiência histórica e imagem dialética. 1ed.São Paulo: UNESP, 2015, v. 1, p. 319-336.	Brasileira	1
BARBOSA, R. L. L. Práticas de leitura e conceitos sócio-ambientais : livros didáticos 1997-2003. São Paulo: ARTE & CIENCIA, 172 p. 2009.	Brasileira	1
BARBOSA, R. L. L.; ANNIBAL, S. F.; BOLDARINE, R. F. Relações entre o desenvolvimento do sujeito na sociedade e a leitura, escrita e livro. In: ZANCHETTA JR, J.; FERREIRA, E. A. G. R. (Org.). Leitura na escola : reflexões e estratégias para mediadores. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.	Brasileira	1
BARREIRO, G. S. S.; FURTADO, R. P. M. Inserindo a judicialização no ciclo de políticas públicas. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro 49(2):293-314, mar./abr. 2015, p. 314.	Brasileira	1
BARRETO, A. M. R. F. A educação infantil no contexto das políticas públicas. Revista Brasileira de Educação , n.24, p.53-65, set/dez. 2003.	Brasileira	1
BARRETO, E. S. S. (org.). Os Currículos do Ensino Fundamental Para as Escolas Brasileiras . Campinas: Autores Associados, 2000.	Brasileira	1
BARRETO, A. M. R. F. A educação infantil no contexto das políticas públicas. Revista Brasileira de Educação , n.24, p.53-65, set./dez. 2003.	Brasileira	1
BARROCO, S. M. L. S. Vigotski e os novos fundamentos para a educação de pessoas com e sem deficiência. In: FAUTISNO, R. C.; CHAVES, M.; BARROCO, S. M. S. (Org.). Intervenções pedagógicas na Educação Escolar Indígena : contribuições da Teoria Histórico-Cultural. Maringá: EDUEM, 2008. p. 91-111.	Brasileira	1
BARROS, R. S. M. A ilustração brasileira e a idéia de universidade . São Paulo: Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1959.	Brasileira	1

BARROS, V. M. Processamento Sensorial e Engajamento de Crianças nas Rotinas da Educação Infantil na Perspectiva dos Professores . 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.	Brasileira	1
BARROSO, J. O Estado, a educação e a regulação das políticas públicas. Educ. Soc. , Campinas, vol. 26, n. 92, p. 725-751, Especial - Out. 2005.	Brasileira	1
BARTON, A. Danças Circulares : dançando o caminho sagrado. São Paulo: Triom, 2006.	Brasileira	1
BASTOS, M. H. C. & FARIA FILHO, L. M. (org.) A escola elementar no século XIX : o método monotorial/mútuo. Passo Fundo/EDIUPF, 1999, p. 9-71.	Brasileira	1
BARTHER, R. O prazer do Texto . São Paulo, Perspectiva, 1973.	Brasileira	1
BAZÍLIO, L. C. Avaliando a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente. In: BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. (Orgs.). Infância, Educação e Direitos Humanos . 3.ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 19-28.	Brasileira	1
BEATÓN, G. A. La visión integral o de totalidad en el método dialéctico, su presencia en lo histórico cultural y sus proyecciones en la práctica educativa. In: MENDONÇA, S. G. de L.; PENITENTE, L. A. A.; MILLER, S. (Orgs.). A questão do método e a Teoria Histórico-Cultural : bases teóricas e implicações pedagógicas. Marília, SP; São Paulo, SP.: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2017. p. 19-35.	Brasileira	1
BECCHI, E.; BONDIOLI, A. Avaliando a pré-escola : uma trajetória de formação de professoras. Campinas, SP.: Autores Associados, 2003.	Brasileira	1
BECKER, H.S. Uma teoria da ação coletiva . trad. M.B.M.L Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.	Brasileira	1
BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. Política Social : fundamentos e história. São Paulo: Cortez, 2008.	Brasileira	1
BEISIEGEL, C. Educação e sociedade no Brasil após 1930. In: FAUSTO, B. (Org.) História Geral da Civilização Brasileira . São Paulo: Difel, 1978. Tomo III, vol. 4, p. 383-416.	Brasileira	1
BENEVIDES, M. V. M. Cidadania e democracia . Lua Nova, Cedec, n. 33, 1994, p. 5-16.	Brasileira	1
BENJAMIN, W. Obras Escolhidas I : magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 7. Ed, 1994.	Brasileira	1
BENTURA, J. P. Los Programas de Transferencia de Renta Condicionadas como gestión neoliberal de la cuestión social. Revista Serviço Social & Sociedade , n. 117, 2014, p. 94-121.	Brasileira	1
BERETA, T. A. D. S. A formação ética do psicólogo: ambiente acadêmico e competência moral . Marília: Oficina Universitária, 2020.	Brasileira	1
BERTO, D. de F. Processos de subjetivação no espaço escolar: práticas e discursos pedagógicos numa escola pública de ensino fundamental a partir de uma perspectiva foucaultiana. 178 f. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (Tese), 2007.	Brasileira	1
BIAGGIO, A. M. B. Lawrence Kohlberg : ética e educação moral. São Paulo: Moderna, 2002.	Brasileira	1
BIANCHETTI, R. G. Modelo neoliberal e políticas educacionais . 3ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.	Brasileira	1
BIM, M. C. S.; MUROFUSE, N. T. Benefício de Prestação Continuada e perícia médica previdenciária: limitações do processo. Serviço Social & Sociedade , São Paulo, n. 118, p. 339-365, 2014.	Brasileira	1
BISSOLI, M. de F. (Org.) Fundamentos da Educação Infantil . Manaus: CEFORT, EDUA, 2007.	Brasileira	1
BLOCH, M. Apologia da história ou o ofício de historiador . Rio de Janeiro: Zahar, 2001.	Brasileira	1
BOURDIEU, P. Os usos sociais da ciência : por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.	Brasileira	1
BOBBIO, N. O futuro da democracia . São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 29-76.	Brasileira	1
BOGDAN, R., TAYLOR, S. Os julgados, não os juízes : o ponto de vista do retardado mental. Vivência. p.20-27, 1986	Brasileira	1
BONAL, X.; TARABINI, A.; VERGER, A. Superando limites disciplinares e territoriais: a ruptura epistemológica de Roger Dale na pesquisa em política educativa. In: TELLO, C.; ALMEIDA, M. de L. P. Estudos epistemológicos no campo da pesquisa em política educacional . Campinas: Mercado das Letras, 2013. P. 77-108.	Brasileira	1

BOURDIEU, P. Questões de Sociologia . Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993. p.89-4.	Brasileira	1
BONITATIBUS, S. G. Educação comparada : conceito, evolução, método. São Paulo: EPU, 1989.	Brasileira	1
BOTO, C. A escola primária como tema do debate político às vésperas da República. Revista Brasileira de História . [online]. 1999, vol. 19, no. 38	Brasileira	1
BOURDIEU, P. A Miséria do Mundo (coord.) Petrópolis, RJ.: Vozes, 1997.	Brasileira	1
BOURDIEU, P. O poder simbólico . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.	Brasileira	1
BRAGA, M. C. B, MARTINS, R. A. O desenvolvimento da formação moral no sujeito autista : um estudo exploratório. Psicopedagogia Online, 2008.	Brasileira	1
BRANDÃO, C. F. A Educação Básica na Suécia e no Brasil: algumas semelhanças e diferenças. Educação & Realidade , Porto Alegre (RS), v. 44, n. 1, e81083, 2019.	Brasileira	1
BRANDÃO, C. F. A estrutura e a organização da Educação Básica na Espanha: suas diferenças e similitudes com a Educação Básica brasileira. Revista Iberoamericana de Estudos em Educação , Araraquara (SP), v. 13, n. 4, Out/Dez 2018.	Brasileira	1
BRAY, M.; ADAMSON, B.; MASON, M. (Orgs.) et all. Pesquisa em educação comparada: abordagens e métodos. Brasília: Liber Livro, 2015.	Brasileira	1
BRABO, T. S. A. M. Democratização da escola sob uma perspectiva de gênero: um novo desafio. Revista Organizações e Democracia . Marília, v.1, n. 5, p. 55, 2004. ISSN 1519-0110.	Brasileira	1
BRABO, T.S.A.M. Mulheres, gênero e violência . Marília: Oficina Universitária, São Paulo: Cultura Acadêmica/ CAPES, 2015.	Brasileira	1
BRABO, T.S.A.M. Gênero e poder local . São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2008.	Brasileira	1
BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.) Bakhtin, Dialogismo e a Construção do Sentido . Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 91 - 104.	Brasileira	1
BRANDÃO, C. F. LDB passo a passo : lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei nº 9.394/96), comentada e interpretada, artigo por artigo. 4. ed. rev. atual. São Paulo: Avercamp, 2010.	Brasileira	1
BRANDÃO, C. F. Política educacional para a educação superior brasileira na última década. Impulso. Revista de Ciências Sociais e Humanas . Piracicaba (SP), v. 16, n. 40, p. 69-80, maio/ago. 2005.	Brasileira	1
BRANDÃO, C. F. PNE passo a passo : Lei nº 10.172/01 - discussão dos objetivos e metas do Plano Nacional de Educação. São Paulo: Avercamp, 2006.	Brasileira	1
BRASIL. Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil . Brasília: MEC, 1996b.	Brasileira	1
BRASIL. Diretrizes Curriculares para a Educação em Direitos Humanos . Ministério da Educação, 2012.	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Parecer nº 20/2009 . Discute as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF, 11 de novembro de 2009 ^a .	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil . Brasília, DF: MEC, 1998a.	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Educação. Educação integral/educação integrada e(m) tempo integral : concepções e práticas na educação brasileira - Mapeamento das experiências de jornada escolar ampliada no Brasil. Brasília: MEC/SECAD, 2010b.	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Educação. Educação integral/educação integrada e(m) tempo integral : concepções e práticas na educação brasileira - Mapeamento das experiências de jornada escolar ampliada no Brasil: Estudo Qualitativo. Brasília: MEC/SECAD, 2010c.	Brasileira	1
BRASIL. Proposta pedagógicas e currículo em educação infantil . Brasília: MEC, 1996b.	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil . Brasília, DF: MEC, 1998a.	Brasileira	1
BRASIL. Decreto nº 3.298, de 20 dez. 1999 . Regulamenta a Lei nº7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, nº 243, seção 1, 1999.	Brasileira	1
BRASIL. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Vinte anos da Constituição Federal de 1988 : avanços e desafios na educação brasileira. Políticas Sociais: acompanhamento e análise – Vinte Anos da Constituição nº 17, vol. 2, 2009, p. 17-81, cap. 1.	Brasileira	1

BRASIL. Senado Federal. Lei, n. 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os planos de benefícios da previdência social e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 14809, jul. 1991. Seção 1.	Brasileira	1
BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão das Pessoas com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União 2015; 7 jul.	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.	Brasileira	1
BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência: protocolo facultativo à convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência. Brasília, DF, 2007.	Brasileira	1
BRASIL. II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008.	Brasileira	1
BRASIL. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2004.	Brasileira	1
BRASIL. Plano Nacional de Educação. Brasília: Ministério da Educação, Inep, 2001.	Brasileira	1
BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Temas Transversais. Brasília: Ministério da Educação, 1998.	Brasileira	1
BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias (Ocem). Brasília: MEC; SEB, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf . Acesso em: 12 mar. 2018.	Brasileira	1
BRASIL. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Brasília: MEC; Semtec, 2002.	Brasileira	1
BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB n.3/1998. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_98.pdf . Acesso em: 25 jun. 2018.	Brasileira	1
BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES n.492/ 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais de Graduação em Filosofia. Diário Oficial, Poder Executivo, Brasília.	Brasileira	1
BRASIL/ MEC/SEESP. Referenciais para a Construção de Sistemas Educacionais Inclusivos. Curso de Formação de Gestores e Educadores - Brasília: SEESP, 2003 (material preliminar)	Brasileira	1
BRASIL/ MEC/SEESP. Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade. - Brasília: SEESP, 2004.	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Ação Social. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educacionais especiais. Brasília: MAS/CORDE, 1994.	Brasileira	1
BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nova LDB (lei nº 9.394). Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1997.	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares - estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular para a educação infantil: estratégias e orientações para a educação de crianças com necessidades educacionais especiais. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 2001	Brasileira	1
BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Conselho Nacional de Educação (CNE). Brasília, 2001.	Brasileira	1
BRENNER, R. A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão? Revista Outubro. São Paulo, v. 3, p. 1-12, 1999.	Brasileira	1
BRESSER-PEREIRA, L. C. Modernidade neoliberal. Revista Brasileira de Ciências Sociais , vol. 29, n. 84, 2014, p. 87-205.	Brasileira	1
BRESSER-PEREIRA, L. C. Da administração pública burocrática à gerencial. Revista do Serviço Público , 47(1), jan/abr 1996, p. 1-28.	Brasileira	1
BRESSER-PEREIRA, L. C.; GRAU, N. C. O público não-estatal na reforma do Estado. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.	Brasileira	1

BUENO, J.G.S. Educação Especial Brasileira : integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: Educ, 1993.	Brasileira	1
BUENO, S.F. Pedagogia sem sujeito : qualidade total e neoliberalismo na educação. São Paulo: Fapesp, 2003.	Brasileira	1
BUFFA, E. Ideologias em conflito : escola pública e escola privada. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.	Brasileira	1
BUFFA, E.; NOSELLA, P. Instituições escolares : por que e como pesquisar. 2ª Ed. Campinas: Alínea, 2013.	Brasileira	1
BURTON, G. Teorizando o Estado e a Globalização na política e políticas educacionais. Revista Práxis Educativa . Ponta Grossa. v. 9, n. 2, p. 315-332, jul./dez. 2014. (ON LINE)	Brasileira	1
BUSATTO, C. A arte de contar histórias no século XXI : tradição e ciberespaço. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.	Brasileira	1
BUSS-SIMÃO, M. Pesquisa etnográfica com crianças pequenas: reflexões sobre o papel do pesquisador. Revista Diálogo Educacional , Curitiba, v. 14, n. 41, p. 37-59, jan./abr. 2014.	Brasileira	1
BUSQUETS, M. D. et all. Temas transversais em educação : bases para uma formação integral. São Paulo : Ática, 1998.	Brasileira	1
BUTLER, J. O que é crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault. Cadernos de ética e filosofia política . São Paulo, n. 22, 2013, p. 159-179.	Brasileira	1
BUTLER, J. Problemas de gênero : feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.	Brasileira	1
BUTLER, J. Quadros de guerra : quando a vida é passível de luto. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Barcelona: Paidós, 2017.	Brasileira	1
BUTLER, J. Relatar a si mesmo : crítica da violência ética. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.	Brasileira	1
BRUM, E. A vida que ninguém vê . Porto Alegre: Arquipélogo, 2006.	Brasileira	1
BRUNO, L. Educação e desenvolvimento econômico no Brasil. Revista Brasileira de Educação , v. 16, n. 48, set/dez 2011, p. 545-562.	Brasileira	1
CAGLIARI, L. C.. Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu . São Paulo: Scipione, 1998.	Brasileira	1
CALDART, R. Desafios do vínculo entre trabalho e educação na luta e construção da Reforma Agrária Popular. Goiânia. Anais da 36ª Reunião Anual da Anped . GT Trabalho e Educação, 2013.	Brasileira	1
CAMARA, S. A constituição dos saberes escolares e as representações de infância na reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930. Revista brasileira de história da educação , São Paulo: n. 8, p.159-180, jul./dez., 2004.	Brasileira	1
CAMPOS, F. Exposição de motivos do Ministro Francisco Campos sobre a Reforma do Ensino Superior. In: FÁVERO, M. de. L. A. Universidade e Poder . 2. Ed. Brasília, Plano, 2000. p. 121-158.	Brasileira	1
CAMPOS, M. M. 30 anos da educação infantil na ANPED: caminhos da pesquisa. In: Zero-a-Seis , n. 17, jan./jul. 2008. Disponível em:< http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zeroa6/article/view/800/6082 >.	Brasileira	1
CAMPOS, M. M. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S. H. V. A criança fala : a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p.35 - 42.	Brasileira	1
CANDAUI, V. M. (org). Magistério: construção cotidiana . Petrópolis: Vozes, 1997.	Brasileira	1
CANGUILHEM, G. O norcharlotmal e o patológico . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.	Brasileira	1
CAPELLA, A. C. N. Perspectivas teóricas sobre o processo de formulação de políticas públicas. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais , São Paulo, n. 61, 1º semestre de 2006, p. 25-52.	Brasileira	1
CAPELLINI, S. A. Distúrbios de aprendizagem versus dislexia. In: FERREIRA, L.P.; BEFI-LOPES, D.; LIMONGI, S. Tratado de fonoaudiologia . São Paulo: Ed. Roca. 2004.	Brasileira	1
CAPELLINI, S.A.; OLIVEIRA, A.M.; CUETOS, F. PROLEC - Provas de avaliação dos processos de leitura . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.	Brasileira	1
CAPELLINI, S.A.; SMYTHE, I. Protocolo de avaliação de habilidades cognitivo-lingüísticas : livro do profissional e do professor. Marília-SP: Fundepe,2008.	Brasileira	1
CAPELLINI, S.A.; GERMANO, G.D.; CUNHA, V.L.O. Transtornos de aprendizagem e transtornos da atenção : da avaliação à intervenção. São José dos Campos: Pulso, 2010.	Brasileira	1
CARDOSO-MARTINS, C. Consciência fonológica & alfabetização . Petrópolis: Vozes, 1995.	Brasileira	1

CARNEIRO, J. A. Danças Circulares e saber sensível na formação de doutorandas em Educação: um estudo das emoções. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.	Brasileira	1
CARNOY, M. Estado e teoria política. Trad. Puccamp. 3a. ed., Campinas: Papyrus, 1990.	Brasileira	1
CARVALHO, J. M. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.	Brasileira	1
CARVALHO, M. M. História e historiografia da escola pública no Brasil: considerações em torno de um problema de investigação. In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M.I. M. (Org.). A Escola Pública no Brasil. História e Historiografia. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 33-65.	Brasileira	1
CARVALHO, M. M.C. Molde nacional e forma cívica. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 1998.	Brasileira	1
CARVALHO, M. M.C. Notas para reavaliação do movimento educacional brasileiro (1920-1930). Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n.66, p.4-11, ago. 1988.	Brasileira	1
CARVALHO, M. M. C. de. Reformas da instrução pública. In: LOPES, E. M. T.; LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de.; VEIGA, C. 500 anos de educação no Brasil. V. 3.ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.p. 225-251.	Brasileira	1
CARVALHO, M. E. P. de. Currículo escolar, construção de habitus de gênero e carreiras gendradas. Trabalho apresentado na Mesa-redonda: Os estudos de gênero e educação: de Nísia Floresta aos tempos atuais. XV Encontro da Redor e IV Encontro de Pesquisadoras sobre Gênero do Maranhão. São Luís, MA, 22 a 25 de setembro de 2009.	Brasileira	1
CARVALHO, M. E. P. de. Construção e desconstrução de gênero no cotidiano da educação infantil: alguns achados de pesquisa. Trabalho encomendado apresentado no GT 23: Gênero, Sexualidade e Educação, na 31ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 19 a 22 de outubro de 2008.	Brasileira	1
CARVALHO, M. E. P. de . Uma agenda de pesquisa, formação humana e docente em gênero e educação. In: PIZZI, L. C.V. & FUMES, N. L. F. (Org.) Formação do pesquisador em educação: identidade, diversidade, inclusão e juventude. Maceió-AL: EDUFAL, 2007.	Brasileira	1
CARVALHO, M. E. P. de . Introdução à questão das relações de gênero na educação. In: CARVALHO, M. E. P. (Org.) Consciência de Gênero na Escola. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.	Brasileira	1
CARVALHO, M. P. de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. Revista Estudos Feministas , vol.9 n.2. Florianópolis, 2001.	Brasileira	1
CARVALHO, A. F.; MENEZES, E. C. P.; PAGNI, P. A. Diferença e corpo heterotópico da deficiência: um convite para se pensar de outro modo a escola inclusiva, Revista Cocar , n. 13, p. 1-22, 2022.	Brasileira	1
CARVALHO, J. J. Encontro de saberes e decolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROFOGUEL, R. (Org.) Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 79-106 (Coleção Cultura Negra e Identidades).	Brasileira	1
CARVALHO, E. J. G. Estudos comparados em educação: novos enfoques teórico- metodológicos. Acta Scientiarum, Maringá (PR), v. 36, n. 1, p. 129-141, Jan/Jun, 2014.	Brasileira	1
CASTRO, M. L. S. de. Educação comparada no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica. Educação Unisinos , São Leopoldo (RS), v. 17, n. 3, p. 223-231, Set/Dez, 2013.	Brasileira	1
CATANI, D. B. Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos. 1994. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação - USP.	Brasileira	1
CATANI, D. B. Saberes pedagógicos e leituras de professores - Revista Educação (1927-1961). São Paulo: FEUSP. 1993. [Apresentado na 17ª Reunião da ANPUH, julho 1993]	Brasileira	1
CAVALCANTI, C. R. Modelo federativo brasileiro e suas implicações no campo das políticas educacionais. ANPAE - Associação Nacional de Política e Administração da Educação, Anais do III Congresso Ibero Americano , novembro de 2012, GT 7.	Brasileira	1
CAVALLEIRO, E. S. Do Silêncio Do Lar Ao Silêncio Escolar: Racismo, preconceito E Discriminação Na Educação Infantil. 6. Ed. Capítulo “Família, escola – socialização e as diferenças étnicas”. São Paulo: Contexto, 2012.	Brasileira	1

CAVALIERE, A. M. Escolas de tempo integral versus alunos em tempo integral. Em aberto , v. 21, n. 80, 2009.	Brasileira	1
CAVALIERE, A. M. Tempo de escola e qualidade na educação pública. Educação e Sociedade , Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1015-1035, out. 2007.	Brasileira	1
CAVALIERE, A. M.; COELHO, L. M. C. (Orgs.). Educação brasileira em tempo integral . Petrópolis: Vozes, 2002.	Brasileira	1
CENPEC. Consensos e dissensos em torno de uma Base Nacional Comum Curricular no Brasil . Relatório de Pesquisa. São Paulo, fev. 2015.	Brasileira	1
CERISARA, A. B. A construção de identidade de gênero e profissional: a inserção profissional das mulheres nas instituições de Educação Infantil. In: CERISARA, A. B. Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-44. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 98)	Brasileira	1
CERISARA, A. B. Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional . 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.	Brasileira	1
CHARLE, C.; VERGER, J. História das universidades . São Paulo: Editora da UNESP, 1996.	Brasileira	1
CHARTIER, A. M.; CLESSE, C.; HÉBRARD, J. Ler e escrever: entrando no mundo da escrita . Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.	Brasileira	1
CHARTIER, A.M. Os três modelos de leituras entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino. Revista brasileira de História da Educação v.16 n. 1 2016, p. 275- 295	Brasileira	1
CHARTIER, A. M. Trinta anos de pesquisas sobre a história do ensino da leitura. Que balanço? In: MORTATTI, M. R. L. (org.) Alfabetização no Brasil: uma história de sua história . 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Marília: Oficina Universitária, 2012.	Brasileira	1
CHARTIER, R. A aventura do Livro: do leitor ao navegador . Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, 1999.	Brasileira	1
CHARTIER, R. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII . Brasília: Editora da UNB, 1999.	Brasileira	1
CHAUÍ, M. S. A universidade operacional. Folha de S. Paulo , 09/05/1999. Cad. Mais! Brasil 500 D. C., p. 3.	Brasileira	1
CHAUÍ, M. Convite à Filosofia . São Paulo: Ática, 1995.	Brasileira	1
CHAUÍ, M. S. Escritos sobre a universidade . São Paulo: Ed. Unesp, 2001.	Brasileira	1
CHAUÍ, M. Introdução à história da filosofia – dos pré-socráticos a Aristóteles . São Paulo, Cia. Das Letras, 2001.	Brasileira	1
CHAVES, M. Intervenções pedagógicas e promoção da aprendizagem da criança: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. p. 75-89. In: FAUSTINO, R. C.; CHAVES, M. BARROCO, S. M. S. (Orgs.). Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da Teoria Histórico-Cultural . Maringá: EDUEM, 2008.	Brasileira	1
CHAVES, V. L. J. Política de financiamento e a expansão da educação superior no Brasil: o público e o privado em questão. ETD – Educação Temática Digital , Campinas, SP, v. 17, n. 2, p. 427-441, maio/ago. 2015.	Brasileira	1
CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais . São Paulo: Cortez, 1991.	Brasileira	1
COELHO, L. M. C. (org.). Educação integral em tempo integral: estudos e experiências em processo . Rio de Janeiro: DP et Alii Editora; FAPERJ, 2009.	Brasileira	1
COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria, análise, didática . São Paulo: Moderna, 2000.	Brasileira	1
COLL DELGADO, A. C.; MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. Cadernos de Pesquisa , São Paulo. Fundação Carlos Chagas, v. 35, n.125, p. 161-179, maio/ago. 2005.	Brasileira	1
COLL DELGADO, A. C.; MÜLLER, F. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. Revista Educação e Sociedade , Campinas, v. 26, n. 91, p. 351- 360, Maio/Ago. 2005.	Brasileira	1
COLLARES, C. A. L ; MOYSES, M. A. A. A educação na era dos transtornos. In: VIÉGAS, L. (Org.). Medicalização da educação e da sociedade: ciência ou mito? Salvador: EDUFBA, 2014, p. 243-259.	Brasileira	1
COLLARES, C. A. L.; MOYSES, M. A. A. Preconceitos no cotidiano escolar: a medicalização do processo ensino-aprendizagem. In: CRPSP; GIQE. (Org.). Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos . 2ed.São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 234-249.	Brasileira	1

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A.; RIBEIRO, M. (Orgs.). Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos . Campinas/SP: Mercado de Letras, 2013.	Brasileira	1
COLLINS, P. H. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Org.) Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico . 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 79-106 (Coleção Cultura Negra e Identidades).	Brasileira	1
COLOMER, T. Andar entre livros: a leitura literária na escola . Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2011.	Brasileira	1
CONTANDRIOPOULOS, A.-P. Saber preparar uma pesquisa . São Paulo: Huciterc, 1994.	Brasileira	1
CONTRERAS, S., RAMIREZ, M. Y ROZAS, C. (2022). Indagando los tropos: Una forma de contribuir al reconocimiento de los saberes en una pedagogía culturalmente sostenible. Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva , 16(2), 127-143.	Brasileira	1
CORADINI, A.; GALINDO, D.; SOARES, A. (2018) Imagens-espectro de futuridades no Amplo Presente. Artefilosofia 13 (25), 103-120.	Brasileira	1
CORDEIRO, A. P.; PENITENTE, L. A. A. Questões teóricas e metodológicas das pesquisas com crianças: algumas reflexões. Revista Diálogo Educacional , Curitiba, v. 14, n. 41, p. 61-79, jan./abr. 2014	Brasileira	1
CORSARO, W. A. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A.(org.). Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro . São Paulo: Cortez, 2009. p. 83-103.	Brasileira	1
COSCARELLI, C. V. (Org). Tecnologias para aprender . São Paulo: Parábola Editorial, 2016.	Brasileira	1
COSSON, R. Círculos de leitura e letramento literário . São Paulo: Contexto, 2014.	Brasileira	1
COSTA, E. A. P. da. O primeiro leitor e a formação das profissionais da educação infantil. In: FARIA, A. L. G. de; MELLO, S. A. (Orgs.). Territórios da infância: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas . Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007. p. 45-56.	Brasileira	1
COSTA, F. L.; COSTA, E. M. L. Nova história da administração pública brasileira: pressupostos teóricos e fontes alternativas. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro 50(2):215-236, mar./abr. 2016, p. 215-236.	Brasileira	1
COSTA, Frederico Lustosa de. Brasil: 200 anos de Estado; 200 anos de administração pública; 200 anos de reformas. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro, vol. 42 (5), p. 829-874, set./out. de 2008.	Brasileira	1
COSTA, M. F. V.; LIMA, F. J. I. A abordagem etnográfica das práticas lúdicas: uma contribuição à pesquisa com crianças. In: SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO EM ESTUDOS DA CRIANÇA . Pesquisa com crianças. Desafios éticos e metodológicos, Il., 2014. Porto Alegre, Anais.... Porto Alegre: Faculdade de Educação, 2014.	Brasileira	1
COSTA, S. A. da; MELLO, S. A. Teoria Histórico-Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores . Curitiba: CRV Editora, 2017.	Brasileira	1
COUTO, B. R. O direito social e a assistência social na sociedade brasileira: uma equação possível? São Paulo: Cortez, 2004.	Brasileira	1
COUTO, Y. A. Dança Circular Sagrada e seu potencial educativo . Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, UNIMEP, Piracicaba, 2008.	Brasileira	1
COWEN, R.; KAZAMIAS, A. M.; HULTERHALTER, E. (Orgs.). Educação comparada: panorama internacional e perspectivas . Brasília: UNESCO/CAPE, 2012, vols. 1 e 2.	Brasileira	1
CUNHA, L. A. A universidade temporã: da colônia à era de Vargas . 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1986.	Brasileira	1
CUNHA, V.L.O.; CAPELLINI, S.A. Prohmele - Provas de Habilidades Metalingüísticas e de Leitura. Rio de Janeiro - RJ: Livraria e Editora REVINTER, 2009.	Brasileira	1
CURY, C. R. J. Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais . São Paulo: Cortez, 1988.	Brasileira	1
CRUZ, S. H. V. Reflexões acerca da formação do professor infantil. Cadernos de Pesquisa , São Paulo, 3 n.97, p.79-89, maio 1996.	Brasileira	1
DARNTON, R. O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa . Rio de Janeiro: Graal, 1986.	Brasileira	1

DA SILVA, R. C. Produções acadêmicas em Libras como ferramentas de política linguística das comunidades surdas brasileiras. Leitura , v. 1, n. 58, p. 107-123, 2017.	Brasileira	1
DAVÍDOV, V. V. O que é a atividade de estudo. Revista «Escola inicial» . n.7, p. 1-7. ano 1999. (Tradução do Russo de Ermelinda Prestes)	Brasileira/Russa	1
DAVÍDOV, V. V. Acerca do conceito de educação desenvolvimental . n.1, 1995. (Tradução do Russo de Ermelinda Prestes)	Brasileira/Russa	1
DAVYDOV, V.V., SLOBODCHIKOV, V. I., & TSUKERMAN G. A. O aluno das séries iniciais do ensino fundamental como sujeito da atividade de estudo. Ensino Em Re-Vista , v.21, n.1, p.101-110, jan./jun. 2014.	Brasileira	1
DAHRENDORF, R. O conflito social moderno : um ensaio sobre a política da liberdade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.	Brasileira	1
DALBEN, A.; ALMEIDA, L. C. Para uma avaliação de larga escala multidimensional. Estudos em Avaliação Educacional , São Paulo, v. 26, n. 61, p. 12-28, jan./abr. 2015.	Brasileira	1
DAL RI, N. M. Educação democrática e trabalho associado no contexto político-econômico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra . 2004. 315f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. 2004.	Brasileira	1
DAL RI, N. M.; VIEITEZ, C. G. A educação do movimento dos sem-terra. Revista Brasileira de Educação . Rio de Janeiro, n. 26, mai./ago., p. 44-57, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a03 .	Brasileira	1
DE ANDRADE, O. Manifesto Antropófago . Ano 1, 1928, consultada em 357241032-Manifesto-antropofago-Oswald-De-Andrade-pdf.pdf	Brasileira	1
DE CARLO, M.M.R.P. Se essa casa fosse nossa... instituições e processos de imaginação na educação especial. São Paulo: Plexus, 2001.	Brasileira	1
DELIGNY, F. Os vagabundos eficazes : operários, artistas, revolucionários, educadores. São Paulo: N-1 Edições, 2018.	Brasileira	1
DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, A. Significância clínica e mudança confiável na avaliação de intervenções psicológicas. Psicologia: teoria e pesquisa , v. 24, n. 4, p. 497-505, 2008.	Brasileira	1
DEMARTINI, Z. B.; ANTUNES, F. F. Magistério primário : profissão feminina, carreira masculina. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 86, pp. 5-14, ago., 1996.	Brasileira	1
DEMO, P. A nova LDB : ranços e avanços. 3. ed. Campinas-SP: Papirus, 1997.	Brasileira	1
DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais . São Paulo: Atlas, 1981.	Brasileira	1
DELVAL, J. Aspectos de la construcción del conocimiento sobre la sociedad. Educación em revista . Curitiba: Editora da UFPR, n. 30, p.45-64, 2007.	Brasileira	1
DORIA, A. de S. Como se ensina . São Paulo: Monteiro Lobato e C. Editores, 1923.	Brasileira	1
DORIA, A. Como se aprende a língua – curso complementar. 4. ed. São Paulo: Monteiro Lobato e C. Editores, 1923.	Brasileira	1
DOURADO, L. F. Reforma do Estado e as políticas para a educação superior no Brasil dos anos 90. Educação & Sociedade. Revista de Ciência da Educação . Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas (SP): CEDES, v. 23, n. 80, set. 2002.	Brasileira	1
DRABACH, N. P.; MOUSQUER, M. E. L. Dos primeiros escritos sobre administração escolar no Brasil aos escritos sobre gestão escolar: mudanças e continuidades. Currículo sem Fronteiras , [S.l.], v. 9, n. 2, p. 258-285, jul./dez. 2009	Brasileira	1
DRAIBE, S. M. As políticas sociais e o neoliberalismo : reflexões suscitadas pelas experiências latino-americanas. Revista USP, vol. 17, 1993, p. 86-101.	Brasileira	1
DRAIBE, S. M.; AURELIANO, L. A especificidade do “Welfare State” brasileiro. In: MPAS/CEPAL. A política social em tempo de crise : articulação institucional e descentralização. Brasília: MPAS/CEPAL, 1989.	Brasileira	1
DUARTE, C. L. Direitos das mulheres e injustiça dos homens . Nísia Floresta Brasileira Augusta (Tradução livre do original Vindication of the Rights of Woman, de Mary Wollstonecraft). São Paulo: Cortez, 1989.	Brasileira	1
DUARTE, N. Vygotsky e o "aprender a aprender" - crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria Vygotskyana. 2ª ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.	Brasileira	1
DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vygotsky e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. Educação & Sociedade - revista quadrimestral da Ciência da Educação. n0. 71, Ano XXI. Campinas: Unicamp, out.2001, p. 79-115	Brasileira	1
DUARTE, R. Cinema & Educação . Belo Horizonte: Autêntica, 2002.	Brasileira	1

DUBNER, D. O Poder da Dança Circular : terapêutico & integrativo. Editora Ottoni, São Paulo, 2015.	Brasileira	1
ÉBOLI, T. Uma Experiência de Educação Integral . Rio de Janeiro: Faperj, 1983.	Brasileira	1
ELHAMMOUNI, M. O paradigma de pesquisa histórico-cultural de Vygotsky: a luta por uma nova psicologia. In: BARBOSA, M. V. ; MILLER, S. & MELLO, S. A. (org.). Teoria histórico-cultural : questões fundamentais para a educação escolar. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.	Brasileira	1
ELIAS, N. Sobre o tempo . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.	Brasileira	1
ELLIS, A. W. Leitura, escrita e dislexia : uma análise cognitiva. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.	Brasileira	1
EMIR, S.; GENTILI, P. G. (Org.). Pós-neoliberalismo : As políticas sociais e o Estado democrático. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.	Brasileira	1
ENESCO, I. A representação do mundo social na infância. IN: Encontro Nacional de Professores do PROEPRE , 12. 1996, Águas de Lindóia: Construtivismo e Educação. Campinas: FE/ UNICAMP, 1996. p. 109 e 122.	Brasileira	1
ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: MARX, K.; ENGELS, F. Textos 1 . São Paulo: Edições Sociais, 1975.	Brasileira	1
EPICURO. Carta sobre a felicidade . São Paulo: Unesp, 1997	Brasileira	1
ESPING-ANDERSEN, G. As três economias políticas do Welfare State. Lua Nova, Cedec , n. 24, set. 1991, p. 85-116.	Brasileira	1
ESPING-ANDERSEN, G. O futuro do Welfare State na nova ordem mundial. Lua Nova, Cedec , n. 35, 1995, p. 73-110.	Brasileira	1
FACCI, M. G.; TULESKI, S. C.; BARROCO, S. M. S. Escola de Vigotski : Contribuições para a Psicologia e a Educação. Maringá: EDUEM, 2009.	Brasileira	1
FALEIROS, V. P. Política social do Estado capitalista : as funções da previdência e assistência sociais. São Paulo: Cortez, 1995.	Brasileira	1
FALK, J. (Org.). Educar os três primeiros anos : a experiência de lóczy. Tradução de Suely Amaral Mello. Araraquara: JM Editora, 2004.	Brasileira	1
FARACO, C. A. Linguagem & Diálogo . As idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.	Brasileira	1
FARACO, C. A. Linguagem e diálogo : as ideias lingüísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola educacional, 2009.	Brasileira	1
FARACO, C.A. TEZZA, C.; CASTRO, G. Diálogos com Bakhtin . Curitiba: UFPR Editora, 2007.	Brasileira	1
FARIA, A. L. G. de; MELLO, S. A. (Orgs.). Territórios da Infância : linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas. Araraquara, SP.: Junqueira&Marin, 2007.	Brasileira	1
FARIA FILHO, L. M. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de.; VEIGA, C. 500 anos de educação no Brasil . V. 3.ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 135-150.	Brasileira	1
FARIA FILHO, L. M. VIDAL, D. G. GONÇALVES, I. A. PAULILO, A. L. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na História da Educação brasileira. São Paulo, Educação e Pesquisa , n.29, v. 1, p.139-160, 2004.	Brasileira	1
FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. Revista Brasileira de Educação , Rio de Janeiro, n. 14, p. 19-34, 2000.	Brasileira	1
FARIA, M. A. Como usar a literatura infantil na sala de aula . São Paulo: Contexto, 2008.	Brasileira	1
FAZENDA, I. (Org.) Novos enfoques da pesquisa educacional . São Paulo: Cortez, 1992.	Brasileira	1
FELÍCIO, H. M. S. A instituição formal e a não-formal na construção do currículo de uma escola de tempo integral. Educação em Revista , Belo Horizonte, v. 27, n. 03, p.163-182, dez. 2011.	Brasileira	1
FERNANDES, F. A revolução burguesa no Brasil : ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006, p. 31-48.	Brasileira	1
FERNANDES, S. Letramentos bilíngues de estudantes surdos no ensino superior. Educação E Filosofia , v. 36, n. 76, 2022. https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/60476	Brasileira	1
FERNANDES, S. et al. Libras no Museu: acesso à cultura, história e memória para os surdos. Revista Espaço , n. 54, 2020. https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/685 .	Brasileira	1
FERNANDES, S. Práticas de letramentos bilíngues para surdos : diretrizes teórico metodológicas para o ensino de português como segunda língua. (2022)	Brasileira	1

FERREIRA, J.R. Políticas Públicas e a Universidade : uma avaliação dos 10 anos da Declaração de Salamanca. In: OMOTE, S. (org.) <i>Inclusão: intenção e realidade</i> . Marília: Fundepe publicações, 2004.	Brasileira	1
FERREIRA, J.R. A Nova LDB e as necessidades educativas especiais. Cadernos CEDES nº 46. Campinas: UNICAMP, set 1998.	Brasileira	1
FERREIRO, E. Alfabetização em processo . 5ª ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989 (Coleção Educação Contemporânea).	Brasileira	1
FERREIRO, E.. Reflexões sobre alfabetização . Tradução de Horacio Gonzales. São Paulo: Cortez, 1985.	Brasileira	1
FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita . Trad. D. M. Lichtenstein e outros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.	Brasileira	1
FONSÊCA, P. N. et al. Engajamento escolar: explicação a partir dos valores humanos. Psicologia Escolar e Educacional , v. 20, n. 3, p. 611-620, set – dez 2016.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. A coragem da verdade . São Paulo: Martins Fontes, 2012.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. A ordem do discurso . Aula inaugural no Collège d'e France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. Edições Loyola, 1996.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. A verdade e o poder. In: FOUCAULT, M. Microfísica do poder . Rio de Janeiro: Graal, 1997, pp. 01-14.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: Ditos e Escritos . v.4. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.203-22.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. História da sexualidade. In: A vontade de saber . Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. Introdução à vida não fascista. In: FOUCAULT, M. Por uma vida não fascista . São Paulo: Sabotagem, 2004, p. 04-08.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. Os Anormais : curso no Collège de France (1974-1975). 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, M. Microfísica do poder . 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. Outros espaços. In: Ditos e Escritos III. Estética : Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. Segurança, território e população . São Paulo: Martins Fontes, 2007.	Brasileira	1
FOUCAULT, M. Vigiar e Punir : história da violência nas prisões. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.	Brasileira	1
FORQUIN, J.C. Escola e Cultura : as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.	Brasileira	1
FRADE, I. C. A. da S.; MACIEL, F. I. P. (Orgs.). História da Alfabetização : produção, difusão e produção de livros (MG/RS/MT- Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: Sografe, 2006.	Brasileira	1
FRANCO, M. L. P. B. Porque o conflito entre tendências metodológicas não é falso. Cadernos de Pesquisa . São Paulo, n.66, p. 75-80, ago., 1988.	Brasileira	1
FRANCO, M. A. C. Estudos comparados em educação na América Latina: uma discussão teórico-metodológica a partir da questão do outro. In: BERTUSSI, T. G.; PUIGGRÓS, A.; FRANCO, M. A. C. Estudos comparados e educação na América Latina . São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1992, p. 13-35.	Brasileira	1
FRASER, N. Políticas feministas na era do reconhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. (Org.). Gênero, democracia e sociedade brasileira . São Paulo: Ed. 34, 2002.	Brasileira	1
FREIRE, P. Conscientização e alfabetização : uma nova visão do processo. Estudos Universitários, Recife, n. 4, pp. 5-24, abr./jun, 1963.	Brasileira	1
FREIRE, P. Educação como prática da liberdade . 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.	Brasileira	1
FREITAG, B. (org.) Piaget 100 anos . São Paulo: Cortez, 1997.	Brasileira	1
FREITAS, JOBIM e SOUZA, KRAMER. (org.) Ciências Humanas e pesquisa . Leituras de M Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.	Brasileira	1
FREITAS, L. C. A Reforma empresarial da educação – nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2017.	Brasileira	1
FREUD, S. O mal-estar na civilização . São Paulo, Cia. Das Letras, 2015.	Brasileira	1
FRIEDMAN, M. Capitalismo e liberdade . São Paulo: Nova Cultural, 1985.	Brasileira	1
GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; FONSECA, A. M. e CARLINI, E. A. V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27	Brasileira	1

Capitais Brasileiras. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID . 2005.		
GALINDO, D. C. G.; Silva, F. H. M. da, & Lemos, F. C. S. (2021). Feminismos ciborgues em uma cama de gato, ciência e saberes coletivos universitários de mulheres. Pesquisas e Práticas Psicossociais , 16(3), 1-14.	Brasileira	1
GALINDO, D.; CAZEIRO, F. & de SOUZA, L. & SERRA, A. LGBTs e gênero banidos? Notas genealógicas sobre projetos de lei no Brasil. Psicologia em Estudo , n. 2, v. 22, p. 253-264, 2017	Brasileira	1
GALINDO, D. C. G., RODRIGUES, R. V. MOURA, M., & COUTO, W. E. do. Às amadoras e amantes das ciências. Revista Polis E Psique , 12(2), 2022, 168–184.	Brasileira	1
GALLO, S.; FIGUEIREDO, G. M. Entre a maioria e a minoria: as regiões de fronteira no cotidiano escolar Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação , Vitória da Conquista, n. 14 p. 25-51. 2015.	Brasileira	1
GAMBOA, S. S. Pesquisa em educação . Métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007.	Brasileira	1
GARCIA, V. G.; MAIA, A. G. Características da participação das pessoas com deficiência e/ou limitação funcional no mercado de trabalho brasileiro. Revista Brasileira de Estudos de População , São Paulo, v. 31, n. 2, p. 395-418, 2014.	Brasileira	1
GARAUDY, R. Dançar a vida . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.	Brasileira	1
GARRIDO, J.; MOYSES, M. A. A. Um panorama nacional dos estudos sobre a medicalização da aprendizagem de crianças em idade escolar. In: CRPP; GIQE. (Org.). Medicalização de crianças e adolescentes : conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, v. 1, p. 289-298.	Brasileira	1
GEGE, Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da Metodologia Bakhtiniana. Cadernos IV . São Carlos: Pedro e João Editores, 2012, 170p.	Brasileira	1
GENTILI, P. A falsificação do consenso : simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.	Brasileira	1
GENTILI, P., FRIGOTTO, G. A cidadania negada - políticas de exclusão na educação e no trabalho. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.	Brasileira	1
GENTILI, P. (org.) Pedagogia da Exclusão - crítica ao neoliberalismo em educação. 11ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.	Brasileira	1
GERALDI, J. W. Portos de passagem . São Paulo: Martins Fontes, 1991.	Brasileira	1
GERALDI, J. W. (Org.) O texto na sala de aula : leitura & produção. Cascavel/PR: ASSOESTE, 1984	Brasileira	1
GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D. PEREIRA, E.M. de A (orgs). Cartografias do trabalho docente . São Paulo: Mercado de Letras: ALB, 2003.	Brasileira	1
GERBER, A. Problemas de aprendizagem relacionados a linguagem : sua natureza e tratamentos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	Brasileira	1
GEWIRTZ, S.; BALL, S. J. Do modelo de gestão do “Bem-Estar Social” ao “novo gerencialismo”: mudanças discursivas sobre gestão escolar no mercado educacional. In: BALL, S. J.; MAINARDES, J. (orgs.). Políticas educacionais : questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011, p. 193-221.	Brasileira	1
GHIRALDELLI JR. P. A Primeira República. In GHIRALDELLI JR. P. História da Educação . 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994. p. 15-29.	Brasileira	1
GHIRALDELLI JR. P. A Segunda República. In GHIRALDELLI JR. P. História da Educação . 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994. p. 37-47.	Brasileira	1
GIESBRECHT, R. M. Sud Mennucci : memórias de Piracicaba, Porto Ferreira, São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998. 165 p.	Brasileira	1
GINZBURG, C. Mitos emblemas sinais : morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 281 p.	Brasileira	1
GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: Mitos, emblemas, sinais : Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.	Brasileira	1
GIL, J. Caos e ritmo . Lisboa: Relógio D’água Editores, 2018..	Brasileira	1
GIL, J. Corpo paradoxal. In: LINS, D.; GADELHA, S. Nietzsche e Deleuze : o que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 131-148.	Brasileira	1
GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social . São Paulo: Atlas, 1987.	Brasileira	1
GIL, A. C. Projetos de pesquisa . São Paulo: Atlas, 1989.	Brasileira	1
GIMENO, J. Currículo : uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.	Brasileira	1
GIMENO SACRISTÁN, J. O aluno como invenção . Porto Alegre: Artmed, 2005.	Brasileira	1
GIMENO SACRISTÁN, J. Saberes e incertezas sobre o currículo . Porto Alegre: Penso, 2012.	Brasileira	1

GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.	Brasileira	1
GIROTO, C. R. M.; ARAUJO, L. A.; VITTA, F. C. Discursivização sobre -doenças do não aprender- no contexto educacional inclusivo: o que dizem os professores de Educação Infantil?. REVISTA IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO , v. 14, p. 807-825, 2019.	Brasileira	1
GIROTO, C.; SOUZA, R. (org.) Literatura e educação infantil: para ler, contar e encantar. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016. – Série Literatura, leitura e Educação Infantil.	Brasileira	1
GIROUX, H.A. Os professores como intelectuais - rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artemed Editora, 1997.	Brasileira	1
GÖDKE, F. A inclusão excludente dos trabalhadores com deficiência nos processos produtivos industriais. 2010. 173 f. Tese (Doutorado em Educação)-Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.	Brasileira	1
GODINHO, T.; RISTOFF, D.; FONTES, A.; XAVIER, I. de M.; SAMPAIO, C. E. M. (Orgs.). Trajetória da Mulher na Educação Brasileira, 1996-2003. Brasília: INEP, 2005.	Brasileira	1
GOES, M.C.R. e LAPLANE, A.L.F. (orgs.) Políticas e práticas de Educação Inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2004.	Brasileira	1
GOHN, M. G. Educação não formal e cultura política. São Paulo: Cortez, 2005.	Brasileira	1
GOHN, M. G. Educação não formal nas instituições sociais. Revista Pedagógica , Chapecó, v. 18, n. 39, set./dez. 2016.	Brasileira	1
GOHN, M. G. Movimentos Sociais na contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação , v. 16, n. 47, maio/ago 2011, p. 333-361.	Brasileira	1
GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.	Brasileira	1
GOROSTIAGA, J. M.; TELLO, C. G. Globalización y reforma educativa em América Latina: un análisis inter-textual. Revista Brasileira de Educação , v. 16, n. 47, maio/ago 2011, p. 363-388.	Brasileira	1
GOUVEIA, M. C. S. Tempos de aprender: a produção histórica da idade escolar. Revista Brasileira de História da Educação , São Paulo: n. 8, p.159-180, jul./dez., 2004.	Brasileira	1
GOMES, C. A. A perspectiva comparada em educação: fator de imposição cultural? Forum Educacional , Rio de Janeiro (RJ), v. 13, n. 1-2, p. 26-45, Fev/Maio, 1989.	Brasileira	1
GOMES, M. de O. Em busca das identidades profissionais de educadoras de crianças pequenas. In: Formação de professores na Educação Infantil. São Paulo: Cortez, 2009. p. 42-57.	Brasileira	1
GOMES, W. B. Aplicações sociais da pesquisa qualitativa. Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre, UFRGS, v.2, n.1, p.3 - 12, 1987.	Brasileira	1
GOMES, W. B. As contribuições e possibilidades dos dados de entrevista na teorização em psicologia In: II SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO , 2, Gramado, 1989. Anais... ANPEPP, Gramado, 1989. p.301-306.	Brasileira	1
GOMES, W. B. O Critério metodológico da fenomenologia estrutural na análise de depoimentos. Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre, UFRGS, v.4, n.1, p.98 - 102, 1988.	Brasileira	1
GOMES, W. B., OLIVEIRA, V. Z. Fenomenologia e pesquisa em psicologia. In: Fenomenologia e pesquisa em psicologia. 1 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998	Brasileira	1
GOMIDE, P. I. C. e PINSKY, I. A influência da mídia e o uso das drogas na adolescência. In Ilana PINSKY, I.; BESSA, M. A. (Orgs.). Adolescência e drogas. São Paulo: Editora Contexto. 2004. p.54-67.	Brasileira	1
GONZÁLEZ, J.A.T. Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: ArtMed, 2002.	Brasileira	1
GOODSON, I. Currículo: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.	Brasileira	1
GRAMSCI, A. Caderno 12 (1932): Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: Cadernos do cárcere. V. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Trad. C. N. Coutinho. 2. ed. Civilização Brasileira; Rio de Janeiro, 2001. p. 13-53.	Brasileira	1
GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere. Vol. 2. trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio e Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.	Brasileira	1
GRAMSCI, A. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1978.	Brasileira	1

GRÉGOIRE, J., PIÉPARTI, B. Avaliação dos problemas de leitura : os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	Brasileira	1
GRESSLER, L. A. Introdução à pesquisa . Projetos e relatórios. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.	Brasileira	1
GROS, D. B. Institutos liberais, neoliberalismo e políticas públicas na Nova República. Revista Brasileira de Ciências Sociais , vol. 19, n. 54, 2004, p. 143-160.	Brasileira	1
GUARÁ, I. M. F. R. Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola. Em Aberto , v. 22, n. 80, abr. 2009.	Brasileira	1
GUHUR, D. M. P.; SILVA, I. M. de S. e. As políticas sociais neoliberais no quadro da mundialização do capital: um “movimento em busca dos anéis sacrificados no passado para salvar os dedos”. Revista HISTEDBR On-line , Campinas, SP, v. 9, n. 35, p. 76–95, 2012.	Brasileira	1
GUHUR, D.; LIMA, A.; TONÁ, N.; NOMA, A. Reflexões sobre a educação profissional em Agroecologia no MST: desafios dos cursos técnicos do Paraná. In: RODRIGUES, F. C.; NOVAES, H. T.; BATISTA, E. (org.). Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do capital . 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015. p. 99-125	Brasileira	1
GUIMARÃES, J. L. Alguns impactos do Fundef: apontamentos e incertezas após a sua implantação. In: MARTINS, A. M. et al. Descentralização do Estado e municipalização do ensino : problemas e perspectivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 193-210.	Brasileira	1
GUIMARÃES, J.L. O financiamento da Educação Infantil: quem paga a conta?. In: MACHADO, M. L. de A. (Org.). Encontros e desencontros em Educação Infantil . 2ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 43-56.	Brasileira	1
GUIMARÃES, T. As idéias infantis a respeito da escola e do professor: um estudo comparativo acerca da construção do conhecimento social em ambientes sócio-morais construtivistas e ambientes tradicionais . Iniciação Científica - Relatório Final de Pesquisa, FAPESP, 2007.	Brasileira	1
GURGEL, C.; JUSTHEN, A. Controle social e políticas públicas: a experiência dos Conselhos Gestores. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro 47(2):357-378, mar./abr. 2013, p. 357-378.	Brasileira	1
GUY, B. Theorising the State and Globalisation in Education Politics and Policy. Práxis Educativa , Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 315-332, jul./dez. 2014, p. 315-332.	Brasileira	1
HAGUETTE, T. M. F. Metodologias qualitativas na sociologia . 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.	Brasileira	1
HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos PAGU , Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.	Brasileira	1
HARDT, M. & NEGRI, A. Multidão . Rio de Janeiro. Record. 2005.	Brasileira	1
HARVEY, D. A produção capitalista do espaço . São Paulo: Annablume, 2005. (pdf)	Brasileira	1
HARVEY, D. Condição pós-moderna . São Paulo: Loyola, 2005.	Brasileira	1
HAYEK, F. A. V. O caminho da servidão . Porto Alegre: Globo, 1977.	Brasileira	1
HENRIQUES, F. Lugares à venda: a construção de um processo visual a partir das marcas-território. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5315 .	Brasileira	1
HILSDORF, M. L. As reformas pombalinas. In: HILSDORF, M. L. História da Educação Brasileira : leituras. São Paulo: Thomson, 2003. p. 13-24.	Brasileira	1
HILSDORF, M. L. S. Lourenço Filho em Piracicaba. In: SOUZA, C. P. de (Org.). História da Educação : processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, 1998. p. 95-113.	Brasileira	1
HILSDORF, M. L. S. O aparecimento da escola moderna . São Paulo: Autêntica, 2006.	Brasileira	1
HOBBSAWM, E.; HILL, C.; ANDERSON, P.; THOMPSON, E. P.; SCOTT, J. W. Produção historiográfica: desafios e conjecturas: agendas para uma história alternativa. História e Perspectivas . Uberlândia (1): p. 207-234, jan./junho de 2014.	Brasileira	1
HÖFLING, E. M. “Estado e Políticas (Públicas) Sociais”. Cadernos Cedes , ano XXI, nº 55, novembro/2001, p. 30-41.	Brasileira	1
HOWLETT, M.; RAMESH, M.; PERL, A. Política Pública – seus ciclos e subsistemas: uma abordagem integral. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.	Brasileira	1
HUME, D. Tratado da natureza humana . São Paulo, Editora Unesp, 2001.	Brasileira	1

IANNI, O. Estado e capitalismo . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.	Brasileira	1
IASI, M. Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais. In: DEL ROIO, M. (org.) Marx e a dialética da sociedade civil . Marília, São Paulo: Oficina Universitária, Cultura Acadêmica, 2014.	Brasileira	1
INHELDER, B.; BOVET, M.; SINCLAIR, H. Aprendizagem e estrutura do conhecimento . São Paulo, Saraiva, 1977.	Brasileira	1
JAKUBINSKI, L. Sobre a fala dialogal . Ed. Sériot e Ivanova. São Paulo: Parábola.	Brasileira	1
JANNUZZI, G.M. A educação do deficiente no Brasil : dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.	Brasileira	1
JOHNSON, D.J., MYKLEBUST, H. Distúrbios da Aprendizagem . São Paulo: Editora da USP, 1983.	Brasileira	1
JUNG, C.G. A dinâmica do inconsciente . Petrópolis: Vozes, 1984.	Brasileira	1
JUNG, C.G. Símbolos da transformação . 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.	Brasileira	1
JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário: normatividade em ação. Revista Retratos da Escola , Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013.	Brasileira	1
KAMENSKY, A. P. S. (Org.). Circularidades : Danças Circulares e diversidades culturais: Educação para uma cultura de paz. São Paulo: Pontocom, 2016.	Brasileira	1
KANT, I. Sobre a pedagogia . Piracicaba: Unimep, 1996.	Brasileira	1
KANT, I. Tratado de Pedagogia . Piracicaba: UNIMEP, 1999.	Brasileira	1
KASSAR, M.C.M. Deficiência múltipla e educação no Brasil - discurso e silêncio na História de Sujeitos. Campinas: Autores Associados, 1999.	Brasileira	1
KERSTENETZKY, C. L. Notas sobre as tendências recentes do “Welfare State” e possíveis lições para o Brasil. CEDE – Centro de Estudos sobre Desigualdade e Desenvolvimento, Texto para Discussão n. 77, maio 2013.	Brasileira	1
KLEIN, A. M.; TORRES, J. C. Mudança social, juventude na política e educação em direitos humanos. In: ALBUQUERQUE, P. P. PIRES, T. V. Sociologia da educação : pensamentos inquietos. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018, p. 179-189.	Brasileira	1
KLOKE, N. Dançar para reconectar : uma introdução ao método Harmony. São Paulo: Academy for Movement & Awareness, 2021.	Brasileira	1
KNÖPKER, M. S. Eu não consigo “dar aulas”!: Discursos sobre disciplina na produção acadêmica contemporânea da área da educação. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.	Brasileira	1
KOPNIN, P. V. A dialética como lógica e teoria do conhecimento . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.	Brasileira	1
KOSIK, K. Dialética do Concreto . Tradução Célia Neves e Alderico Toríbio. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.	Brasileira	1
KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa , n. 116, p. 41-59, jul. 2002.	Brasileira	1
KRAMER, S. ; LEITE, M. I. F. P. Infância : fios e desafios da pesquisa. 7.ed. Campinas: Papirus, 2003.	Brasileira	1
KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo . São Paulo, Companhia das Letras, 2019.	Brasileira	1
KUENZER, A. Z. Trabalho e escola: a flexibilização do Ensino Médio no contexto da acumulação flexível. Educação & Sociedade (Impresso), v. 38, p. 331-354, 2017.	Brasileira	1
KUHLMANN JR. M. As grandes festas didáticas : a educação brasileira e as exposições internacionais, 1862-1922. Bragança Paulista-SP: Editora da Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).	Brasileira	1
KUHLMANN JR, M. Educação na infância: história e pedagogia. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). Formação de Educadores : artes e técnicas - ciências e políticas. São Paulo: Editora Unesp, 2006. p. 399- 407.	Brasileira	1
KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas . São Paulo: Perspectiva, 2000.	Brasileira	1
LANTER, A. P. A política de formação do profissional de Educação Infantil: os anos 90 e as diretrizes do MEC diante da questão. In: KRAMER, S. et al. (Orgs.). Infância e Educação Infantil . 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. p. 131-156.	Brasileira	1
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. Fundamentos de metodologia científica . São Paulo: Atlas, 1985. p. 120-129.	Brasileira	1
LA TAILLE, Y. Construção da consciência moral . [20--?]. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/225/1/01d11t03.pdf .	Brasileira	1

LA TAILLE, Y. de. Cultura do “respeito de si”. In: LA TAILLE, Y de. Formação ética : do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 223-310.	Brasileira	1
LA TAILLE, Y. de Desenvolvimento do Juízo Moral e Afetividade na Teoria de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Y DE. Piaget, Vygotsky e Wallon : teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992 – pp. 47-73.	Brasileira	1
LA TAILLE, Y. Formação ética . Porto Alegre: Artmed. 2009.	Brasileira	1
LA TAILLE, Y. Moral e ética : dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed. 2006.	Brasileira	1
LARANJEIRA, R.; PINSKY, I.; ZALESKI, M. e CAETANO, R. I. Levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira . Brasília: SENAD. 2007.	Brasileira	1
LÁZARO HERRERO, L. El modelo de jornada escolar en España: panacea educativa o reivindicación sectorial? Educación em Revista , Marília, v.18, Edição Especial, p. 07-22, 2017.	Brasileira	1
LEHER, R. Autoritarismo contra a universidade : o desafio de popularizar a defesa da educação pública. 1. ed. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019. v. 1. 232p	Brasileira	1
LEIBNIZ, G. Ensaio de Teodiceia . São Paulo, Estação Liberdade, 2017.	Brasileira	1
LECOURS, A. R., PARENTE, M.A. Dislexia : implicações do sistema de escrita do português. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	Brasileira	1
LEITE, L. Q. Entrevista: Reflexões de um reformador contemporâneo do Estado brasileiro: entrevista com Luiz Carlos Bresser Pereira. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro 48(4):1051-1070, jul./ago. 2014, p. 1051-1070.	Brasileira	1
LEITE, M. L. M. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, M. C. de (Org.). História Social da Infância no Brasil . 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 19-52.	Brasileira	1
LEITE, V. A captura das crianças e dos adolescentes: refletindo sobre controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade nas políticas de educação. Série-Estudos , Campo Grande, MS, v. 24, n. 52, p. 11-30, set./dez, 2019.	Brasileira	1
LEONTIEV, A. N. Actividade, consciencia y personalidad . Buenos Aires: Ciencias Del Hombre, 1978.	Brasileira	1
LÉVY, P. Cibercultura . 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.	Brasileira	1
LIMA, E. A. de. et al. Práticas educativas na Educação Infantil: a busca da profissionalidade. In: CHAVES, M. (Org.). Intervenções Pedagógicas e Educação Infantil . Maringá: Eduem, 2012. p. 93-106. (Coleção formação de professores EAD, n. 56)	Brasileira	1
LIMA, E. A. de. Trabalho pedagógico na Educação Infantil: em busca da atitude ativa de professores e crianças In: MENDONÇA, S. G. de L.; PENITENTE, L. A. A.; MILLER, S. (Orgs.). A questão do método e a Teoria Histórico-Cultural : bases teóricas e implicações pedagógicas. Marília, SP; São Paulo, SP.: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2017. p. 113-129.	Brasileira	1
LIMA, L. C. A escola como organização educativa . São Paulo: Cortez, 2001.	Brasileira	1
LIMA, E.A Infância e Teoria Histórico-Cultural : (Des) Encontros da Teoria e da Prática. 2005. Tese (Doutorado em Ensino na Educação Brasileira). Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2005.	Brasileira	1
LIMA, M. P.; TAVARES, N. V.; BRITO, M. J.; CAPPELLE, M. C. A. O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. Revista de Administração Mackenzie , São Paulo, v. 14, n. 2, p. 42-68, 2013.	Brasileira	1
LOBATO, B. C. Pessoas com deficiência no mercado de trabalho : implicações da Lei de Cotas. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)-Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.	Brasileira	1
LOCKE, J. Ensaio acerca do entendimento humano . São Paulo, Nova Cultural, 1999.	Brasileira	1
LOFIEGO, J.L. Disgrafia : Avaliação fonoaudiológica. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1995.	Brasileira	1
LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Orgs.) 500 anos de educação no Brasil . Belo Horizonte: Autêntica, 2000.	Brasileira	1
LOPES, M. C. A inclusão como ficção moderna, Revista de Pedagogia , UNOESC, v.3., n. 6, p. 7-20, 2004.	Brasileira	1
LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Acima de tudo que a escola nos ensine. Em defesa da escola de surdos. TD-Educação Temática Digital , Campinas, v.19, n.4, p. 691-704, out./dez. 2017.	Brasileira	1

LOPES, R. P. Pedagogia e Emancipação Humana . São Paulo: Editora Olho d água, 2000.	Brasileira	1
LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstron. Educação comparada. 3. Ed., Brasília: MEC/INEP, 2004.	Brasileira	1
LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação : uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.	Brasileira	1
LOURO, G. L. et al. (Org.). O corpo educado : Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.	Brasileira	1
LUEDEMANN, C. S. Anton Makarenko – Vida e obra – a pedagogia na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002. 432 p. (2002a)	Brasileira	1
LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A pesquisa educacional : abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.	Brasileira	1
LUGLI, R. S.G. O trabalho docente no Brasil :o discurso dos Centros Regionais de Pesquisa Educacional e das entidades representativas do magistério (1950-1971). São Paulo, 2002. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, USP.	Brasileira	1
LUGLI, R. S.G. Um estudo sobre o CPP e o movimento de organização dos professores (1964-1990) . São Paulo, 1997.Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação - USP.	Brasileira	1
LUIZ, M. C.; SILVA, F. C. da; BENGTON, C. G. Análise do discurso nas pesquisas em educação: perspectivas foucaultianas (Discourse analysis in education research: foucaultian perspectives). Revista Eletrônica de Educação , [S. l.], v. 13, n. 2, p. 425–437, 2019. DOI: 10.14244/198271993354.	Brasileira	1
LUNA, S. V. de O falso conflito entre tendências metodológicas. Cadernos de Pesquisa . São Paulo, n. 66, p. 70-4, ago., 1988.	Brasileira	1
LUNDY-EKMAN, L. Neurociência : fundamentos para a reabilitação. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara-Koogan, 2000.	Brasileira	1
MACEDO, E. Base Nacional Curricular Comum: a falsa oposição entre conhecimento para fazer algo e conhecimento em si. Educação em Revista , Belo Horizonte, v. 32, n. 2, p. 45 -67, abril/ jun. 2016.	Brasileira	1
MACHADO, G. M. R.; QUADRADO, R. P. Percepções docentes sobre o ensino das relações étnico-raciais através das Danças Circulares. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura E Sociedade , v. 4, e. especial, p. 1-15, 2018.	Brasileira	1
MACHADO, M. L. de A. Desafios iminentes para projetos de formação de profissionais para educação infantil. Cadernos de Pesquisa . n. 110, p. 191-202, julho, 2000.	Brasileira	1
MACIEL, F. I. P.; BAPTISTA, M. C.; MONTEIRO, S. M. (Orgs.). A criança de seis anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos : orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. Belo Horizonte: UFMG/CEALE, 2009.	Brasileira	1
MACIEL, F. I. P.; MONTEIRO, S. M. (Orgs.). A Crianças de seis anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos : orientações para p trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis não de idade. Belo Horizonte: UFMG/CEALE, 2009.	Brasileira	1
MAGALHÃES, J. Escolarização e literacias: os sentidos da alfabetização e a diversidade cultural. In: MORTATTI, M. R. L.; FRADE, I. C. A. S. Alfabetização e seus sentidos : o que sabemos, fazemos e queremos? Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 39-64.	Brasileira	1
MAGNABOSCO, M. B.; SOUZA, L. L. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. Revista Estudos Feministas , Florianópolis, v. 27, n. 2, e56147, 2019.	Brasileira	1
MAGNANI, M. R. M. Em sobressaltos : formação de professora. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.	Brasileira	1
MAINARDES, J. A pesquisa sobre política educacional no Brasil: análise de aspectos teórico-epistemológicos. Educação em Revista . Belo Horizonte: UFMG, n.33, p. 1 – 25, 2017.	Brasileira	1
MAINARDES, J. Reflexões sobre o estudo da política. Laplage em Revista . Sorocaba: UFScar, vol. 4, n. 1, jan./abr. p. 186-2011. 2018.	Brasileira	1
MANCIBO, D. et al. Políticas de expansão da educação superior no Brasil (1995-2010). Revista Brasileira de Educação , v. 20, n. 60, p. 31-50, jan-mar. 2015.	Brasileira	1
MANGUEL, A. Uma história da leitura . São Paulo: Cia das Letras, 1997.	Brasileira	1
MANTOAN, M.T.E.(org.) Pensando e fazendo educação de qualidade . São Paulo: Editora Moderna, 2001.	Brasileira	1

MANTOAN, M.T.E.(org.) Caminhos Pedagógicos da Inclusão - como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras. São Paulo: Memnon, 2001.	Brasileira	1
MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social . Didática: São Paulo, v. 26/27, 1990/1991, p. 149-158.	Brasileira	1
MANZINI, E.J. Formas de raciocínio apresentadas por adolescentes deficientes mentais : um estudo através.de interações verbais. Tese (doutorado). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1995.	Brasileira	1
MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS , 2004, Bauru. Anais. Bauru : USC, 2004. v. 1. p. 12p. 1CD.	Brasileira	1
MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.). Colóquios sobre pesquisa em educação especial . 1 ed. Londrina: Eduel, 2003, v. 1, p. 11-25.	Brasileira	1
MARCELINO, G. F. Em busca da flexibilidade do Estado: o desafio das reformas planejadas no Brasil. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro 37(3), maio/jun. 2003, p. 641-659.	Brasileira	1
MARCHELLI, P. S. Formação de doutores no Brasil e no mundo : algumas comparações. R B P G, v. 2, n. 3, p. 7-29, mar. 2005.	Brasileira	1
MARCUSE, H. Razão e Revolução . Rio de Janeiro, Zahar, 1978.	Brasileira	1
MARE. (Ministério da Administração e Reforma do Estado). Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado . Brasília: Presidência da República, Imprensa Oficial, 1995.	Brasileira	1
MARINHO, C. M. Filosofia e educação no Brasil : da identidade à diferença. São Paulo: Loyola, 2014.	Brasileira	1
MARION, J. L. Algumas regras em História da Filosofia. Educação e Filosofia . Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 199-220, jul/dez 2008. Disponível em: < http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1976/1649 > . Acesso em: 09 jun. 2010. Tradução de Leandro de Araújo Sardeiro.	Brasileira	1
MARQUES, E. As políticas públicas na Ciência Política. In: MARQUES, E.; FARIA, C. A. P. (orgs.) A política pública como campo multidisciplinar . São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013, p. 23-46.	Brasileira	1
MARQUES, L. R. Democracia radical e democracia participativa: contribuições teóricas à análise da democratização na educação. Educação & Sociedade , v. 29, p. 55-78, 2008.	Brasileira	1
MARQUES, L.R. A descentralização da gestão escolar e a formação de uma cultura democrática nas escolas públicas. 2006. 299 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.	Brasileira	1
MARQUEZINE, M.C., ALMEIDA, M.A., OMOTE, S. (org.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial . Londrina: UEL, 2003.	Brasileira	1
MARQUEZINE, M.C. et. al. Inclusão . Londrina: eduel, 2003.	Brasileira	1
MARQUEZINE, M.C; ALMEIDA, M.A.;TANAKA, E.D.O. (orgs.) Capacitação de professores e profissionais para Educação Especial e suas concepções sobre inclusão . Londrina: eduel, 2003.	Brasileira	1
MARTINS, A. M. O processo de municipalização no Estado de São Paulo: um novo desenho da política educacional? In: MARTINS, A. M. et al. Descentralização do Estado e municipalização do ensino : problemas e perspectivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 151-175.	Brasileira	1
MARTINS, L. M. Implicações pedagógicas da escola de vigotski: algumas considerações. In: MENDONÇA, S. G. de L. e MILLER, S. Vigotski e a escola atual : fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2006. p. 49-61.	Brasileira	1
MARTINS, R. A.; MANZATO, A. J.; CRUZ, L. A. N. O uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes. Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais. Org. CASTRO, L. R.; CORREA, J. Bebidas alcoólicas na adolescência . Rio de Janeiro, NAU Editora: FAPERJ. p. 301-326, 2005.	Brasileira	1
MARSIGLIA, A. C. G.; PINA, L. D.; MACHADO, V. O.; LIMA, M. A Base Nacional Comum Curricular: um episódio de esvaziamento da escola no Brasil. Germina: Marxismo e Educação em Debate , Salvador, v. 9, n. 1, p. 107 -121, abr. 2017.	Brasileira	1
MARTINS, M.; PICOSQUE, G. & GUERRA, M. Didática do ensino e arte, a língua do mundo : poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo, FTD, 1998.	Brasileira	1
MARX, K. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. Textos 1 . São Paulo: Edições Sociais, 1975.	Brasileira	1

MARX, K. Crítica ao programa de Gotha. In: MARX, K.; ENGELS, F. Textos 1 . São Paulo: Edições Sociais, 1975. p. 221-243	Brasileira	1
MARX, K. O 18 Brumário de Luís Bonaparte . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.	Brasileira	1
MARX, K.; ENGELS, F. Textos sobre educação e ensino . São Paulo: Moraes, 1983.	Brasileira	1
MASCIOLI, S. A. Z. Brincar: um direito da infância e uma responsabilidade da escola. In: ANGOTTI, M. (Org.). Educação Infantil : para que, para quem e por quê? 2.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. p. 105-116.	Brasileira	1
MASSI, G. A.; SANTANA, A. P.. A (des)construção do conceito de Dislexia : conflito entre verdades. Paidéia (USP. Ribeirão Preto. Impresso), v. 21, p. 403-411, 2011.	Brasileira	1
MATHEUS, D. dos S. O discurso da educação de qualidade nas políticas de currículo / Danielle dos Santos Matheus. 217 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2013.	Brasileira	1
MATOS, O. A melancolia de Ulisses: a dialética do Iluminismo e o canto das sereias. In CARDOSO, S. et. al. Os sentidos da paixão . São Paulo: Cia. Das Letras, 1987, p. 141-157.	Brasileira	1
MATTOS, A. R.; CAVALHEIRO, R. “Da proteção à instrução: mobilizações prático-discursivas em torno da infância nos debates sobre gênero e sexualidade na educação”. Childhood&philosophy , Rio de Janeiro, v. 16, ago., 2020, PP. 01-20.	Brasileira	1
MATTOS, P. No mundo da lua : perguntas e respostas sobre Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.	Brasileira	1
MAURÍCIO, L. V. Ampliação da jornada escolar: configurações próprias para diferentes contextos: Brasil e Europa. Ensaio : avaliação, políticas públicas e educação, Rio de Janeiro, v. 22, n. 85, p. 875-898, out./dez. 2014b.	Brasileira	1
MAURÍCIO, L. V. (org.). Tempos e espaços escolares: experiências, políticas e debates no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Ponteio; FAPERJ, 2014a.	Brasileira	1
MAZIN, A. D.; NOVAES, H. T.; PIRES, J. H.; LOPES, J. A. (Org.). Questão agrária, cooperação e agroecologia . São Paulo: Outras Expressões, 2016. v. 2	Brasileira	1
MAZZOTTA, J.S. Educação Especial no Brasil - história e políticas públicas. São Paulo: Cortez editora, 1996.	Brasileira	1
MELLO, S. A. Linguagem, consciência e alienação : o óbvio como obstáculo ao desenvolvimento da consciência crítica. Marília: UNESP-Marília-Publicações, 2000b.	Brasileira	1
MENDES, E. G.; NUNES, L. R. O. P.; FERREIRA, J. R.; SILVEIRA, L. C. Estado da arte das pesquisas sobre profissionalização do portador de deficiência. Temas em Psicologia da SBP , v. 12, n. 2, 2004, p.105– 118.	Brasileira	1
MENDONÇA, D. de. Pós-estruturalismo e Teoria do discurso . 2ª ed. POA: EdUPUCRS, 2014	Brasileira	1
MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, V. P; MILLER, S. (org.). Marx, Gramsci e Vigotski : aproximações. Araraquara, SP: Junqueira e Marin; Marília, SP: Cultura Acadêmica, 2009.	Brasileira	1
MENEZES, L. C. Universidade sitiada . São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.	Brasileira	1
MEDVIEDEV, P.N. O método formal nos estudos literários : introdução a uma crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2010.	Brasileira	1
MEIHY, J.C.S.B. Manual de História Oral . 2.Ed. São Paulo: Loyola,1998.86p.	Brasileira	1
MELGAREJO, P. M.; MACIEL, L. C. (2016) Infancia y de/colonialidad: autorías y demandas infantiles como subversiones epistémicas Educ. Foco , Juiz de Fora, v. 21, n.2, p.295-332, maio/ago. 2016	Brasileira	1
MELLO, S. L. Prefácio. In: PATTO, M. H. S. (Org.). A produção do fracasso escolar : histórias de submissão e rebeldia. Itatiba, SP: Casa do Psicólogo, 2010, p. 9-13.	Brasileira	1
MENDOZA, B. A epistemologia do sul, a colonialidade de gênero e o feminismo latino-americano. In: BRANDÃO, I; CAVALCANTI, I.; LIMA DA COSTA, C.; LIMA, A. C. Traduções da cultura : perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: UFSC/UFAL, 2017, p. 753-776.	Brasileira	1
MENIN, M.S.S. Escola e educação Moral. In: MONTROYA, A.O.D. Contribuições da psicologia para a educação . Campinas: Mercado das letras, 2007.	Brasileira	1
MERLE, J.-C. & SHUMACHER, B. N. L’amitié . Paris : PUF, 2005.	Francesa	1
MÉSZÁROS, I. A teoria da alienação em Marx . São Paulo: Boitempo, 2006.	Brasileira	1

MÉSZÁROS, I. A educação para além do capital . 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008. (Mundo do Trabalho)	Brasileira	1
MÉSZÁROS, I. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição . São Paulo: Boitempo, Campinas: Editora UNICAMP, 2006.	Brasileira	1
MÉSZÁROS, I. Produção destrutiva e estado capitalista . São Paulo: Ensaio, 1989.	Brasileira	1
MIAGUSKO, E.; JARDIM, F. A. A.; CÔRTEZ, M. Governo, gestão de populações e subjetividades: balanço e perspectivas analíticas. Revista Brasileira de Sociologia , vol 06, n. 12, jan-abr 2018, p. 242-265.	Brasileira	1
MICHEL, M. H. Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais . Um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2005.	Brasileira	1
MIGNOLO, W. Desafios coloniais hoje. Revista Epistemologias do Sul , v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em https://bit.ly/3EjDycT	Brasileira	1
MIGUEL, J. C. Proposta Curricular para o Ensino de Matemática no Ensino Fundamental - SP: um estudo analítico. Marília - SP, UNESP, 1999 (Tese de Doutorado).	Brasileira	1
MIGUEL, J. C. "O método da resolução de problemas: significado e implicações para a prática docente". In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Atuação de professores :	Brasileira	1
MIGUEL, J.C. "A implementação curricular como uma ação cultural da escola". In: Revista de Extensão e Pesquisa em Educação e Saúde . Marília - SP, UNESP - Marília, CEES, v(1), 2003, p. 43 – 59.	Brasileira	1
MILLER, S.; BARBOSA, M. V.; MENDONÇA, S. G. L. (org.). Educação e humanização: as perspectivas da teoria histórico-cultural . Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2014.	Brasileira	1
MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade . 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994a. p. 16-22.	Brasileira	1
MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde . 3. ed. São Paulo . Rio de Janeiro: HUCITEC/ ABRASCO, 1994. 269p.	Brasileira	1
MIOTELLO, V. Discurso da ética e a ética do discurso . São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.	Brasileira	1
MISKOLCI, R. Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças . São Paulo: Autêntica, 2018	Brasileira	1
MOISÉS, J. A. Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira. Revista Brasileira de Ciências Sociais , São Paulo, vol. 23, nº 66, fevereiro/2008, p. 11- 43.	Brasileira	1
MONARCHA, C. As três fontes da pedagogia científica: a psicologia, a sociologia e a biologia. Didática , vol. 28, p. 41-49, 1992.	Brasileira	1
MONEREO, C.; GISBERT, D.D. Tramas . Procedimentos para a aprendizagem cooperativa. Porto Alegre: Artmed, 2005.	Brasileira	1
MONTAÑO, C. Pobreza, “questão social” e seu enfrentamento. Revista Serviço Social & Sociedade , n. 110, 2012, p. 270-287.	Brasileira	1
MONTEIRO, T. Um estudo evolutivo sobre as ideias de crianças e adolescentes a respeito da violência urbana . Iniciação Científica - Relatório Final de Pesquisa, FAPESP, 2007.	Brasileira	1
MORAES, R. C. Neoliberalismo: de onde vem, para onde vai . São Paulo: Editora SENAC, 2001.	Brasileira	1
MORAES, M. O.; QUADROS, L. C. de T.. Ciência no feminino e narrativas de pesquisa: PesquisarCOM e a artesanaria na pesquisa. Pesqui. prát. psicossociais , São João del-Rei , v. 15, n. 3, p. 1-14, set. 2020.	Brasileira	1
MORAIS, A.; BARBOSA, L. M.; BATAGLIA, P. U. R.; MORAIS, M. L. (organizadoras). Aprendizagem cooperativa: fundamentos, pesquisas e experiências educacionais brasileiras . Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021	Brasileira	1
MORAIS, A.M.P. A relação entre a consciência fonológica e as dificuldades de leitura . São Paulo: Vetor, 1997.	Brasileira	1
MORAN, J. M. et al. Novas tecnologias e mediação pedagógica . Campinas: Papirus, 2013.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Notas sobre formação de pesquisadores e produção acadêmica brasileira (sobre alfabetização). In: ASSOLINI, F. E. P.; PIMENTA, L. A.; DORNELAS, C. C.. (Org.). (Entre)laçamentos discursivos: docência e práticas pedagógicas . Curitiba: CRV, 2018, v. 1, p. 15-29.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Cartilhas de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. Cadernos CEDES , n.52, p.41-54, 2000.	Brasileira	1

MORTATTI, M. R. L. Educação e letramento. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?. In: SCHOLZE, L.; RÖSING, T. M. K. Teorias e práticas de letramento . Brasília: INEP, 2007, p.155-167.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. Revista ACOALFAplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa , São Paulo, ano 3, n. 5, 2008	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. Revista Brasileira de Educação , v. 15, p. 329- 341, 2010.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Função social da escola: aspectos históricos e metodológicos da alfabetização. In: CHAVES, M.; SETOGUTI, R. I.; VOLSÍ, M. E. F.. (Orgs.). A função social da escola : das políticas públicas às práticas pedagógicas. Maringá: EDUEM, 2011, p. 35-60.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Um balanço crítico da 'Década da Alfabetização' no Brasil. Cadernos CEDES, v. 33, p. 15-34, 2013.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Em tempos sombrios, a produção acadêmica brasileira sobre alfabetização: avaliação da qualidade e impacto científico e social. Laplage em Revista , v. 4, p. 8-26, 2018.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. O texto na sala de aula: uma revolução conceitual na história do ensino de língua e literatura no Brasil. In: SILVA, L. L. M. ; FERREIRA, N. S. A; MORTATTI, M. R. L. (Org.). O texto na sala de aula: um clássico sobre ensino de língua portuguesa . Campinas: Autores Associados, 2014, p. 5-28.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. 'Essa' Base Nacional Comum Curricular: mais uma tragédia brasileira?. Revista Brasileira de Alfabetização , v. 2, p. 191-2015, 2015.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Os órfãos do construtivismo . Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 11, p. 2267-2286, 2016.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. O 'discurso fundador' de Smolka: alfabetização e produção de conhecimento como processos discursivos. In: GOULART, C.; GONTIJO, C. M. M.; FERREIRA, N. S. A.. (Orgs.). A alfabetização como processo discursivo - 30 anos de 'A criança na fase inicial da escrita'. São Paulo: Cortez, 2017, p. 179-202.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L. Alfabetização, política e democracia: impactos do passado em pactos do presente (Em defesa de Paulo Freire como “Patrono da Educação Brasileira”). Marília/SP, 2018. 21 p. (digitado).	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L.; OLIVEIRA, F. R. ; PASQUINM, E. R. 50 anos de produção acadêmica brasileira sobre alfabetização: avanços, contradições e desafios. Interfaces da Educação , v. 5, p. 06-31, 2014.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L.; FRADE, I. C. A. S. (Orgs.). História do ensino de leitura e escrita: métodos e material didático . São Paulo; Marília: Editora UNESP; Oficina Universitária, 2014.	Brasileira	1
MORTATTI, M. R. L.; BERTOLETTI, E. N. M.; OLIVEIRA, F. R.; MELLO, M. C. O.; TREVISAN, T. A. (Orgs.). Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil . São Paulo: Editora UNESP, 2015.	Brasileira	1
MOSCOVICI, S. A representação social da psicologia . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.	Brasileira	1
MOUFFE, C. Sobre o político . Trad. Fernando Santos. São Paulo: Editoria WMF Martins Fontes, 2015.	Brasileira	1
MOURA, C. A. R. de. História Stultitiae e História Sapientiae. Discurso , [S. l.], n. 17, p. 151-172, 1988. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.1988.37935.	Brasileira	1
MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Princípios da educação no MST . Porto Alegre: MST, 1996.	Brasileira	1
MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Pedagogia do Movimento Sem Terra – Acompanhamento às escolas. Boletim da Educação. Porto Alegre, n. 8, jun., 2001.	Brasileira	1
MOYA, L. F. Danças Circulares Sagradas : a contribuição de Bernhard, Maria Gabriele Wosien e a imagem do corpo-dançante a sobrevivência das Danças Circulares. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC, 2019.	Brasileira	1
MOYSES, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Controle e Medicalização da Infância. Desidades , v. 1, p. 1-5, 2013.	Brasileira	1
MOYSES, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Medicalização do comportamento e da aprendizagem: a nova face do obscurantismo. In: VIÉGAS, L. (Org.).	Brasileira	1

Medicalização da Educação e da Sociedade: ciência ou mito? Salvador: EDUFBA, 2014, v. 1, p. 32-48.		
MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Medicalização: o obscurantismo reinventado. In: COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A.; RIBEIRO, M. (Orgs): Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos . Campinas/SP: Mercado de Letras, 2013. p.41-64.	Brasileira	1
MUSTO, M. Revisitando a concepção de alienação em Marx. In: DEL ROIO, M. (org.) Marx e a dialética da sociedade civil . Marília, São Paulo: Oficina Universitária, Cultura Acadêmica, 2014.	Brasileira	1
NAGLE, J. (Org.). Educação e linguagem . São Paulo: Edart, 1976.	Brasileira	1
NASCIMENTO, L. G. A prática discursiva das contribuições da Escola de Gestores para a gestão escolar democrática. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação da UFPB/CE, 2012.	Brasileira	1
NASCIMENTO, P. H. C. Por uma cartografia da política e gestão educacional no Brasil . Marília: Oficina Universitária: São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. 259 p.	Brasileira	1
NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. Revista Psicologia & Sociedade , Porto Alegre, v. 19, p. 14-20, 2007. Número especial.	Brasileira	1
NETTO, J. P.; BRAZ, M. Economia política – uma introdução. São Paulo: Cortez, 2006.	Brasileira	1
NIETZSCHE, F. Escritos sobre educação . São Paulo: Loyola, 2003.	Brasileira	1
NOGUEIRA, M. A. De Vargas à Nova República : a Administração Pública em busca do tempo perdido. As possibilidades da política: idéias para a reforma democrática do Estado. São Paulo, Paz e Terra, 1998, p. 89-121.	Brasileira	1
NOGUEIRA, M. A.; DI GIOVANNI, G. (Orgs.) Dicionário de políticas públicas . 2ª ed. São Paulo: Editora da Unesp; Fundap, 2015.	Brasileira	1
NOVAES, A. (org.) Vida vício virtude . São Paulo : Senac/Sesc, 2009.	Brasileira	1
NOVAES, H.T.; OKUMURA, J. H. A tragédia educacional brasileira no século XX : diálogos com Florestan Fernandes. Marília: Lutas anticapital, 2020.	Brasileira	1
NOVAES, H. T.; MAZIN, A. D.; SANTOS, L. (org.). Questão agrária, cooperação e agroecologia . São Paulo: Outras Expressões, 2015. v. 1	Brasileira	1
NUNES, C. Centro Educacional Carneiro Ribeiro: concepção e realização de uma experiência de educação integral no Brasil. Em Aberto , Brasília, v. 22, n. 80, p. 121-134, abr. 2009.	Brasileira	1
NUNES, E. A gramática política do Brasil . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 47-65.	Brasileira	1
NUNES, M. F. R. Educação Infantil: instituições, funções e propostas. In: CORSINO, P. (Org.). Educação Infantil : cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção educação contemporânea) p. 33-47.	Brasileira	1
O'DONNELL, G. Anotações para uma teoria do Estado. Revista de Cultura e Política . Rio de Janeiro, v. 3, nov. 1980/jul. 1981, p. 71-93, 1980.	Brasileira	1
OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; FORMOSINHO, J. A formação em contexto: a perspectiva da associação criança. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M. (Org.) Formação em contexto : uma estratégia de integração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 1-40.	Brasileira	1
OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. KISHIMOTO, T. M. (Orgs.). Formação em Contexto : uma estratégia de integração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.	Brasileira	1
OLIVEIRA E SILVA, I.; DA LUZ, I. R.; FARIA FILHO, L. M. Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: primeiras aproximações. In: Revista Brasileira de Educação , vol. 15, núm. 43, janeiro abril, 2010, p. 84-97.	Brasileira	1
OLIVEIRA, A.A.S. de. O conceito de deficiência em discussão: representações sociais de professores especializados. In: Revista Brasileira de Educação Especial . Vol. 10, n.1. Marília: Unesp-Marília- publicações, 2004.	Brasileira	1
OLIVEIRA, A.A.S. e POKER, R.B. Educação Inclusiva e municipalização: a experiência em Educação Especial de Paraguaçu Paulista. In: Revista Brasileira de Educação Especial . v.10, n.1. Marília: ABPEE/FFC - Unesp publicações, 2004.	Brasileira	1
OLIVEIRA A.A.S; LEITE, L. P. Escola Inclusiva e as necessidades educativas especiais. In: MANZINI, E.J. Educação Especial : temas atuais. Marília: Unesp: Marília-Publicações, 2000.	Brasileira	1
OLIVEIRA, C. M. As influências do Banco Mundial na política educacional: o foco na educação e na regulação social. Anais.... Reunião Científica Regional	Brasileira	1

da ANPED: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Governamentais. Curitiba, 24 a 27 de julho de 2016, p. 1-16		
OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. Política educacional como política social: uma nova regulação da pobreza. Perspectiva . Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 279- 301, jul./dez. 2005.	Brasileira	1
OLIVEIRA, J.F. O ensino em São Paulo: algumas reminiscências. São Paulo: Tipografia Siqueira, 1932.	Brasileira	1
OLIVEIRA, S. M. L. A legislação e as políticas nacionais para a educação infantil: avanços, vazios e desvios. In: MACHADO, M. L. de A. (Org.). Encontros e desencontros em Educação Infantil . 2ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 35-42.	Brasileira	1
OLIVEIRA, Z. M. R (Org.). O trabalho do professor na Educação Infantil . São Paulo: Biruta, 2014.	Brasileira	1
OMOTE, S. Deficiência e não-deficiência: recortes do mesmo tecido. Revista Brasileira de Educação Especial , v.1, n.2, p. 65-73, 1994.	Brasileira	1
OMOTE, S. Perspectivas para conceituação de deficiências. Revista Brasileira de Educação Especial , Marília, v.II, n.4, p. 127-136, 1996.	Brasileira	1
OMOTE, S. Normalização, integração, inclusão... Ponto de Vista: revista do curso de Pedagogia - séries iniciais - Habilitação em Educação Especial - Universidade de Santa Catarina. V.1, n.1, 1999.	Brasileira	1
OMOTE, S. (org.) Inclusão: intenção e realidade. Marília: Fundepe, 2004.	Brasileira	1
ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. Ciência & Saúde Coletiva , v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009.	Brasileira	1
ONGARI, B.; MOLINA, P. A Educadora de creche: construindo suas identidades. São Paulo: Cortez Editora, 2003.	Brasileira	1
OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA, E. R. de; MESSINA, V. da S. Deixando Marcas... : A prática do registro no cotidiano da educação infantil. 2. Ed. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.	Brasileira	1
OSTETTO, L. E. (Org.). Encontros e Encantamentos na Educação Infantil . 6.ed. Campinas, SP.: Papirus, 2000.	Brasileira	1
OSTETTO, L. E. Educação Infantil: Saberes e Fazeres da Formação de Professores. Campinas, SP: Papirus, 2008.	Brasileira	1
OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA, E. R. de; MESSINA, V. da S. Deixando Marcas: A prática do registro no cotidiano da educação infantil. 2. ed. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.	Brasileira	1
OSTETTO, L. Para encantar, é preciso encantar-se: Danças Circulares na formação de professores. Cadernos CEDES , v. 30, n. 80, p. 40-55, jan. abr. 2010.	Brasileira	1
PADILHA, A.M.L. Práticas pedagógicas na Educação Especial - a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. Campinas: Autores Associados, 2001.	Brasileira	1
PÁDUA, E. M. M. de. Metodologia da pesquisa . 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. Experiência, transversalidade e deficiência: desafios da arte de viver à educação escolar. Curitiba: Editora CRV, 2018.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. Dez Anos da PNEEPEI: uma análise pela perspectiva da biopolítica. Educação & Realidade , Porto Alegre, v. 44, n. 1, e84849, 2019b. Disponível em: < https://repositorio.unesp.br/handle/11449/183826 >.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. Ingovernável da deficiência, sua radicalidade ontológica e seus devires clandestinos na educação e na filosofia. Revista Interdisciplinar Em Cultura E Sociedade , p. 157-178. https://doi.org/10.18764/2447-6498.v7n2p157-178 , 2021.	Brasileira	1
PAGNI, P. A.; MARTINS, V. R. O. Corpo e expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do ethos surdo. Revista educação especial , Santa Maria, v.32, p.88 -111, 2019.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. Pensar a ética da amizade na escola: a emergência da poética na educação e uma atualização da estética da existência. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação , Brasília, v. 23, n. 2, nov.-dez/ 2014b, p. 364-386.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. Diferença, subjetivação e educação: um olhar outro sobre a inclusão escolar. Pró-Posições (UNICAMP), Campinas, v. 26, n. 1 (76), jan-abr./2015a, p. 87103.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. Do governo ao cuidado da infância na arte pedagógica. In: Haroldo de Resende. (Org.). O governo da Infância . Belo Horizonte: Autêntica, 2015b, p. 305-322.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. Encontros com a Deficiência: de Ensaios da Ficção a Testemunhos Sobre a sua Ética em uma Rede (in) Visível. Revista Diálogos e	Brasileira	1

Perspectivas em Educação Especial , Marília, v. 2, n.2, ago-dez/2015c, p. 89-106.		
PAGNI, P. A. Ética da amizade e deficiência: outras formas de convívio com o devir deficiente na escola. Childhood & Philosophy , v. 12, n. 24, mai-ago/2016a, p. 343-370.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. Pensar, agir...viver uma vida verdadeira: desafios éticos à ação política do intelectual na atualidade. In: HAROLDO DE RESENDE. (Org.). Política - pensamento e ação. Belo Horizonte: Autêntica, 2016b, v. 1, p. 179-198.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. A emergência do discurso da inclusão escolar na biopolítica: uma problematização em busca de um olhar mais radical. Revista Brasileira de Educação , Rio de Janeiro, v. 22, n. 68, jan-mar 2017a, p. 255-272.	Brasileira	1
PAGNI, P. A. Da exclusão a um modelo identitário de inclusão: a deficiência como paradigma biopolítico. Childhood & Philosophy , Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, jan.-abr. 2017b, pp. 167-188	Brasileira	1
PAIVA, V. P. Educação popular e educação de adultos . Rio de Janeiro, Loyola, 1983.	Brasileira	1
PATTO, M.H.S. A produção do fracasso escolar - histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A.Queiroz, 1996.	Brasileira	1
PARENTE, C. M. D. A construção dos tempos escolares: possibilidades e alternativas plurais. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.	Brasileira	1
PARENTE, C. M. D. A construção dos tempos escolares . São Cristóvão: Editora UFS, 2015.	Brasileira	1
PARENTE, C. M. D. Construindo uma Tipologia das Políticas de Educação Integral em Tempo Integral. Roteiro , Joaçaba, v. 41, n. 3, p. 563-586, set./dez. 2016.	Brasileira	1
PARENTE, C. M. D. Análise comparada da jornada escolar em países da União Europeia. Cadernos de Pesquisa , São Paulo, v. 50, n. 175, p. 78-95, jan./mar. 2020.	Brasileira	1
PARENTE, C. M. D. Desvendando a Jornada Escolar brasileira. Revista Educação e Políticas em Debate , Campo Grande, v. 8, n. 3, p. 319 - 343, set./dez. 2019.	Brasileira	1
PARENTE, C. M. D. Políticas de Educação Integral em Tempo Integral no Estado de São Paulo: modelos e experiências. Jornal de Políticas Educacionais , Curitiba, v. 11, n. 24, p. 1-20, dez. 2017.	Brasileira	1
PARENTE, C. M. D. Políticas de Educação Integral em Tempo Integral à Luz da Análise do Ciclo da Política Pública. Educação e Realidade , Porto Alegre, v. 43, n.2, p. 415-434, 2018.	Brasileira	1
PARO, V. H. Administração escolar : introdução crítica. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.	Brasileira	1
PARO, V. et al. Escola de tempo integral : desafio para o ensino público. São Paulo: Cortez, 1988.	Brasileira	1
PASQUALINI, J. C. Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: desenvolvimento e ensino em Vigotski, Leontiev e Elkonin . 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.	Brasileira	1
PAULA, M. F. USP e UFRJ. A influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. Tempo Social , São Paulo, v. 14, n. 2, p. 147-161, out. 2002b.	Brasileira	1
PAULA, M. F. A formação universitária no Brasil: concepções e influências. Avaliação , Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 1, p. 71-84, mar. 2009.	Brasileira	1
PAULA, L. de; STAFUZZUA (Orgs.) Círculo de Bakhtin : teoria inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010.	Brasileira	1
PAULA, L. de; STAFUZZUA (Orgs.) Círculo de Bakhtin : Diálogos IN possíveis. Campinas: Mercado de Letras, 2010.	Brasileira	1
PAZ, C. D. A. da. Gênero no Trabalho Pedagógico da Educação Infantil . Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2008.	Brasileira	1
PELBART, P. P. Biopolítica , Sala Preta: PPGAC-USP, São Paulo, v. 07, p. 47-65, 2007.	Brasileira	1
PELBART, P.P. O avesso do niilismo : cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2013.	Brasileira	1
PEREIRA, C. S.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A.P. Qual o significado do trabalho para as pessoas com e sem deficiência física? PsicoUSF , v.13, n.1, 2008, p. 105-114.	Brasileira	1

PEREIRA, J.C. R. Análise de dados qualitativos : estratégias metodológicas para as ciências de saúde, humanas e sociais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.	Brasileira	1
PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. (Orgs.). Educação e sociedade . São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1964.	Brasileira	1
PEREIRA, L.D., SCHOCHAT, E. Processamento Auditivo Central : Manual de Avaliação. São Paulo: Editora Lovise, 1997.	Brasileira	1
PEREIRA, P. A. P. Alternativas socialistas às políticas sociais neoliberais. Revista do Serviço Social , n. 13, 2003, p. 195-222.	Brasileira	1
PESCUMA, D.; CASTILHO, A P. F. de Projeto de pesquisa. O que é? Como fazer? São Paulo: Olho D'água, 2005. (Método 3).	Brasileira	1
PETIT, M. A arte de ler . Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.	Brasileira	1
PETITAT, A. Produção da escola, produção da sociedade : análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.	Brasileira	1
PIAGET, J. A epistemologia genética, sabedoria e ilusões da filosofia, problemas de epistemologia genética . São Paulo, Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).	Brasileira	1
PIAGET, J. A representação do mundo na criança . Tradução Rubens Fiúza. Rio de Janeiro: Record, 1979. 318p.	Brasileira	1
PIAGET, J.; MENIN, MSS; ARAUJO, UF; LA TAILLE, Y. de; MACEDO, L. (orgs.). Cinco Estudos de Educação Moral . São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996 (p. 137 a 178).	Brasileira	1
PIAGET, J. A equilíbrio das estruturas cognitivas . Tradução de Marion Merlone dos Santos Penna, Rio de Janeiro: Zahar, [1975], 1976.	Brasileira	1
PIAGET, J. As formas elementares da dialética . São Paulo: Casa do Psicólogo. Tradução: Fernanda Luiz, [1980], 1996.	Brasileira	1
PIAGET, J. et al. Abstração reflexionante : relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais. Tradução Fernando Becker. Porto Alegre: Artes Médicas, [1977], 1995.	Brasileira	1
PIAGET, J; GRECO, P. Aprendizagem e conhecimento . Tradução de Equipe da livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, [1959], 1974.	Brasileira	1
PIAGET, J. Biologia e conhecimento . 4ª ed. Tradução Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, [1967], 2003.	Brasileira	1
PIAGET, J. Epistemologia genética . 3ª ed. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, [1970], 2007.	Brasileira	1
PIAGET, J. O possível e o necessário - evolução dos possíveis na criança. vol 1. Trad.: Bernardina Albuquerque. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.	Brasileira	1
PIAGET, J. Observações psicológicas sobre o trabalho em grupo. In: PARRAT, S.; TRYPHON, A. (Orgs.). Jean Piaget . Sobre a Pedagogia. Textos Inéditos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.p. 137-151. (Original de 1935).	Brasileira	1
PIAGET, J. Os Procedimentos da Educação Moral. Trad. Maria Suzana de Stefano Menin. In: MACEDO, L. Cinco estudos de educação moral . São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 1–36. (originalmente publicado em 1930).	Brasileira	1
PIAGET, J. O trabalho por equipes na escola. REVISTA PSICOPEDAGOGIA 15 (36),1996.	Brasileira	1
PIERRO, M. C. DI. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil . Campinas, Educação & Sociedade, v. 26, nº. 92, 1995.	Brasileira	1
PINHEIRO, A.M.V. Leitura e escrita : uma abordagem cognitiva. Campinas: Editorial Psy II, 1994.	Brasileira	1
PINO, A. As marcas do humano - às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.	Brasileira	1
PINO, A. R. Os rumos da nova LDB: processos e conteúdos. Educação e Sociedade , n. 51, pp. 356-378, ago./1995.	Brasileira	1
PINTO, J. M. R.; ALVES, T. O impacto financeiro da ampliação da obrigatoriedade escolar no contexto do FUNDEB. Educação & Realidade , Porto Alegre, v. 36, n. 2, maio/ago 2011, p. 605-624.	Brasileira	1
PIOVEZAN, P. R.; DAL RI, N. M. Flexibilização e Intensificação do Trabalho Docente no Brasil e em Portugal. Educação e Realidade Porto Alegre, v. 44, p. 1-21, 2019.	Brasileira	1
PISTRAK, M. M. Fundamentos da escola do trabalho . São Paulo: Expressão Popular, 2002. 224 p.	Brasileira	1
PLATÃO, Diálogos : Mênon, Banquete, Fedro. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.	Brasileira	1

POLÍTICAS DE CURRÍCULO OU BASE NACIONAL COMUM: debates e tensões. Dossiê. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 32, n. 2, p. 13 -17, abril/ jun. 2016.	Brasileira	1
POPPER, K. R. Três concepções acerca do conhecimento humano . São Paulo: Abril Cultural, 1980.	Brasileira	1
POPKEWITZ, T. Reforma Educacional: uma política sociológica. Porto alegre: Artes Médicas, 1998.	Brasileira	1
PROETTI, S. Metodologia do trabalho científico . Abordagens para a construção de trabalhos acadêmicos. 5. ed. São Paulo: Edicon, 2006.	Brasileira	1
PUNTES, R. V.; LONGAREZI, A. M. (org.). Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos. Uberlândia: EDUFU, 2013.	Brasileira	1
PUIG, J. M. A construção da personalidade moral . São Paulo: Ática, 1998.	Brasileira	1
QUEIROZ, M. I. P. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva . São Paulo: CERU/FFLCH/USP, 1985. 182p. (Coleção Textos)	Brasileira	1
QUEIROZ, S. S; RONCHI, J. P; TOKUMARU, R. S. Constituição das regras e o desenvolvimento moral na teoria de piaget: uma reflexão Kantiana. Psicol. Reflex. Crit. , Porto Alegre, v. 22, n. 1, 2009.	Brasileira	1
RAAAB (Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil). Leituras. Alfabetização e Cidadania/ Revista de Educação de Jovens e Adultos . São Paulo, Ação Educativa, 2001.	Brasileira	1
RABINOW, P. Antropologia da razão . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.	Brasileira	1
RABELO, W. de A. Análise do discurso sobre o “bom” professor de História no Brasil contemporâneo: uma questão de cidadania...127 f. Tese . Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.	Brasileira	1
RAMOS, G. A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.	Brasileira	1
REA, L.M.; PARKER, R.A. Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução. São Paulo: Pioneira, 2000.	Brasileira	1
REALE, G. e ANTISERI, D. História da filosofia . São Paulo: Paulus, 1990 (3 vols.).	Brasileira	1
REIS FILHO, C. A educação e a ilusão liberal: origens da escola pública primária. Campinas-SP: Autores Associados, 1995. – (Coleção Memória da Educação).	Brasileira	1
RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. Características do emprego formal: RAIS 2013: pessoas com deficiência: principais resultados.	Brasileira	1
REPKIN, V. V. Ensino desenvolvente e atividade de estudo. Ensino em Revista , v.21, n.1, p. 85-99, jan./jun. 2014.	Brasileira	1
REVISTA EDUCAÇÃO & SOCIEDADE. Revista de Ciência da Educação . Centro de Estudos Educação e Sociedade. São Paulo/Campinas (SP): Cortez/CEDES, v. 25, n. 88, out. 2004, Número Especial.	Brasileira	1
RIBEIRO, D. A universidade necessária . 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.	Brasileira	1
RIBEIRO, M. L. S. História da educação brasileira: a organização escolar. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.	Brasileira	1
RIBEIRO, M. A.; CARNEIRO, R. A inclusão indesejada: as empresas brasileiras face a lei de cotas para pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Revista O&S , v. 16, n. 50, p. 545-554, 2009.	Brasileira	1
RIBEIRO, R. P. D.; LIMA, M. E. A. O trabalho do deficiente como fator de desenvolvimento. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho , v. 13, n. 2, p. 195-207, 2010.	Brasileira	1
RIBETO, A.; MAURÍCIO, L. V. Duas décadas de educação em tempo integral: dissertações, teses, artigos e capítulos de livros. Em Aberto , Brasília, v. 22, n. 80, p. 137-160, abr. 2009.	Brasileira	1
RICHARDSON, R. J. et al. Pesquisa social - métodos e técnicas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.	Brasileira	1
ROCHA, E. A. C. A pesquisa sobre educação infantil: trajetórias e perspectivas. In: Perspectiva. Florianópolis, v. 17, n. Especial, p.61-71, jul. dez, 1999. Complementar	Brasileira	1
ROCHA, M. C. J. Dos Direitos das Mulheres como Direitos Humanos Indivisíveis aos Deveres das Mulheres para o Desenvolvimento Económico Sustentável. Organizações e Democracia 9, 1/2, 2008, pp. 143-161	Brasileira	1
ROCHA, M. C. J. Mulheres, Estado e Sociedade: Constrangimentos e Possibilidades de Acção. Revista da Católica , Uberlândia, v. 3 n. 6, 2011, pp. 92-103.	Brasileira	1

ROCHA E SILVA, M.; TEIXEIRA, A. Diálogo sobre a lógica do conhecimento . São Paulo: Edart, 1968.	Brasileira	1
ROCKWELL, E. ; EZPELETA, J. A escola: relato de um processo inacabado de construção. Currículo Sem Fronteiras , [s.l.], v. 7, n. 2, p. 131-147, jul./dez. 2007.	Brasileira	1
RODRIGUES, A. Como nos tornamos os professores que somos : uma problematização da herança estruturalista nas práticas de ensinar e aprender filosofia. São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2020.	Brasileira	1
RODRIGUES, B. G. de S. P. Avaliação externa no Plano Nacional de Educação (2014-2024) e nos discursos docentes. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2019.	Brasileira	1
RODRIGUES, D.(org.) Inclusão e Educação : doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.	Brasileira	1
RODRIGUES, M. M. A. Políticas Públicas . São Paulo: Publifolha, 2015.	Brasileira	1
ROJO, R., BARBOSA, J. P. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos . São Paulo: Parábola Editorial, 2015.	Brasileira	1
ROLNIK, S. Esferas da insurreição : notas para uma vida não cafetinada. 2.ed. São Paulo: N-1 Edções, 2019.	Brasileira	1
ROMANELLI, O. O. História da educação no Brasil (1930/1973). Petrópolis: Vozes, 1978.	Brasileira	1
ROSA, D. B. Perspectiva de gestão escolar para/na Pedagogia Histórico-crítica. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2020.	Brasileira	1
ROSEMBERG, F. A. Do embate para o debate: educação e assistência no campo da Educação Infantil. In: MACHADO, M. L. de A. (Org.). Encontros e desencontros em Educação Infantil . 2ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 63-78.	Brasileira	1
ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Orgs.). Os fazeres na educação infantil . 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.	Brasileira	1
ROSSI, P. A ciência e a filosofia dos modernos . São Paulo: EDUNESP, 1992.	Brasileira	1
RUDIO, F. V. Introdução ao projeto de pesquisa científica . Petrópolis: Vozes, 1986.	Brasileira	1
RUSSO, M. H. Escola e paradigmas de gestão . Eccos, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 25-42, 2004.	Brasileira	1
SABEH, M. V. G. O discurso escolar: uma análise sobre o olhar do aluno. 108 f. Dissertação . Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2015.	Brasileira	1
SACRAMENTO, I.; RIBEIRO, A.P.G (orgs.). Mikhail Bakhtin . Linguagem, cultura e mídia. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010	Brasileira	1
SALGADO, R. G.; SOUZA, L. L. Gêneros, sexualidades e infâncias: cenas de crianças na contramão da inocência. Childhood & Philosophy . 2018, 14(29), 241-258.	Brasileira	1
SAMPAIO, M. M. F. Um Gosto Amargo de Escola : relações entre currículo, ensino e fracasso escolar. São paulo: Educ/Fapesp, 1998.	Brasileira	1
SÁNCHEZ GAMBOA, S. A contribuição da pesquisa na formação do docente. In: REALI, A.M.M.R. e MIZUKAMI, M.G.N. (orgs.) Formação de professores : Tendências Atuais. São Carlos: EDUFSCar, 1.996.	Brasileira	1
SANDER, B. Administração da Educação no Brasil : genealogia do conhecimento. Brasília, DF: Liber Livro, 2007.	Brasileira	1
SANDER, B. Consenso e conflito na Administração da educação. Revista Brasileira de Administração da Educação . Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 12-34, 1983.	Brasileira	1
SANFELICE, J. L. A política estadual de São Paulo: apontamentos. Nuances: estudos sobre Educação . Ano XVII, v. 17, n. 18, p. 146- 159, jan./dez. 2010	Brasileira	1
SANTOS, B. S. Por que é tão difícil construir teoria crítica? Revista Crítica de Ciências Sociais , n. 54, p. 197-215, 1999	Brasileira	1
SANTOS, T. C. C.; PAIXÃO, T. S. A mundialização do capital e seus impactos sobre o processo de trabalho e a educação. Revista HISTEDBR . Campinas, n. 59, p. 68-84, out., 2014.	Brasileira	1
SANTOS, B. S. A universidade no século XXI : para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção Questões de nossa época, v. 120).	Brasileira	1
SANTOS, B. de S. O fim do império cognitivo : a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.	Brasileira	1
SANTOS, L. História das disciplinas escolares: perspectivas de análise. Teoria e Educação , n. 2, p. 21-29, 1990.	Brasileira	1

SANTOS FILHO, J. C., GAMBOA, S. S. Pesquisa educacional : quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1995.	Brasileira	1
SANTOS, M.P. A prática da educação para inclusão. In: MARQUEZINE, M.C., ALMEIDA, M.A., TANAKA, E.D.O., BUSTO, R.M., SOUZA, S.R., MELETTI, S.M.F., FUJISAWA, D.S. (orgs.) Inclusão . Londrina: UEL, 2003.	Brasileira	1
SANTOS, M.T.M.; NAVAS, A. L. G.P. Distúrbios de Leitura e Escrita : Teoria e Prática. São Paulo: Manole, 2002.	Brasileira	1
SANTOS, R. S. et al. Compreendendo a natureza das políticas do Estado capitalista. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro, vol. 41 (5), p. 819-834, set./out. de 2007.	Brasileira	1
SÃO PAULO. Conselho Estadual de Educação. Diretrizes Curriculares para a Educação Básica no Estado de São Paulo . São Paulo: CEE, 2002.	Brasileira	1
SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias . Coord. geral Maria Inês Fini; coord. área Paulo Miceli. São Paulo: SEE, 2010.	Brasileira	1
SARAVALI, E.G. As idéias das crianças sobre seus direitos : a construção do conhecimento social numa perspectiva piagetiana. Dissertação (mestrado em educação). Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas. 1999.	Brasileira	1
SARAVALI, E. G. Trabalhando os direitos das crianças numa sala de educação infantil. In: 28ª Reunião Anual da ANPED . 40 anos da Pós-Graduação em Educação no Brasil: produção de conhecimento, poderes e práticas, Caxambú: 2005b. v. 1. p. 1-25.	Brasileira	1
SARMENTO, S.; ABREU-E-LIMA, D.M.; MORAES, W.M. (Org.). Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras : A construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.	Brasileira	1
SAVIANI, D. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, D. et al. O legado educacional do Século XX . Campinas: Autores Associados, 2004. p. 9-58.	Brasileira	1
SAVIANI, D. Templos de civilização : um estudo sobre a implantação dos grupos escolares no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: EDUNESP, 1999.	Brasileira	1
SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação , realizado em Goiânia (GO) de 5 a 8 de novembro de 2006.	Brasileira	1
SAVIANI, D. A Pedagogia no Brasil : história e teoria. Campinas-SP: Autores Associados, 2008. – (Coleção Memória da Educação).	Brasileira	1
SAVIANI, D. A nova lei da educação : trajetórias, limites e perspectivas. Campinas-SP: Autores Associados, 1997.	Brasileira	1
SAVIANI, D. et al. O Legado Educacional do Século XX no Brasil . Campinas, SP: Autores Associados, 2006.	Brasileira	1
SAVIANI, D. (Org.). Estado e políticas educacionais na educação brasileira . Vitória: EDUFES, 2011.	Brasileira	1
SCHOMMER, P C. et al. Accountability and co-production of information and control: social observatories and their relationship with government agencies. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro 49(6):1375-1400, nov./dez. 2015, p. 1375-1400.	Brasileira	1
SCHOPENHAUER, A. O mundo como vontade e representação . Rio de Janeiro, Contraponto, 2001.	Brasileira	1
SCHUMACHER, S.; BRAZIL, E. V. Dicionário Mulheres do Brasil . 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.	Brasileira	1
SCOLESO, F. Os movimentos sociais na era da mundialização do capital e da precarização do mundo do trabalho: neoliberalismo e transnacionalização. Revista de Educação Comparada . Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 195-225, 2017.	Brasileira	1
SECCHI, L. Análise de políticas públicas : diagnóstico de problemas, recomendação de soluções. São Paulo: Cengage Learning, 2016.	Brasileira	1
SECCHI, L. Políticas Públicas : conceitos, esquemas de análise, casos práticos. São Paulo: Cengage Learning, 2013.	Brasileira	1
SECCHI, L.; COELHO, F. S.; PIRES, V. Políticas públicas : conceitos, casos práticos, questões de concurso. 3ª ed. São Paulo: Cengage, 2019.	Brasileira	1
SELIKOWITZ, M. Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem . Rio de Janeiro: Revinter, 2001.	Brasileira	1
SÉRIOT, P. Volosinov e a filosofia da linguagem . Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.	Brasileira	1
SERODIO, L.A; PRADO, V.T Metodologia narrativa em educação na perspectiva do gênero do discursivo Bakhtiniano. In: Educação: perspectiva	Brasileira	1

Bakhtiniana. (Org) Guilherme Val Prado et al PRADO, V.T São Carlos: Pedro & João, 2015, 91 – 128 p.		
SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2007.	Brasileira	1
SEVERINO, A. J.; MARCONDES, O. M. (Orgs.). Filosofia da Educação na América Latina: aproximações, diálogos e perspectivas. São Paulo: Cartago Editorial, 2019.	Brasileira	1
SGUISSARDI, V. O Banco Mundial e a educação superior: revisando teses e proposições? Universidade e Sociedade , Brasília, ano X, n. 22, p. 66-77, nov./2000.	Brasileira	1
SGUISSARDI, V. Universidade pública estatal: entre o público e o privado/mercantil. Educação & Sociedade. Revista de Ciência da Educação. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas (SP): CEDES, v. 26, n. 90, jan./abr. 2005.	Brasileira	1
SIGNOR, R. ; BERBERIAN, A.P. ; SANTANA, A. P. O. A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz. Educação e Pesquisa - Revista da Faculdade de Educação da USP, p. 1-21, 2016.	Brasileira	1
SHORTO, R. Os ossos de Descartes: a história do esqueleto por trás do conflito entre a fé e a razão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.	Brasileira	1
SILVA, C. L.; SOUZA-LIMA, J. E. (Orgs.). Políticas públicas e indicadores para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Saraiva, 2010.	Brasileira	1
SILVA Jr. C. A. da. A escola pública como local de trabalho. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1990.	Brasileira	1
SILVA JR., J. dos R. e FERRETTI, C. J. O institucional, a organização e a cultura da escola. São Paulo: Xamã, 2004.	Brasileira	1
SILVA, I. H. M. “Liberal na economia e conservador nos costumes”: uma totalidade dialética. Revista Brasileira de Ciências Sociais , vol. 36, n. 107, 2021, p. 1-19.	Brasileira	1
SILVA, I. de O. Profissionais da educação infantil: formação e construção de identidades. São Paulo: Cortez, 2001.	Brasileira	1
SILVA, M. B. C. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1987.	Brasileira	1
SILVA, M. L. G. da. A ordem do discurso sobre a imagem visual na modalidade da educação de jovens e adultos no Brasil, 190 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, 2019.	Brasileira	1
SILVA, M. R. O Programa Ensino Médio Inovador como política de indução a mudanças curriculares: da proposta enunciada a experiências relatadas. Educação em Revista , Belo Horizonte, v. 32, n. 2, p. 91 - 110, abril/ jun. 2016.	Brasileira	1
SILVA, M. V. Alfabetização, escrita e colonização. In: ORLANDI, Eni. (Org.). História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes; Cáceres: UNEMAT, 2001. p. 139-154.	Brasileira	1
SILVA, R. C. et al. Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova como foco de análise. 2019. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Florianópolis, 2019.	Brasileira	1
SILVA, T. T. Currículo e identidade social: territórios contestados in Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.	Brasileira	1
SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (org.) Currículo, Cultura e Sociedade. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.	Brasileira	1
SILVA, T. T. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. Territórios Contestados. Petrópolis: Vozes, 1995.	Brasileira	1
SILVA, Vivian Batista da. História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971). 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.	Brasileira	1
SILVA, V. P. da. Educação e escola no marxismo. In. MENDONÇA, S. G. de L.; SILVA, V. P. da; MILLER, S. (Orgs.). Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações. 2. ed. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2012.	Brasileira	1
SILVEIRA, M. E.; JUSTI, F. R. R. Engajamento escolar: adaptação e evidências de validade da escala EAE-4DE. Revista Psicologia: Teoria e Prática , v. 20, n. 1, p. 110-125, jan.-abr. 2018.	Brasileira	1

SIMIONE, A. A. A modernização da gestão e a governança no setor público em Moçambique. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro 48(3):551-570, maio/jun. 2014, p. 551-570.	Brasileira	1
SMITH, C.; STRICK, L. Dificuldades de Aprendizagem de A a Z : um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.	Brasileira	1
SMITH, F. Compreendendo a leitura : uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artmed, 2003.	Brasileira	1
SMOLKA, A. L. B. A criança na fase inicial da escrita : alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez; Campinas, Ed. UNICAMP, 1989.	Brasileira	1
SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros . 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999	Brasileira	1
SOARES, M. As muitas facetas da alfabetização . Cadernos de pesquisa, São Paulo, n.52, p.19-24, 1985.	Brasileira	1
SOARES, M.; MACIEL, F. Alfabetização no Brasil . Brasília: MEC/INEP/REDC, 2001.	Brasileira	1
SOLOVIEVA, Y.; ROJAS, L. Q. (org.). La formación de las funciones psicológicas en el desarrollo humano. In: BARBOSA, M. V.; MILLER, S.; MELLO, S. A. (org.). Teoria histórico-cultural : questões fundamentais para a educação escolar. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.	Brasileira	1
SOMMER, L. H. A ordem do discurso escolar. Rev. Bras. Educ. 12 (34) • Abr 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100005 . Acesso em 4 de jan de 2023.	Brasileira	1
SORJ, B. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. Uma questão de gênero . Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.	Brasileira	1
SOUZA, C. “Estado do Campo” da pesquisa em políticas públicas no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais , vol. 18, n. 51, fevereiro/2003, p. 15-20.	Brasileira	1
SOUZA, C. Federalismo, desenho constitucional e instituições federativas no Brasil pós-1988. Revista Sociologia e Política , n. 24, jun. 2005, p. 105-121.	Brasileira	1
SOUZA, C. Políticas Públicas: uma revisão da literatura. Sociologias , Porto Alegre, ano 8, n. 16, jul/dez 2006, p. 20-45.	Brasileira	1
SOUZA, C. Federalismo: Teorias e Conceitos Revisitados. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais , São Paulo, n. 65, 1º semestre de 2008, p. 27-48.	Brasileira	1
SOUZA, C. Federalismo e conflitos distributivos: disputa dos estados por recursos orçamentários federais. DADOS – Revista de Ciências Sociais , vol. 46, n. 2, 2003, p. 345-384.	Brasileira	1
SOUZA, F. M., SANTOS, G. F. Velhas práticas em novos suportes? As tecnologias digitais como mediadoras do complexo processo de ensino-aprendizagem de línguas. São Paulo: Mentis Abertas, 2019.	Brasileira	1
SOUZA, L. K. O debate de dilemas morais na universidade. Psicol. Esc. Educ. (Impr.), Campinas, v. 12, n. 1, June 2008. Complementar	Brasileira	1
SOUZA, L. L.; SALGADO, R. G. ; MATTOS, A. R. Infâncias, gêneros e sexualidades: implicações ético-políticas das parentalidades. Psicologia em Estudo (Online), v. 27, p. 1-15, 2022.	Brasileira	1
SOUZA, L. L.; SALGADO, R. G.; MAGNABOSCO, M. B. A vida pode ser inscrita por linhas tortas: quando infância, gêneros e sexualidades interrogam o desenvolvimento. In: ALEXSANDRO RODRIGUES. (Org.). Crianças em dissidência : narrativas desobedientes. 1ed.Salvador: Devires, v. 1, 2018, p. 149-166.	Brasileira	1
SOUZA, M. P. R. Retornando à patologia para justificar a não aprendizagem escolar: a medicalização e o diagnóstico de transtornos de aprendizagem em tempos de neoliberalismo. In: GRUPO DE INTERINSTITUCIONAL QUEIXA ESCOLAR. Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010; p. 57-68.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. A escola pública primária no Estado de São Paulo: políticas de expansão e de renovação pedagógica (1930 - 1961). In: FURTADO, A.C.; SCHELBAUER, A. R.; CORRÊA, R. L. T. (org.). Itinerários e singularidades da institucionalização e expansão da escola primária no Brasil (1930 - 1961) . Maringá: UEM, 2019, p. 17-54.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. A produção intelectual brasileira no campo do currículo a partir dos anos 80. in: Em Aberto , n. 12, v. 58, p. 117-128, 1993.	Brasileira	1

SOUZA, R. F. et al. Um Itinerário de Pesquisa sobre a Cultura Escolar. In: VINICIUS, M. Ideário e Imagens da Educação Escolar . São Paulo: Autores Associados, 2000 a, p. 3 -28.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. Inovação Educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. In: Cadernos Cedes , v. 51, p. 33-44, 2000c.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. de. Tecnologias de ordenação escolar no século XIX – currículo e método intuitivo nas escolas primárias norte-americanas (1860/1880). Revista Brasileira de História da Educação , v. 5, n. 1 [9], p. 9-42, jan./jun. 2005.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. de. Tempos de infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933). Educação e Pesquisa , v. 25, n. 2, p. 127-143, 1999.	Brasileira	1
SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T. (orgs.). A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa . Campinas/SP: Autores Associados, 2005.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. Cultura escolar e currículo: aproximações e inflexões nas pesquisas históricas sobre conhecimentos e práticas escolares. In: XAVIER, L. N.; CARVALHO, M.M.C.; MENDONÇA, A. W.; CUNHA, J.L. Escola, cultura e Saberes . Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005b, p. 74 -91.	Brasileira	1
SOUZA, R. F. Espaço da educação e da civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil. In: SOUZA, R. F., VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. A. O legado educacional do século XIX . Araraquara-SP: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 1998. p. 19-62.	Brasileira	1
STAINBACK, S.; STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores . Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.	Brasileira	1
STENGERS, I. A invenção das ciências modernas . São Paulo: Editora 34, 2002.	Brasileira	1
STREMEL, S. A constituição do campo acadêmico da política educacional no Brasil. 2016. 315 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.	Brasileira	1
STROMQUIST, N. P. Uma Cartografia Social del Género en Educación. Educación & Sociedad , Campinas, vol. 27, n. 95, p. 361-383, maio/ago. 2006.	Brasileira	1
SUZART, J.A. S.. O impacto da desvinculação de receitas nos gastos com educação da União: uma análise entre os anos de 1994 a 2012. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro, v. 49, n. 4, p. 869-887, jul./ago. 2015.	Brasileira	1
TANAKA, E. D. O; MANZINI, E. J. O que os Empregadores Pensam Sobre o Trabalho da Pessoa com Deficiência? Rev. Bras. Ed. Esp. , v.11, n.2, 2005, p.273-294	Brasileira	1
TANURI, L. M. O ensino normal no estado de São Paulo (1890-1930) . Tese (Doutorado em Educação), Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1973.	Brasileira	1
TAYLOR, C. H. O espírito que põe a si mesmo. In: TAYLOR, C. H. Sistema, método e estrutura . São Paulo, É realizações, 2000.	Brasileira	1
TEIXEIRA, A. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos , Rio de Janeiro, v.31, n.73, jan./mar. 1959. p.78-84.	Brasileira	1
TEIXEIRA, A. Uma experiência de educação primária integral no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos , Rio de Janeiro, v.38, n.87, p.21-33, jul./set. 1962.	Brasileira	1
TEIXEIRA, I. A. de C. Cadências escolares, ritmos docentes. Educação e Pesquisa , São Paulo, v. 25, n. 2, p. 87-108, jul. 1999.	Brasileira	1
TEIXEIRA, L. Discurso do professor Lívio Teixeira. Cadernos Espinosanos . São Paulo, n. X, p. 141-145, 2003.	Brasileira	1
TEIXEIRA, L. Filosofia e história da filosofia à margem de alguns estudos sobre as relações da filosofia com a sua história. Cadernos Espinosanos . São Paulo, n. X, p.167-185, 2003.	Brasileira	1
TEIXEIRA, L. Algumas considerações sobre a filosofia e o estudo da história da filosofia no Brasil. Cadernos Espinosanos . São Paulo, n. X, p.194-201, 2003.	Brasileira	1
TELES, M. A. de A. O que são direitos humanos das mulheres . São Paulo: Brasiliense, 2007.	Brasileira	1
TELLES, J.A. Teletandem: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI . Campinas: Pontes, 2009.	Brasileira	1
TELLO, C. (Coord.) Epistemologías de la política educativa . Campinas: Mercado de Letras, 2013.	Brasileira	1

TELLO, C.; MAINARDES, J. Revisitando os enfoques das epistemologias em política educacional. Práxis Educativa , Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 153-178, jan./jun. 2015.	Brasileira	1
TEODORO, A. Globalização e educação : políticas educacionais e novos modos de governação. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2003 (Coleção Prospectiva, v. 9).	Brasileira	1
TFOUNI, L. V. Adultos não escolarizados : o avesso do avesso. Campinas, Pontes, 1988.	Brasileira	1
TOLEDO, M. R. de A.; CARVALHO, M. M. C. de. A coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho. I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial . Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.	Brasileira	1
TOLEDO, M. R. de A.; CARVALHO, M. M. C. de. Biblioteca para professores e modelização das práticas de leitura: análise material das coleções Atualidades Pedagógicas e Biblioteca de Educação. XXIV Simpósio Nacional de História . São Leopoldo/RS: ANPUH, 2007.	Brasileira	1
TOMASINI, M.E.A. Expatriação social e a segregação institucional da diferença: reflexões. In: BIANCHETTI, L., FREIRE, I.M. Um olhar sobre a diferença - interação, trabalho e cidadania. Campinas: Papirus, 1998.	Brasileira	1
THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros : uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.	Brasileira	1
TONEGUTTI, C. A. Base Nacional Comum Curricular : uma análise crítica.	Brasileira	1
TORRES, J. C. O SUAS e a universalização da renda social mínima no Brasil. Revista Serviço Social & Sociedade , n. 92, 2007, p. 43-57.	Brasileira	1
TOSCANO, M.; GOLDENBERG, M. A revolução das mulheres : um balanço do feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992.	Brasileira	1
TREVISAN, A. P.; BELLEN, H. M. V. Avaliação de políticas públicas: uma revisão teórica de um campo em construção. Revista de Administração Pública , Rio de Janeiro 42(3), maio/junho 2008, p. 529-550.	Brasileira	1
TRINDADE, H. (Org.). Universidade em ruínas : na república dos professores. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.	Brasileira	1
TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais : a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1994. 178p	Brasileira	1
TISLTONE, C.; FLORIAN, L; ROSE, R. Promover a educação inclusiva . Lisboa-Portugal: Instituto Piaget, 1998.	Brasileira	1
VALDEMARIN, V. T. Método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretativo. In: SOUZA, R. F., VALDEMARIN, V. T.; ALMEIDA, J. A. O legado educacional do século XIX . Araraquara-SP: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 1998. p. 63-105.	Brasileira	1
VASCONCELOS, MS. A difusão das ideias de Piaget no Brasil . São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.	Brasileira	1
VIANNA, C.; UNBEHAUM, S. Gênero na Educação Básica: Quem se importa? Uma Análise de Documentos de Políticas Públicas no Brasil. Educação & Sociedade , Campinas, vol. 27, n. 95, p. 407-428, maio/ago. 2006.	Brasileira	1
VIANNA, C.P., UNBEHAUM, S. Gênero e políticas de educação: impasses e desafios para a legislação educacional brasileira. In: SILVEIRA, M. L., GODINHO, T. (Org.) Educar para a igualdade : gênero e educação escolar. Coordenadoria Especial da Mulher/Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura de São Paulo: São Paulo, 2004.	Brasileira	1
VIANNA, C.P., UNBEHAUM S. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. Cadernos de pesquisa . Fundação Carlos Chagas, jan./abr., v. 34, n. 121, 2004.	Brasileira	1
VIDAL, D. G. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de.; VEIGA, C. 500 anos de educação no Brasil . V. 3.ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 497-517.	Brasileira	1
VIANNA, M. L. T. W. A americanização (perversa) da seguridade social no Brasil : estratégias de bem-estar e políticas públicas. Rio de Janeiro: Revan: UCAM, IUPERJ, 1998.	Brasileira	1
VIEIRA, L. S. Política(s) e Gestão da Educação Básica : revisitando conceitos simples. RBPAE, v. 23, n. 1, jan/abr 2007, p. 53-69.	Brasileira	1
VIEITEZ, C. G.; DAL RI, N. M. Trabalho associado . Cooperativas e empresas de autogestão. Rio de Janeiro: DP&A, FINEP, 2001. 151 p.	Brasileira	1
VILLELA, H. A primeira escola normal do Brasil : uma contribuição à história da formação de professores. Dissertação (Mestrado em Educação), UFF, 1990.	Brasileira	1
VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem . Trad. Paulo Bezerra, 1ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.	Brasileira	1

VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha e revisão de Max Welcman. Psicologia . USP [online]. 2010, vol.21, n.4, pp. 681-701.	Brasileira	1
VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S., LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem . 4.ed. Tradução Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: Universidade de São Paulo, 1988, p.103-118.	Brasileira	1
VIEIRA PINTO, Á. Sete lições sobre a educação de adultos . São Paulo, Cortez, 1.985	Brasileira	1
VILARDI, L. R. As demandas acerca da elaboração da proposta curricular para a educação infantil no sistema municipal de ensino de Marília/SP . Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: < http://hdl.handle.net/11449/234726 >. Acesso em 4 de jan de 2023.	Brasileira	1
VINHA, TP. O Educador e a moralidade infantil . Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2000.	Brasileira	1
VIÑAO, A. Fracasan las reformas educativas? La respuesta de un historiador. In: Sociedade Brasileira de História da Educação (Org.). Educação no Brasil . História e historiografia. Campinas: Autores Associados; São Paulo: SBHE, 2001. p. 21-52. (Coleção Memória da Educação).	Brasileira	1
VOLPATO, C. F.; MELLO, S. A. Trabalho e formação dos professores de creche em Botucatu: reflexões críticas. Cadernos de Pesquisa , São Paulo, v. 35, n. 126, p. 723-745, set./dez. 2005.	Brasileira	1
VOLÓCHINOV, V. N. A Construção da enunciação e outros ensaios . São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.	Brasileira	1
WALLERSTEIN, I. Intelectuais : neutralidade e valores em questão. In: WALLERSTEIN, I. O declínio do poder americano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. Capítulo 8, p. 177-199.	Brasileira	1
WALSH, C. Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas. Visão Global , v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012. Disponível em https://bit.ly/3pyZkoP	Brasileira	1
WILLIAMS, B. Ethics and the limits of philosophy . Cambridge: Mass, 1985.	Britânica	1
WILLIAMS, R. Cultura e Sociedade (1780 - 1950). São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.	Brasileira	1
WOSIEN, B. Dança : um caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2000. (Original publicado em 1988).	Brasileira	1
WOSIEN, Maria-Gabriele. Ponto de quietude e mundo em movimento : celebrando a vida com danças sagradas. São Paulo: Triom, 2021.	Brasileira	1
ZANATA, E.M. Avaliação do primeiro ano de implantação de um projeto de inclusão em uma escola do Ensino Fundamental da rede pública do Estado de São Paulo. In: MARQUEZINE, M.C., ALMEIDA, M.A., TANAKA, E.D.O., BUSTO, R.M., SOUZA, S.R., MELETTI, S.M.F, FUJISAWA, D.S. (orgs.) Inclusão . Londrina: UEL, 2003.	Brasileira	1
ZAPELINI, C. A. E. Processos formativos constituídos no interior das instituições de Educação Infantil: uma experiência de formação continuada. Pro-Posições , Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 167- 184, maio/ago. 2009.	Brasileira	1
ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola . 11. Ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.	Brasileira	1
ZUIM, G. M. A inserção da pessoa com deficiência no mercado de trabalho : o relato das famílias. 2012. 70 F. Dissertação (Mestrado Profissional em Distúrbios do desenvolvimento) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.	Brasileira	1
Estados Unidos		
AGUIAR, C.; MCWILLIAM, R. A. Consistency of toddler engagement across two settings. Early Childhood Research Quarterly , [s.l.], v. 28, n. 1, p.102-110, jan. 2013.	Estadounidense	1
ALTBACH, P. G. Trends in comparative education. Comparative Education Review , v. 35, p. 491-507, 1991.	Estadounidense	1
BANCO MUNDIAL. Prioridades y estrategias para la educación . Washington: World Bank, 1996.	Estadounidense	1
BERKOWITZ, M. W., GUERRA, N. e NUCCI, L. Sociomoral development and drug and alcohol abuse. In: W. M. KURTINES e J. L. GEWIRTZ. (Eds.) Handbook of moral behavior and development . Vol. 3: Application. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum. 1991.	Estadounidense	1
CAPELLINI, S.A. Neuropsycholinguistic Perspectives on Dyslexia and other Learning Disabilities . 1. ed. New York: Nova Science Publisher, 2007. 132 p.	Estadounidense	1

COLBY, A., & KOHLBERG, L. The measurement of moral judgment . Nova York: Cambridge University Press, 1987.	Estadounidense	1
DELVAL, J. Stages in the child's construction of social knowledge. In: CARRETERO, M.; VOSS, J. F. Cognitive and instructional processes in history and the sciences . Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1994. p. 77-102.	Estadounidense	1
EDWARDS, C. K. et al. Increasing Functional Leisure Engagement for Children With Autism Using Backward Chaining. Behavior Modification , [s.l.], v. 42, n. 1, p.9-33, maio 2017.	Estadounidense	1
EISNER, E. The Educational Imagination , New York: Macmillan Publishing Company, 1979.	Estadounidense	1
FIRESTONE, S. The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution . New York: William Morrow, 1970.	Estadounidense	1
FOUNTAS, C.; PINNELL, GAY SU. Guiding readers and writers grades 3-6: teaching comprehension, genre, and content literacy . Portsmouth: Heinemann, 2001	Estadounidense	1
FREDRICKS, J. A.; BLUMENFELD, P. C.; PARIS, A. H. School Engagement: Potential of the Concept, State of the Evidence. Review Of Educational Research , [s.l.], v. 74, n. 1, p.59-109, mar. 2004.	Estadounidense	1
FREDRICKS, J. A.; MCCOLSKEY, W. The Measurement of Student Engagement: A Comparative Analysis of Various Methods and Student Self-report Instruments. Handbook Of Research On Student Engagement , [s.l.], p.763-782, 2012.	Estadounidense	1
GRUNDY, S. Curriculum: product or praxis . The Falmer Press, London, New York, Philadelphia, 1991.	Britânica /estadounidense	1
HALLIDAY, S. E.; CALKINS, S. D.; LEERKES, E. M. Measuring preschool learning engagement in the laboratory. Journal Of Experimental Child Psychology , [s.l.], v. 167, p.93-116, mar. 2018.	Estadounidense	1
HAMILTON, D. Towards a Theory of Schooling ; London/ New York: The Falmer Press, 1989.	Britânica /estadounidense	1
HARDING, S. Is There a Feminist Method? In: HARDING, S. (Org.). Feminism and Methodology . Bloomington/ Indianapolis. Indiana University Press, 1987.	Estadounidense	1
HARVEY, S.; GOUDVIS, A. Strategies that work. Teaching comprehension for understanding and engagement . USA: Stenhouse Publishers & Pembroke Publishers, 2008.	Estadounidense	1
JACOBSON, N S.; TRUAX, P. Clinical significance: a statistical approach to defining meaningful change in psychotherapy research. Journal of consulting and clinical psychology , v. 59, n. 1, p. 12, 1991.	Estadounidense	1
KANDEL, I. L. Comparative education . Boston: Houghton Mifflin Company, 1933.	Estadounidense	1
KAZAMIAS, A. M. Some old and new approaches to methodology in comparative education. Comparative Education Review , v. 5, n. 2, p. 90-96, 1961.	Estadounidense	1
KLIEBARD, H. M. Forging the American Curriculum: essays in curriculum history and theory. Routledge, New York, London, 1992.	Estadounidense	1
KLIEBARD, H. M. The Struggle for the American Curriculum (1893 - 1958) . New York: Routledge, 1995 a. (1st edition 1986)	Estadounidense	1
KLIEBARD, H. M. and FRANKLIN, B. M. The Course of the Course of Study: history of curriculum. In: BEST, J. H. (ed.) Historical Inquiry in Education: a research agenda . American Educational Research association, 1995b, pp. 138-157.	Estadounidense	1
LI, Y.; LERNER, R. M. Interrelations of Behavioral, Emotional, and Cognitive School Engagement in High School Students. Journal Of Youth And Adolescence , [s.l.], v. 42, n. 1, p.20- 32, nov. 2012.	Estadounidense	1
LINDSEY, M. A. et al. The Influence of Treatment Engagement on Positive Outcomes in the Context of a School-Based Intervention for Students with Externalizing Behavior Problems. Journal Of Abnormal Child Psychology , [s.l.], v. 47, n. 9, p.1437-1454, mar. 2019.	Estadounidense	1
MASSEY, W. V.; STELLINO, M. B.; FRASER, M. Individual and environmental correlates of school-based recess engagement. Preventive Medicine Reports , [s.l.], v. 11, p.247-253, set. 2018.	Estadounidense	1
MCWILLIAM, R. A.; CASEY, A. M.; SIMS, J. The Routines-Based Interview. Infants & Young Children , [s.l.], v. 22, n. 3, p.224-233, jul. 2009.	Estadounidense	1
NUCCI, L.; GUERRA, N. e LEE, J. Adolescent judgments of the personal, prudential, and normative aspects of drug usage. Developmental Psychology . 27(5):841-848. 1991.	Estadounidense	1

NUCCI, L., TURIEL, E. Capturing the Complexity of Moral Development and Education. Mind -Brain And Education . 3(3):151-159. 2009.	Estadounidense	1
O'DOWD, R. Supporting In-Service Language Educators in Learning to Telecollaborate. Language Learning & Technology , vol. 19, n. 1, p. 63-82, 2015. Disponível em: <http://llt.msu.edu/issues/february2015/odowd.pdf>. Acesso em: 01 set. 2015.	Estadounidense	1
PIPER, T., GENTILE, M.; PARKS, S. Can ethics be taught? Harvard Business School, Boston, 1993.	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. The Formation of School Subjects : the struggle for creating an American Institution. New York: Falmer Press, 1987.	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. S. Policy, Knowledge and Power: some issues for the study of educational reform. In: COOKSON P.; SCHNEIDER B. (org.) Transforming Schools : trends, dilemmas and prospects. New York: Galand Press, 1995.	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. (org.) Foucault's Challenge : discourse, knowledge, and power in education. New York: Teachers College Press, 1998 a	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. S. The culture of redemption and the administration of freedom as research. In: Review of Educational Research , v. 68, n. 1, 1998b, pp. 1-34.	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. A social epistemology of educational research. In: Critical theories in education : changing terrains of knowledge and politics. New York: Routledge, 1999.	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. S. (ed.) Educational Knowledge : changing relationships between the state, civil society and the educational community . New York: State University of New York Press, 2000 a	Estadounidense	1
POKEWITZ, T. S.; FRANKLIN, B. M. PEREYRA, M. A. (eds). Cultural History and Education; critical essays on knowledge and schooling . New York	Estadounidense	1
POPKEWITZ, T. S. & BLOCH, M. Fabricating the Child and Family: the practice of reason as the politics of social inclusion and exclusion. In: Journal of Curriculum Theorizing , Fall 2001c.	Estadounidense	1
PRESSLEY, M. Reading instruction that works : The case for balanced teaching, 2nd edition. New York: Guilford, 2002.	Estadounidense	1
ROBLES, A. et al. Adverse Childhood Experiences and Protective Factors With School Engagement. Pediatrics , [s.l.], v. 144, n. 2, p.1-8, jul. 2019.	Estadounidense	1
SADLER, S. M. How far can we learn anything of practical value from the study of foreign systems of education. Comparative Education Review , n. 7, n. 3, p. 307-314, 1964.	Estadounidense	1
SCHENKER, T. Intercultural Competence and Cultural Learning through Telecollaboration. CALICO Journal , v. 29, n 3, p 449-470, 2012.	Estadounidense	1
SIEDMAN, I. Interview as a qualitative research teachers. In: A structure for in Depth, Phenomenological Interviewing . College Press, New york, 1988.	Estadounidense	1
TEH, E. J.; YAP, M. J.; LIOW, S. J. R. Emotional Processing in Autism Spectrum Disorders: Effects of Age, Emotional Valence, and Social Engagement on Emotional Language Use. Journal Of Autism And Developmental Disorders , [s.l.], v. 48, n. 12, p.4138-4154, jul. 2018.	Estadounidense	1
VYGOTSKY, L.S. Fundamentals of Defectology. In: Collected Works . New York: Plenum Press, v.2, 1993	Estadounidense	1
ZENDARSKI, N. et al. Trajectories of Emotional and Conduct Problems and Their Association With Early High School Achievement and Engagement for Adolescents With ADHD. Journal Of Attention Disorders , [s.l.], p.1-13, mar. 2019.	Estadounidense	1
Espanha		
BEREDAY, G. Z. F. El método comparativo em pedagogia . Barcelona: Editorial Herder, 1968.	Espanhola	1
BRAIDOTTI, R. Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nomade . Barcelona: GEDISA, 2004.	Espanhola	1
DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo . Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.	Espanhola	1
DELVAL, J . La representacion infantil del mundo social In: TURIEL, E., ENESCO, I. y LINAZA, J. (comps). El mundo social em la mente del nino . Madrid: Alianza, 1989.	Espanhola	1
FERNÁNDEZ, J. T. El proceso de investigación científica . Barcelona: Fundación “la Caixa”, 2012.	Espanhola	1
FERNÁNDEZ ENGUITA, M. La jornada escolar . Barcelona: Ariel, 2001.	Espanhola	1
FREIRE, P. La educación como práctica del libertad . Madrid, Siglo XXI, 2011	Espanhola	1

GIL, F.J.F. e ALFONSECA, M. 60 preguntas sobre ciencia y fe . Barcelona, Stella Maris, 2016.	Espanhola	1
GIMENO, J. Las posibilidades de la investigación educativa en el desarrollo del curriculum y de los profesores, in: Revista de Educación , n. 284, p. 245-271, 1987. (SACRISTÁN)	Espanhola	1
GIMENO SACRISTÁN, J. El valor del tiempo en educación . Madrid: Morata, 2008.	Espanhola	1
GONZÁLEZ, M.C.O. De las "necesidades educativas especiales" a la inclusión. Siglo Cero . Vol. 27 (2). Págs. 5-13, 1999.	Espanhola	1
GOODSON, I. La Construcción Social del Curriculum: posibilidades y ámbitos de investigación de la Historia del Curriculum. In: Revista de Educación , Madrid, nº 295, 1991, p. 7 -38.	Espanhola	1
HARAWAY, D. Ciencia, Ciborg y mujeres - la reinención de la naturaleza. Valencia: Ediciones Cátedra/Universidad de Valencia/Instituto de la Mujer, 1991.	Espanhola	1
HERSH, R.; REIMER, J; PAOLITTO, D. El Crecimiento moral de Piaget a Kohlberg . Madrid: Narcea, 2002.	Espanhola	1
JULLIEN de PARIS, M. A. Esbozo de una obra sobre educación comparada y series de preguntas sobre educación . Madrid: Delta Publicaciones, 2017.	Espanhola	1
KOHLBERG, L.; POWER, F.C.; HIGGINS, A. La educación moral segun Lawrence Kohlberg . Barcelona: Gedisa, 1997.	Espanhola	1
KOLHGERG, L. Psicología del desarrollo moral . Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer. 1992.	Espanhola	1
LÁZARO HERRERO, L. El tiempo escolar en la Unión Europea. Organización del calendario y la jornada escolar. Aula , Salamanca, n. 12, p. 185-202, 2000.	Espanhola	1
LÁZARO HERRERO, L. La perspectiva social de la jornada escolar en la Unión Europea. Estudio comparado en Italia, Francia, Portugal y España. Revista Española de Educación Comparada , Madrid, n. 19, p. 193-218, 2012.	Espanhola	1
LÁZARO HERRERO, L. La perspectiva social de la jornada escolar en la Unión Europea. Estudio comparado en Italia, Francia, Portugal y España. 2007. Tese (Doctorado en Educación). Universidad de Salamanca, Salamanca, Ediciones Universidad Salamanca, 2007.	Espanhola	1
LÓPEZ PENEDO, S. El laberinto queer- la identidad em tiempos del neoliberalismo. Barcelona: Egales, 2008.	Espanhola	1
NUSSBAUM, M. Las fronteras de la justicia : consideraciones sobre la exclusión. Barcelona: Paidós, 2007.	Espanhola	1
PEREYRA, M. A. La construcción social del tiempo escolar. Cuadernos de Pedagogía , Madri, n. 206, 1992.	Espanhola	1
PEREYRA, M. A. A vueltas con la jornada y los tiempos escolares en el comienzo de una nueva época . 2005. Disponible em: http://www.observatoriodelainfancia.es/oia/esp/documentos_ficha.aspx?id=551	Espanhola	1
PÉREZ, I. G.; SERRANO, A. F. C.; REYES, M. L. (Coord.). La educación comparada como compromiso : el legado de Mercedes García de La Torre Gómez. Madrid: Delta Publicaciones, 2018.de La Torre Gómez. Madrid: Delta Publicaciones, 2018.	Espanhola	1
SAUSSURE, F. (2004). Escritos sobre lingüística general . Barcelona: Gedisa. Pgs. 13-30, 72-81, 251-258.	Espanhola	1
SCHWAB, J. Un enfoque práctico como lenguaje para el curriculum in: GIMENO, J. y PEREZ, A. (comp.) La Enseñanza : su teoría y su práctica. Akal, Madrid, pp. 197-209.	Espanhola	1
STENHOUSE, L. Investigación y desarrollo del curriculum . Madrid: Morata, 1991.	Espanhola	1
TRILLA, J. La educación fuera de la escuela : ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel, 1998.	Espanhola	1
TORREGO, J. C.; NEGRO, A. (coords.) Aprendizaje cooperativo en las aulas Fundamentos y recursos para su implantación . Madrid: Alianza Editorial, 2014.	Espanhola	1
VÉNGUER, L.; VÉNGUER, A. El nacimiento de la inteligência. In: VÉNGUER, L.; VÉNGUER, A. Atividades inteligentes : jugar em casa nestros hijos em edad preescolar. Oviedo: Visor Distribuciones S. A., 1993. p. 7-18.	Espanhola	1
VIÑAO, A. Sistemas Educativos, Culturas escolares y Reformas . Madrid: Morata, 2002.	Espanhola	1
VYGOTSKI, L. S. Aprendizaje y desarrollo intelectual en la edad escolar. In LURIA, L., Vygotski. Psicología y Pedagogía (1934). Madrid: Akal, 2004.	Espanhola	1

VYGOTSKI, L. S. Génesis de las funciones psíquicas superiores. In: VYGOTSKI, L. S. Obras escogidas . 2.ed. Madrid: Visor, 2000, v. III, p. 139-168.	Espanhola	1
VYGOTSKI, L.S. Obras Escogidas . Madrid: Visor, 1995.	Espanhola	1
VYGOTSKY, L. S. - Obras Escogidas vol. II. Madrid: Visor, 1991. Cap7 p. 287-348	Espanhola	1
VYGOTSKI, L. S. Problemas del desarrollo de la psique. Obras Escogidas , Vol. III. Madrid: Visor, 1995.	Espanhola	1
Portugal		
ALVES, N.; GARCIA, R. L. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano – duas experiências. Revista Portuguesa de Educação , Universidade do Minho. Braga, Portugal, ano/vol. 14, n. 02, p. 1-37, 200	Portuguesa	1
AGAMBEN, G. A comunidade que vem . Lisboa. Presença. 1993.	Portuguesa	1
BARROSO, J. (org.). O estudo da escola . Lisboa: Porto Editora, 1996.	Portuguesa	1
BRABO, T. S. A. M. Educação e democracia: o papel do movimento feminista para a igualdade de gênero na escola. ex aequo- Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as mulheres -APEM. Edições Afrontamento, 2008. pp. 155-165	Portuguesa	1
CANÁRIO, R. Os estudos sobre a escola: problemas e perspectivas. In BARROSO, J. (Org). O estudo da escola . Porto: Porto, 1996.	Portuguesa	1
CARVALHO, M. M.C. (Org.) ; FREITAS, M. C. (Org.) ; MOGARRO, M. J. (Org.) ; PINTASSILGO, J. (Org.) . História da Escola em Portugal e no Brasil . Circulação e apropriação de modelos culturais. 1. ed. Lisboa: Colibri/Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2006. v. 1. 429 p.	Portuguesa	1
CHARTIER, R. Introdução; História Cultural e História das Mentalidades: uma dupla reavaliação. In: CHARTIER, R. A História Cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990, p. 12-28; 29-67.	Portuguesa	1
COSTA, J. A. Imagens organizacionais da escola . 3. ed. Lisboa/Portugal: Edições ASA, 2003. (Coleção Perspectivas actuais/Educação).	Portuguesa	1
DEROUET, J. L. O funcionamento dos estabelecimentos de ensino em França: um objecto de estudo em redefinição. In: BARROSO, J. (org.) O estudo da escola . Lisboa: Porto Editora, 1996.	Portuguesa	1
GOODSON, I. A Construção Social do Currículo . Lisboa: Educa, 1997.	Portuguesa	1
GRANDE, C.; PINTO, A. I. O envolvimento de crianças com necessidades educativas especiais em contexto de creche e de jardim-de-infância. Análise Psicológica , Lisboa , v. 29, n. 1, p. 99-117, jan. 2011.	Portuguesa	1
GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. A investigação etnográfica com crianças : teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.	Portuguesa	1
HILSDORF, M. L. Mestra Benedita ensina primeiras letras em São Paulo (1828-58) . Leitura e escrita em Portugal e no Brasil 1500-1970, Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, v. 2, pp. 521-528, 1998.	Portuguesa	1
HUBERMAN, M. O ciclo da vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org). Vida de professores . Porto: Editora Porto, 1993, p.31-61.	Portuguesa	1
LE GOFF, J. Para um novo conceito de Idade Média : tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Lisboa: Estampa, 1993.	Portuguesa	1
LOPES, J.; SILVA, H. S. Aprendizagem Cooperativa na sala de aula : um guia prático para o professor. 1. ed. Lisboa: Lidel, 2009.	Portuguesa	1
LYOTARD, J. F. O inumano : considerações sobre o tempo. 2.ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.	Portuguesa	1
MARÔCO, J. Análise estatística com o SPSS Statistics . 5 ed. Pero Pinheiro (Portugal): ReportNumber, 2011.	Portuguesa	1
MARX, K. Manuscritos Econômico-Filosóficos . Traduzido do inglês por Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.	Portuguesa	1
MOITA, M. C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de Professores . Porto: Porto Editora, LDA, 2007.	Portuguesa	1
NIEZSCHE, F. A gaia ciência . Lisboa, Guimarães, 1987.	Portuguesa	1
NÓVOA, A. (org.). As organizações escolares em análise . Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1992.	Portuguesa	1
NOVOA, A. Os professores e sua formação . Lisboa: Dom Quixote, 1995.	Portuguesa	1
NÓVOA, A. (Org). Vida de professores . Porto: Editora Porto, 1993.	Portuguesa	1
ROCHA, M. C. J. Educação, Gênero e Poder : Uma Análise Política, Sociológica e Organizacional. ed. 1, 500 vols., Braga - Portugal: Centro de Investigação em Educação - Universidade do Minho, 2007.	Portuguesa	1

VILELA, E. Silêncios tangíveis : corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos de abandono. Porto: Afrontamentos, 2010.	Portuguesa	1
Reino Unido		
CRANACH, M.V.; MÄCHLER, E.; STEINER, V. The organization of Goal-directed action: a research report. In: GINSBURG, G.P.; BRENNER, M.; CRANACH, M.V. Discovery strategies in the psychology of action . London: A.C. Press, 1985, p. 19-61.	Britânica	1
GOODSON, I. The Making of Curriculum : collected essays. London, New York, The Falmer, 1987.	Britânica	1
GRUNDY, S. Curriculum : product or praxis. The Falmer Press, London, New York, Philadelphia, 1991.	Britânica /estadounidense	1
HAMILTON, D. Towards a Theory of Schooling ; London/ New York: The Falmer Press, 1989.	Britânica /estadounidense	1
HALLS, W. D. Trends and Issues in Comparative Education. In: HALLS, W. D.(Org.). Comparative Education : contemporary issues and trends. London: Jessica Kingsley Publishers, 1990.	Britânica	1
JARVIS, P. Globalisation, the Learning Society and Comparative Education. ComparativenEducation , on-line, n. 36, v. 3, p. 343-355, 2000.	Britânica	1
KING, E. The Purpose of Comparative Education. Comparative Education , on-line, n. 3, v. 1, p. 147-159, 1965.	Britânica	1
LOCKE, J. et al. It's messy but real: a pilot study of the implementation of a social engagement intervention for children with autism in schools. Journal Of Research In Special Educational Needs , [s.l.], v. 19, n. 2, p.135-144, ago. 2018.	Britânica	1
LOCKE, J. et al. The impact of implementation support on the use of a social engagement intervention for children with autism in public schools. Autism , [s.l.], v. 23, n. 4, p.834-845, jul. 2018.	Britânica	1
MCCULLOCH, G. The History of Education in England : From Social Progress to Social Equality. London, 2010.	Britânica	1
MEYER, J. W. ; KAMES, D. ; BENAVIDES, A. ; Yun - Kyung Cha and Suk-Ying Wong. School Knowledge for the Masses : world models and national primary curricular categories in the twentieth century. London: Falmer Press, 1992.	Britânica	1
NOAH, H. J.; ECKSTEIN, M. A. Toward a science os comparative education . London: Macmillan, 1969.	Britânica	1
POPKEWITZ, T. S. & BLOCH, M. Administering Freedom: a history of the Present: rescuing the parent to rescue the child for society. In: HULTQVIST, K. and DAHLBERG, G. The Changing Child in a Changing World . London: Routledge, 2001b.	Britânica	1
POPKEWITZ, T. S. Rethinking the political: reconstituting national imaginaries and producing difference. In: International Journal of Inclusive Education , 2001d, pp. 1-29.	Britânica	1
POPKEWITZ, T. The study of curriculum history, social regulation and power in school. In: The Journal of Curriculum Studies , v. 29, n. 2, 1997.	Britânica	1
TISAK, M., TISAK, J. e ROGERS, M. Adolescents' reasoning about morality and friendship relations in the context of drug usage. Journal of Adolescence . 17(3):265-282. 1994.	Britânica	1
WILLIAMS, B. Ethics and the limits of philosophy . Cambridge: Mass, 1985.	Britânica	1
WILLIAMS, R. A cultura é de todos. In: Convictions . Londres: MacGibbon & Gee, 1958.	Britânica	1
YOUNG, M. F. D. Knowledge and Control : new directions for the Sociology of Education. Londres, Collier-Macmillan, 1971.	Britânica	1
Argentina		
AGAMBEN, G. Signatura Rerum . Buenos Aires. Adriana Hidalgo. 2009.	Argentina	1
FACUNDO, G. ¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolítica del conocer. Buenos Aires, Fin de Siglo, 2018.	Argentina	1
FERREIRA, C. V. Moral para intelectuales . Buenos Aires, Losada, 1962	Argentina	1
GUATTARI, F. Líneas de fuga : por otro mundo de posibles. Buenos Aires: Cactus, 2013.	Argentina	1
HUMBOLDT, G. Sobre a organização interna e externa dos estabelecimentos científicos superiores em Berlim. In: La idea de la universidad en Alemania . Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1959.	Argentina	1

IVANOVA, I. El diálogo en la lingüística soviética de los años 1920-1930. In Riestra, D. Saussure, Voloshinov y Bajtin revisitados . Estudios históricos y epistemológicos. Buenos Aires: Miño & Dávila, 2010	Argentina	1
KOHAN, W. El maestro inventor . Buenos Aires, Miño y Dávila, 2013-	Argentina	1
KUSCH, R. Obras Completas . Buenos Aires, Editorial Fundación Ross,	Argentina	1
LEONTIEV, A. N. Actividad, conciencia y personalidad . Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.	Argentina	1
MORGAGE, G.; ALONSO, G. (Org.). Cuerpos y sexualidades en la escuela . Buenos Aires: Paidós, 2008.	Argentina	1
PELUSO, L. Los sordos, sus lenguas y su textualidad diferida / Deaf People, Their Languages And Their Registered Textuality. Revista Latinoamericana de Lectura y Escritura , v. 59, p. 40 – 61, 2018.	Argentina	1
PRECIADO, P. B. Multitudes queer - notas por una política de los “anormales”. Córdoba: Nombres , n. 19. Disponible en: https://revistas.unc.edu.ar/index.php/NOMBRES/article/view/2338	Argentina	1
RIESTRA, D. El contexto y la obra de Voloshinov-las controversias ideológicas-casi un siglo después. Saga Revista de Letras . N°3. Primer Semestre/15, 2015	Argentina	1
VOLOSHINOV, V. El estudio de las ideologías y la filosofía del lenguaje y Problema de la relación entre las bases y las superestructuras. In El marxismo y la filosofía del lenguaje . Bs. As.: Godot, 2009.	Argentina	1
VYGOTSKI, L. S. 6. Pensamiento y palabra. In Pensamiento y lenguaje (1934). Buenos Aires: La Pléyade, 1973.	Argentina	1
Rússia		
VIGOTSKYI, L. S. El problema del entorno. In: Fundamentos de Podologia . Leningrado: Izdanie Instituto, 1935.	Russa	1
DAVÍDOV, V. V. La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico : investigación teórica y experimental. Trad. M. Shuare. Moscú: Editorial Progreso, 1988.	Russa	1
DAVÍDOV, V. V. O que é a atividade de estudo. Revista «Escola inicial» . n.7, p 1-7. ano 1999. (Tradução do Russo de Ermelinda Prestes)	Brasileira/Russa	1
DAVÍDOV, V. V. Acerca do conceito de educação desenvolvimental . n.1, 1995. (Tradução do Russo de Ermelinda Prestes)	Brasileira/Russa	1
DAVÍDOV, V. V. Da história do estabelecimento do sistema de educação Desenvolvimental (sistema de D.B. Elkonin-V.V. Davidov); Mimeo.	Russa	1
DAVÍDOV, V. V. História do estabelecimento do sistema de educação Desenvolvimental (sistema de D.B. Elkonin-V.V. Davidov) Segunda comunicação; Mimeo.	Russa	1
DAVÍDOV, V. e MÁRKOVA, A. La concepción de la actividad de estudio de los escolares. In: La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS : Antología. Moscou: Editorial Progreso, 1987, p. 316-337.	Russa	1
ELKONIN, D.B. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: SHUARE, M. La Psicología evolutiva y pedagógica en la URSS - Antología. Moscú: Progreso, 1987. p.104-124.	Russa	1
LÍSINA, M. - A gênese das formas de comunicação nas crianças. in DAVIDOV, V. e SHUARE, M. (orgs) - La Psicología Evolutiva y Pedagógica en la URSS (Antología). Moscou: Editorial Progreso, 1987. p.274-298.	Russa	1
PODDIÁKOV, N. - Sobre o problema do desenvolvimento do pensamento nos pre-escolares. in DAVIDOV, V. e SHUARE, M. (orgs) – La Psicología Evolutiva y Pedagógica en la URSS (Antología). Moscou: Editorial Progreso, 1987. p. 168-172	Russa	1
França		
BLANCHET, A. Complementations et interpretations d'un interviewer dans l'entretien de recherche : leurs effects sur le discours de l'interviewé. Paris, v. 33, n. 4, p. 280-288, 1988.	Francesa	1
BRÉHIER, É. Comment je comprends l'histoire de la philosophie. Les études philosophiques . n. 2, p. 105-13, avril/juin, 1947.	Francesa	1
BROSSARD, M. Espace discursif et activités cognitives: un apport de la théorie vygotkienne. Enfance , v. 42, n. 1-2, p 49-56, 1989	Francesa	1
DELIGNY, F. Cahiers de L'Immuable. In: DELIGNY, F. Oeuvres . París: L'Arachnéen, 2018. p. 797-1030.	Francesa	1
DELIGNY, F. Graine Crapule . Paris: Editions du Scarabeearte, 1973.	Francesa	1
FOUCAULT, M. Londre du discours . Leçon inaugurale au College de France plollollcée le 2 décembre 1970 'rancine Fruchaud e Denys Foucault, Paris Publicado na França por Éditions Gallimard, Paris, 1971.	Francesa	1

GUÉROULT, M. Histoire de l'histoire de la philosophie . Paris: Aubier, 1979	Francesa	1
REVEL, J. Le vocabulaire de Foucault . Paris: Ellipses, 2009.	Francesa	1
TYLKOWSKI, I. Vološinov en contexte : essai d'épistémologie historique. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.	Francesa	1
VOLOŠINOV, V. N. Marxisme et philosophie du langage : les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.	Francesa	1
VOLOSHINOV, V.V. La structure de l'énoncé. In TODOROV, T. Mikhail Bakhtine le principe dialogique suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine . Paris: Seuil, 1981.	Francesa	1
Itália		
FERNÁNDEZ, M. B. Pedagogías Insurgentes para la Educación em Derechos Humanos : notas vitales desde la Filosofía nuestroamericana. Nápoles, La Cité del Sole, 2021.	Italiana	1
FORNARI, M. C.; SULPIZIO, F. (a cura di). La Filosofia e le sue Storie . Lecce: Edizioni Milella, 1998. (Saggi, 1). 406 p.	Italiana	1
MARION, J. L.. Specificità filosofica della Storia della Filosofia. In: FORNARI, M. C.; SULPIZIO, F. (a cura di). La Filosofia e le sue Storie . Lecce: Milella, 1998. (Saggi, 1). p. 243-53.	Italiana	1
MESCHINI, F. A. (a cura di). Le opere dei filosofi e degli scienziati : Filosofia e scienza tra testo, libro e biblioteche. Firenze: Olschki, 2011.	Italiana	1
MOLTENI, F. Storia e Metodologia della storiografia filosofica in Italia (1945-1995): una bibliografia. In: FORNARI, M. C.; SULPIZIO, F. (a cura di). La Filosofia e le sue Storie . Lecce: Milella, 1998. (Saggi, 1) p. 371-92.	Italiana	1
PIAIA, G. Sull'utilità dell'approccio storico nell'insegnamento della Filosofia. Rivista di Storia della Filosofia . Anno LIII, n. 2, 1998.	Italiana	1
México		
BATALLA, G. B. Pensar nuestra cultura , México, Ed. Patria, 1991.	Mexicana	1
DELVAL, J.; VILA, I. Los niños y Dios - ideas infantiles sobre la divinidad, los orígenes y la muerte. México: Siglo Veintiuno Editores, 2008.	Mexicana	1
ELKONIN, D.B. Desarrollo psíquico del niño desde el nacimiento hasta el ingreso en la escuela. In: SMIRNOV, A. A. et al. Psicología . México: Editorial Grijalbo, 1960, p. 504-522.	Mexicana	1
MARTINEZ, L. V. Infancia, diferencia y desigualdad aportes en la clave de los feminismos poscolonial. Clivajes. Revista de Ciencias Sociales (ISSN: 2395-9495) – Año II, Núm. 4, julio-diciembre, 2015.	Mexicana	1
PEREDA, C. Crítica a la razón arrogante . México: Taurus, 1999	Mexicana	1
PEREDA, C. Pensar México . Entre otros reclamos. Gedisa, México, 2021	Mexicana	1
PIAGET, J. Investigaciones sobre la generalización . México: Premia Editora, 1984.	Mexicana	1
Alemanha		
LIND, G. How to teach Moral Competence . Berlin: Logos Verlag, 2019.		1
LIND, G. Moral Dilemma Discussion www.uni-konstanz.de/ag-moral/dildisk-e.htm		1
SCHILLINGER, M. Learning environment and moral development: How university education fosters moral judgment competence in Brazil and two German-speaking countries. Aachen : Shaker Verlag, 2006.		1
Suíça		
IVANOVA, I. Le dialogue dans la linguistique soviétique des années 1920-1930. Cahiers de l'ILSL , N°14, 2003, pp. 157-182.	Suíça	1
TERRENGHI, I. et al. Episode of Situated Learning to Enhance Student Engagement and Promote Deep Learning: Preliminary Results in a High School Classroom. Frontiers In Psychology , [s.l.], v. 10, p.1-13, jun. 2019.	Suíça	1
TURIEL, E. The development of children's orientations toward moral, social, and personal orders: More than a sequence in development. Human Development . 51(1):21-39. 2008.	Suíça	1
Colômbia		
BATLIWALA, S. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In LEÓN, M. (Comp.). Poder y Empoderamiento	Colombiana	1

de las Mujeres. Bogotá: TM Editores, U.N. – Facultad de Ciencias Humanas, 1997.		
CARVALHO, M. M.C. ; HILSDORF, M. L. S. ; WARDE, M. J. . Apontamentos sobre a história da escola e do sistema escolar no Brasil. In: ZULUAGA, O. L. ; SAUTRE, G. O. (Org.). Génesis y desarrollo de los sistemas educativos Iberoamericanos. 1 ed. Bogotá, 2004, v. 1, p. 127-202.	Colombiana	1
Uruguai		
SOLER, M. Rastrojos , Montevideo, Fondo Editorial Queduca/FUM TEP, 2019.	Uruguiaia	1
SOSA, J. Vida de un maestro. Montevideo, Ediciones Trilce, 2005.	Uruguiaia	1
Austrália		
KEMMIS, S. Curriculum Teorising: beyond reproduction theory . Deakin University Press, Victoria, 1986.	Australiana	1
POPKEWITZ, T. S. Educational governance and social inclusion and exclusion: some conceptual difficulties and inclusion and exclusion policy and research. Discourse: studies in the cultural politics of education , vol 21, no. 1, 2000. pp. 5-44.	Australiana	1
Nacionalidade Internacional		
ONU. UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos - Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem. Jomtien: Tailândia, 1990.	Nacionalidade internacional	1
UNESCO. Conferência mundial de educação para todos. Declaração mundial sobre educação para todos. Jontien, 1990.	Nacionalidade internacional	1
Equador		
GUARDERAS ALBUJA, P., LONDOÑO, A., & BAYAS, K. (en revisión). Transformar el dolor y potenciar la creación. Investigación acción participativa feminista con estudiantes que enfrentaron acoso sexual universitario In B. REYES, P. GUARDERAS ALBUJA, C B. CARRIÓN BERRÚ, J. CUVI, & M. D. L. LARREA (Eds.), Acoso sexual y universidad. Realidades, debates y experiencias en el Ecuador. Quito: AbyaYala/Universidad de Loja.	Equatoriana	1
Cuba		
DAVÍDOV, V. V. Tipos de generalización en la enseñanza. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1978.	Cubana	1
China		
TSETUNG, M. Sobre a prática. In: TSETUNG, M. Obras escolhidas. Pequim: Edições do Povo, 1975. (Há diferentes edições da obra, algumas disponíveis on-line)	Chinesa	1
Bélgica		
PERELMAN, C. (org.). Philosophie et Méthode: Colloque organisé par l'Institut des Hautes Études de Belgique. Bruxeles: Université de Bruxelles, 1973. 208 p.	Belga	1
Suécia		
RIIS, U. (Ed.). Four essays on educational systems and reforms in modern times. Pedagogisk Forskning I Uppsala. Uppsala Universitet, Pedagogiska Institutionen, Vol. 158, Oktober, 2010.	Sueca	1